



FLÁVIO JOSÉ VIVIAN

Solidariedade para organizar: o povo cuidando do povo!

A territorialização da Reforma Agrária Popular e a espacialização da campanha Mãos Solidárias através das políticas de combate à fome durante pandemia do Covid-19 na Região Metropolitana de Recife

São Paulo
2026

FLÁVIO JOSÉ VIVIAN

Solidariedade para organizar: o povo cuidando do povo!

A territorialização da Reforma Agrária Popular e a espacialização da campanha Mãos Solidárias através das políticas de combate à fome durante pandemia do Covid-19 na região metropolitana de Recife

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como exigência para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (área de Geografia), com concentração em “Desenvolvimento territorial”, na linha de pesquisa: Soberania Alimentar, Ambiente e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Clifford Andrew Welch

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais – Biblioteca
Graziela Helena Jackyman de Oliveira – CRB 8/8635

Vivian, Flávio José.

V858 Solidariedade para organizar : o povo cuidando do povo! A territorialização da Reforma Agrária Popular e a espacialização da campanha Mãos Solidárias através das políticas de combate à fome durante pandemia do Covid-19 na Região Metropolitana de Recife / Flávio José Vivian. – São Paulo, 2026.

258 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Clifford Andrew Welch.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, São Paulo, 2026.

1. Fome – Recife (PE). 2. Abastecimento de alimentos – Recife (PE). 3. COVID-19, Pandemia de, 2020-2023. 4. Segurança alimentar – Recife (PE). I. Título.

CDD 363.82

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FLÁVIO JOSÉ VIVIAN, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE, DO INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS - UNIDADE COMPLEMENTAR - SÃO PAULO.

Aos 10 de junho de 2026, às 15h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de FLÁVIO JOSÉ VIVIAN, intitulada "SOLIDARIEDADE PARA ORGANIZAR: O POVO CUIDANDO DO POVO! A territorialização da Reforma Agrária Popular e a espacialização da Campanha Mãos Solidárias através das políticas de combate à fome durante a pandemia do Covid-19 na Região Metropolitana de Recife.". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. CLIFFORD ANDREW WELCH (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de História / Universidade Federal de São Paulo, Prof. Dr. ESTEVAN LEOPOLDO DE FREITAS COCA (Participação Virtual) do(a) Instituto de Ciências da Natureza (ICN) (curso de Geografia) / Universidade Federal de Alfenas, Dr. PAULO ROGÉRIO ADAMATTI MANSAN (Participação Virtual) do(a) Direção Estadual do MST, Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: **_ _ APROVADO _ _**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Documento assinado digitalmente
 gov.br CLIFFORD ANDREW WELCH
Data: 11/06/2026 22:06:55-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. CLIFFORD ANDREW WELCH

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

O impacto da pesquisa situa-se no Brasil do governo Jair Bolsonaro (2019-2022), marcado por políticas neoliberais, aumento da desigualdade e agravamento da fome. Esse cenário foi intensificado pela pandemia de Covid-19, pelo negacionismo e pelo desmonte de políticas públicas. Como resistência, movimentos sociais promoveram a “solidariedade ativa” nas periferias. Por meio de cozinhas solidárias, bancos de alimentos, roçados solidários e agentes populares de saúde, demonstraram que é possível combater a fome com soberania alimentar e com a reforma agrária popular.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The impact of this research is situated in Brazil during the Jair Bolsonaro administration (2019-2022), marked by neoliberal policies, rising inequality and the worsening of hunger. This scenario was intensified by the Covid-19 pandemic, by denialism and by the dismantling of public policies. As a form of resistance, social movements promoted “active solidarity” in the urban peripheries. Through solidarity kitchens, community food banks, solidarity farms and community health agents, they demonstrated that it is possible to combat hunger through food sovereignty and popular agrarian reform.

IMPACTO POTENCIAL DE ESTA INVESTIGACIÓN

El impacto de la investigación se sitúa en el Brasil del gobierno de Jair Bolsonaro (2019-2022), marcado por políticas neoliberales, aumento de la desigualdad y agravamiento del hambre. Este escenario se intensificó por la pandemia de Covid-19, el negacionismo y el desmantelamiento de las políticas públicas. Como forma de resistencia, los movimientos sociales promovieron la “solidaridad activa” en las periferias. A través de comedores solidarios, bancos populares de alimentos, huertos solidarios y agentes populares de salud, demostraron que es posible combatir el hambre con soberanía alimentaria y con la reforma agraria popular.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão à militância da Campanha Mãos Solidárias da Região Metropolitana de Recife, durante a pesquisa, pela acolhida em suas casas, nas Cozinhas Solidárias, para repartir os conhecimentos, as informações históricas, os ensinamentos pedagógicos desta experiência de organização popular que se fez com as práticas da Solidariedade Ativa.

Sou grato ao Núcleo de Base familiar, companheira Eliane, filhos Estêvão e Josué, pela presença compreensiva, pelos incentivos e sustento físico e emocional nesta empreitada do mestrado.

Ao professor Clifford A. Welch pela sua disponibilidade e generosidade na orientação para pesquisa e redação deste trabalho, muito obrigado.

A redação da dissertação é um exercício pessoal, com largas doses de solidão na maturação das ideias, nos diálogos com autoras e autores que já matutaram os temas correlatos à pesquisa. A eles e elas, agradeço.

RESUMO

A fome é um fenômeno geográfico-social que se manifesta de diversas formas e intensidades nas realidades humanas no Brasil e em nível mundial. Ela se manifesta nas formas endêmica e epidêmica. Como endemia, a fome é a forma contínua da ampla abrangência deste fenômeno na sociedade brasileira, decorrente das desigualdades econômicas inerentes ao modo de organização da produção capitalista vigente. No modo de produção capitalista, o processo social de produção da fome é constante e inerente ao sistema. Durante a pandemia do Covid-19, o Brasil sofreu com a perda de mais de 700 mil pessoas, vitimadas pela contaminação do coronavírus; ao mesmo tempo em que a fome aumentou na ordem de milhões de brasileiros (19,3 milhões, em 2020; 33,1, em 2022). Evidenciou-se a sobreposição destes dois graves problemas sociais, agravados pelas medidas econômicas neoliberais implementadas a partir do golpe do impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT) que aumentaram os índices da desigualdade social no país e as cifras da população em insegurança alimentar. A Campanha Mãos Solidárias se constituiu, durante a pandemia do Covid-19, em Recife, PE, como iniciativa política de um arco de alianças das organizações sociais, universidades, igrejas para desenvolver ações de combate à fome e ao coronavírus, diante dos descasos deliberados do governo Jair Bolsonaro (PL) nas políticas públicas de prevenção. A solidariedade ativa foi o modo organizativo e o princípio político de ação da Campanha Mãos Solidárias que moveu sua espacialização na Região Metropolitana de Recife (RMR). A produção camponesa agroecológica dos assentamentos e acampamentos abasteceu com alimentos e solidariedade as marmitas, as cozinhas populares, os bancos populares de alimentos nos bairros da RMR. A territorialização da Reforma Agrária Popular se espalhou através dos alimentos e das ações formativas na periferia urbana. A pedagogia do fazimento foi a metodologia para organização dos trabalhos organizativos com o acento no protagonismo dos sujeitos nas ações de solidariedade ativa para o combate à fome e ao Covid-19. As ações de solidariedade ativa criaram as condições para solidificar espaços de produção alimentar e de organização social nas periferias urbanas.

Palavras-chave: Fome; desigualdade social; solidariedade ativa; territorialização; espacialização.

ABSTRACT

Hunger is a geographical and social phenomenon that manifests itself in various forms and degrees of intensity in human societies in Brazil and worldwide. It manifests itself in both endemic and epidemic forms. As an endemic phenomenon, hunger is the continuous, widespread manifestation of this phenomenon in Brazilian society, resulting from the economic inequalities inherent in the current mode of capitalist production. In the capitalist mode of production, the social process of producing hunger is constant and inherent to the system. During the COVID-19 pandemic, Brazil suffered the loss of more than 700,000 people who died from the coronavirus; at the same time, hunger increased among millions of Brazilians (19.3 million in 2020; 33.1 million in 2022). The overlap of these two serious social problems became evident, exacerbated by the neoliberal economic measures implemented following the coup that led to the impeachment of President Dilma Rousseff (PT), which increased levels of social inequality in the country and the number of people facing food insecurity. The Mãos Solidárias Campaign was launched during the COVID-19 pandemic in Recife, Pernambuco, as a political initiative by a broad coalition of social organizations, universities, and churches to develop actions to combat hunger and the coronavirus, in the face of the Jair Bolsonaro (PL) administration's deliberate neglect of public prevention policies. Active solidarity served as both the organizational framework and the guiding political principle of the Mãos Solidárias Campaign, driving its expansion throughout the Recife Metropolitan Region (RMR). Agroecological peasant farming in the settlements and encampments supplied food and solidarity to meal programs, community kitchens, and community food banks in the neighborhoods of the RMR. The territorial expansion of the Popular Agrarian Reform spread through food distribution and educational initiatives in the urban periphery. The pedagogy of doing was the methodology used to organize these efforts, with an emphasis on the active role of participants in acts of active solidarity to combat hunger and COVID-19. These acts of active solidarity created the conditions to consolidate spaces for food production and social organization in the urban peripheries.

Keywords: Hunger; social inequality; active solidarity; territorialization, spatialization.

RESUMEN

El hambre es un fenómeno geográfico-social que se manifiesta de diversas formas e intensidades en las realidades humanas de Brasil y a nivel mundial. Se manifiesta de forma endémica y epidémica. Como endemia, el hambre es la forma continua y de amplio alcance de este fenómeno en la sociedad brasileña, derivada de las desigualdades económicas inherentes al modo de organización de la producción capitalista vigente. En el modo de producción capitalista, el proceso social de generación del hambre es constante e inherente al sistema. Durante la pandemia de la COVID-19, Brasil sufrió la pérdida de más de 700 000 personas, víctimas del contagio por coronavirus; al mismo tiempo, el hambre aumentó entre millones de brasileños (19,3 millones en 2020; 33,1 en 2022). Se puso de manifiesto la superposición de estos dos graves problemas sociales, agravados por las medidas económicas neoliberales aplicadas a partir del golpe de Estado que supuso la destitución de la presidenta Dilma Rousseff (PT), que aumentaron los índices de desigualdad social en el país y las cifras de la población en situación de inseguridad alimentaria. La Campaña «Mãos Solidárias» se constituyó, durante la pandemia de la COVID-19, en Recife (PE), como una iniciativa política de un amplio arco de alianzas entre organizaciones sociales, universidades e iglesias para desarrollar acciones de lucha contra el hambre y el coronavirus, ante la negligencia deliberada del Gobierno de Jair Bolsonaro (PL) en las políticas públicas de prevención. La solidaridad activa fue el modelo organizativo y el principio político de acción de la Campaña «Mãos Solidárias», que impulsó su implantación en la Región Metropolitana de Recife (RMR). La producción campesina agroecológica de los asentamientos y campamentos abasteció de alimentos y solidaridad a los comedores populares, las cocinas populares y los bancos de alimentos populares de los barrios de la RMR. La territorialización de la Reforma Agraria Popular se extendió a través de los alimentos y las acciones formativas en la periferia urbana. La pedagogía del «hacer» fue la metodología utilizada para organizar el trabajo, haciendo hincapié en el protagonismo de los sujetos en las acciones de solidaridad activa para combatir el hambre y la COVID-19. Las acciones de solidaridad activa crearon las condiciones para consolidar espacios de producción alimentaria y de organización social en las periferias urbanas.

Palabras clave: Hambre; desigualdad social; solidaridad activa; territorialización, espacialización.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - Mapa organizado por Josué de Castro.....	33
Gráfico 1 - Taxa de desocupação.....	80
Gráfico 2 – Aumentos reais no salário mínimo.....	81
Gráfico 3 – Comparação das estimativas de segurança/insegurança alimentar do inquérito VIGISAN e os inquéritos nacionais reanalisados conforme escala de oito itens.....	83
Fotografia 1 - Foto do interior da loja Armazém do Campo, em Recife, na inauguração.....	90
Mapa 2 - Localização do Armazém do campo em Recife - PE.....	92
Fotografia 2 - Ato político da CMS na Ponte Maurício de Nassau, no Recife	96
Fotografia 3 - Mosaico gigante de alimentos. Ato do dia 1º de maio de 2021 com uma intervenção política na ponte Maurício de Nassau, no Recife	96
Mapa 3 - Mapa sobre a logística dos alimentos produzidos nos acampamentos e assentamentos do MST, transportados até o banco-mãe (Armazém do Campo) e distribuídos in natura para os bancos-filhos nas vilas da periferia da RMR	99
Fotografia 4 - Organização e distribuição dos alimentos (cestas solidárias) para as famílias no Bairro Brasília Teimosa, em Recife	100
Fotografia 5 - A formação de agentes populares teve início em 2020, com o objetivo de desenvolver territórios mais saudáveis em meio ao contexto da chegada da Covid-19.....	105
Mapa 4 - Localização da Cozinha Solidária dos Milagres - Vila Ibura.....	112
Mapa 5 - Localização da Cozinha Solidária Frei Beda.....	114
Mapa 6 - Localização da Cozinha Solidária Vale da Paz	117
Fotografia 6 - Doações no Armazém do Campo destinadas a 15 Bancos Populares de Alimentos, entre outras comunidades na Região Metropolitana do Recife	140

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AgPS	Agente Popular de Saúde
CMS	Campanha Mãos Solidárias
CONSEA	Conselho Nacional de Segurança Alimentar
DIEESE	Departamento Intersindical de Economia e Estudos Socioeconômicos
EBIA	Escala Brasileira de Insegurança Alimentar
FAO	Food and Agriculture Organization
IA	Insegurança Alimentar
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MDB	Movimento Democrático Brasileiro (partido político)
MMM	Marcha Mundial das Mulheres
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTD	Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras por Direitos
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
ONU	Organização das Nações Unidas
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PBF	Programa Bolsa Família
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PENSSAN	Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional
PFZ	Programa Fome Zero
PL	Partido Liberal
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
POF	Pesquisa de Orçamento Familiar
PoU	Prevalence of Undernourishment (Prevalência de Desnutrição)
PT	Partido dos Trabalhadores
RMR	Região Metropolitana de Recife
SOFI	The State of Food Security and Nutrition in the World
TDR	Territorialização-desterritorialização-reterritorialização
VIGISAN	Inquérito Nacional sobre a Insegurança Alimentar e Nutricional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A FOME NA SOCIEDADE: CONCEPÇÕES, FORMAS DE MANIFESTAÇÕES E AS MENSURAÇÕES	19
2.1 A fome: raízes etimológicas	19
2.2 Como mensurar a fome	21
2.3 Josué de Castro e as fomes coletivas georafadas no Brasil	24
2.3.1 A fome como epidemia e endemia	34
2.3.1.1 O Sertão Nordestino, as secas e a fome como epidemia	35
2.3.1.2 A fome como endemia nas áreas Amazônica e nordeste açucareiro	38
2.4 Os regimes alimentares: a mercantilização dos alimentos e a produção da fome	47
2.4.1 Os três regimes alimentares globais	51
2.5 A fome como produto social no modo de produção capitalista	55
2.6 As formas de medição da fome	63
2.6.1 Segurança e Insegurança Alimentar	63
2.6.2 EBIA: a mensuração da fome no Brasil	67
3 A ORGANIZAÇÃO DA CAMPANHA MÃOS SOLIDÁRIAS E AS AÇÕES SOLIDÁRIAS DE COMBATE À FOME E AO COVID-19 – ‘O POVO CUIDANDO DO POVO’	74
3.1 A saída e a volta do Brasil ao mapa da fome	76
3.1.1 Golpe do impeachment e o retorno das políticas neoliberais	79
3.1.2 Brasil volta ao mapa da fome	81
3.2 O processo organizativo da Campanha Mãos Solidárias	87
3.2.1 O Armazém do Campo em Recife	89
3.2.2 Marmitas Solidárias	92
3.2.3 Bancos populares de alimentos	98
3.2.4 A formação dos agentes populares nos territórios	101
3.2.5 As Cozinhas Populares Solidárias	106

3.2.5.1 Cozinha Popular Solidária Vila dos Milagres	109
3.2.5.2 Cozinha Popular Solidária Frei Beda	112
3.2.5.3 Cozinha Popular Solidária Vale da Paz	115
3.2.5.4 O movimento de “ida para as comunidades” das cozinhas solidárias	117
3.2.6 Roçados solidários e hortas urbanas solidárias.....	119
4 A TERRITORIALIZAÇÃO DA REFORMA AGRÁRIA POPULAR (RAP) E A ESPACIALIZAÇÃO DA CAMPANHA MÃOS SOLIDÁRIAS ATRAVÉS DAS AÇÕES DE SOLIDARIEDADE NA RMR	123
4.1 Espaço-tempo e território	124
4.1.1 Espaço e tempo	124
4.1.2 Território.....	128
4.1.3 Movimentos socioespaciais e socioterritoriais	131
4.2 As ações de solidariedade ativa da CMS e a sua espacialização através da RAP.....	133
4.2.1 Espaço, tempo e território: o antes da Campanha Mãos Solidárias	134
4.2.1.1 A Reforma Agrária Popular.....	134
4.2.1.2 Soberania Alimentar	137
4.2.1.3 Armazém do Campo: território urbano da solidariedade	139
4.2.2 O durante: a pedagogia do fazimento	141
4.3 A política da solidariedade	145
4.3.1 A solidariedade passiva	146
4.3.2 A solidariedade ativa	148
5 CONCLUSÃO.....	154
REFERÊNCIAS	158
ANEXOS - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DAS COZINHAS POPULARES SOLIDÁRIAS	164
APÊNDICE A - COZINHAS POPULARES	166
APÊNDICE B - ENTREVISTAS	170
APÊNDICE C - MAPA DO ESTADO DE PERNAMBUCO	255
APÊNDICE D – LINHA DO TEMPO DAS AÇÕES REALIZADAS EM RECIFE	256

1 INTRODUÇÃO

A elaboração desta dissertação reúne elementos teóricos (pesquisa bibliográfica), dados econômicos e sociais de Institutos de Pesquisa, e informações empíricas (pesquisa de campo) que possibilitam conhecer o processo político-organizativo da Campanha Mãos Solidárias, em pleno momento de pandemia de Covid-19, no desenvolvimento de diversas ações solidárias de combate à fome. As ações solidárias tiveram início em março de 2020, no Armazém do Campo, em Recife, PE, por iniciativa de um grupo de militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O Armazém do Campo foi o território e o espaço político-formativo que irradiou um conjunto de ações solidárias para os bairros recifenses e para muitos municípios da Região Metropolitana de Recife.

A *solidariedade ativa* foi uma conceituação marcante nas inúmeras formas organizativas que os movimentos sociais implementaram para o combate à fome e ao vírus durante a pandemia pelo Brasil. Ela criou uma identidade política que orientou, tanto o modo de organização entre o arco de alianças políticas com as entidades que se somaram, como para o trabalho voluntário de centenas de pessoas que se movimentaram a partir das articulações pelas redes sociais. Muitas pessoas, até aquele momento não vinculadas aos movimentos sociais, se aproximaram e colocaram a mão na massa, por acreditar no valor humanizador da solidariedade para o desenvolvimento de ações no combate à fome e ao Covid-19.

Neste trabalho da dissertação, o aprofundamento desta conceituação se torna fundamental para entender a sua dimensão como método organizativo do trabalho de base e da articulação em rede, tanto de organizações políticas históricas já existentes como de pessoas voluntárias que se juntaram num grande mutirão da solidariedade.

As ações solidárias que se desenvolveram organizadamente em rede traduziram em práticas a concepção da fome como problema social total, desenvolvida por Josué de Castro. Este autor afirma em sua obra clássica, *Geografia da Fome - o dilema brasileiro: pão ou aço*, que o tema da fome, por conta dos preconceitos de ordem moral e política e dos interesses econômicos, tornara-se um tabu, um tema proibido ou, pelo menos, pouco aconselhável de ser abordado publicamente na nossa chamada civilização ocidental (Castro, 2004, p 12).

A fome é um problema social, com raízes multifatoriais, como a desigualdade da distribuição da terra, a desigualdade socioeconômica do acesso aos alimentos e a baixa qualidade nutricional dos alimentos ultraprocessados. As propostas políticas para seu combate serão mais eficientes se vincularem as ações concretas da distribuição de alimentos, por exemplo, às estruturas produtivas dos alimentos. Quem está com fome precisa entender os

porquê dessa situação como uma questão social e não um fatalismo histórico de culpabilidade individual.

A solidariedade ativa, como método político organizativo do trabalho voluntário e de formação política de lideranças locais, criou uma organicidade em rede e exercitou o combate à fome como problema social. As ações solidárias vincularam os territórios de produção de alimentos, frutos da luta social pela reforma agrária popular organizada pelos trabalhadores e trabalhadoras sem terra, com os territórios da fome, marcadamente nas periferias urbanas.

Através das ações solidárias que se desenvolveram pela Campanha Mãos Solidárias houve uma territorialização material e imaterial da Reforma Agrária Popular (RAP). A proposta e o sentido político da RAP que o MST defende, acentua a centralidade no “binômio da democratização das terras e num modelo de desenvolvimento que prioriza a produção de alimentos saudáveis e preservação ambiental” (MST, 2024, p 38). A alimentação saudável, agroecologicamente produzida nos assentamentos e acampamentos foi transformada em marmitas solidárias, em cestas solidárias e distribuída para as pessoas em situação de fome.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)¹ é um movimento socioterritorial que tem na luta pela reforma agrária a sua identidade fundante. Ao longo dos mais de quarenta anos de sua existência, o sentido político desta marca identificadora foi se ressignificando. Por isso, atualmente, a dimensão popular da reforma agrária demonstra que ela extrapola os territórios dos assentamentos e acampamentos. A reforma agrária popular “diz respeito aos interesses da classe trabalhadora e das necessidades de todo o povo” (MST, 2024, p 07). As iniciativas de produção de alimentos através da organização do trabalho nas hortas na periferia urbana e dos roçados solidários nos assentamentos e acampamentos do MST contribuíram para multiplicação de experiências produtivas com o envolvimento dos grupos de pessoas responsáveis pelas cozinhas solidárias nos bairros. Constituíram-se em territórios transformados pela solidariedade ativa do trabalho para produção de alimentos.

Conjuntamente às ações de distribuição dos alimentos, foram desenvolvidas atividades formativas e iniciativas organizativas com núcleos de pessoas nos territórios da fome (Agentes populares de saúde, alimentação, comunicação, direitos...). A junção dos alimentos e da

¹ O MST tem a sua existência ligada às lutas por terra e reforma agrária que atravessam a história brasileira. No período da ditadura militar (1964-1985) as lutas por terra e reforma agrária foram reprimidas com muita violência, mas a chama camponesa manteve acesa esta causa. No leito histórico das lutas pela terra, no final da ditadura militar é que surge o MST. Foi oficialmente fundado em Cascavel, PR, em 24 de janeiro de 1984, com a realização do seu 1º Encontro Nacional, afirmando três objetivos principais: “lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país”. Disponível em: <https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/>. Atualmente o MST está presente e organizado em 24 estados brasileiros e com uma base social de mais de 450 mil famílias assentadas e 90 mil acampadas. Constitui-se como uma referência política internacional do campesinato na luta pela democratização da terra e na produção agroecológica de alimentos. Acesso em: jul. 2025.

formação política fortaleceu o projeto político da RAP na relação campo-cidade. Este modo de territorialização da RAP através das ações solidárias organizadas pelo sujeito político MST, contribuiu fundamentalmente para a espacialização da Campanha Mãos Solidárias (CMS) nas periferias urbanas.

Estas experiências organizativas na produção, na logística, na transformação, na distribuição de alimentos para combater a fome, provenientes dos assentamentos e acampamentos do MST, envolveram um conjunto de entidades da sociedade civil e muitas pessoas voluntárias. Com o trabalho voluntário e solidário foram implementadas diversas formas de ações solidárias que alcançaram milhares de pessoas em situação de fome e em risco de contaminação pelo coronavírus.

O corpo da dissertação está estruturado em três capítulos, com a introdução e a conclusão. Dois eixos principais balizam a estrutura da redação: o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo. Estes eixos dialogam com o objeto da dissertação, que tem na fome e no Covid-19 o núcleo central. Os recursos bibliográficos consultados dão suporte para as análises históricas e atuais porque atravessava o Brasil durante a pandemia do Covid-19. Já a pesquisa de campo, realizada diretamente com as pessoas que ressignificaram a solidariedade como ativa, traz o entendimento sobre a capacidade e a criatividade política da organização popular coletiva no enfrentamento aos vírus da fome e do Covid-19. O recorte histórico da pandemia do Covid no Brasil é uma referência fundamental na elaboração desta dissertação. A este recorte se agrega a geografia para situar-se os territórios onde as ações solidárias são implementadas, a Região Metropolitana de Recife.

No primeiro capítulo o tema da fome é abordado como um problema social, a partir das análises geográficas, nutricionais e econômicas de Josué de Castro e das categorias filosóficas do pensamento marxista.

A classificação de fome como endemia e/ou epidemia pelo autor indica as raízes históricas que a provocam e dela se beneficiam. Como endemia, as raízes da fome estão no modelo de desenvolvimento econômico do país, subordinado aos interesses externos. A produção agrícola monocultora para a exportação, oriunda dos latifúndios, é uma das causas da fome que tem raízes coloniais em nosso país. Na sociedade ela é invisibilizada, porque as pessoas que padecem na condição de fome endêmica, são mal-nutridas, se alimentam com dietas monótonas, deficientes nutricionalmente. Aparentemente não passam fome; a questão é que se alimentam muito mal. A fome epidêmica é provocada pelos eventos climáticos (secas prolongadas, enchentes) ou políticos, como as guerras. Esta é a fome que é visibilizada nos corpos marcados pela completa falta de alimentos.

A concepção da fome como produto do modo de organização da produção pelo capitalismo é uma abordagem que a situa como inerente ao processo das relações produtivas da exploração do trabalho. A fome não é uma anomalia do sistema capitalista; ao contrário, é um produto previsto, planejado e executado para controlar a classe trabalhadora. Neste sentido, os regimes alimentares são os modos de controle dos alimentos no sistema capitalista a serviço da acumulação de lucros. A mercantilização dos alimentos em nível global.

Ainda no primeiro capítulo, abordo a temática da mensuração da fome. Há diferentes formas de medir a fome nas sociedades. Estas diferenças implicam na adoção de medidas com políticas públicas que, no mais das vezes, administram o problema da fome, sem erradicar as causas estruturais que a provocam.

No segundo capítulo, abordo o processo organizativo da Campanha Mãos Solidárias, através dos elementos econômicos, sociais, políticos, geográficos e históricos que recolhi com a pesquisa de campo. Com um questionário semiestruturado, entrevistei lideranças das cozinhas populares solidárias e da coordenação política da CMS. As entrevistas ocorreram no final de março e início de abril de 2025, presencialmente nos diferentes locais geográficos e espaços sociais em que as lideranças moram e atuam. Todas as entrevistas estão nos anexos desta redação.

As informações recolhidas e sistematizadas situam no tempo e nos espaços geográficos a processualidades do conjunto de ações solidárias que foram desenvolvidas para combater, simultaneamente, dois vírus: o da fome e o da Covid-19. As pessoas entrevistadas estão nomeadas neste trabalho com os nomes dos principais alimentos que foram distribuídos nas marmitas e cestas solidárias.

No terceiro capítulo apresento uma análise sobre as ações de solidariedade ativa organizadas e desenvolvidas pela CMS, com o suporte das conceituações da geografia, como espaço, tempo e território. Estes conceitos possibilitam entender a formação da organização CMS como movimento socioespacial. As ações solidárias foram as formas e os conteúdos da espacialização da CMS nas periferias da RMR. Um trabalho de formação político-pedagógico de base nas vilas, com inspiração nos princípios da educação popular, contribuiu para a qualificação da organização popular com a criação de vários espaços de ações solidárias. A solidariedade ativa foi o caminho de fortalecimento da organização popular nos bairros e vilas de Recife.

O conjunto destas atividades formativas e organizativas alcançaram milhares de pessoas em situação de fome e em risco de contaminação pelo coronavírus. Elas constituem a base material e teórica deste trabalho de pesquisa e dissertação. Apresento uma sistematização geo-

histórica do nascedouro desta experiência organizativa, inicialmente denominada Campanha Mãos Solidárias; atualmente, Mãos Solidárias, presente e ativa em 14 estados brasileiros².

² Folder de divulgação, “Mãos Solidárias”, distribuído durante o 1º Encontro Estadual do Mãos Solidárias, realizado em 21 de junho de 2025, em São Paulo - SP.

2 A FOME NA SOCIEDADE: CONCEPÇÕES, FORMAS DE MANIFESTAÇÕES E AS MENSURAÇÕES

A fome é a expressão biológica dos males sociológicos!

Josué de Castro

Neste primeiro capítulo pretendo desenvolver as reflexões em torno da questão da fome no intuito de situar este tema em sua construção conceitual e as suas relações sócio-históricas com a realidade brasileira. No decurso das reflexões busco trazer autores e autoras que dedicaram e dedicam seus estudos em tratar de forma crítica a questão da fome, analisando as raízes estruturais do modo de produção capitalista que a produz. Também trago dados informativos das pesquisas que os órgãos da sociedade civil brasileira, dos governos e das instituições internacionais realizam para dar visibilidade e identidade aos números dos famintos. As pesquisas continuam a demonstrar que a geografia da fome se mantém muito presente na realidade brasileira e mundial.

A alimentação é uma necessidade inerente à manutenção e reprodução da vida de todos os seres vivos do nosso planeta Terra. Por isso que a sua falta, deficiência ou carência provoca distúrbios e desequilíbrios de várias intensidades físicas, psíquicas, tanto individuais como coletivas. E, não raro, pode provocar até convulsões sociais e políticas. No caso dos seres humanos, o vocábulo fome é a denominação que aponta diretamente para as condições da satisfação desta necessidade básica e vital. A não satisfação, por deficiência e até pela completa falta de alimentos, transforma uma necessidade humana básica em uma questão social. Há, portanto, uma correlação entre a questão da fome e a questão alimentar. Especificamente porque a questão alimentar diz respeito à produção, distribuição e ao acesso aos alimentos.

A conceituação do que é a fome não é uma tarefa simples; é um desafio semântico, porque este termo está envolvido por distintos significados que a ele foram sendo agregados, de acordo com as metodologias de análise para qualificar as situações de sua manifestação, especialmente através das pesquisas quantitativas e qualitativas. Também contribuiu para a polissemia da fome, as diferentes palavras criadas para identificação de situações sociais, políticas, climáticas que a provocam com intensidades sociais maiores.

2.1 A fome: raízes etimológicas

Em sua raiz etimológica, a palavra fome, em português, se origina do termo latino *'fames -is'*, que significa fome ou necessidade de comer. Importante destacar que o termo latino *'fames'* deriva de outra palavra latina: *'famulus'*, que significa escravos ou servos. Na língua

portuguesa, *famulus* dá origem aos termos fâmulos, famélicos, ou os que têm fome. Há fortes evidências, portanto, que na raiz etimológica do termo fome estão latentes as relações de desigualdade social das sociedades dos tempos antigos e medievais em que ela se originou e se constituiu. “A fome é, portanto, uma manifestação que surge com a formação da sociedade de classes. A própria origem da palavra fome está associada ao aparecimento da desigualdade social no mundo” (Freitas, 2003, p 13).

Na língua inglesa há três palavras diferentes para designar fome, de acordo com o sentido que se buscou dar à realidade de fome a ser descrita: *hunger*, *starvation*, *famine* (Salay, 2023). Estas três palavras inglesas para tratar de uma mesma situação (a fome) contribuem para entender o movimento histórico da língua para significar as transformações da realidade sobre este assunto. No caso da língua inglesa, significa que o modo de enunciação da fome se adequou às mudanças da realidade econômica e política suscitadas com a formação do modo de produção do capitalismo, que teve na Inglaterra o seu berço nos séculos XVIII e XIX.

O termo *hunger* tem como referência principal o sentido biológico da fome; a necessidade básica e natural de se alimentar todos os dias. Isso independe de que haja crises climáticas, guerras, enchentes que impeçam de saciá-la. “O termo pode ser usado a um problema social de um indivíduo, uma família ou um grupo, mas não remete à noção de crise. Ou seja, *hunger* se refere ao fenômeno cotidiano da fome que não mata por inanição” (Salay, 2023, p.74).

Starvation refere-se à inanição. É a situação crítica, tanto individual como coletivamente, em que a completa falta de alimentos pode provocar a morte. Uma ‘situação de crise’ é o que relaciona *starvation* ao termo *famine*. “Por *famine* entende-se uma crise que culmina na impossibilidade de um grupo se alimentar durante um período, pois não tem acesso ao alimento. É um fenômeno intenso e coletivo” (Salay, 2023, p. 74). Os dois termos, *starvation* e *famine*, têm relação à crise de alimentos, mas com intensidades diferentes. Numa situação de *famine* pode haver *starvation* (inanição), mas o oposto não necessariamente é verdadeiro.

O termo *famine* ganhou mais força significativa ao longo do tempo na abordagem da fome coletiva decorrente de crises intensas causadas por secas, guerras, enchentes etc. As dimensões individual e coletiva da fome serão os enfoques que estas palavras darão, conforme as mudanças climáticas e as crises políticas acontecem no mundo. Especialmente as concepções de *hunger* e *famine* serão acolhidas por Josué de Castro para sua elaboração do conceito de fome, como veremos mais adiante.

Embora a fome, como denominação para a necessidade básica de vida para todo ser humano se alimentar com dignidade, tenha um acento individual muito forte, neste trabalho

pretendo me ater à fome em sua significação relacionada à coletividade, em sua dimensão social. Este olhar vai direcionar-se mais para as questões que dizem respeito aos porquês da falta de alimentos, às estruturas políticas e econômicas que provocam e reproduzem a fome. O que a torna uma questão social e política de preocupação nacional e mundial é porque são engendradas, pelos governos, condições sociais e econômicas que negam, negligenciam o acesso aos alimentos a milhões de pessoas mundo afora. Estas situações ocorrem através da organização da produção e distribuição dos alimentos; através de políticas públicas e tratados comerciais internacionais. A interdição às condições para saciar a fome é que a transformam em uma questão sociopolítica. É importante relacionar a fome como consequência de estruturas econômicas e políticas que a produzem e reproduzem. Conhecer o processo histórico da formação do modo de produção capitalista contribui para este entendimento.

O longo processo de formação do modo de organização da produção que caracteriza o capitalismo é o exemplo histórico bem próximo e atual que demonstra como a criação das novas estruturas econômicas favoreceram para a abrangência da fome em várias camadas sociais. A divisão social do trabalho foi um fator preponderante que acentuou a separação entre quem produz coletivamente os bens de quem deles se apropria individualmente, privadamente. Esta situação econômica significou uma ruptura nas condições de acesso à alimentação para a parcela da população formada pela classe trabalhadora assalariada, o proletariado da Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX. O proletariado, tudo o que tinha era sua força de trabalho para vender e poder comprar alimento para viver.

Sob as condições da divisão social do trabalho, no capitalismo, a fome assume as proporções como um fenômeno coletivo na sociedade, porque atinge numerosas camadas da população. Evidencia-se o contraste entre a fome coletiva para a classe trabalhadora assalariada explorada e a concentração exagerada e desproporcional da riqueza produzida para classe burguesa, que dela se apropria e a controla privadamente.

2.2 Como mensurar a fome

A mensuração da fome se apresentará como um desafio para estudiosos do tema e para os governos desenvolverem políticas e programas para superação deste flagelo social. Na busca por medidas da intensidade da fome na população são criados termos e conceitos que buscam caracterizar as suas formas de manifestação social. A polissemia da fome, enquanto conceituação, decorre das diferentes metodologias que as pesquisas vão desenvolver e

empregar para entender a situação social da fome em sociedades marcadamente dominadas pelas relações econômicas capitalistas, como o Brasil (Ribeiro Junior, 2008; 2021).

O binômio nutrição-desnutrição é um fundamento importante para entender objetivamente a manifestação da fome através da presença ou ausência da qualidade nutricional dos alimentos ingeridos. O olhar clínico-médico é o acento nas análises das consequências da fome na existência humana. A qualidade dos alimentos do ponto de vista nutricional, a sua composição química, as vitaminas, a quantidade de calorias ingeridas por indivíduo/ano são os pontos principais de análise destes modelos de pesquisas.

A segurança-insegurança alimentar é outro binômio utilizado em pesquisas sobre a fome para quantificar em diferentes níveis como ela se manifesta. Esta conceituação, como forma de mensuração da fome, tem como base as pesquisas realizadas nos Estados Unidos nos anos 1980, quando as políticas econômicas neoliberais são implementadas. Os níveis de desigualdades sociais aumentam com os cortes dos direitos sociais, a precarização das relações de trabalho e o desemprego (Harvey, 2012; Kepple; Segall-Corrêa, 2011). A fome passa a ser uma realidade mais evidenciada nas camadas sociais empobrecidas e que não é captada pelos modelos tradicionais da *Food and Agriculture Organization* (FAO) empregados para sua medição, como o índice de prevalência da desnutrição (*Prevalence of Undernourishment - PoU*), que se trata de uma medida da fome empregada para a abrangência global do país em questão.

A disponibilidade e o acesso aos alimentos são critérios para mensuração da situação de fome que distingue os dois níveis principais: segurança alimentar (sem fome) e insegurança alimentar (gradualidade da fome). A insegurança alimentar tem três graduações de fome: insegurança alimentar leve, moderada e grave (fome).

A renda familiar é também um critério para analisar a fome através da relação do valor monetário do salário/renda mensal e os preços dos alimentos. A forma mais corrente de acesso aos alimentos é através da sua compra. A renda monetária reflete a quantidade e a qualidade dos alimentos que a família consegue adquirir mensalmente. Para milhões de trabalhadores e trabalhadoras desempregados, informalizados, precarizados, a renda mensal é um atestado de fome que se estende para toda família.

Estes critérios que cada pesquisa utiliza são importantes para alargar o conhecimento sobre este tema, mas precisam sempre ser analisados de forma crítica para que não suavizem a radicalidade da presença visível e oculta do fenômeno social e político da fome. A fome é uma palavra que comunica com potência uma situação de desumanização que não pode ser substituída com conceitos que a desloquem da realidade social e econômica que a produz (Ribeiro Junior, 2008; 2015).

Neste sentido, a advertência do autor (Ribeiro Junior, 2008) é importante:

De um lado, há uma quantificação da fome sem uma problematização do conceito, sem o aprofundamento teórico e conceitual necessário para explicar o fenômeno da fome. De outro, há um esvaziamento do conceito de fome através da utilização de outros conceitos como desnutrição, subnutrição e insegurança alimentar; conceitos importantes, mas que não podem substituir o conceito de fome, pois não têm a mesma capacidade explicativa (Ribeiro Junior, 2008, p. 29).

A nomeação da fome é uma maneira fundamental de substantivar a situação humana de tantas e quantas pessoas a quem o direito humano à alimentação é interditado. Os termos e conceitos técnicos relacionados à análise da situação de fome não devem amenizar com teorias conformistas ou colonialistas uma forma de dominação tão degradante como esta. A leitura social, geográfica, econômica da fome não pode ser definida por números apenas, a fim de evitar que caia na invisibilidade. Por isso, sua nomeação é necessária e importante.

Se partirmos do pressuposto de que aqueles que produzem os indicadores, aqueles que teorizam sobre a fome, aqueles que a medem, aqueles que inclusive desenham e implementam as políticas públicas que se interlaçam com o cenário da fome estão saciados, há algo dessa experiência que não está visibilizado. E essa ausência, historicamente, vai deslocando a palavra para o mesmo cenário: o da invisibilidade (Frutuoso; Viana, p 2/14).

As experiências históricas traumáticas das duas Guerras Mundiais demonstraram como a fome e o controle dos alimentos podem ser usados como armas de guerra. Por isso, no pós-Segunda Guerra Mundial, na tentativa de organização da governança global, a assembleia mundial das Nações Unidas (ONU) proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, onde o direito humano à alimentação é afirmado. No artigo 25, parágrafo 1º, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, declara-se que:

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle ³.

A declaração política do direito humano à alimentação é reveladora de quanto e como os mecanismos de dominação capitalistas avançaram nas formas de exploração sobre as necessidades fundamentais dos seres humanos, como a alimentação, para controlá-las mercantilmente. A fome é a manifestação social da desumanização, porque o direito à alimentação é interditado.

A interdição à alimentação é uma forma de dominação que afronta a situação humana em sua identidade profunda enquanto *ser humano*. Não poder se alimentar por causa do uso de

³ NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Edição comemorativa de 76 anos. Brasília: Nações Unidas Brasil, [2024]. 19 p. Disponível em: https://brasil.un.org/sites/default/files/2025-03/ONU_DireitosHumanos_DUDH_UNICRio_20250310.pdf. Acesso em: 19 jul. 2025.

mecanismos econômicos, políticos e bélicos significa a prática da desumanização, significa tornar ‘menos’ o ser humano em sua vocação ontológica de ser ‘mais’ (Freire, 2002)⁴. A fome, como um produto social de desumanização, demonstra que o sistema social precisa ser transformado nas raízes que causam a desumanidade e não no escondimento dos seres humanos famintos.

2.3 Josué de Castro e as fomes coletivas geografadas no Brasil

Josué Apolônio de Castro nasceu em 05 de setembro de 1908, em Recife, Pernambuco; faleceu no exílio, em Paris, na França, em 24 de setembro de 1973. A sua contribuição marcou política e conceitualmente a questão da fome, porque ele ampliou o entendimento deste tema, aportando elementos científicos de vários ramos de pesquisa e ciência (nutrição, medicina, geografia, biologia, economia, sociologia, antropologia, história); tendo a geografia humana como o eixo aglutinador do seu olhar para a realidade social da fome. O seu livro, *Geografia da Fome - O dilema brasileiro: pão ou aço*, publicado em 1946, é a referência da elaboração conceitual da fome como fenômeno social circunstancial (epidemia) e/ou parcial e constante (endemia) (Castro, 2004). Para entender o caminho percorrido para a elaboração de seu conhecimento, início por situá-lo no tempo de vida de sua infância em Recife, nas primeiras décadas do século XX, onde viu bem de perto a tribulação da fome.

O pai de Josué, Manoel Apolônio de Castro, era do sertão paraibano, do município de Cabaceiras, nascido em 12 de abril de 1868. Sua família migrou para Recife, tangida pela seca que atingiu o Nordeste entre 1877 e 1879, conhecida como a Grande Seca, que dizimou a produção de algodão e a pecuária, as bases econômicas de vida da população na época. A mãe de Josué, Josepha Carneiro de Castro, professora, viera da Zona da Mata pernambucana, da região dos canaviais. Josué era filho único e seus pais se separaram quando ele era criança (Ribeiro Junior, 2008; Salay, 2023).

Em Recife, Manoel de Castro se estabeleceu em um sítio situado nas proximidades do Rio Capibaribe e tornou-se comerciante de leite de cabras e vacas, criadas na propriedade. Josué se refere à realidade do sítio relacionando-a com as origens sertanejas de seu pai e a dos

⁴ A vocação ontológica do ser humano em ‘ser mais’ é a dimensão que o educador Paulo Freire considera fundamental para analisar e entender as relações opressores-oprimidos. Todas as formas de opressão, de dominação são meios de negação para a realização da vocação ontológica de ‘ser mais’ dos seres humanos. A dominação, a opressão provocam consequências na existência dos oprimidos que se estendem muito além do aspecto econômico (não ter renda, desemprego, sem terra, sem casa, etc.). Ela nega a vocação ontológica de ser mais, aquilo que é da natureza humana. A existência da fome, assim como o analfabetismo, são formas de negação de direitos humanos fundamentais. Elas significam o ‘ser menos’ para os famintos e analfabetos. A transformação das relações de opressão é uma necessidade para a humanização das relações sociais e econômicas (Freire, 2002).

manguezais recifenses de sua infância: “Meu pai tinha trazido para Recife toda a paisagem viva da sua terra, com os seus bichos, com os seus pássaros. Dentro do sítio, eu respirava uma paisagem transplantada do sertão distante e em frente à casa eu contemplava a paisagem da costa - a paisagem negra do mangue” (Castro, 1967, p. 18).

A propriedade era vizinha aos mocambos⁵, que eram os núcleos habitacionais formados também por retirantes pobres das secas. Nas margens do rio estavam os mangues, cobertos pela floresta típica dos manguezais, onde era o habitat natural dos caranguejos. Nos manguezais os moradores dos mocambos caçavam os caranguejos, afundados naquele ambiente de lama negra, para servir-lhes de alimento e saciar a fome com a proteína natural disponível. A convivência com esta realidade social, econômica, ambiental, cultural é destacada pelo próprio Josué de Castro como um elemento fundante de sua formação política e humanista no tratamento do tema da fome, que o tornaria uma autoridade conhecida mundialmente.

No exílio, para o qual foi obrigado a seguir imediatamente após o golpe civil-empresarial-militar em 1964 no Brasil, ele escreveu o livro-romance *Homens e Caranguejos*. No prefácio desta obra, ele traz à memória as bases geográficas e as origens sociais da realidade de vida de onde experienciou e bebeu o conhecimento sobre o fenômeno da fome, que foi o tema central de sua ação como médico, professor, diplomata e dirigente político. Ele mesmo relata que o conhecimento inicial sobre a realidade histórica do Nordeste e as manifestações sociais da fome lhe chegaram muito mais pelos olhos do que pelos ouvidos (Castro, 1967, p. 19).

Especialmente sobre o modo pessoal como o tema da fome entrou em sua vivência, destaco na sequência um trecho do prefácio do referido livro-romance *Homens e Caranguejos*:

O tema deste livro é a história da descoberta que da fome fiz nos meus anos de infância, nos alagados da cidade do Recife, onde convivi com os afogados deste mar de miséria. Procuro mostrar neste livro de ficção que não foi na Sorbonne nem em qualquer outra universidade sábia que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. · Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. Seres anfíbios - habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos [...] Foram com estas sombrias imagens dos mangues e da lama que comecei a criar o mundo da minha infância. Nada eu via que não me provocasse

⁵ Mocambo é uma palavra de origem africana, da língua quimbundo, com o significado de habitação artesanal rústica, precária, humilde, choça. No Brasil Colonial a sua denominação faz referência aos refúgios que os escravizados construía para fugir ao cativeiro; os quilombos são os exemplos históricos mais conhecidos de resistência à escravidão. Além do sentido de habitação, o mocambo faz referência à localização dessas formas de habitação e das condições de vida dos seus moradores, portanto à aglomeração de moradores. Os mocambos estão localizados nas bordas do mundo urbano, nas periferias, fora do controle central da cidade. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=246>. Acesso em: jul. 2025. Josué de Castro viveu sua infância em Recife, vizinho aos mocambos e brincou com as crianças dos mocambos. Mas sua condição social e de habitação era diferente, como ele descreve no prefácio do seu livro *Homens e Caranguejos*.

a sensação de uma verdadeira descoberta. Foi assim que eu vi e senti formigar dentro de mim, a terrível descoberta da fome. Da fome de uma população inteira escravizada à angústia de encontrar o que comer. Vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, à espera que a correnteza lhes trouxesse um pouco de comida, um peixe morto, uma casca de fruta, um pedaço de bosta que eles arrastariam para o seco para matar a sua fome. E vi, também, os homens sentados na balaustrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo de capim enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome. Pouco a pouco por sua obsessiva presença este vago desenho da fome foi ganhando relevo, foi tomando forma e sentido em meu espírito. Fui compreendendo que toda a vida dessa gente girava sempre em torno de uma só obsessão - a angústia da fome (Castro, 1967, p. 12-9.)

Os traços vivenciados desta paisagem humana da fome em sua infância, serão reencontrados em tantos outros lugares e países por onde Josué de Castro andou e pesquisou este assunto. Ele conclui que as manchas da miséria da lama do Recife de seu tempo de infância se reproduziam como “negras manchas demográficas da geografia da fome” pelo planeta (Castro, 1967, p 24).

Juntamente com a realidade da fome vivenciada nos bairros de mocambos de Recife, outro fator fundamental na formação do seu pensar sobre esta questão foram os estudos, a partir do seu ingresso na universidade no curso de Medicina. Com 15 anos, ingressou neste curso universitário em Salvador. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e lá concluiu o curso, em 1929, aos 21 anos, na Universidade do Brasil. Durante o período de estudos de Medicina, ele manifestou um profundo interesse em agregar os conhecimentos da Fisiologia e da Nutrição à prática da medicina. A nutrição, como ciência e exercício profissional, estava em processo de construção e elaboração no Brasil, naquele período histórico, muito ligada aos conhecimentos médicos aplicados à alimentação (Vasconcelos, 2005; Ribeiro Junior, 2008).

Basicamente havia duas concepções nos estudos da nutrição no Brasil: a perspectiva biológica, que tinha o acento fundamental nos aspectos clínico-fisiológicos relacionados ao consumo e a utilização biológica dos nutrientes alimentares. A atuação dos seguidores dessa concepção era voltada para o individual, o doente, a clínica, a fisiologia, o laboratório. A outra perspectiva dos estudos da nutrição era a social. A preocupação dos seguidores desta linha relacionava-se com a produção, a distribuição e o consumo dos alimentos pela população brasileira. A preocupação coletiva do acesso aos alimentos vai colocar para este grupo as questões de políticas sociais de saúde, de economia, da produção agrícola em relação aos alimentos (Vasconcelos, 2005).

Josué de Castro vai se posicionar nos seus estudos na perspectiva social da Nutrição em combinação com a medicina. Daí que a fisiologia da alimentação será o campo de suas análises e estudos, com o olhar social (Carús, 2023). Contribuiu para isso o estágio que ele fez na

Argentina com o médico nutrólogo Pedro Escudero, criador do Instituto Nacional de Nutrição naquele país. Pedro Escudero defendia a concepção da Nutrição na perspectiva social. Esta perspectiva social da alimentação e da nutrição será acolhida por Josué de Castro e contribuirá para a elaboração de sua concepção de fome como fenômeno social permanente; concepção que ele desenvolverá com maior profundidade no seu clássico *Geografia da Fome*, através dos conceitos de fome endêmica e epidêmica (Castro, 2004).

É importante situar no tempo e no espaço que no período histórico de 1930-1940, quando Josué de Castro está desenvolvendo seus estudos e pesquisas de campo sobre os temas da fome e da alimentação, o Brasil está transitando do histórico modelo capitalista agrário-exportador para o, não menos capitalista, urbano-industrial (Linhares; Teixeira da Silva, 1999).

Naquele quadrante da história brasileira intensificou-se o processo migratório do campo para as cidades industriais, principalmente para a região Sudeste. Mas também nas capitais dos estados onde a industrialização firmava a nova matriz econômica e social no país. Recife, capital do Pernambuco, também viveu esta situação migratória do campo para a cidade. A fome como fenômeno social assume novas feições no contexto das transformações econômicas e políticas em que o país está imerso (Castro, 1967; 2004; Linhares e Teixeira da Silva, 1999).

Em 1940, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fundado em 1936, realizou o primeiro recenseamento sobre a população brasileira: *Censo Demográfico - População e Habitação*⁶. Os dados informam que a população do Brasil era de 41,2 milhões de habitantes; 68,8% da população residia no meio rural e 31,2%, em áreas urbanas. Este perfil demográfico e de residência da população brasileira será alterado em conformidade ao processo de impulsão da industrialização, concentrada nos centros urbanos, especialmente na região Sudeste. Esta região já despontava como a mais densamente urbanizada no país, com 39,4% de sua população vivendo nas cidades.

O processo migratório impulsionou a formação da classe trabalhadora operária fabril brasileira, oriunda majoritariamente de famílias camponesas, com pouca terra ou sem terra. Famílias camponesas expulsas, direta ou indiretamente, pelo modelo agrário concentrador da terra, que não organiza a produção agrícola para o abastecimento alimentar do mercado interno e não gera empregos na atividade produtiva agrícola. Josué de Castro vai refletir sobre esta questão agrária e as relações com a fome, como veremos adiante.

⁶ IBGE. Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940) - Censo Demográfico: População e Habitação. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000361/censo1940vol2nac/censo1940vol2nac.pdf>. Acesso em: abr. 2025.

A nova situação social e econômica de trabalho assalariado vai impor um novo sentido para a questão alimentar. A produção, a distribuição e o consumo dos alimentos serão pautados pela relação econômica salarial, da qual as famílias vão depender para adquirir os seus alimentos, especialmente as que passam a viver e trabalhar nos centros industriais urbanos na condição de assalariadas. A dieta alimentar doméstica terá uma relação direta à condição de emprego ou não e ao valor do salário para a aquisição dos alimentos.

Nesta situação, o próprio Josué de Castro, como médico, teve a oportunidade de constatar em duas situações. Primeiro, quando foi contratado como médico de uma empresa para atendimento das doenças dos trabalhadores e logo foi demitido, porque, segundo sua constatação a partir das consultas médicas, a doença principal dos trabalhadores era a fome⁷. Segundo, quando desenvolveu uma pesquisa com 500 famílias da classe operária em três bairros de Recife com o seguinte objetivo, conforme o autor: “Este trabalho indaga das condições de vida do operário exclusivamente na área urbana, apurando o seu salário médio, a distribuição proporcional dos seus gastos e, particularmente, os gastos em alimentação e sua composição média, habitual” (Castro, 1968, p. 68). O trabalho de pesquisa resultou no inquérito intitulado “As condições de vida das classes operárias do Recife”, que foi publicado em 1935 na obra do autor *Alimentação e Raça*.

Na introdução deste inquérito Josué de Castro assinala que mestiçagem não é uma explicação razoável para aceitar como natural a fome entre os estratos populacionais de mestiços, tão presentes na formação social brasileira. Para entender o fenômeno da fome era necessário conhecer a realidade alimentar da população, os seus hábitos alimentares, as suas condições de vida e trabalho.

Hoje ninguém mais afirma conscientemente que a mestiçagem seja a verdadeira causa da baixa vitalidade do nosso povo. O cruzamento do índio, do negro e do português não gera, por fatal hereditariedade, um mestiço débil, anêmico e raquítico. Se a maioria dos mulatos se compõe de seres estiolados, com déficit mental e incapacidade física, não é por efeito duma tara racial, é por causa do estômago vazio. Não é mal de raça, é mal de fome. É a alimentação insuficiente que lhe não permite um desenvolvimento completo e um funcionamento normal. [...] Daí a importância do estudo científico da alimentação e o interesse dos verdadeiros sociólogos em conhecerem os hábitos alimentares de cada povo, para melhor esclarecimento de sua formação e evolução econômico-social (Castro, 1968, p. 67-8).

⁷ Esta experiência de vida e de trabalho como médico é descrita por Josué de Castro no conto “Assistência Social”, através do personagem Dr. Félix. O livro *Documentário do Nordeste* (editora Brasiliense, 1968) traz este e outros escritos sociais de Josué de Castro, entre eles o inquérito. *As condições de vida das classes operárias do Recife*, pesquisa realizada em 1932 com 500 famílias operárias, abrangendo 2.585 pessoas, em três bairros de Recife. Conforme o próprio Josué de Castro destaca, em nota de rodapé: “Este estudo foi levado a efeito em 1932 na cidade de Recife, sendo o primeiro inquérito realizado no Brasil sobre as condições de vida do nosso povo” (Castro, 1968, p. 67).

A alimentação foi o eixo principal da pesquisa, no intuito de entender a situação de vida daquelas famílias assalariadas. Através da composição da dieta alimentar das famílias, estabeleceu-se a relação com o poder de compra do salário recebido; são conhecidos os tipos e as quantidades de alimentos que era possível comprar para a subsistência.

As conclusões deste inquérito são preocupantes para Josué de Castro: 70% do orçamento doméstico das famílias era gasto com a alimentação; a dieta era composta basicamente com feijão, farinha, charque, açúcar, café e pão; leite, frutas e verduras estavam praticamente ausentes da dieta alimentar das famílias (Castro, 1968; Vasconcelos, 2005). Era uma dieta precária nutricionalmente, o que permitia entender com mais clareza as causas das doenças e da mortalidade naquele grupo pesquisado. Tão precária que ele se questiona da seguinte forma:

Qualquer pessoa que possua noções gerais de dietética e diante de um regime desta ordem, só tem uma pergunta a formular: "Como se pode comer assim e não morrer de fome"? E só há uma resposta a dar, se bem que um tanto desconcertante: "Como? Morrendo de fome." Realmente é esta alimentação insuficiente, carencial e desarmônica, usada pelas classes operárias, na área urbana, a causa principal do seu elevado índice de mortalidade (Castro, 1968, p. 75).

Nas conclusões deste trabalho de pesquisa é possível perceber o amadurecimento da concepção de fome para o médico e pesquisador social Josué de Castro. Diante da realidade alimentar de consumo das famílias operárias, ele percebe a distância que a separa do que ele estudara com o médico nutrólogo argentino Pedro Escudero, para quem “uma alimentação para ser racional necessita ser suficiente, completa e harmônica” (Castro, 1968, p. 75). As informações colhidas sobre a alimentação daquelas famílias operárias são indicativas do oposto desta concepção; a alimentação delas era insuficiente, carencial e desarmônica. Era um caso típico de monotonia alimentar.

O olhar analítico, a partir dos seus conhecimentos de medicina e nutrição, aos dados colhidos na pesquisa possibilitou a Josué de Castro o entendimento do fenômeno social e geográfico da fome em sua manifestação biológica e social. Biologicamente, através dos sintomas de saúde e doença, de desnutrição crônica verificados nos corpos das pessoas, individualmente; socialmente, a fome como consequência das desigualdades sociais e econômicas que afetavam coletivamente a classe operária pesquisada; geograficamente, fome se localizava nas vilas e periferias urbanas, onde residiam as famílias de trabalhadores.

Através desta percepção da realidade da fome, Josué de Castro contribui fundamentalmente para a superação das teorias explicativas da fome como uma tendência natural, sem alternativas de mudança, como resultado do fracasso pessoal do faminto. A

desnaturalização explicativa deste fenômeno e flagelo social é uma contribuição que expande o conceito da fome, enraizando-o na realidade histórica e social. Nesta perspectiva social, a fome é uma consequência produzida pelo modo como a produção, a distribuição e o acesso aos alimentos são pensados e organizados para que toda a população do país possa se alimentar suficiente, completa e harmonicamente (Ribeiro Junior, 2008; Carús, 2023; Salay, 2023).

Neste percurso histórico de elaboração conceitual da fome, observa-se como Josué de Castro aporta os novos conhecimentos científicos da Nutrição, da química dos alimentos, das ciências sociais, da geografia para tratar este tema. Era um tempo de profundas transformações econômicas e políticas no Brasil e no mundo. Lembrando que eram os anos de 1930 - 1940. A crise do modelo capitalista sacudiu o mundo nos epicentros Europa e Estados Unidos. Estas transformações provocaram a busca de novas explicações para os acontecimentos. E a fome era um fenômeno recorrente no mundo com gradações diferentes de intensidade, de acordo com os níveis de exploração capitalista entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Fenômeno que se evidenciou ainda mais com a eclosão das duas guerras mundiais num curto intervalo de trinta anos durante a primeira metade do século XX.

Josué de Castro, imerso na realidade histórica de seu tempo, faz uma nova leitura da fome no Brasil com este cabedal científico com que tivera contato nos seus estudos, conferindo-lhe uma atualização necessária. Para a autora Adriana Salay (2023), Castro elabora um “sentido moderno da fome”.

O sentido moderno da fome, segundo Josué, abrangia a alimentação deficitária, indo além das crises e da morte por inanição. A partir das mudanças nas relações sociais, econômicas e materiais europeias e da formação de ferramentas científicas específicas desse território, criou-se a base interpretativa que possibilitou o alargamento do sentido de fome. [...] Josué de Castro se valeu desses estudos na sua produção e usou essas ferramentas como uma gramática na qual ele aplicou um vocabulário do território brasileiro. Por isso, foi necessário não apenas olhar a representação do fenômeno, mas inscrevê-la em uma análise sobre o que chamamos aqui de processo de formação da fome no sistema capitalista (Salay, 2023, p. 87).

Na obra *Geografia da Fome*, Josué de Castro vai se debruçar sobre o Brasil para entender o fenômeno da fome em suas diversas formas de manifestação na abrangência no território brasileiro. Ele elabora a conceituação da fome com um método inovador, o geográfico (Castro, 2004), agregando de forma interdisciplinar os conhecimentos científicos do biológico e do social sobre a alimentação com os da geografia humana. Por isso, sua conceituação da fome também será inovadora.

Ele, no entanto, tinha bem presente os desafios em tratar o tema da fome na perspectiva social; tratá-la como uma questão política coletiva. Havia uma conspiração de silêncio em torno deste assunto. Conforme ele afirma, “Trata-se de um silêncio premeditado pela própria alma da

cultura: foram os interesses e os preconceitos de ordem moral e de ordem política e econômica de nossa chamada civilização ocidental que tornaram a fome um tema proibido ou, pelo menos, pouco aconselhável de ser abordado publicamente” (Castro, 2004, p 12). Esse silenciamento era garantido através das imposições morais que na civilização ocidental transformaram a fome e o sexo em assuntos tabus - ‘impuros e escabrosos’ -, sendo abordados de formas preconceituosas e moralistas, mas que beneficiavam os interesses econômicos das minorias dominantes (Castro, 2004, p 12 e 13). A forma preconceituosa no tratamento destes assuntos está no seu cunho exclusivamente individual; algo como se a fome fosse consequência do fracasso individual; portanto, o faminto é o culpado da sua fome.

No prefácio à primeira edição da obra, de julho de 1946, Josué de Castro enfatiza que o conceito de fome que ele se propõe a analisar e estudar é o da fome coletiva. Sobre os estudos da fome do ponto de vista individual, ele indica muitos autores que já os fizeram, tanto fisiólogos como romancistas (Castro, 2004, p 18). O seu objetivo é analisar a fome como fenômeno coletivo:

O nosso objetivo é analisar o fenômeno da fome coletiva - da fome atingindo endêmica ou epidemicamente grandes massas humanas. Não só a fome total, a verdadeira inanição que os povos de língua inglesa chamam de *starvation*, fenômeno, em geral, limitado a áreas de extrema miséria e a contingências excepcionais, como o fenômeno muito mais frequente e mais grave, em suas consequências numéricas, da fome parcial, da chamada fome oculta, na qual, pela falta permanente de determinados elementos nutritivos, em seus regimes habituais, grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias. É principalmente o estudo dessas coletivas fomes parciais, dessas fomes específicas, em sua infinita variedade, que constitui o objetivo nuclear do nosso trabalho (Castro, 2004, p.18).

Para o desenvolvimento deste trabalho de elaboração e pesquisa ‘dessas coletivas fomes parciais, dessas fomes específicas’, Josué de Castro se propõe a olhar o Brasil na completude de seu espaço territorial, “para obter uma visão panorâmica de conjunto, visão onde alguns pequenos detalhes certamente se apagarão, mas na qual se destacarão, de maneira compreensiva, as ligações, as influências e as conexões dos múltiplos fatores que interferem na manifestação do fenômeno” (Castro, 2004, p 16).

O método para colocar em movimento o projeto do estudo sobre o fenômeno da fome que Josué de Castro lança mão é o ‘método geográfico’ da relação do ser humano com o meio. A preocupação metodológica terá como enfoque a coleta e interpretação das informações das relações entre os seres humanos e os meios de vida, e não apenas para a pura descrição da realidade fenomênica com dados estatísticos e quantitativos. Ele justifica o seguimento do caminho metodológico em seus aspectos qualitativos em vez do quantitativo estatístico:

O método estatístico com sua tendência substancial para os grandes agrupamentos e para a homogeneização dos fatos não nos poderia dar em seus painéis genéricos uma noção exata de certas nuances, das infinitas gradações das cores de que se reveste o fenômeno, nos dois sentidos, no vertical e no horizontal, na ampla superfície de sua

área territorial e nas diferentes capas sociais que estruturam a nacionalidade (Castro, 2004, p 265).

Então, o método da ciência geográfica a ser percorrido com ênfase maior na descrição qualitativa do fenômeno da fome, Josué o explica da seguinte maneira:

[...] encarando esses diferentes aspectos, o faremos, sempre, orientados pelos princípios fundamentais da ciência geográfica, cujo objetivo básico é localizar com precisão, delimitar e correlacionar os fenômenos naturais e culturais que se passam à superfície da terra. É dentro destes princípios geográficos, da localização, da extensão, da causalidade, da correlação e da unidade terrestre, que pretendemos encarar o problema da fome. Por outras palavras, procuraremos realizar a sondagem da natureza ecológica, dentro deste conceito tão fecundo de “Ecologia”, ou seja, do estudo das ações e reações dos seres vivos diante das influências do meio (Castro, 2004, p 16).

Esta opção do método que Josué de Castro segue para fazer o estudo sobre a fome, considerando ‘as ações e reações dos seres vivos diante das influências do meio’, remete para a questão da alimentação. A alimentação será o vetor da relação entre os seres vivos e o meio. No tocante a esta ideia da força simbólica da alimentação, Josué cita o geógrafo francês, Vidal de La Blache, que afirmava que “entre as forças que ligam o homem a um determinado meio, uma das mais tenazes é a que transparece quando se realiza o estudo dos recursos alimentares regionais” (Castro, 2004, p 17).

No caso de estudar a realidade alimentar do território brasileiro, esta perspectiva regional faz muito sentido, dada a diversidade cultural, culinária, climática e da natureza dos solos do nosso país.

A enorme extensão territorial, com seus diferentes tipos de solo e de clima, com seus múltiplos quadros paisagísticos, nos quais vem trabalhando há séculos, grupos humanos de distintas linhagens étnicas e de diferentes tintas culturais, não poderia permitir que se constituísse, em todo território nacional, um tipo uniforme de alimentação. O país está longe de constituir uma só área geográfica alimentar. As variadas categorias de recursos naturais e a predominância cultural de determinados grupos que entraram na formação cultural de nossa etnia nas diferentes zonas tinham que condicionar forçosamente uma diferenciação regional dos tipos de dieta (Castro, 2004, p. 34).

Josué de Castro desenhou o mapa do Brasil com cinco diferentes áreas alimentares de acordo com a dieta alimentar culturalmente identificada em cada uma delas. As cinco áreas alimentares são: 1) Área da Amazônia; 2) Área da Mata do Nordeste; 3) Área do Sertão do Nordeste; 4) Área do Centro-Oeste; 5) Área do Extremo-Sul.

Como pode-se observar no seu mapa geográfico-alimentar, cada área tem a sua dieta alimentar característica. Em todas as áreas têm alimentos de acordo com a cultura, os hábitos e as características do meio natural de cada uma. A partir da diversidade destes fatores, Josué apresenta uma classificação para as cinco áreas alimentares, tendo como parâmetro a fome. Três são classificadas como áreas de fome: Área Amazônica; Área da Mata e Área do Sertão Nordestino. Destas três, duas são de fome endêmica (Amazônica e Mata) e uma de fome epidêmica (Sertão Nordestino).

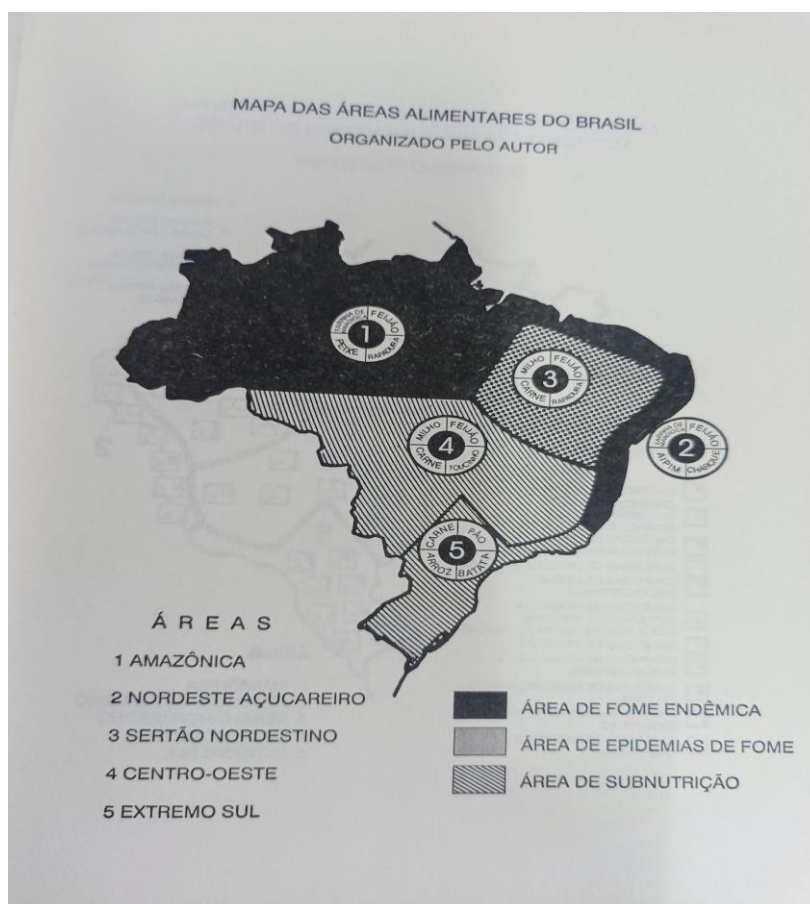
Conforme Josué de Castro, áreas de fome são:

Consideramos áreas de fome aquelas em que pelo menos a metade da população apresenta nítidas manifestações carenciais no seu estado de nutrição, sejam estas manifestações permanentes (áreas de fome endêmica), sejam transitórias (áreas de epidemia de fome). Não é o grau de especificidade carencial que assinala e marca a área, mas a extensão numérica em que o fenômeno incide na população [...], é necessário que as deficiências alimentares que aí se manifestam incidam sobre a maioria dos indivíduos que compõem o seu efetivo demográfico (Castro, 2004, p. 35).

Entre os critérios que Josué utiliza para classificar as áreas de fome está a extensão demográfica onde é incidente o fenômeno, cujo índice é o de que mais da metade da população esteja em situação de fome. As áreas de fome são reveladoras da manifestação deste fenômeno como calamidade coletiva. Estas serão as do seu interesse maior de análise.

O Centro-oeste e o Extremo Sul são consideradas áreas de subnutrição, porque são grupos reduzidos, e não massas inteiras, os que sofrem com os desequilíbrios e carências alimentares (Castro, 2004, p 36).

Mapa 1 - Mapa das áreas alimentares do Brasil organizado por Josué de Castro



Fonte: Castro (2004, p. 37)

2.3.1 A fome como epidemia e endemia

Esta pergunta, talvez não nestes termos, Josué de Castro também tenha se colocado como desafio para ser respondida. No seu tempo, ele se dispôs a buscar respostas para o que ele mesmo observa e constata sobre o tema, o de que havia uma multiplicidade de formas de manifestação da fome, sobre as quais ele se refere: fome oculta, fome parcial, fome total, fomes específicas, subnutrição, inanição, carência nutricional, epidemia de fome, fome endêmica (Castro, 2004 [1967]).

A denominação da fome como endêmica e/ou epidêmica⁸ são as duas formas principais da manifestação da fome com as quais Josué de Castro a elaborou conceitualmente, através do método geográfico, a partir da análise das ações e reações dos seres vivos diante do meio. A fome endêmica seria a manifestação coletiva e crônica que mostra seus efeitos, em grupos humanos, de forma perene, enquanto a fome epidêmica seria efêmera, intermitente (Frutuoso; Viana, 2021).

Castro elaborou a conceituação da fome, observando a realidade brasileira territorialmente distribuída em cinco regiões alimentares, analisando-as com um cabedal de conhecimentos científicos e procurando identificar as diferentes formas com as quais os seres humanos lidam com as possibilidades dadas nos diferentes meios geográficos para se alimentarem.

Na concepção metodológica do estudo sobre a fome desenvolvido por Castro, a relação do ser humano com o meio é a dimensão fundamental a ser realçada. Nesta relação do ser humano com o meio coloca-se em relevo a participação ativa do ser humano para garantir formas de alimentação e sustento; coloca-se a capacidade ativa do ser humano na relação com o meio (a Natureza), para avaliar as possibilidades e as limitações nas diferentes realidades geográficas para formação da sua dieta alimentar. O eixo da alimentação é o parâmetro da análise da relação humana com o meio geográfico no trabalho de pesquisa e da observação direta das manifestações da fome na realidade.

⁸ Endemia e epidemia são dois conceitos relacionados à medicina, que dizem respeito à análise de doenças quanto à sua abrangência demográfica e territorial, quanto à sua intensidade de pessoas atingidas. Endemia: trata-se da situação em que uma doença se torna recorrente em uma região e demonstra um aumento de casos em uma época do ano, mas a população consegue conviver “normalmente” com ela. Epidemia: é reconhecida quando ocorre um aumento de casos de uma doença em diversas regiões, estados, ou cidades de um país, porém sem atingir níveis globais. Disponível em: <https://sbi.org.br/sblogi/serie-aprenda-imunologia-pandemia-epidemia-ou-endemia-qual-a-diferenca-entre-elas/>. Acesso em: dez. 2025. Josué de Castro, como médico, adota estes conceitos da área da saúde para analisar a fome. A fome é uma doença social endêmica e/ou epidêmica. É bem conhecida a sua definição da fome, que junta a sociologia e a medicina: A fome é a expressão biológica dos males sociológicos.

O meio geográfico influencia a atividade humana, mas não a determina por completo, pois o homem também é um elemento ativo de um processo que é entendido como civilizatório. Com relação à alimentação esse entendimento coloca a possibilidade de entender as diferentes dietas alimentares, como diferentes respostas, dadas por homens diferentes, à sua necessidade de extrair do meio geográfico os elementos necessários para sua sobrevivência (Ribeiro Junior, 2008, p 46).

O processo deste trabalho de pesquisa das relações do ser humano com o meio geográfico possibilitou a Josué de Castro estabelecer as dietas alimentares regionais, mas também identificar a intensidade da fome em cada região. Na relação com o meio, Josué vai buscar as definições para a fome territorializada na realidade brasileira. Esse percurso de elaboração de Josué de Castro apresento na sequência, enfocando a fome como epidemia e endemia.

2.3.1.1 O Sertão Nordestino, as secas e a fome como epidemia

A Área do Sertão Nordestino é onde a fome se manifesta como epidemia. Esta área geográfica é descrita por Josué quanto sua localização, quanto suas características climáticas, a formação dos solos, a formação vegetal, as práticas culturais agropecuárias e do modo sertanejo de ser e viver, que culturalmente se constitui nas ações e reações àquele meio.

O Sertão Nordestino é uma extensa área geográfica que abrange em torno de 670.000 quilômetros quadrados, onde vivem sete milhões de habitantes, e que forma a área do polígono das secas. O clima característico é o do semiárido: chuvas escassas e irregulares, clima tropical, seco. O solo é arenoso, de pouca espessura fértil, com muitas áreas de formação rochosa de granito e calcário. Mas também apresenta algumas áreas de boa fertilidade, nas depressões e nos baixios, onde surgem “manchas bem mais férteis de solos argilosos, mais ou menos vermelhos, ou mesmo de barro escuro, formando os tabuleiros aluvionais e as várzeas de tabuleiros” (cf. Castro, 2004, p 157-60).

Prevalece na descrição de Josué de Castro sobre a paisagem natural do Sertão o tom de região semidesértica. “Toda a paisagem natural, desde topografia, as características dos solos, a fisionomia vegetal, a fauna, a economia e a vida social da região, tudo traz marcado com uma nitidez inconfundível, a influência da falta de água, da inconstância da água nesta região semidesértica” (Castro, 2004, p 159).

Do ponto de vista da vegetação, dentro da grande área geográfica do Sertão Nordestino, identificam-se três sub-áreas climato-botânicas: o agreste, a caatinga e o alto sertão. O agreste é a faixa de transição entre o Nordeste semiárido e espinhento para o úmido e verdejante dos canaviais na zona da Mata. A presença da água é perceptível na paisagem do agreste. A caatinga

é de solo ríspido e seco, cuja vegetação predominante são as do reino das cactáceas; é o coração desértico do sertão. É a zona de maior aridez do Nordeste com suas árvores acoradas e espinhentas. A subárea alta sertão tem clima ameno e a vegetação é do tipo savana, rareando as espécies espinhentas (Castro, 2004, p. 161).

Diante das caracterizações climáticas, vegetais e da formação dos solos das três subáreas que formam o Sertão Nordestino, Josué de Castro descreve a formação da dieta alimentar da população sertaneja.

A dieta alimentar do sertão do nordeste tem no milho a sua base primordial, associado a outros produtos regionais, o que a torna uma das “mais racionais e equilibradas do país, incluindo as zonas isentas de fome” (Castro, 2004, p. 158). Do ponto de vista da descrição da paisagem, clima, solo soa até contraditória esta afirmação de Josué de Castro. Ele embasa a justificativa da descrição da dieta sertaneja nordestina como racional e equilibrada a partir do modo como as relações dos seres humanos com o meio se efetivaram no transcurso histórico de sua formação econômica.

Devido ao clima semiárido, com poucas reservas minerais de ouro e pedras preciosas que atraíssem os colonizadores no seu espírito aventureiro, e com solo inadequado para prática da agricultura canavieira, o sertão muito cedo no processo da colonização foi destinado à pecuária, de gado vacum e caprino (Castro, 2004, p. 172). Tornou-se um pólo produtor e exportador de bois para tração nos canaviais, de carne e de couro.

A atividade pecuária não foi exclusiva no sertão, como foi a cana de açúcar no litoral. Porque a venda de carne e couro não assegurava o abastecimento com outros gêneros alimentícios necessários, foi estimulado o desenvolvimento das práticas agrícolas associadas à pecuária. O sertanejo fez-se “vaqueiro e agricultor ao mesmo tempo” (Castro, 2004, p. 173). O modo de vida do sertanejo na criação de gado bovino e caprino e na agricultura de policultivos foi fundamental para a formação de uma dieta alimentar equilibrada e adequada ao meio.

Não se constitui o sertanejo num agricultor de produtos de exportação, para fins comerciais, como se praticava nas terras do litoral, mas um plantador de produtos de sustentação para seu próprio consumo. Um semeador de pequena escala, de milho, feijão, fava, mandioca, batata doce, abóbora e maxixe, plantados nos vales mais sumosos, nos baixios, nos terrenos de vazante, como culturas de hortas e jardins. Pequenas boladas de verdura que os senhores de engenho do brejo, plantadores de extensíssimos canaviais, sempre olharam com desdém, chamando depreciativamente a este tipo de policultura do sertanejo de “roça de matuto” (grifo do autor) (Castro, 2004, p. 173).

A dieta alimentar sertaneja nordestina se equilibra num ambiente em que a água e a intercorrência das chuvas são escassas. Por isso também é uma dieta frugal, ajustada sabiamente ao equilíbrio alimentar necessário para o sustento. No entanto, neste ambiente caracterizado

como semiárido, o acontecimento de secas é o que desorganiza completamente a economia familiar e regional. O flagelo da fome que se manifesta na situação de seca atinge e aflige a população sertaneja implacavelmente.

Com as secas desorganiza-se completamente a economia regional e instala-se a fome no sertão. Os seus efeitos sempre desastrosos são de amplitude variada, conforme se trate de seca parcial, limitada à pequena área, ou uma grande seca, abrangendo considerável extensão, ou, finalmente, de uma seca excepcional, das que atingem de vez em quando todo o sertão em bloco (Castro, 2004, p. 199).

A desorganização que a seca provoca altera profundamente a paisagem natural e a paisagem humana do sertão; os cultivos agrícolas desaparecem dos roçados, o gado morre à míngua sem pasto e sem água; muitas famílias sertanejas são obrigadas a migrar e o despovoamento da região vai aumentando o ar de abandono. A fome é a expressão do cenário que fica desolado, sem água e sem alimentação, devido à seca. A abrangência territorial e a intensidade da seca sobre a paisagem natural e humana do sertão possibilitam a caracterização da fome como epidemia.

Josué de Castro descreve as diversas formas de resistência e os estratagemas dos sertanejos na convivência com o flagelo da seca. Para os animais o trato passa a ser preparado com palmas e mandacarus, passados no fogo para queimar os espinhos. Já para as famílias, a dieta alimentar vai sendo reduzida conforme os estoques domésticos vão se acabando, até o cardápio se tornar extravagante, formado pelas iguarias bárbaras, os alimentos exóticos e selvagens, até impróprios para alimentação humana (Castro, 2004, p. 202-3). Toda esta engenharia alimentar que o sertanejo lança mão é para aguentar a fome epidêmica na sua região, no seu local de vida, sem ter que migrar forçadamente.

Quando todas as estratégias de resistência se esgotam no local, o êxodo é a alternativa para fugir da fome e para sobrevivência. Formam-se as procissões dos retirantes da seca e o despovoamento do sertão!

Assim, esgotadas as suas esperanças e reservas alimentares de toda ordem, iniciam os sertanejos a sua retirada, despejados do sertão pelo flagelo implacável. Sem água e sem alimentos, começa o terrível êxodo. Pelas estradas poeirentas e pedregosas ondulam as intermináveis filas dos retirantes ‘como se fossem uma centopeia humana’. Homens, mulheres e crianças, todos esqueléticos, ‘deformados pelas perturbações tróficas, com a pele enegrecida, colada às longas ossaturas, desfibrados e fétidos pelo efeito da autofagia’ (Castro, 2004, p. 209).

A forma agressiva como a fome quantitativa atinge os seres humanos é descrita por Josué de Castro nos efeitos físicos sobre os corpos que ela provoca. Escreveu como a fome se apresentava no corpo “[...] pela magreza aterradora, exibindo todos *facies* chupados, secos,

mirrados, com os olhos embutidos dentro de órbitas fundas, as bochechas sumidas e as ossaturas desenhadas em alto-relevo por baixo da pele adelgada e enegrecida (Castro, 2004, p 212).”

Através do fenômeno climático da seca no sertão nordestino, da quantidade de seus efeitos desestruturantes sobre a paisagem natural e humana, Josué de Castro tipifica a fome como epidemia nesta situação. A fome como epidemia é abrangente territorialmente e elevada quantitativa em números de flagelados. É a fome que aumenta devido à contínua escassez de alimentos. A seca tende a ser um surto que, passado, o ambiente natural e humano recobra a vitalidade.

2.3.1.2 A fome como endemia nas áreas Amazônica e nordeste açucareiro

A caracterização das áreas alimentares amazônica e nordeste açucareiro como de fome endêmica por Josué de Castro está relacionada principalmente ao projeto de desenvolvimento econômico implementado nestes territórios.

Na sua análise sobre o modo como o projeto de desenvolvimento econômico foi implementado desde a colonização, Josué faz uso da expressão “aventura mercantil”, definida pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda na sua obra clássica *Raízes do Brasil*⁹. O espírito aventureiro do colonizador do “fique rico” depressa, do lucro imediato, turvou a consciência dos empreendedores e corrompeu os processos de criação de riqueza no país. Os sucessivos ciclos econômicos que caracterizaram a história da formação econômica do Brasil (o do pau brasil, o do ouro, o da cana de açúcar, o do café, o da borracha...) são exemplos de uma economia destrutiva, predatória e “desequilibrante da saúde econômica da nação” (Castro, 2004, p 266-67).

Este modelo de desenvolvimento econômico produz a fome endêmica ao longo do seu processo histórico. Josué de Castro, em sua análise do processo histórico econômico brasileiro e a questão da fome, afirma:

A fome no Brasil, que perdura, apesar dos enormes progressos alcançados em vários setores de nossas atividades, é consequência, antes de tudo, de seu passado histórico,

⁹ A obra *Raízes do Brasil*, escrita por Sérgio Buarque de Holanda e publicada em 1936, insere-se no movimento intelectual de interpretação do Brasil a partir do Brasil, que já vinha com força política e cultural desde a “Semana Modernista” de 1922. No capítulo 2 desta obra, o autor aborda o tema ‘Trabalho & Aventura’, onde afirma que “o gosto da aventura, responsável por todas estas fraquezas, teve influência decisiva (não a única decisiva, é preciso, porém, dizer-se) em nossa vida nacional. Num conjunto de fatores tão diversos, como as raças que aqui se chocaram, os costumes e padrões de existência que nos trouxeram, as condições mesológicas e climáticas que aqui exigiam longo processo de adaptação, foi o elemento orquestrador por excelência”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Josué de Castro dialoga com diversos pensadores brasileiros de seu tempo que buscam as razões para entender o Brasil a partir da sua realidade histórica, que nos anos 1930 transitou do modelo agrário-exportador para o industrial urbano. Ele colocou a fome como o eixo central de análise para conhecer o Brasil desde dentro do Brasil profundo.

com seus grupos humanos sempre em luta e quase nunca em harmonia com seus quadros naturais. Lutas, em certos casos, provocada e por culpa, portanto, da agressividade do meio, que iniciou abertamente as hostilidades, mas, quase sempre, por inabilidade do elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para os seus planos de aventura mercantil (Castro, 2004, p. 266).

Concretamente sobre a área amazônica, como área de fome endêmica, a análise de Josué de Castro aponta para a Ciclo da Borracha como um fator exemplificador de um projeto de desenvolvimento econômico que causou um desastre social, sanitário e econômico, porque as relações entre os seres humanos e o meio não foram consideradas. Prevaleceu o espírito da aventura mercantil, o de extrair vantagem imediata sobre o meio.

Antes de analisar o Ciclo da Borracha, Josué de Castro oferece informações geográficas, econômicas, culturais e sociais da região Amazônica, que ajudam para o entendimento do porquê a fome se manifesta como fenômeno endêmico naquele espaço geográfico. A desproporção entre a extensão geográfica e a demografia é um fator determinante na análise de Josué para avaliação da questão alimentar, a partir do método das ações e reações dos seres humanos com o meio. A descrição da realidade Amazônica que ele faz é que os raros núcleos habitacionais, salpicados na imensidão da floresta, vivem oprimidos e esmagados pelas forças da natureza.

Na alarmante desproporção entre a desmedida extensão de terras amazônicas e a exiguidade de gente, reside a primeira tragédia geográfica da região. Região com a população de tipo homeopático, formada de gotas de gente salpicadas a esmo na imensidade da floresta, numa proporção que atinge em certas zonas à concentração ridícula de um habitante para cada quilômetro quadrado de superfície. Dentro da grandeza impenetrável do meio geográfico, vive este punhado de gente esmagado pelas forças da natureza, sem que possa reagir contra os obstáculos opressores do meio, por falta de recursos técnicos, só alcançáveis com a formação de núcleos demográficos de bem mais acentuada densidade. [...] Sem forças para dominar o meio ambiente, para utilizar as possibilidades da terra, as populações regionais têm vivido até hoje, no Amazonas, quase que exclusivamente num regime de economia destrutiva. Da simples coleta dos produtos nativos, da caça e da pesca. Da colheita de sementes silvestres, de frutos, de raízes e de cascas de árvores. Do látex, dos óleos e das resinas vegetais (Castro, 2004, p. 42).

A prática agrícola foi rudimentar; presente só em pequenas áreas cultivadas a partir da queimada da floresta, onde planta-se a mandioca, o milho, o feijão e o arroz como produtos alimentares. Este modo de fazer agricultura na floresta é o legado da influência indígena na região, o que vai se estender para a formação da dieta alimentar regional. A farinha da mandioca é o alimento básico na dieta alimentar amazônica, servindo para o preparo e acompanhamento de diversos pratos culinários típicos. O cultivo agrícola da mandioca e os seus diversos usos alimentares é um dos legados marcantes dos povos indígenas, habitantes ancestrais naquela região.

A pesca e a caça são as outras fontes alimentares das populações amazônicas. Josué de Castro enfatiza que a formação da dieta alimentar das populações amazônicas a partir destas fontes alimentares referidas, é deficiente nutricionalmente, “de acordo com os modernos conhecimentos de nutrição e de acordo principalmente com as variantes fisiológicas que o clima impõe ao metabolismo nas condições de vida tropical” (Castro, 2004, p. 53). Esta conclusão é inferida a partir da análise da ingestão diária de calorias necessárias, considerando o clima úmido e quente naquela região, que tem uma influência direta sobre o metabolismo, sobre o ritmo das trocas energéticas do corpo humano para quem habita nos trópicos. Enquanto são necessárias 2.400 calorias diárias para quem vive neste ambiente climático, as suas pesquisas indicaram um total energético oscilando entre 1.800 e 2.000 calorias diárias. A quantidade e a qualidade dos alimentos da dieta dos habitantes amazônicos são insuficientes e desarmônicas (Castro, 2004, p 54-55).

Neste ambiente de despreparo do colonizador na região amazônica para estabelecer as relações com o meio, o Ciclo da Borracha se constituiu numa experiência traumática, tanto para o meio ambiente como para os seres humanos, os milhares de nordestinos e nordestinas que migraram seduzidos pelo ouro branco do látex.

Na Amazônia, o Ciclo da Borracha durou de 1870 a 1910. Para lá foram atraídas milhares de famílias nordestinas, como uma alternativa para fugir das secas no Nordeste¹⁰. O desconhecimento dos migrantes em relação ao meio geográfico, cultural e alimentar amazônico teve um custo elevado em vidas humanas. Josué de Castro descreve como este movimento migratório aconteceu e sucumbiu; de um lado estava aquilo que Josué define como ‘hostilidades do meio’ e do outro a ‘inabilidade’ do migrante/colonizador. Entre as causas do fim deste ciclo inclui-se a epidemia da doença do beribéri.

A maior parte dos desbravadores da borracha que ali chegavam, atraídos pelo *rush* do produto, foi derrubada pela terrível doença. Chegavam dispostos e cheios de entusiasmo, vindos a maior parte deles das terras secas do Nordeste e deslumbrados com a abundância de água da região. Metiam-se mata adentro pelas estradas dos seringais. Sangravam as seringueiras e recolhiam o seu precioso leite. Defumavam a borracha. Vendiam o produto por preço fabuloso. E quando estavam se sentindo os donos do mundo, começavam a sentir o chão fugindo debaixo dos pés, a sentir as pernas moles e bambas, a dormência subindo dos pés até a barriga. Uma cinta apertando-lhes o peito como uma garra. Era o beribéri chegando, tomando-lhes conta

¹⁰ O Ciclo da Borracha na Amazônia cronologicamente coincide com algumas das grandes secas que afetaram estados do Nordeste. Josué de Castro faz largas referências às grandes secas que marcaram a memória do povo nordestino, como as de 1744, de 1790, de 1877, de 1846, 1915 e de 1932 (cf. Castro, J. 2004, p 210 ss). A fome e o êxodo são as marcas dolorosas destes eventos climáticos de longa duração e larga extensão. Para a Amazônia, milhares de famílias nordestinas migraram para fugir da seca e atraídas pela extração do ouro branco das seringueiras. “Cerca de 90.000 aventureiros assim se espalharam pelo alto sertão do Acre” (Castro, J., 2004, p. 85).

do corpo, roendo-lhes os nervos, acabando com a vitalidade do aventureiro nordestino (Castro, 2004, p. 73).

A doença do beribéri, que se tornou uma epidemia naquele período do ciclo da borracha, é causada pela carência de vitamina B1, muito comum em áreas de mandioca, como a Amazônica. Ela provoca uma série de fenômenos gastrointestinais e nervosos: anorexias, palpitações, câibras, perda de memória etc. (Castro, 2004, p. 72). O que a tornou uma epidemia foi a monocultura da borracha. Com a expansão da exploração econômica da seringueira para produção de látex e borracha, a força de trabalho produtivo foi direcionada para este projeto de desenvolvimento. Isso levou ao abandono das práticas de produção agrícola, da pesca e da pouca pecuária lá existente, o que afetou diretamente a alimentação regional, que entrou em crise. Como afirma Josué de Castro: “a monocultura da borracha, como toda monocultura, é o maior obstáculo à organização racional de uma comunidade agrícola progressista” (Castro, 2004, p. 86).

A dieta alimentar do seringueiro se modificou profundamente em relação à dieta regional. Passou a ser constituída de alimentos secos e conservas importadas. “O regime alimentar do seringueiro era composto de carne seca ou charque, *corned-beef*, feijão empedrado ou bichado, farinha d’água, arroz sem casca, conservas em lata, doce, chocolate e bebidas alcoólicas, importadas diretamente da Europa (Castro, 2004, p. 75). Esta dieta era formada com a compra dos alimentos externos ao ambiente regional, porque a venda da borracha injetava dinheiro nas relações comerciais.

O ciclo da borracha como projeto de desenvolvimento econômico revela-se como um caso em que as relações entre seres humanos e o meio foram agressivas e desarmônicas. A desarmonia se refletiu no abandono de práticas agrícolas produtivas de alimentos básicos e frescos e na aquisição de alimentos industrializados importados, embalados e prontos para o consumo. A doença do beribéri é a manifestação da agressividade do meio, devido às deficiências nutricionais que favoreceram a sua expansão epidêmica.

Josué pontua que, ao final do ciclo da borracha, caracterizado como monocultura, a doença beribéri desapareceu da região. O homem da Amazônia voltou aos seus antigos mistérios da era antes da borracha, ou seja:

À sua caça, à sua pesca, à sua colheita de raízes e frutos silvestres, à sua agricultura incipiente. Agricultura rudimentar, mas capaz de fornecer alguns produtos frescos: milho, feijão verde, favas e legumes que, com produtos da colheita nativa, melhoraram muito seu padrão de dieta, anulando a carência e exterminando, deste modo, o beribéri (Castro, 2004, p. 75).

A crítica de fundo que acompanha a análise que Josué faz sobre a região Amazônica é calcada no processo de povoamento externo à região, a que ele se refere como colonização.

Como já referido em citações anteriores, o processo de colonização foi desordenado, disperso, prevalecendo a “pletórica do individualismo”, “a luta do indivíduo contra a floresta” (Castro, 2004, p. 84). Por isso a semelhança e continuidade com o espírito aventureiro mercantil que prevaleceu na colonização portuguesa e espanhola das Américas. É um modelo de ocupação territorial sem adensamento demográfico, sem a formação de núcleos populacionais. Neste sentido, o fracasso da “civilização da borracha” foi a demonstração em escala bem maior da inviabilidade econômica, social e ambiental do modelo de colonização puramente mercantilista e predatória sobre os recursos naturais. Neste caso, a exploração das seringueiras para extração do látex.

Para haver uma nova forma de relação do ser humano com o meio, no caso da região Amazônica, do seu povoamento de forma ordenada e organizada, é fundamental a presença ativa do Estado. O Estado, para Josué, cumpre o papel político de organização do povoamento, da produção alimentar com suficiência, dos transportes com regularidade e do aumento das garantias da capacidade aquisitiva das populações (Castro, 2004).

A proposta do projeto de colonização para a região, nas palavras de Josué:

O aumento da produção local é um objetivo inteiramente ao alcance da realidade. Com a organização dos núcleos coloniais estabelecidos, consoante planos econômicos e técnicos bem elaborados, pela exploração racional da pesca em grande escala, pelo melhoramento das raças existentes na pecuária local, pela introdução de modernos e adaptados métodos agrônômicos de uso e conservação do solo, pela introdução de avicultura em bases de exploração doméstica, pelo aproveitamento dos frutos silvestres e industrialização caseira ou rural de frutas e hortaliças cultivadas, os recursos alimentares da Amazônia daria de sobra, tanto para suas atuais populações como para manter boas levas de imigrantes (Castro, 2004, p. 87).

A área do nordeste açucareiro, como a Amazônica, é considerada de fome endêmica por Josué de Castro. As razões são mais contundentes a partir da análise do projeto de desenvolvimento econômico em curso há quatro séculos naquele espaço geográfico. É o que apresento a seguir.

A descrição geográfica da área do Nordeste Açucareiro informa de que se trata de uma “estreita faixa de terrenos de decomposição e de sedimentação, estendendo-se ao longo do litoral do nordeste brasileiro, do estado da Bahia até o Ceará” (Castro, 2004, p. 96). O solo tipo massapê - terra escura, gorda e pegajosa - é muito fértil e recoberto por floresta tropical, está menos densa que a Amazônica. A alta fertilidade do solo, combinada ao clima tropical de chuvas regulares e estações bem definidas, historicamente favoreceu positivamente para o cultivo diversificado de uma variedade de cereais, frutas, verduras e legumes, o que contribuía para a formação de uma dieta alimentar rica e diversificada aos seus habitantes.

Do ponto de vista do método geográfico de análise, as relações entre os seres humanos e o meio têm um marco de ruptura no equilíbrio ecológico com o início da colonização

portuguesa na região. A ruptura se traduziu com a implementação do projeto de desenvolvimento econômico baseado no cultivo da cana de açúcar para a produção e comercialização do açúcar para a Europa. Em primeiro lugar, a conduta do colonizador para desenvolver este projeto foi de um ‘imediatismo cego’ a qualquer outra possibilidade e forma de produção. Daí a ruptura do equilíbrio ecológico com todo aquele agroecossistema e com a dieta alimentar tradicional e cultural da região.

Descobrimos cedo que as terras do Nordeste se prestavam maravilhosamente ao cultivo da cana de açúcar, os colonizadores sacrificaram todas as outras possibilidades ao plantio exclusivo da cana. Aos interesses de sua monocultura intempestiva, destruindo quase que inteiramente o revestimento vivo, vegetal e animal, subvertendo por completo o equilíbrio ecológico da paisagem e entravando todas as tentativas de cultivo de outras plantas alimentares no lugar, degradando ao máximo deste modo, os recursos alimentares da região (Castro, 2004, p. 97).

A estruturação do projeto de desenvolvimento econômico no Nordeste Açucareiro teve o latifúndio, a monocultura da cana, o trabalho escravizado e a produção para exportação como bases de sua sustentação econômica, política e social. Na prática, os quatro pilares de apoio deste modelo econômico são fatores de desequilíbrio para as relações do ser humano com o meio. Josué de Castro acentua que o desequilíbrio com o meio se inicia com a destruição da floresta nativa da região para dar lugar à monocultura da cana. Isso impactou profundamente para a erosão e progressivo dessecamento do solo pela falta de umidade, antes fixada pela floresta. Estas condições do solo erodido propiciaram o surgimento da fome na região açucareira do Nordeste. “Erosão que constitui um perigo tremendo, uma verdadeira ameaça de fome progressiva na região, representando um fenômeno de proporções mais alarmantes do que possam pensar os menos desavisados” (Castro, 2004, p. 105).

A chamada ‘mola econômica do açúcar’ (Castro, 2004, p. 137) foi a que criou um conjunto de restrições para o fortalecimento e manutenção da dieta alimentar adequada de acordo com as potencialidades do solo e do clima da região. A monocultura da cana impôs o uso da terra exclusivamente para esta finalidade. Porque esta era a ordem e a imposição dos senhores de engenho, em seu regime de vida escravocrata e patriarcal. Josué ressalta a concepção dos senhores de engenho em relação à propriedade latifundiária da terra e o seu uso para monocultura da cana, afirmando: “Homens com um ciúme de suas terras maior do que de suas mulheres e horrorizados com o perigo de que estas terras se rebaixassem devassamente a qualquer outra coisa que não fosse cana. Qualquer coisa menos nobre, seja de cultura índia ou negra - mandioca, milho, amendoim, feijão” (Castro, 2004, p. 118).

No modelo produtivo colonial, a dieta rotineira à base de milho, feijão, farinha de mandioca e toucinho foi a que precariamente alimentou os trabalhadores escravizados na

cultura da cana. Eram produtos alimentares mais fáceis de produzir e enchiam o estômago dos escravizados o suficiente para se manterem vivos e fazerem a roda da economia do açúcar girar. Nutricionalmente a dieta era deficitária, com carência permanente de proteínas e frutas.

Josué de Castro expõe o objetivo do senhor de engenho em relação a esta dieta alimentar para os escravizados:

Dando maior quantidade de comida ao negro, o senhor de engenho estava pensando em alimentar a própria cana, em transformar o feijão e a farinha barata em açúcar de muito bom preço, vendido a peso de ouro, num processo muito semelhante ao dos criadores de porcos que, alimentando esses animais com muito milho, vendem o milho por bom preço, transformado em carne e ensacado na própria pele do porco (Castro, 2004, p. 128).

Há relatos das influências indígenas e negras na cultura alimentar nesta região. Mas foram sistematicamente sufocadas pelo modelo econômico açucareiro. A influência negra resistiu mais nas experiências dos quilombos, como o Quilombo de Palmares (Serra da Barriga, atual estado de Alagoas, que durou de 1590 a 1695), e nos roçados furtivos que os escravizados faziam às escondidas dos senhores de engenho. Como escreve Josué de Castro: “Desobedecendo as ordens do senhor e plantando às escondidas seu roçadinho de mandioca, de feijão e de milho. Sujando aqui, acolá, o verde monótono dos canaviais com manchas diferentes de outras culturas. Benditas manchas salvadoras da monotonia alimentar da região” (Castro, 2004, p. 115).

Prevaleceu, no entanto, a precária alimentação para as bases trabalhadoras escravizadas durante os séculos de colonização. Dieta semelhante é a consumida pelas classes operárias em Recife, as quais foram pesquisadas pela equipe de Josué de Castro em 1932, cujo relato resultou no referido inquérito “Condições de vida das classes operárias no Recife”. A constatação básica da pesquisa é a fome crônica que por séculos acompanha as populações trabalhadoras regionais (Castro, 2004, p. 122). Esta fome crônica é contínua por causa da monotonia alimentar. O olhar clínico de Josué de Castro aborda as endemias correlatas à deficiência alimentar das populações. A desnutrição e as doenças endêmicas, como beribéri, as quiloze, tuberculose, geofagia, se associam à fome, que é causa profunda de todas. Por isso, o alto índice de mortalidade também reflete esta situação da deficiência alimentar e nutricional.

A alta mortalidade global e a verificação de que mais de 50% dos óbitos nesta área se verificam antes dos 30 anos de idade vêm completar o quadro sombrio da evolução demográfica do Nordeste. A análise direta da marcha destas populações nordestinas deixa entrever o tremendo estrago do seu material humano, aproveitado pelas más condições de higiene locais, principalmente as más condições de nutrição (Castro, 2004, p. 149).

A fome endêmica no Nordeste Açucareiro e na Amazônia tem relação direta com o modelo econômico implementado nestas regiões, caracterizado como aventureiro e mercantil,

desequilibrante das relações dos seres humanos com o meio. É a fome dissimulada, parcial, oculta, invisível à primeira vista. É a fome de quem come, mas não se alimenta. As deficiências nutricionais da alimentação ingerida enfraquecem fisicamente os corpos das pessoas que, lentamente, vão morrendo. As doenças elencadas por Josué de Castro, decorrentes da dieta alimentar monótona, são, enfim, doenças da fome endêmica.

Josué de Castro desenhou o mapa do Brasil com o olhar da alimentação e da presença da fome geografada nas diferentes áreas. Com intensidades, causalidades e temporalidades diferentes, a fome se manifestava em todo território brasileiro, de forma endêmica, epidêmica e pela subnutrição crônica (Castro, 2004, p. 37, 290). Essa concepção da fome como um fenômeno social é uma contribuição fundamental que ele elaborou e sustentou nas suas ações políticas para seu combate. Então é importante ressaltar as causas da fome que ele considera fundamentais serem atacadas em suas raízes. No caso, em relação ao meu trabalho de pesquisa, a questão da estrutura agrária e do papel do Estado são dois eixos que dialogam profundamente com a fome.

A estrutura agrária brasileira é bem conhecida por Josué de Castro, como nordestino e pernambucano, sendo o seu estado de nascimento um dos principais polos da colonização e da produção monocultora da cana de açúcar. Ele acentua que a estrutura agrária vigente à época tinha relações diretas com a existência e continuidade da fome na sociedade.

Em nível de Brasil, ele é bem taxativo em afirmar que

[...] a nossa estrutura agrária é a mais retrógrada e a mais resistente ao verdadeiro progresso social, [...] daí a necessidade de atacá-la com decisão para adaptá-la às necessidades sociais do Brasil atual. É a inadequação de nossas estruturas agrárias o fator essencial da má utilização dos recursos naturais, da baixa produtividade agrícola e da subocupação do homem do campo. Numa palavra: do atraso geral da nossa agricultura. O arcaísmo desta estrutura agrária se evidencia não só pela inadequada distribuição das propriedades, como pelas relações de produção de tipo feudal, nas quais perduram o regime de meação, a parceria e outras sobrevivências do feudalismo agrário (Castro, 2004, p. 284).

As caracterizações sobre a estrutura agrária como arcaica, retrógrada, feudal, inadequada ao desenvolvimento econômico são possíveis de melhor entendimento quando há fome em níveis alarmantes na sociedade. Porque a base da dieta alimentar provém da produção agrícola. Para tal é necessário que a finalidade da terra seja orientada econômica, tecnológica e politicamente para a produção de alimentos para o abastecimento do mercado interno, em primeiro lugar. A crítica que Josué de Castro faz à estrutura agrária é relacionada ao projeto de agricultura ao qual a terra está sendo destinada para o cultivo, que, ao invés de produzir alimentos para o mercado interno, produz, com monoculturas como a cana de açúcar, para a exportação.

A realidade da estrutura agrária que Josué de Castro descreve em *Geografia da Fome* tem as características que se alongam na história brasileira, desde o colonialismo português. Uma delas é o latifúndio, que são as grandes extensões de terras, concentradas nas mãos da classe social dos fazendeiros capitalistas e que não utilizam os solos em sua potencialidade produtiva. A produtividade agrícola é baixa porque as técnicas agrícolas utilizadas são defasadas. Decorrente direta da concentração da terra em latifúndios é a formação de uma massa de camponeses sem terras, meeiros e assalariados rurais, subordinados às relações de trabalho servis. Essa relação latifúndio x sem terra é conflitiva, ou, como define Josué de Castro, provoca ‘fricções sociais em torno da terra’ para a garantia de direitos das camadas sociais do campo que dele são sistematicamente interditas (Castro, 2004, p. 285).

Faz-se necessário modificar a estrutura agrária profundamente, através da realização reforma agrária, que ele considera uma necessidade histórica, um imperativo nacional.

Apresenta-se deste modo a Reforma Agrária como uma *necessidade histórica* (grifo do autor) nesta hora de transformação social que atravessamos: como um imperativo nacional. [...] reforma agrária como um processo de revisão das relações jurídicas e econômicas, entre os que detêm a propriedade agrícola e os que trabalham nas atividades rurais. Traduz, pois, a reforma agrária uma aspiração de que se realizem, através de um estatuto legal, as necessárias limitações à exploração da propriedade agrária, de forma a tornar o seu rendimento mais elevado e principalmente mais bem distribuído em benefício de toda a coletividade rural (Castro, 2004, p. 286).

A proposta de reforma agrária que Josué propõe tem uma concepção bastante legalista, é verdade¹¹. O Estado (o governo) tinha que assumir essa tarefa política e social. Ele acreditava que na conjuntura política e econômica do país naquele período, com o impulso da industrialização e urbanização acelerada, essa era a via para realização da reforma agrária. A reforma agrária cumpriria um papel político no plano de desenvolvimento econômico em curso, o da produção de alimentos para o povo com a introdução de novas tecnologias produtivas na agricultura. A reforma agrária tinha o significado de superação do arcaísmo agrário representado pelo latifúndio concentrador e improdutivo que entravava o projeto de desenvolvimento. Ela tem um sentido político de beneficiar toda sociedade, para que o país se

¹¹ Josué de Castro está sintonizado com as disputas políticas de classes que permeiam os anos 1930 - 1945, quando os longos anos de Governo de Getúlio Vargas promovem as transformações econômicas e sociais que possibilitaram o país a transitar da matriz produtiva agrária-exportadora para a urbana-industrial. A afirmação da reforma agrária como necessidade histórica a ser realizada coadunava-se ao projeto de desenvolvimento econômico conduzido pelo governo Vargas. Naquela conjuntura, o Estado (poder executivo) e o parlamento (poder legislativo) eram as forças políticas representativas para fazer a reforma agrária através das mudanças legais. Por isso Josué aponta os obstáculos legais a serem superados para a realização da reforma agrária, entre eles “o preceito constitucional (art. 141, § 6º), que garante o direito de propriedade privada, só admitindo sua desapropriação mediante o pagamento prévio em dinheiro pelo justo valor” (Castro, 2004, p. 287). Ele acreditava que o problema agrário brasileiro era possível de ser resolvido racionalmente, através de uma mudança nas leis, naquele quadrante da história. Em 1964, quando ele escreveu “Sete Palmos de Terra e um Caixão”, sua concepção e o caminho para a realização da reforma agrária se modificaram. A organização das Ligas Camponesas apontou que sem a luta dos camponeses sem terra, a reforma agrária não sai do papel e da letra morta das leis.

desenvolva com equilíbrio, com a integração entre todas as áreas geográficas mapeadas sobre a alimentação e a fome (Linhares; Teixeira da Silva, 1999).

2.4 Os regimes alimentares: a mercantilização dos alimentos e a produção da fome

A estruturação do modo de produção capitalista tem na revolução industrial (séculos XVIII e XIX) o seu marco histórico fundante e a Europa como o espaço geográfico da localização deste fenômeno de transformações da realidade econômica, política, social e cultural, que se estendem até nossos dias. Entre os países europeus, Inglaterra, França e Alemanha foram os palcos principais onde a industrialização se efetivou com maior intensidade. E, entre estes, a Inglaterra, sede do Império Britânico daquele período, foi o país onde o projeto capitalista industrial com suas vertentes econômicas, sociais e políticas se expandiu e se solidificou com maior força e expressão. Assim como a Inglaterra se consolidou como uma potência industrial, ela também estruturou o primeiro regime alimentar ao modo capitalista de produção industrial.

O processo histórico que culminou na revolução industrial tem relações profundas com o tema da alimentação, da produção e circulação dos alimentos entre os estados-nações e as colônias daquele período. Porque a industrialização se efetivou na Europa, em alguns países particularmente, decorrente do longo período da implementação do modelo de colonização predatória que eles, outrora impérios, promoveram nas Américas, África e Ásia. Das colônias foram drenadas as riquezas minerais, agrícolas, florestais para as metrópoles com o emprego do trabalho escravizado dos povos indígenas e africanos negros. Entre os objetivos do projeto colonialista britânico estava “o suprimento de alimentos de luxo e estimulantes para o consumo da classe rica, a fim de aumentar a riqueza nacional por meio de políticas mercantilistas e abrir novas fronteiras de acumulação para a lucratividade e o adiamento da exaustão do ecossistema” (McMichael, 2016, p. 43).

A formação da riqueza financeira dos impérios colonizadores tem base nesta relação da extração das riquezas naturais, na produção agrícola monocultora e nas atividades comerciais mercantis marítimas, que transportavam a produção colonial de matérias primas para a Europa e traziam para as colônias a mão de obra africana negra escravizada e algumas manufaturas para a classe dominante local. Eram sistemas de exploração econômica que se

retroalimentavam. A história brasileira ilustra bem este conjunto de relações econômicas e sociais fundadas nas formas de dominação entre a metrópole e a colônia¹².

O acúmulo de riquezas nas metrópoles europeias possibilitou a formação da base dos recursos financeiros que foram investidos na industrialização, o que culminou na formação de uma nova matriz econômica. A estruturação do capitalismo aconteceu nesta transição do modelo colonial, entranhado no processo da revolução industrial. No modo de produção capitalista as relações de produção são orientadas pela mercantilização sob todas as formas. O assalariamento é expressão do domínio da mercantilização das relações produtivas. A mercantilização das coisas e das relações de trabalho é a caracterização fundamental do modo de produção capitalista.

Com o processo da industrialização as relações de trabalho por assalariamento foram massificadas na sociedade. De outra parte, a industrialização provocou o adensamento populacional nas cidades industriais inglesas; a classe operária, o proletariado fabril, será formada pelas milhares de famílias camponesas expulsas das suas terras pelos cercamentos para transformar suas lavouras em pastagens e criação de ovelhas. Foi através de um violento processo de acumulação primitiva sobre os territórios camponeses, combinado com a exploração do trabalho assalariado destes mesmos camponeses transmutados como proletariado fabril, que se formou a base econômica dos capitalistas industriais.

Karl Marx viveu neste tempo e espaço em que a Revolução Industrial se consolidava na Europa. Ele estudou profundamente o processo histórico das ações econômicas e políticas da classe social da burguesia que se constituiu como dirigente política das transformações que consolidaram o modo capitalista de produção. Através do conceito ‘acumulação primitiva’, ele descreve como se efetivou este processo de expulsão dos camponeses de suas terras e territórios. O relato é o que ocorreu nas Terras Altas da Escócia, na primeira metade do século XIX, onde a nascente burguesia industrial se alia com a classe latifundiária da época para ampliar, juntas, os seus poderes econômicos e políticos. Para esse fim, são criadas as conhecidas Leis de Cercamento das terras comunais - *Bills for the enclosure of Commons* - que legitimam a ação de expropriação dos camponeses de suas terras ancestrais.

Uma anciã morreu queimada na cabana que ela se recusara a abandonar. Desse modo, a duquesa se apropriou de 794 mil acres de terras que desde tempos imemoriais pertenciam ao clã da anciã. Aos nativos expulsos ela designou cerca de 6 mil acres de terras, 2 acres por família, na orla marítima. Até então, estes 6 mil acres haviam permanecido ermos, e os seus proprietários não haviam obtido renda nenhuma com

¹² No caso da história brasileira, autores e obras que pensaram nossa formação econômica, política, social, cultural: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*; Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro*; Caio Prado Jr, *História econômica do Brasil*; Jacob Gorender, *O escravismo colonial*; Raymundo Faoro, *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*; Paulo Freire, *Pedagogia do oprimido*.

eles. Movida por seu nobre sentimento, a duquesa chegou ao ponto de arrendar o acre de terra por 2 *xelins* e 6 pence às pessoas do clã que por séculos haviam vertido o seu sangue pela família Sutherland. Toda terra roubada ao clã foi dividida em 29 grandes arrendamentos, destinados à criação de ovelhas; cada arrendamento era habitado por uma só família, em sua maioria servos ingleses de arrendatários. No ano de 1825, os 15 mil gaélicos já haviam sido substituídos por 131 mil ovelhas. A parte dos aborígenes jogada na orla marítima procurou viver da pesca. Tornaram-se anfíbios, vivendo, como diz um escritor inglês, metade sobre a terra, metade na água e, no fim das contas, apenas metade em ambas” (Marx, 1996, p. 354).

Nesta conjuntura histórica de transição de modelo econômico e transformações sociais profundas com a formação do proletariado como classe trabalhadora urbanizada (em condições de vida muito precárias, é importante afirmar!)¹³ é onde a questão alimentar, a questão da produção, beneficiamento, circulação e comercialização dos alimentos inserir-se-á num novo patamar político de importância. Os alimentos, com a revolução industrial em ritmo expansivo e com a estruturação do modo capitalista de produção, serão mercadorias com valor econômico e político diferenciado. Por isso, passam a ser tratados pelos governos e pela burguesia industrial como instrumentos de poder na geopolítica das relações entre os estados-nações (McMichael, 2016).

A história do açúcar, derivado da cana de açúcar cultivada nas terras coloniais, é demonstrativa de como a mudança de seu consumo de uma classe social para outra, durante o processo da revolução industrial e os novos arranjos alimentares, foi se impondo como um jeito de garantir a exploração do trabalho e o aumento da acumulação capitalista.

[...] a história do açúcar representa a maturação desse arranjo, pois ele deixou de ser um artigo de luxo produzido por escravos nas plantações para se tornar um insumo universal nas dietas das classes mais baixas, utilizado como um combustível calórico para sustentar trabalhadores fabris e suas famílias na era industrial emergente. Não só as terras coloniais e a apropriação da mão de obra foram essenciais para este abastecimento, mas também a materialidade (valor de uso) dos produtos alimentícios tropicais permitiu que o capital barateasse o custo alimentício para sua força de trabalho. [...] tanto o escravo quanto o proletário (e suas famílias) foram ligados a um processo geral de sub-reprodução de corpos laboriosos (McMichael, 2016, p. 43).

A chamada teoria dos regimes alimentares é um instrumental analítico importante para se entender a engenharia política, econômica e comercial que a revolução industrial, no modo de produção capitalista, foi demandando no tratamento da questão da produção, distribuição e comercialização dos alimentos em diferentes escalas.

Como conceito, regime alimentar compreende:

[...] o ‘modo como a cadeia alimentar interliga e transforma as diversas culturas mundiais por meio da mercantilização’; ‘não se trata apenas do alimento em si, mas da política das relações alimentares’ e suas ligações com a ordem mundial e períodos

¹³ Há muitos autores/as que relatam as condições de vida da classe operária na Inglaterra no período da revolução industrial. Karl Marx e Friedrich Engels são bem conhecidos e citados. Eu coloco na lista destes estudos o livro de Mary Gabriel, *Amor e Capital*. Este livro trata da vida da família de Marx. As precariedades das condições de moradia, de alimentação, de higiene, de trabalho, de salário do proletariado inglês são descritas com detalhes, sensibilidade e profundidade pela autora.

de acumulação definidos. [...] o conceito de regime alimentar define uma ordem mundial capitalista regida pelas regras que estruturam a produção e o consumo de alimentos em escala mundial'. Em suma, *o regime alimentar* refere-se à forma como os alimentos são utilizados em escala global para o processo de acumulação (McMichael, 2016, p. 1).

Os regimes alimentares são um instrumental analítico para entender como o modo capitalista de produção, que se forma com consistência a partir da revolução industrial, vai desenvolver regulações para o controle dos alimentos. O Estado e o mercado se associam para estabelecer as regras, as leis comerciais sobre os alimentos entre as nações. Trata-se, evidentemente, dos Estados dos países industrializados, hegemonicamente dominantes, em relação aos subordinados, as economias dependentes.

As regulações conectam diretamente qual o modelo de desenvolvimento para agricultura mais favorável ao modelo de desenvolvimento industrial em curso, sendo a produção de alimentos o vetor político-econômico fundamental. A necessidade de garantir a alimentação para a classe trabalhadora com a continuidade da acumulação capitalista era a nova equação política. A busca de soluções para esta equação vai demandar do capitalismo o controle estratégico sobre os alimentos. Era preciso garantir a combinação entre a produção agrícola dos alimentos a custos baixos para alimentar a classe trabalhadora que era obrigada a cumprir uma exaustiva jornada de trabalho, com salários achatados, apenas suficientes para comprar uma precária dieta alimentar e seguir trabalhando. Esta conexão entre a indústria e a agricultura é um aspecto fundamental nos regimes alimentares, nas diferentes fases de acumulação do capitalismo (McMichael, 2016).

O controle geopolítico que as estruturas políticas e econômicas capitalistas desenvolvem em relação aos alimentos para garantir a acumulação, traz ao debate a dieta alimentar da classe social, o proletariado, que é quem se desgasta no trabalho produtivo de toda riqueza. Há, portanto, relações entre alimentação e fome no processo produtivo. Ao mesmo tempo que o proletariado precisa se alimentar para poder se manter ativo e produtivo, a burguesia capitalista busca manter as suas taxas de acumulação crescentes.

A importância dos regimes alimentares situa-se neste campo explicativo de como a mercantilização dos alimentos se constituiu e se formalizou com diferentes mecanismos de controle político entre as nações e na formatação da dieta alimentar para a classe assalariada. Ao mesmo tempo que fazem o controle sobre os alimentos, os regimes alimentares fazem a gestão da fome entre a classe proletária. Os mecanismos econômicos e políticos que se estruturam com os regimes alimentares visam garantir a acumulação capitalista através do controle da produção, industrialização, comercialização e consumo dos alimentos.

2.4.1 Os três regimes alimentares globais

São identificadas três formas de organização dos regimes alimentares dentro do capitalismo, desde o século XIX até os tempos atuais, as quais passo a destacar na sequência.

O primeiro regime alimentar global é situado no tempo de 1870 a 1930, comandado política e militarmente pela Grã-Bretanha, onde a industrialização era mais vigorosa e expandia-se. O poder econômico da Grã-Bretanha em nível mundial se expressava pela libra esterlina inglesa, que era a moeda do comércio internacional (McMichael, 2016; Coca, 2016).

O incentivo ao livre comércio foi a estratégia adotada pela Grã-Bretanha como meio para o abastecimento com alimentos importados das antigas colônias para a Europa; ao mesmo tempo em que era exportado da Europa para as colônias, projetos econômicos frutos da indústria. As ferrovias são um dos exemplos marcantes deste período, construídas nos Estados Unidos, Argentina, Brasil e tantos outros países subordinados à economia industrial da Europa. Elas serão um suporte logístico para garantir o transporte, até os grandes portos, da produção das matérias primas agrícolas que a Europa necessitava. A hegemonia britânica no comércio internacional, advinda do seu poder econômico com o desenvolvimento industrial, forçava as demais nações europeias a se enquadrarem nas regras do livre comércio. A Inglaterra era considerada *workshop of the world*, a oficina do mundo (McMichael, 2016), e precisava vender sua produção industrial para garantir as taxas de acumulação constantes.

A importação das matérias primas alimentares das colônias equacionava uma dieta padronizada para alimentar a classe trabalhadora exaurida na jornada diária de trabalho de mais de doze horas. O modelo agrícola das fronteiras coloniais foi forjado em monoculturas para suprir em escala as demandas alimentares da industrialização europeia. As áreas agrícolas e as criações de gado se formaram no mesmo método da acumulação primitiva descrito por Karl Marx. Os povos e as florestas foram dizimados ou desterritorializados para dar espaço à criação de gado e ao cultivo dos trigais. Nas Américas, como na Índia, o custo da colonização foi um holocausto ambiental e humano (McMichael, 2016).

O caso da Índia sob a dominação inglesa neste período é ilustrativo para demonstrar como as leis do livre comércio operavam sobre a colônia quanto ao fornecimento forçado de trigo para alimentar o proletariado fabril inglês. No último trimestre do século XIX houve uma grande seca que afetou a Índia e muitos países tropicais, inclusive o Brasil (seca dos anos 1870). O capitalismo inglês usou de sua força militar e tecnológica para importar o trigo indiano em plena epidemia de fome por causa da seca.

Na Índia, o colonialismo britânico dismantelou os sistemas de reservas de grãos em aldeias, uma vez que estes haviam se tornado *commodities* de exportação. Sistemas

de transporte, incluindo o telégrafo e sua capacidade de coordenar picos de preço, independente das condições locais, permitiram que mercadores transferissem estoques de grãos do interior assolado pela seca para centros de armazenagem. Assim, a Índia foi levada em ‘marcha forçada para o mercado mundial’, com as exportações de grãos subindo de 3 milhões para 10 milhões de toneladas ao ano, coincidindo com estimativa aproximada de que 12 a 29 milhões de pessoas morreram no período. Davis comenta que ‘os londrinos estavam comendo o pão da Índia’ e observa que a ‘consequência perversa de um mercado unitário era exportar fome, via inflação de preços para os pobres da zona rural em regiões de excedentes de grãos (McMichael, 2016, p 48).

O declínio do primeiro regime alimentar começa a partir da primeira guerra mundial (1914-1918), quando a depressão econômica, o desemprego urbano na Europa somados a uma ampla crise agrícola provocada pelos grãos baratos do exterior disseminou uma onda de protecionismo entre os países (McMichael, 2016, p 50).

O segundo regime alimentar global tem a centralidade do comando pelos Estados Unidos, no período de 1950 a 1970, em tempos da Guerra Fria.

Os Estados Unidos da América (EUA), após a segunda guerra mundial, assumem a hegemonia política e econômica do bloco capitalista em oposição ao bloco socialista, comandado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Os EUA eram os detentores da moeda para o comércio global, o dólar americano, lastreado pelo ouro.

O segundo regime alimentar vai se caracterizar pelo uso intensivo da produção agrícola americana e da sua indústria alimentar como meios de dominação política dos países ligados aos interesses norte-americanos. Os EUA direcionam os seus excedentes alimentares para os países estratégicos do seu império informal pós-colonial. Esse método político-comercial impunha uma lealdade anticomunista dos países ligados ao circuito comercial norte-americano. É o uso geopolítico dos alimentos em plena Guerra Fria.

A relação comercial de alimentos era assimétrica entre os países interligados no circuito. Nos EUA a agricultura era praticada com subsídios do governo para os agricultores. Isto favorecia a competitividade pró EUA nos preços dos alimentos comercializados para os países do chamado Terceiro Mundo, onde não havia política de subsídio agrícola.

A revolução verde foi outra marca do modelo de desenvolvimento da agricultura que os EUA usaram para a dominação política nos países em desenvolvimento¹⁴. A exportação do

¹⁴ A revolução verde foi uma expressão desenvolvida nos EUA durante a Guerra Fria para combater politicamente a revolução vermelha, representada pelo bloco socialista dirigido pela URSS. A revolução verde tem referência direta com o modelo de agricultura capitalista desenvolvido nos EUA e que foi implementado nas economias dependentes, os chamados países em desenvolvimento, na época, Terceiro Mundo. Tratava-se de aumentar a produtividade agrícola para “alimentar o mundo” e combater a fome. Como projeto de desenvolvimento da agricultura, ela compreende um conjunto de tecnologias produtivas controladas por empresas transnacionais (sementes híbridas e transgênicas, agrotóxicos, mecanização agrícola de grande porte, insumos e fertilizantes químicos etc.) que serão transpostas aos países em desenvolvimento. Este pacote tecnológico chega pronto e lacrado para os agricultores através dos bancos (financiamentos) e do Estado (assistência técnica, institutos de

modelo da revolução verde significava a subordinação das agriculturas dos países alinhados ao modelo americano de agricultura já comandado por empresas de sementes, indústrias de fertilizantes químicos e agrotóxicos, indústria de mecanização para agricultura e por cadeias agroalimentares. O pacote tecnológico da agricultura da revolução verde vai padronizar a produção agrícola em commodities, que serão a base do comércio internacional de alimentos.

Os EUA centralizam a articulação do segundo regime alimentar através da transnacionalização de um modelo de agricultura que eles controlam em toda a extensão do seu pacote tecnológico e através da padronização do consumo de alimentos (McMichael, 2016). Uma nova divisão internacional do trabalho na agricultura se forma a partir do modelo da revolução verde, com as especializações dos países subordinados para a produção de alguns produtos agrícolas da cadeia agroalimentar (grãos, proteína animal, leite, frutas, etc.). A monocultura será a forma produtiva na agricultura da revolução verde que vai se fortalecer e se expandir neste regime alimentar da padronização da dieta alimentar. A agricultura monocultura será a incorporadora das tecnologias industriais de máquinas, sementes e insumos químicos que são desenvolvidos em escala constante. Ocorre a industrialização da agricultura ao modo fordista da produção industrial.

A proposta política da revolução verde tinha embutida uma mensagem ideológica muito forte para o combate da fome no mundo, através do aumento da produtividade agrícola dos alimentos. *Alimentar o mundo* era a propaganda da revolução verde. Embora a produção alimentar tenha aumentado com o pacote tecnológico da revolução verde, a fome persistiu. Isto porque a distribuição dos alimentos se orientava pelas leis da mercantilização e não do alimento como direito humano. As organizações internacionais, como a FAO, estavam subordinadas aos interesses econômicos de empresas alimentares transnacionais que faziam as vendas preferenciais de alimentos para as ajudas humanitárias de combate à fome.

O declínio do regime alimentar americano teve início em 1972/1973 no processo de distensão entre os EUA e a União Soviética, quando os estoques de grãos se esvaziaram pela primeira vez no período pós-guerra. Isso gerou uma crise alimentar mundial em 1974. Essa situação foi agravada com a crise do petróleo que fez disparar os preços das energias e o

pesquisa). No Brasil, a revolução verde consolidou o modelo agrícola denominado inicialmente como *Agribusiness*. A partir dos anos 2004, a denominação foi para língua portuguesa, como *Agronegócio*. Este processo histórico se caracterizou como uma modernização conservadora da agricultura. A concentração da propriedade da terra aumentou; a expulsão dos camponeses, posseiros, povos originários, quilombolas de seus territórios foi a consequência direta. José Graziano da Silva define como ‘modernização dolorosa’ em *A Modernização Dolorosa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. Veja também Delgado, Guilherme, *Do Capital Financeiro na Agricultura à Economia do Agronegócio - Mudanças Cíclicas em meio século (1965 - 2012)* Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2012 e Pompeia, Caio. *Formação Política do Agronegócio* São Paulo: Elefante, 2021.

aumento da inflação sobre os alimentos. Estas crises obrigaram os EUA a abandonar a paridade do dólar ao ouro, definida no acordo de Bretton Woods de 1944. Isso levou o capitalismo a uma reestruturação mundial, onde as empresas e bancos passaram a ter poderes crescentes sobre os estados/governos, o que veio a dar início à era neoliberal do modo capitalista de produção (McMichael, 2016, p. 50-59).

O terceiro regime alimentar global é denominado regime alimentar corporativo, tendo início na década de 1980 até os dias atuais.

A reestruturação do capitalismo na década de 1980 resultou no neoliberalismo, onde o poder da dominação do mercado se impôs sobre o dos estados. “O neoliberalismo é uma política ideológica segundo a qual o mercado e a eficiência produtiva por meio da privatização ampliam ao máximo o crescimento econômico, tendo como corolários o encolhimento do Estado e a abolição de contratos de trabalho e salvaguarda ambientais” (McMichael, 2016, p. 214).

A denominação regime alimentar corporativo aponta para a mudança do poder político de decisão sobre os alimentos em nível global; passou dos estados-nações, como fora nos dois primeiros regimes, primeiro com a Inglaterra, depois com os Estados Unidos, para as grandes corporações alimentares. Numericamente são poucas, mas concentram o poder e a riqueza advinda do controle sobre os processos produtivos do cultivo, da industrialização e da comercialização dos alimentos em nível global.

A mercantilização dos alimentos avançou em suas formas de aumentar a acumulação e a concentração da riqueza, com a prática do princípio neoliberal de que o Estado tem que sair da economia e deixar o mercado administrar as relações comerciais. Até mesmo questões sociais graves, como a fome, conforme os defensores dos princípios neoliberais, devem ser tratadas pelo mercado através das grandes corporações que controlam os sistemas alimentares, em aliança com as instituições de governança global coordenadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), entre elas a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, sigla na língua inglesa).

A constituição da Organização Mundial do Comércio (OMC)¹⁵, em 1995, representa este modo como as corporações alimentares exercem o poder sobre o modelo de produção agrícola das commodities, a industrialização dos alimentos e a comercialização regida pelas regras do livre comércio. A OMC é a representação em nível de economia global dos novos

¹⁵ A Organização Mundial do Comércio (OMC): “instituição criada por Estados-membros em 1995 para reger as relações internacionais de comércio segundo o princípio da vantagem comparativa, pela qual se espera que os Estados se especializem na exportação de uma produção em que tenha relativa vantagem competitiva” (McMichael, 2016, p. 215).

métodos de acumulação capitalista das transnacionais dos alimentos. Ela se constituiu como a entidade de governança global de gestão do livre-comércio, onde as transnacionais alimentares e os Estados/governos combinam as regras, as regulações comerciais. Ocorre que não há harmonização e nem campo de atuação nivelado entre todas as economias envolvidas (McMichael, 2016, p. 76-77). Na prática, a assimetria do hemisfério Norte em relação ao hemisfério Sul se acentuou, especialmente com as políticas de subsídios agrícolas praticadas pelas nações do Norte.

Em todos os setores produtivos controlados pelas corporações alimentares observa-se um movimento de fusão das empresas (MONEY, 2019). Isto revela a concentração de poder e de riqueza com um pequeno número de corporações empresariais. Por isso, faz muito sentido a síntese que a cientista e ativista social, militante da Via Campesina, Vandana Shiva, expressa em relação à situação do controle dos alimentos pelas corporações transnacionais, na citação de Estevan Coca (2016). Ela afirma que é a ditadura do alimento sob o controle das transnacionais. Claramente é a mercantilização dos alimentos a serviço da acumulação capitalista para as corporações.

Se você olhar para as quatro faces que determinam nossa comida, são todas controladas por grandes corporações. As sementes são controladas pela Monsanto por meio dos transgênicos; o comércio internacional é controlado por cinco empresas gigantes; o processamento é controlado por outras cinco, como a Nestlé e a PepsiCo; e o varejo está nas mãos de gigantes como o Walmart, que gosta de tirar o varejo dos pequenos comércios comunitários e com conexões muito diretas entre os produtores de comida e os consumidores. São correntes longas e invisíveis, onde 50% dos alimentos são perdidos. Temos sim uma ditadura do alimento (Coca, 2016, p. 21).

O regime alimentar corporativo demonstra como a mercantilização da alimentação opera globalmente controlada pelas corporações. A padronização global da alimentação implica na padronização da agricultura e dos agricultores, globalmente. Trata-se de fazer negócios lucrativos em escala global com os alimentos e com a fome.

2.5 A fome como produto social no modo de produção capitalista

Josué de Castro, através dos estudos que resultaram na obra *Geografia da Fome*, demonstrou que a fome é um fenômeno social coletivo, abrangente, que se territorializa de formas desiguais no Brasil e no mundo. Ela pode se manifestar de forma epidêmica, endêmica, como subnutrição crônica, de forma parcial, de forma abrangente, oculta, mas continuamente se manifesta. Ela é um fenômeno social e histórico, portanto, as suas formas de manifestações não podem ser naturalizadas (Castro, 2004).

A desnaturalização da fome constitui-se como a sua contribuição política fundamental. Ele, com a influência da escola francesa da Geografia Humana ¹⁶, ajudou para o entendimento da fome como produto dos processos históricos da organização da produção econômica, das relações entre os seres humanos e o meio. A elaboração do seu pensar interpretativo da realidade sobre a fome seguiu o método da lógica formal (causa-efeito) que era próprio daquela escola de pensamento da geografia. Pelo caminho da lógica formal, Josué de Castro não aprofundou o estudo sobre a estrutura orgânica do sistema econômico que gera a fome e, contraditoriamente, também acumula riqueza (Ribeiro Junior, 2008; 2015; 2021). Por isso que no capítulo V da obra *Geografia da Fome*, ele aponta para o Estado a responsabilidade política de atuação para os enfrentamentos às causas do fenômeno da fome (Castro, 2004, p. 265-292).

Para as ações de combate à fome, Josué coloca em relevo o papel do Estado, como uma forma civilizatória para o restabelecimento do equilíbrio das relações entre os seres humanos e o meio. Para o exercício deste papel político, o Estado brasileiro deveria assumir a direção de um projeto de desenvolvimento nacional, superar a histórica forma de subordinação aos interesses econômicos e políticos externos. A sua análise sobre o Estado Político brasileiro é colocada com críticas fortes, quanto à sua histórica inaptidão administrativa, a qual precisa ser superada.

Em última análise, esta situação de desajustamento econômico e social foi consequência da inaptidão do Estado Político para servir de poder equilibrante entre os interesses privados e o interesse coletivo. Ou mesmo pior, entre os interesses nacionais e os dos monopólios estrangeiros interessados em nossa exploração do tipo colonial. [...] Os governos se mostraram quase sempre incapazes para impedir esta voraz interferência dos monopólios estrangeiros na marcha da nossa economia. Com uma total incapacidade do seu poder político para dirigir, em moldes sensatos, a aventura da colonização e da organização social da nacionalidade, a princípio por sua tenuidade e fraqueza potencial diante da fortaleza e independência dos senhores de terras, mandachucas em seus domínios de porteiras fechadas, indiferentes aos seus regulamentos e às ordens do Governo que viessem a contrariar os seus interesses; e, ultimamente, num contrastante exagero noutro sentido, no excesso centralizante do poder, tirando das unidades regionais quase todas as receitas e todos os direitos para depô-los nos braços um tanto curtos em espalhar benefícios, do poder central. Sempre, pois, atuando o governo com uma noção inadequada do uso das forças políticas para levar a bom termo a empresa administrativa de tão extenso território (Castro, 2004, p. 268).

Para a superação desta situação o papel do Estado/governo situa-se em pensar e dirigir um projeto nacional de desenvolvimento que promova um nivelamento reequilibrante do

¹⁶ Josué de Castro, na introdução da obra *Geografia da Fome*, afirma que o método que seguiu para sua pesquisa foi o da escola francesa da Geografia Humana, representada pelos pensamentos fecundos de Ritter, Humboldt, Jean Brunet, Vidal de la Blache, Griffith Taylor. Basicamente este método geográfico busca “localizar com precisão, delimitar e correlacionar os fenômenos naturais e culturais que se passam à superfície da terra. É dentro desses princípios geográficos, da localização, da extensão, da causalidade, da correlação e da unidade terrestre que pretendemos encarar o fenômeno da fome” (Castro, 2004, p 16). É um método interpretativo da realidade e não apenas descritivo, como fazia a antiga geografia.

conjunto econômico nacional, “através de uma melhor distribuição da riqueza e de um mais justo critério de investimentos nas diferentes regiões e nos diferentes setores das atividades econômicas do país” (Castro, 2004, p 272). O subdesenvolvimento era a condição econômica do Brasil, caracterizado pelos desníveis da distribuição da terra, da renda e do consumo entre as camadas sociais da nação. Esta era a condição histórica do país a ser superada com um projeto de desenvolvimento nacional. “Representa a política de desenvolvimento, o que se chama *necessidade histórica*, um imperativo ao qual não podemos fugir” (grifos nossos), (Castro, 2004, p. 280).

O Estado seria o responsável e o promotor das ações de desenvolvimento para a superação dos desequilíbrios que o sistema econômico provoca. Esta confiança política no papel do Estado indicava para Josué de Castro, em *Geografia da Fome*, o caminho de superação por dentro do sistema político e econômico vigente. A efetivação de um plano de reforma agrária, como já referido, era uma das necessidades históricas urgentes que Josué de Castro defendia para o aumento da produção alimentar e o combate à fome (Castro, 2004, p .286; Daros; Stedile; Sagaz, 2023).

A superação da situação da fome por dentro do sistema econômico é uma questão que remete a entender como se estrutura organicamente o sistema capitalista como um modo de organização da produção ou, como diz Karl Marx, em referência a este sistema de produção, é necessário conhecer a anatomia da sociedade burguesa (Marx, 2008, p 47).

Na continuidade deste estudo vou me auxiliar de Karl Marx para entender como se organiza a produção econômica e como a fome é um produto inerente ao modo de produção capitalista.

O modo capitalista de produção se estruturou econômica e socialmente com a Revolução Industrial, no século XVIII, na Europa, sendo a Inglaterra o polo irradiador da nova forma de organização da produção e da sociedade. O modo como a produção se organizou no capitalismo foi o que significou uma novidade histórica para a humanidade, relacionada aos modos de produção que o antecederam. Novidade porque as relações de produção e as relações sociais se modificam profundamente ao longo do processo histórico de estruturação orgânica deste modo de produção.

A instituição da propriedade privada forjou a separação entre os meios de produção e de subsistência das forças produtivas. De uma parte, a classe social que deteve a propriedade e o controle dos meios de produção e de subsistência privadamente, a burguesia; de outra, os que só permaneceram com a sua força de trabalho para vender, mediante assalariamento, o proletariado. “A sociedade tem de decompor-se nas duas classes: a dos proprietários e a dos

trabalhadores sem propriedade” (Antunes, 2004, p. 174). No livro *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848, Karl Marx e Friedrich Engels analisam que “a sociedade divide-se cada vez mais em dois campos opostos, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado” (Marx; Engels, 1998, p. 41).

Nos seus estudos, Karl Marx pontua que as explicações para entender as mudanças provocadas com o novo modo de produção devem ser buscadas nas condições materiais da existência, em suas totalidades (Marx, 2008). Esta maneira de analisar a realidade e suas transformações opunha-se tanto ao idealismo hegeliano, que as considerava como o resultado da pura evolução do espírito humano; como aos economistas liberais daquele período que assinalavam a naturalização das leis do mercado como as explicações para a organização da economia e das relações sociais no modo de produção capitalista. Adam Smith¹⁷, David Ricardo são expoentes daquele período com quem K. Marx debate estas concepções. Estas duas correntes de pensamento da época são criticadas por K. Marx porque os seus pressupostos de análise fortalecem a manutenção do status quo do modo capitalista de produção, do qual só a burguesia se beneficiava.

Marx coloca a Economia Política como seu eixo de análise para entender a anatomia da sociedade burguesa, fazendo uso do método do materialismo histórico-dialético (Marx, 2009). Este método de análise tem a contradição, a oposição dos contrários, como categoria para se entender as transformações e as mudanças econômicas e sociais ao longo da história, mantendo sempre o solo histórico como base material e ponto de partida analítico.

Essa concepção da história assenta, portanto, no desenvolvimento do processo real da produção, partindo logo da produção material da vida imediata, e na aceção da forma de intercâmbio intimamente ligada a esse modo de produção e por ele produzida, ou seja, a sociedade civil nos seus diversos estágios, como base de toda a história, e bem assim na representação de sua ação como Estado, explicando a partir dela todos os diferentes produtos teóricos e formas de consciência - a religião, a filosofia, a moral, etc. - e estudando a partir destas o seu nascimento[...] (Marx, 2009, p. 58).

Por isso, as crises, os conflitos são as situações permanentes que movimentam as relações sociais e transformam a base material do modo de produção capitalista. A tendência constante são as crises cíclicas e não o equilíbrio. “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes” (Marx, K; Engels, F, 1998, p. 40).

A conclusão dos seus estudos sobre a formação dos modos de produção é descrita didaticamente da seguinte maneira na obra *Contribuição à Crítica da Economia Política*:

¹⁷ A afirmação de Adam Smith sobre a ‘mão invisível do mercado’ que governa as relações econômicas, sempre em busca do equilíbrio, se tornou um clássico na boca dos liberais, defensores do capitalismo como modo de produção organizado pelo racionalismo e naturalmente completo. Karl Marx vai estudar a anatomia da sociedade burguesa para desvendar a sua aparente racionalidade e naturalidade, as suas contradições e as formas de reprodução econômica e social (Marx, 2004).

O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de guia para meus estudos, pode ser formulado resumidamente assim: na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência (Marx, 2008, p. 47).

O modo como é organizada a produção econômica no sistema capitalista é a base para se entender como se desenvolvem as relações sociais, a formação das classes sociais, a organização política e a elaboração das ideias dominantes (a ideologia) dessa sociedade. A produção material da existência é a base que condiciona as relações sociais e políticas e determina o modo de pensar, a formação da consciência dos seres humanos. Através das relações de produção são produzidas as mercadorias, os alimentos - a materialidade econômica - e reproduzidas as condições para a subsistência dos trabalhadores. O processo produtivo é também reprodutivo; a força do trabalho vivo se sustenta materialmente pelo que produz na fábrica, por aquilo que compra para sua alimentação com o salário. Mas também se reproduz biologicamente, enquanto classe trabalhadora. E espiritualmente também, porque condiciona um modo de ser, pensar e viver.

O salário é uma categoria fundamental para entender como as relações produtivas econômicas e sociais se engendram no modo de produção capitalista. Ele é uma medida monetária que traduz o valor da força de trabalho que o trabalhador vende para o dono dos meios de produção no processo produtivo das mercadorias. O salário é a mediação econômica entre o trabalhador que, separado dos meios de produção e dos instrumentos de trabalho pelo processo de “acumulação prévia ou original [...], mas que deveria ser chamada de expropriação original” (Antunes, 2004, p. 87), agora vende sua força de trabalho ao dono dos meios de produção, que é o que lhe restou, para garantir a sua subsistência.

O salário faz a ligação entre duas classes sociais antagônicas no modo de produção capitalista; as relações com a produção de cada uma delas são opostas. Para os donos dos meios de produção, a relação assalariada com os trabalhadores é o que permite a continuidade crescente de acumulação da riqueza produzida pelo trabalho proletário. Para os trabalhadores assalariados, significa a relação de desigualdade crescente entre o valor que lhes é pago (salário) e o valor retido (o sobre trabalho, a mais valia), não pago, que fica com o dono dos meios de produção. A parte que lhes é retida, a mais valia, é o que degrada as condições de sua subsistência. Esta situação revela que o acúmulo de riqueza e a desigualdade social; o

enriquecimento e a miséria são produzidos concomitantemente nas relações de produção capitalistas. A autovalorização do capital é uma relação sistêmica do capitalismo que se efetiva pela exploração da força de trabalho.

Marx refere-se ao capital e ao modelo de produção capitalista nos Manuscritos Econômico-filosóficos:

O capital é, portanto, o *poder de governo (Regierungsgewalt)* sobre o trabalho e os seus produtos. O capitalista possui este poder, não por suas qualidades pessoais ou humanas, mas na medida em que ele é *proprietário* do capital. O poder *de comprar (kaufende Gewalt)* do seu capital, a que nada pode se opor, é o seu poder [...] Capital é *trabalho armazenado* (Marx., 2009, p. 40) (grifos no original).

O modo de organização da produção tem a ver como o trabalho é utilizado e remunerado. No caso da produção capitalista, Karl Marx adverte que a classe trabalhadora não vende o trabalho, mas a sua força de trabalho. Porque no modo do trabalho assalariado, os trabalhadores são contratados e pagos por uma jornada, um tempo diário para trabalhar. Trabalhador escravizado é quem trabalha sem jornada definida e sem salário (Antunes, 2004, p 86 - 87). Essa diferenciação contribui para o entendimento da forma de exploração da força de trabalho que o assalariamento no modo capitalista de produção vai significar. O fundamental no tema das relações de produção é que a força de trabalho vendida/comprada, entra no circuito de produção das mercadorias, que têm seu preço, seu tempo socialmente necessário gasto para sua produção e reprodução. Sobre esta relação de compra e venda da força de trabalho, K. Marx afirma:

Ao comprar a força de trabalho do operário e ao pagar o seu valor, o capitalista adquire, como qualquer outro comprador, o direito de consumir ou usar a mercadoria que comprou. A força de um homem é consumida, ou usada, fazendo-o trabalhar, assim como se consome ou se usa uma máquina fazendo-a funcionar. Portanto, ao comprar o valor diário, ou semanal, da força de trabalho do operário, o capitalista adquire o direito de servir-se dela ou de fazê-la funcionar durante todo o dia ou toda a semana [...] E [o operário], como vendeu sua força de trabalho ao capitalista, todo o valor ou todo o produto por ele criado, pertence ao capitalista, que é dono, por um tempo determinado, de sua força de trabalho. [...] Esse tipo de troca entre o capital e o trabalho é que serve de base à produção capitalista, ou ao sistema de trabalho assalariado e tem de conduzir, sem cessar, à constante reprodução do operário como operário e do capitalista como capitalista (Antunes, 2004, p 90-92) (acréscimo nosso).

Como mercadoria, a força de trabalho é diferenciada das mercadorias que ela mesma produz na fábrica. Afinal, a produção ocorre porque há força de trabalho humana sendo gasta, mas que também é mercadoria. Então, o valor da força de trabalho se coloca como uma questão fundamental. Conforme Marx, “o valor da força de trabalho é determinado pelo valor dos meios de subsistência necessários para produzir, desenvolver, manter e perpetuar a força de trabalho” (Antunes, 2004, p. 89).

A definição sobre valor da força de trabalho estabelece uma relação com o valor monetário do salário, no sentido de quais aspectos da vida do trabalhador e da trabalhadora este

deveria garantir. Na prática, no modo de produção e reprodução capitalista, o salário deve garantir os meios de subsistência necessários para produzir, manter e perpetuar a força de trabalho. Ou seja, o salário como medida monetária, deveria atender às necessidades fundamentais da manutenção da vida dos trabalhadores em todas as suas necessidades materiais e humanas. Portanto, garantir as condições de vida para o trabalhador na produção e reprodução como trabalhador. Aqui é que se revela as diferenças entre o salário (o preço pago pela jornada de trabalho) e o valor da força de trabalho (o ser humano que trabalha).

O salário é o pagamento para o trabalhador pela jornada de trabalho, a fim de garantir a sua manutenção e reprodução social como força de trabalho à disposição do processo produtivo. Ele insere o trabalhador no circuito de produção e troca das mercadorias. Por isso, o salário representa o pagamento do custo de manutenção e de reprodução da mercadoria *força de trabalho*, a fim de que esta produza continuamente outras mercadorias, as quais serão todas apropriadas pelo dono dos meios de produção. É sabido que no processo produtivo, o montante de mercadorias que o trabalhador produz é muito superior ao preço que ele recebe como salário pela jornada de trabalho. Porque é inerente ao modo de produção capitalista a acumulação, a autovalorização do capital, que é efetivada pela atividade produtiva da força de trabalho, necessariamente. A acumulação (autovalorização) é a mais valia retida pelo dono dos meios de produção, ou seja, o valor do montante a mais de mercadorias que o trabalhador produziu na jornada de trabalho e que não lhe é retornado através do salário. A contradição fica explicitada na relação entre a remuneração salarial e a autovalorização do capital, o lucro do capitalista.

A compreensão de que a remuneração do trabalho é determinada pelo custo de reprodução da força de trabalho é crucial para a compreensão do processo de acumulação capitalista. Foi a partir dela que a análise marxiana pôde revelar que, sob o modo de produção capitalista, a remuneração do trabalho refere-se ao tempo de trabalho necessário para que a força de trabalho se reproduza, e não ao valor criado pelo trabalhador no processo produtivo. Desse modo, não há equivalência entre a remuneração e o valor criado pelo trabalho, e é exatamente nessa diferença que se encontra a mais-valia responsável pela valorização do capital. A origem dessa valorização não está, portanto, na circulação (na compra e venda de mercadorias), mas no próprio processo de produção: é na exploração do trabalho que reside a explicação para a valorização do capital (Ribeiro Junior, 2015, p. 62).

A exploração da força de trabalho combinada com o assalariamento é um eixo fundamental para compreensão da base de organização da produção no modo capitalista. Na aparência, o salário é um acordo em condições de igualdade e liberdade entre o dono dos meios de produção e o trabalhador para garantir a subsistência deste, que só tem a força de trabalho para vender e precisa viver desta troca. Na vida real não é a condição de igualdade e liberdade entre as partes que prevalece, não há uma troca de equivalências nas relações produtivas entre o dono dos meios de produção e os trabalhadores. A propriedade privada e o poder sobre os

meios de produção estão na mão da classe burguesa; os trabalhadores até podem escolher para quem trabalhar, mas não podem escolher não trabalhar (Marx, 2008; Furno; Rossi, 2023).

A separação entre os meios de produção e subsistência impõe a desigualdade e a subordinação como relações entre estas duas classes sociais. De outra parte, quem detém o controle dos meios de produção - o capital - busca continuamente a sua autovalorização. E isso só se efetiva com o aumento dos métodos de exploração sobre a natureza e da força de trabalho. Como um componente do método de exploração da força de trabalho, a fome e o risco de fome desempenham um papel silencioso, mas ativo, de “coerção muda das condições econômicas” (Marx *apud* Ribeiro Junior, 2021 p. 31). Sob a condição de ter que trabalhar para viver, os trabalhadores têm na fome um fator de pressão econômica e psicológica. Esta pressão sustenta e ajuda na manutenção da exploração do trabalho e no achatamento salarial.

A não equivalência salarial para a manutenção da força de trabalho como mercadoria diferenciada no processo produtivo, transborda para as outras necessidades da vida dos trabalhadores: a moradia, o transporte, a saúde, a educação, a alimentação, o lazer.... Estas dimensões vitais para a dignidade humana são precarizadas para a massa de trabalhadores e trabalhadoras.

O sistema capitalista se reproduz com a produção social da pobreza, do desemprego e da fome. A produção capitalista está organizada para se manter pela exploração constante da força de trabalho e a sua mercantilização pelo salário. No tocante a esta questão do salário e de sua não equivalência em relação a garantir as condições de subsistência e reprodução da força de trabalho, a denominação ‘salário de fome’ adquire sentido político e material direto na vida das pessoas (Ribeiro Junior, 2015; 2021). No Brasil, inclusive, a denominação “salário-mínimo” diz muito em relação a este significado¹⁸.

A fome, dentro do modo de produção capitalista, revela a contradição sistêmica do próprio capitalismo. Ela é produzida pelas relações de produção desiguais e transferida para os

¹⁸ Faz sentido destacar que o salário-mínimo foi instituído no Brasil em 01 de maio de 1940, através do Decreto-Lei nº 2.162, no governo de Getúlio Vargas, com o objetivo de proteger os trabalhadores contra as diferenças salariais que cada empresa oferecia como pagamento. Basicamente o salário-mínimo deveria garantir as condições de vida (moradia, alimentação, vestuário, saúde) para uma família de 4 pessoas. É o período histórico da urbanização e industrialização do Brasil. As questões alimentares, nutricionais e higiênicas da população brasileira assumem sentido político para o governo da época. A instituição do salário-mínimo situa-se neste momento de transformações econômicas e sociais. Os estudos de Josué de Castro sobre fome, alimentação e nutrição contribuíram para esta iniciativa do governo Vargas. Josué de Castro vai atuar no SAPS - Serviço de Alimentação da Previdência Social - órgão do governo cujo objetivo principal era “assegurar condições favoráveis e higiênicas à alimentação dos segurados dos Institutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões subordinados ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio” (Vasconcelos, 2005, p 442). Atualmente, o valor do salário-mínimo no Brasil é R\$1.518,00. Considerando os objetivos desde sua instituição, com as correções monetárias ao longo do tempo, o valor atualizado para agosto de 2025 do salário-mínimo deveria ser R\$ 7.147,91. Veja DIEESE. Análise da cesta básica. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em: out. 2025.

trabalhadores, a sociedade em geral e para o Estado. Neste sentido, no modo de produção capitalista, a fome é um produto social da exploração econômica da força de trabalho, que está separada dos meios de produção e de subsistência. Ela compõe a cesta de desigualdades produzidas pela estrutura orgânica do capitalismo assentada na exploração do trabalho.

Karl Marx assinala que no processo de produção e circulação das mercadorias, compreendendo os espaços de produção, distribuição, troca e consumo, a produção é o espaço determinante das relações econômicas e das relações sociais; é o espaço da reprodução dessas relações, porque ela é um processo social por princípio. Analisar a produção é analisar a sociedade onde ela acontece, a forma como estão distribuídos os bens de produção, as relações sociais, as formas de consumo (Marx, 2008, p 238-244). “Uma [forma] determinada da produção determina, pois, [formas] determinadas do consumo, da distribuição, da troca, assim como relações recíprocas determinadas desses diferentes fatores” (Marx, 2008, p .257).

A manifestação social da fome relaciona-se diretamente ao modo como a produção se organiza e se efetiva. A distribuição dos alimentos está condicionada à forma da produção econômica; ela não é um espaço autônomo nas relações de trocas. Neste sentido, o combate à fome terá mais eficácia nas mudanças das relações de produção do que nas formas de distribuição de alimentos. As mudanças nas relações de produção remetem a mudanças estruturais no modo de produção capitalista, porque nos fundamentos da produção capitalista está a produção da fome. Ela não é uma manifestação de falhas ou anomalias do funcionamento do sistema; ela é decorrência do funcionamento ‘normal’ do modo capitalista de produção (Ribeiro Junior, 2015; 2021).

Entender a fome como uma produção social do sistema capitalista de produção é fundamental para a percepção das propostas políticas das organizações e dos governos para o seu combate e/ou convivência com o problema.

2.6 As formas de medição da fome

Neste tópico do trabalho pretendo tratar da questão da mensuração da fome, abordando as conceituações da segurança e insegurança alimentar. Situar estes conceitos no tempo histórico e político de suas formulações e como foram sendo incorporados pelas organizações de governança global, como a FAO, para determinar as linhas políticas do combate à fome aos governos dos países do Sul Global.

2.6.1 Segurança e Insegurança Alimentar

As experiências traumáticas das duas guerras mundiais no século XX foram cenários políticos que demonstraram o significado e importância dos alimentos para a soberania das nações, especialmente para as que se envolveram diretamente nos conflitos e ficaram na dependência externa do fornecimento dos alimentos. Foi no contexto histórico destas guerras, com o uso geopolítico dos alimentos, como armas de guerra e dominação, que o conceito de segurança alimentar foi sendo elaborado, relacionando-se com a segurança nacional e soberania das nações (McMichael, 2016; Maluf; Menezes; Marques, 2000; Blümke, 2021).

Renato Maluf et al. (2000) analisa a construção do conceito de segurança alimentar situada no contexto das duas guerras mundiais, tendo como foco a questão da alimentação.

A alimentação seria, assim, uma arma poderosa, principalmente se aplicada por uma potência em um país que não tivesse a capacidade de produzir por conta própria e suficientemente seus alimentos. Portanto, esta questão adquiria um significado de segurança nacional para cada país que não tivesse a capacidade de produzir por conta própria e suficientemente seus alimentos, apontando para a necessidade de formação de estoques “estratégicos” de alimentos e fortalecendo a ideia de que a soberania de um país dependia de sua capacidade de autossuprimento de alimentos (Maluf; Menezes; Marques, 2000, n/p).

A criação da FAO¹⁹, em 1945, como a agência das Organizações das Nações Unidas (ONU), responsável pela agricultura e os alimentos, colocou a questão alimentar como eixo político estratégico da nova ordem mundial, que se conformou ao final da segunda guerra mundial. No mundo ocidental, dois polos se formaram: o polo capitalista hegemônico pelos Estados Unidos da América (EUA) e o polo socialista liderado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A tensão entre estes dois pólos econômico-políticos foi o que caracterizou o período da Guerra Fria, que se estendeu até o final dos anos 1980. O controle sobre a produção de alimentos e as situações de fome nos países dependentes em cada pólo, neste período histórico, foram fatores da geopolítica de disputa permanentes entre os Estados Unidos e a Rússia. As ações de cooperação internacional para ajudar os países afetados pela fome eram também ações de disputas políticas dos projetos capitalista (EUA) e socialista/comunista (URSS).

As relações geopolíticas, envolvendo a questão da fome e dos alimentos, são analisadas por Sandro Pereira da Silva (2014) desta maneira:

Nesse delicado cenário, os Estados Unidos, líder do bloco capitalista, viu-se na necessidade de fortalecer sua área de influência em todos os continentes, para frear a

¹⁹ A FAO foi instituída em 16 de outubro de 1945 pela ONU como uma agência especializada no combate à fome e à desnutrição no mundo, tendo como lema *fiat panis* (haja pão). Em nível mundial com seus 194 países membros apoia o programa Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) composto por 17 metas. A meta 2 do programa é: Erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável. A sede da FAO, desde 1951, está localizada em Roma, Itália. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/2>. Acesso em: out. 2025.

expansão do domínio comunista liderado pela União Soviética. Nessa guerra de posições, a fome e a pobreza deveriam ser combatidos por meio de cooperações internacionais, para evitar que se configurassem quadros de instabilidade social e política em países pobres que pudessem desencadear processos revolucionários. Portanto, o combate à fome em escala internacional passou a ser um elemento estratégico importante no jogo de disputas pelo controle geopolítico mundial (SILVA, 2014, p. 9).

As ações da FAO em relação à temática da fome se pautaram pela concepção econômica de que o aumento da produção mundial de alimentos era fundamental para combater a fome, através da distribuição de alimentos. Esta linha política de ação orientava-se para a expansão e o fortalecimento do modelo de produção agrícola e alimentar capitaneado pelos EUA no pós-guerra, ao qual já fiz referência neste texto, no tema dos regimes alimentares.

A proposta de segurança alimentar desenvolvida pela FAO se efetivou através de distribuição de alimentos aos países em situação de fome, principalmente quando atingidos por eventos climáticos como secas, enchentes, ou surtos de doenças nos cultivos agrícolas. Os alimentos distribuídos eram os produzidos no modelo de agricultura intensiva praticada nos países capitalistas desenvolvidos com o pacote tecnológico da Revolução Verde. O que era distribuído era o excedente da produção agrícola norte-americana. Estes alimentos serviam de propaganda econômica para implementar o modelo agrícola nos países alinhados com os EUA; mas também eram armas de dominação política, porque era exigida a subordinação aos interesses capitalistas norte-americanos. Nos anos 1950-1960, as ações da FAO de combate à fome tiveram na distribuição dos excedentes agrícolas norte-americanos o modo mais praticado.

No período da expansão da revolução verde nos anos 1960, a fome e as políticas para seu combate continuaram como bandeiras políticas constantes nos discursos presidenciais norte-americanos. Em fevereiro de 1966, o presidente Lyndon B. Johnson propôs ao congresso americano que os Estados Unidos liderassem “uma guerra contra a fome” (Pompeia, 2021, p. 59). Esta ação política sinalizou uma mudança de foco dos EUA e das entidades de governança global, como a FAO, em relação à fome.

Às ações de distribuição dos excedentes agrícolas, que prevaleciam até aquele momento, deveriam ser ampliadas com “políticas de apoio à produção interna nos países cujas populações apresentassem alta prevalência de insegurança alimentar e estivessem na órbita dos Estados Unidos” (Pompeia, 2021, p. 59). A concepção era a de que a fome nos países periféricos seria combatida mais eficazmente com o aumento da produtividade agrícola. Para atingir esta meta era necessária a implementação de um novo modelo agrícola, o da revolução verde, com a transferência tecnológica direta pelos países centrais do capitalismo.

No jogo das relações de dominação, o modelo agrícola e os alimentos são os vetores econômicos e políticos que os Estados Unidos fazem uso para manter os países do Sul global subjugados. A FAO e o Banco Mundial cumprem o papel político e social de tratar as questões da fome, da pobreza, da insegurança alimentar como anomalias ou falhas do sistema. Anomalias passíveis de correções se adotadas as tecnologias de produção agrícola da revolução verde.

A construção do conceito de segurança alimentar segue a ideia da necessidade de adoção de medidas econômicas pelos países periféricos para alcançarem o nível de desenvolvimento econômico que os países do centro capitalista alcançaram. A FAO segue a fundamentação econômica de que uma relação equilibrada entre oferta (produção) e procura de alimentos (demanda) favorece o ambiente de segurança alimentar. Por esta concepção de base econômica, a renda é um fator determinante para analisar a situação de quem passa fome ou não, pois o acesso aos alimentos se faz através dela (Blümke, 2021).

A FAO e o Banco Mundial desenvolveram os parâmetros de base econômica para mensurar a fome e a pobreza no mundo, conjugadas aos níveis de segurança e a insegurança alimentar nos países. A FAO utiliza o índice de ‘prevalência de desnutrição’ (*Prevalence of Undernourishment - PoU*), que “é uma estimativa da proporção da população cujo consumo alimentar habitual é insuficiente para fornecer os níveis de energia dietética necessários para manter uma vida ativa e saudável. É expressa em porcentagem”²⁰. O Banco Mundial utiliza o índice da ‘linha de pobreza’, que é a renda mínima necessária para uma pessoa viver com as condições básicas de vida, o que inclui não passar fome. É expressa em dólar. Os valores variam entre os países. No Brasil, conforme IBGE (2024), o valor da renda da linha de pobreza é R\$665,00/mês ou U\$6,85 PPC (paridade do poder de compra) por dia²¹.

A revolução verde se expandiu globalmente como plano estratégico para o desenvolvimento da agricultura frente às demandas da suposta “guerra contra a fome”, mas, como a realidade histórica aponta, através dos próprios relatórios anuais publicados pelos organismos da ONU, a fome continua a ser uma realidade na vida de milhões de pessoas no mundo.

²⁰ FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). 2.1.1 Prevalence of undernourishment. Roma: FAO, [2026]. Disponível em: <https://www.fao.org/sustainable-development-goals-data-portal/data/indicators/2.1.1-prevalence-of-undernourishment/en>. Acesso em: out. 2025.

²¹ BELANDI, Caio. Em 2021, pobreza tem aumento recorde e atinge 62,5 milhões de pessoas, maior nível desde 2012. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 2 dez. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35687-em-2021-pobreza-tem-aumento-recorde-e-atinge-62-5-milhoes-de-pessoas-maior-nivel-desde-2012>. Acesso em: out. 2025. Ver também: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Taxa de pobreza nacional (SIS/IBGE). Ipeadata, Brasília, 12 maio 2026. Disponível em: <https://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerieR.aspx?stub=1&serid=2096726934&MINDATA=2012&MAXDATA=2030&TNIVID=0&TPAID=1&module=S>. Acesso em out. 2025.

Os relatórios conhecidos como SOFI²² (The State of Food Security and Nutrition in the World) demonstram que a fome é uma situação de desumanização para as populações dos países do sul global. O relatório SOFI publicado em 2022 traz as informações com números da fome no mundo, agravada pela pandemia do COVID-19.

Apesar das esperanças de que o mundo emergisse da pandemia de COVID-19 e a segurança alimentar começasse a melhorar, a fome mundial aumentou para 828 milhões em 2021, após um forte aumento em 2020, em meio à pandemia de COVID-19. A insegurança alimentar grave tornou-se mais prevalente, com 11,7% da população global enfrentando níveis severos de insegurança alimentar. O número de pessoas que não conseguem pagar por uma dieta saudável em todo o mundo também aumentou em 112 milhões – para quase 3,1 bilhões, fornecendo evidências adicionais de que mais pessoas não tinham acesso a alimentos seguros, nutritivos e suficientes (Unicef, 2022).

A construção dos conceitos segurança e insegurança alimentar contribuem para dimensionar os números e a geografia de avanços e recuos da fome ao longo dos anos no mundo. Os relatórios do SOFI são as descrições com mais detalhes da realidade da fome nos países dos cinco continentes. A força política do conceito segurança alimentar elaborado pelos organismos da ONU se conecta às políticas públicas que nos países são elaboradas como iniciativas de combate à fome. Neste sentido, as conexões de combate à fome iniciadas lá nas décadas de 1950, continuam a ser efetivadas por propostas com base na distribuição de alimentos ou de renda, sem propostas de mudanças no modo de organização da produção, que é quem produz a fome. O Brasil é um dos países que implementou e implementa estas políticas públicas de combate à fome, como falarei mais adiante. O Programa Fome Zero foi uma experiência político-econômica de combate à fome que marcou nossa história recente.

2.6.2 EBIA: a mensuração da fome no Brasil

A busca por uma mensuração da fome revelou-se ao longo dos anos de pesquisas como uma construção bastante complexa, envolvendo olhares político-ideológicos e análises científicas diversas sobre os materiais coletados na realidade. Josué de Castro expressou a dificuldade ao tratar o fenômeno da fome nas suas diversas formas de manifestação; ele usou a

²² SOFI é um relatório anual produzido e publicado pela ONU, através dos seus organismos (FAO, UNICEF, FIDA, PMA, OMS). O primeiro relatório SOFI foi publicado em 1999. Ele monitora o progresso rumo à erradicação da fome e à melhoria da segurança alimentar e nutricional. Fornece análises sobre os desafios a serem enfrentados na implementação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), a Agenda 2030 da ONU. As metas dos ODS 2.1 (erradicação da fome no planeta) e 2.2 (erradicação da desnutrição) são as bases de análise do SOFI. Observa-se que segurança alimentar e nutricional é a conceituação referencial para tratar desta situação social que assola milhões e até bilhões de pessoas no planeta. A renda econômica é um fator da análise para o acesso à alimentação das populações em situação de fome. Veja os textos disponíveis em: <https://www.fao.org/publications/fao-flagship-publications/the-state-of-food-security-and-nutrition-in-the-world/2022/es> e <https://obha.fiocruz.br/?p=1592>. Acesso em: out. de 2025.

denominação “fomes coletivas que atingem as grandes massas humanas” (Castro, 2004, p. 18) como indicativo das diferentes características da fome como fenômeno social. Ele optou por tratar o fenômeno da fome qualitativamente, justificando que o “método estatístico com sua tendência substancial para os grandes agrupamentos e para a homogeneização dos fatos não nos poderia dar em seus painéis genéricos uma noção exata de certas nuances, das gradações de cores que se reveste o fenômeno [...]” (Castro, 2004, p. 265).

A opção pela análise qualitativa da fome foi a contribuição que Josué de Castro desenvolveu com suas pesquisas de campo e na prática clínica-médica para demonstrar como uma alimentação deficitária nutricionalmente afeta silenciosa e prolongadamente a existência das populações que sofrem com a insegurança alimentar e a fome. A fome endêmica é a que, aparentemente, não se vê, por isso é mais difícil de ser quantificada com medidas. As pesquisas para medir a fome vieram depois de Josué de Castro. Mas os seus trabalhos estimularam a importância da conexão de outros olhares científicos para a questão da fome.

A primeira medida da fome foi elaborada pela FAO nos anos 1970, devido às sucessivas crises alimentares provocadas pelas secas nos países africanos nas duas décadas anteriores (Ribeiro Junior, 2021). As catástrofes climáticas, como as secas, impunham necessidades de ajudas humanitárias emergenciais da parte dos países dos blocos econômicos hegemônicos ainda na Guerra Fria. Tanto os EUA como a Rússia procuravam garantir aliados com as ajudas humanitárias. Os Estados Unidos faziam valer a sua força política na guerra de posições com a Rússia através do direcionamento das ações da FAO de combate à fome como forma de combate ao avanço do projeto das ideias comunistas do bloco russo (SILVA, 2014; Blümke, 2021).

Neste contexto político, em 1974, realizou-se a Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Alimentação, em Roma. Neste evento a questão da quantificação da fome foi assumida como uma necessidade política a ser definida para determinar as formas das ajudas humanitárias aos países atingidos, tanto pela fome epidêmica (secas, guerras) como pela fome endêmica (insegurança alimentar, desnutrição). O bloco dos países capitalistas desenvolvidos buscava uma explicação para as crises do próprio modelo capitalista naquele período, agudizadas pela fome, e quais as medidas de tratamento para a sua superação. Para desenvolver ações efetivas de combate à fome, a sua quantificação se tornou uma necessidade fundamental. Porque a sua mensuração possibilita a formulação de políticas, a movimentação de recursos financeiros, de acordo com a dimensão do problema da fome nos países (Ribeiro Junior, 2021).

O indicador de ‘Prevalência de Desnutrição’ (*Prevalence of Undernourishment - PoU*) foi elaborado neste contexto político mundial da baixa dos estoques de alimentos, do aumento

inflacionário dos seus preços e dos surtos de secas prolongadas em países africanos. O estatístico indiano, Pandurang Sukhatme, que trabalhou na FAO entre 1951 e 1972, foi quem elaborou uma medida para lidar com as crises da fome e a mensuração dos casos mais graves. Este indicador leva em consideração o consumo e necessidade de energia (ingestão de calorias) da população de cada país no período de 12 meses. O resultado da aferição aponta a proporção de indivíduos cuja ingestão de calorias, durante um ano, ficou abaixo dos requisitos mínimos estabelecidos (Ribeiro Junior, 2021).

Este é o indicador utilizado pela FAO que busca quantificar o número de indivíduos em situação de carência alimentar e fome através de uma medida de disponibilidade calórica média diária per capita ao longo do tempo. É um indicador per capita, definido a partir de um cálculo que busca avaliar a insegurança alimentar na amplitude populacional do país.

Conforme Kepple; Segall-Corrêa, o cálculo da definição do indicador da prevalência de desnutrição da FAO é composto da seguinte maneira:

Esse indicador de disponibilidade calórica **per capita** é calculado a partir do balanço entre alimentos produzidos, exportados e as estimativas de desperdício, sendo o valor resultante transformado em calorias e dividido pelo número de habitantes. Esses valores disponíveis são avaliados cotejando-os com os requerimentos mínimos, ponderados por sexo e idade, para cada país (Kepple; Segall-Corrêa, 2011, p. 189).

Importante destacar que este indicador é uma forma indireta de avaliar a segurança alimentar e a fome nos diferentes países, porque o cálculo se baseia sobre a produção alimentar do país dividida pela população. O resultado é a medida da disponibilidade calórica média diária per capita para o país. Para complementar esta avaliação foi desenvolvido o indicador da renda/linha de pobreza, empregado pelo Banco Mundial. Trata-se da definição da renda mínima necessária para a família ou indivíduo acessar(comprar) os alimentos que garantem a ingestão das calorias básicas diárias para a satisfação das necessidades vitais.

Considera-se como justificativa desta proposta que o grau de carência alimentar está diretamente associado ao nível da renda da família ou do indivíduo. [...] Em geral, estabelece-se o valor monetário mínimo per capita necessário para a compra de uma cesta básica de alimentos, além de outros itens essenciais para a sobrevivência, tais como os de saúde, educação, transporte e vestuários, e que, portanto, passam a constituir um valor de rendimento a partir do necessário para a compra de uma cesta básica de alimentos, além de outros itens essenciais para a sobrevivência, tais como os de saúde, educação, transporte e vestuários, e que, portanto, passam a constituir um valor de rendimento a partir do qual estaria garantido aos indivíduos um consumo calórico previamente definido. Na maioria das vezes, adota-se a recomendação da FAO de consumo calórico ideal, para um adulto, de 2.200 Kcal ou um percentual deste valor. Convenciona-se que estão na condição de indigência e, por consequência, em risco de insegurança alimentar ou fome os indivíduos ou famílias com renda per capita abaixo do valor mínimo necessário para garantir o consumo estabelecido (Kepple; Segall-Corrêa, 2011, p. 189).

Os dois indicadores se complementam para analisar os níveis da segurança alimentar e da pobreza nos países. A sua aplicação serve como comparativo entre países, mas não é adequada para análises locais ou regionais/estaduais (Kepple; Segall-Corrêa, 2011).

Nos anos 1980, surgiram novas pesquisas para mensuração da fome. Já eram os anos de estruturação das medidas econômicas do neoliberalismo nos países centrais do capitalismo, como os Estados Unidos. As desigualdades sociais se acentuaram com as novas formas de acumulação de riqueza operadas politicamente pelo ataque aos direitos trabalhistas, com cortes de orçamentos nos gastos sociais, pela privatização dos serviços públicos, pela flexibilização das relações de trabalho e o desemprego em altos índices (Harvey, 2012). As situações de empobrecimento obrigaram milhares de pessoas a buscar ajudas com entidades assistenciais privadas, inclusive para ter o que comer diariamente.

A manifestação social de situações de fome no país norte-americano provocou as novas pesquisas para sua identificação e mensuração; situações menos severas de fome que os indicadores, como os da FAO, não captavam na realidade particularizada, regional ou localmente, num estado ou município.

Considerou-se, nessa ocasião, que os indicadores tradicionais, tais como as medidas antropométricas, não mais atendiam às necessidades, principalmente porque a obesidade estava cada vez mais presente na população carente daquele país. Entendia-se, também, que a experiência da fome tem aspectos sociais e psicológicos e que nem sempre apresenta consequências físico-biológicas (Kepple; Segall-Corrêa, 2011, p 192).

As pesquisas foram desenvolvidas de forma qualitativa e quantitativa com questionários aplicados diretamente com pessoas que viviam a situação de fome nos seus domicílios: ou pela completa falta de alimentos (privação) e/ou pelo risco iminente de sua falta. As pesquisadoras estadunidenses Kathy Radimer, da Universidade de Cornell, e Cheryl Wehler, da Organização não Governamental: Projeto Comunitário para Identificação da Fome Infantil (Community Childhood Hunger Identification Project - CCHIP), foram as coordenadoras das pesquisas para a identificação e mensuração da fome que serviram de base para a elaboração da Escala Americana de Segurança Alimentar Domiciliar dos Estados Unidos (Ribeiro Junior, 2021; Kepple; Segall-Corrêa, 2011).

Na pesquisa coordenada por K. Radimer foram entrevistadas 32 mulheres que relataram terem experienciado a situação de fome ou experimentado o seu risco. As entrevistas indicaram que a fome como fenômeno social é um processo progressivo que se manifesta tanto pela falta de alimentos como pela intensidade de risco de faltar (efeito psicológico).

O projeto de pesquisa coordenado por C. Wehler teve como público-alvo adultos e crianças que buscavam ajudas assistenciais, como alimentação, junto à ONG. A pesquisa

contribuiu para a visibilidade do número crescente de pessoas que buscavam ajudas naquele contexto de aumento da desigualdade pelas medidas econômicas neoliberais. O instrumento da pesquisa tratou de relacionar “a falta de dinheiro para a compra de alimentos, a suficiência de alimentos em termos de quantidade e variedade e refeições diminuídas ou excluídas (puladas)” (Kepple; Segall-Corrêa, 2011, p 193).

A combinação de fatores como a quantidade e a qualidade dos alimentos, a preocupação e a sensação de privação, a ruptura forçada com os hábitos tradicionais de alimentação foram os aspectos observados para o entendimento da multifacetada manifestação da fome na realidade da vida das pessoas. As observações das pesquisas demonstraram que “a fome revelase como um fenômeno com aspectos tanto físicos quanto psicológicos e sociais” (Kepple; Segall-Corrêa, 2011, p. 192).

O resultado, depois de anos de pesquisas entre vários órgãos de governo, universidades e entidades não governamentais norte-americanas, foi a elaboração da Escala Americana de Segurança Alimentar Domiciliar dos Estados Unidos. Na elaboração desta escala de mensuração da fome houve a mudança conceitual de ‘fome’ para ‘insegurança alimentar (IA)’. Os quatro níveis definidos ficaram como: segurança alimentar, insegurança alimentar leve, insegurança alimentar moderada, insegurança alimentar severa (que é a fome).

Esta metamorfose conceitual retira a força política e o peso social da nomeação da fome para um problema social grave. A suavização, a atenuação, através das mudanças terminológicas, para referir-se a este sério problema humano e social reforça a concepção de que a fome é uma anomalia do sistema de produção, podendo ser corrigida com políticas formuladas pelos que administram o próprio sistema que produz a fome; é uma forma de ocultamento da fome (Ribeiro Junior, 2015; 2021).

No Brasil, em 2004, foi elaborada a Escala Brasileira da Insegurança Alimentar (EBIA), a partir da adaptação para nossa realidade do modelo da escala norte-americana. O contexto histórico brasileiro era o da implementação das medidas políticas e econômicas de combate à fome através do Programa Fome Zero (PFZ). Tratava-se da elaboração de indicadores diretos para quantificação da população sujeita à insegurança alimentar e dos meios apropriados de acompanhamento e avaliação das políticas públicas desenvolvidas para o seu combate através do PFZ.

No processo de elaboração da EBIA houve duas mudanças importantes em relação à escala americana de segurança alimentar: adequação de linguagem e redução do tempo de referência dos eventos de interesse de 12 meses para 3 meses anteriores à entrevista. O questionário elaborado pela EBIA tem 15 questões (o estadunidense, 18) que são aplicadas

diretamente nos domicílios, considerando pontuação distinta para famílias com menores de 18 anos e famílias sem menores de 18 anos. A pontuação para o nível de segurança alimentar tem que ser zero; para os níveis de insegurança alimentar leve, insegurança alimentar moderada e insegurança alimentar grave vai de um a quinze pontos em famílias com menores de 18 anos. Em famílias sem menores de 18 anos, a pontuação para estes três níveis de insegurança alimentar varia de um a oito pontos (Segall-Corrêa; Marin-Leon, 2009, p. 7-8).

O processo construtivo da EBIA foi realizado em duas etapas, envolvendo quatro áreas urbanas e cinco áreas rurais, representativas dos hábitos alimentares particulares e dos diferentes graus de desenvolvimento socioeconômico. A primeira etapa (qualitativa) foi a realização de cinco painéis com especialistas para a elaboração de indicadores rurais de avaliação da insegurança alimentar. A segunda etapa (quantitativa) consistiu na aplicação dos inquéritos populacionais para uma amostragem intencional sobre a situação da insegurança alimentar na vida das famílias. Foram inquiridas 717 famílias em quatro áreas urbanas e 1.150 famílias em cinco áreas rurais, tendo a questão da renda e o consumo diário de alimentos como recortes principais para escolha dos entrevistados. Nas áreas urbanas foram entrevistadas famílias de renda média, média baixa, baixa e muito baixa; nas áreas rurais, famílias de trabalhadores rurais permanentes, temporários, agricultores familiares tradicionais, agricultores assentados da reforma agrária, agricultores ribeirinhos e remanescentes de quilombos (Kepple; Segall-Corrêa, 2011).

A EBIA se consolidou como instrumento de alta validade para a avaliação da insegurança alimentar, tanto para estados, municípios e país. Desde 2004, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aplicou em cinco ocasiões (2004, 2009, 2013, 2017/18, 2023) a EBIA para avaliar a fome no Brasil²³.

O propósito dessa escala de indicadores é o de medir, diretamente, a percepção de insegurança alimentar e fome em nível domiciliar, o que possibilita a estimativa de sua prevalência na população. Representa uma ferramenta cuja contribuição para mensuração da dimensão do acesso aos alimentos ganha força atualmente em nível internacional. [três avanços importantes da EBIA] ... (1) menos ênfase no uso de indicadores de disponibilidade e utilização de alimentos e mais no uso de medidas de acesso aos alimentos; (2) mudança de enfoque nas medidas objetivas para as subjetivas; e (3) ênfase crescente na mensuração fundamental (direta) em vez de medidas indiretas. Essa escala reflete cada um desses avanços e representa uma evolução na conceitualização da SAN (Kepple; Segall-Corrêa, 2011, p. 195).

A confiabilidade da EBIA vem especialmente porque sua conceitualização e os seus conteúdos têm enraizamento social com quem sente e convive com a realidade da insegurança

²³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Conceitos para a análise da segurança alimentar no Brasil. Nota técnica 01/2021 da Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF 2017-2018. Rio de Janeiro: IBGE, 6 out. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/novo-portal-destaques/31825-conceitos-para-a-analise-da-seguranca-alimentar-no-brasil.html>. Acesso em: out. 2025.

alimentar e fome. A referenciação da fome com a realidade de quem a sente em suas diferentes graduações torna a EBIA um instrumental analítico adequado para avaliação da situação alimentar e da fome em diferentes escalas geográficas. Isto favorece a formulação de políticas públicas focadas para esta problemática, com as avaliações dos seus resultados nos municípios, estados e país.

3 A ORGANIZAÇÃO DA CAMPANHA MÃOS SOLIDÁRIAS E AS AÇÕES SOLIDÁRIAS DE COMBATE À FOME E AO COVID-19 – ‘O POVO CUIDANDO DO POVO’

Quem tem fome, tem pressa! (Betinho)

No percurso da redação deste trabalho de pesquisa, tratarei neste segundo capítulo sobre o processo geo-histórico da organização da Campanha Mãos Solidárias (CMS), em Recife, Pernambuco, logo no início da pandemia do Covid-19, em março de 2020, até o ano de 2022. Foi em 11 de março de 2020 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza o Covid-19 como uma pandemia, devido à sua ampla disseminação geográfica no mundo²⁴.

A provocação política para a organização da Campanha Mãos Solidárias emergiu no contexto inicial da contaminação do coronavírus no Brasil. Houve, naquele período, uma sobreposição de dois problemas sociais graves: a crise sanitária da contaminação pelo coronavírus (Covid-19) e a crise social da fome.

A coexistência da contaminação pelo Covid-19 com o aumento dos índices da fome é o que caracteriza a situação como sindemia. Isto porque houve a junção entre duas situações sérias de adoecimento humano, ou seja, da potencialização para a vitimização de milhares de pessoas. A epidemia da fome e a contaminação pelo coronavírus se potencializaram sinergicamente para o crescente número de vítimas.

Sindemias são caracterizadas pela interação entre duas ou mais doenças de natureza epidêmica com efeitos ampliados sobre o nível de saúde das populações. Ainda de acordo com a teoria, os contextos social, econômico e ambiental, que determinam as condições de vida das populações, potencializam a interação entre as doenças coexistentes e a carga excessiva das consequências resultantes. Assim, as doenças se agrupam desproporcionalmente afetadas pela pobreza, exclusão social, estigmatização, violência estrutural, problemas ambientais, dentre outros (Bispo Júnior; Santos, 2021)²⁵.

O quadro de desigualdade social no Brasil, agravado pelas políticas econômicas neoliberais em curso naquele período, foi um fator que favoreceu a disseminação da contaminação do Covid-19. Desemprego, precariedade das condições de trabalho, falta de saneamento básico, inflação dos preços dos alimentos, condições precárias de moradia nas periferias urbanas, racismo estrutural, sucateamento das políticas públicas para o fomento da produção de alimentos e para a realização da reforma agrária etc. são problemas sociais com os

²⁴ ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Histórico da emergência internacional de COVID-19. Brasília: OPAS/OMS, [2026]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19>. Acesso em: nov. 2025.

²⁵ BISPO JÚNIOR, J. P.; SANTOS, D. B. dos. COVID-19 como sindemia: modelo teórico e fundamentos para a abordagem abrangente em saúde. Cadernos de Saúde Pública, v. 37, n. 10, p. e00119021, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00119021>. Acesso em: abr. 2026.

quais o país aprofundava sua crise social e política sob o governo de Jair Bolsonaro (PL). “As interações das doenças nos níveis biológico e populacional são amplificadas diante de condições de vulnerabilidade estrutural e extrema desigualdade” (Bispo Júnior; Santos, 2021).

A gravidade desta situação era muito mais sensível para as populações em situação de vulnerabilidade social, os moradores de rua, e as populações das periferias, onde as condições de moradia, de saúde e de trabalho, historicamente, são precárias. Estes serão os públicos com os quais as ações de solidariedade ativa vão dialogar, através dos alimentos e das atividades formativas de agentes de saúde e alimentação nos territórios.

A ação do Estado, especialmente do governo federal comandado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), pautada pelas medidas econômicas neoliberais, se traduzia pelo negacionismo. Em relação aos índices de aumento da fome no país, houve diversas declarações públicas do presidente e ministros, noticiadas pela imprensa, de que este problema social não existia; e, se existisse, era discurso populista de quem não conhecia a realidade²⁶. O discurso anti-ciência era desmentido pelas pesquisas sobre a fome no Brasil. Em 2020 eram 19,3 milhões de brasileiros em situação de fome; em 2022 chegou a 33,1 milhões²⁷.

Em relação à pandemia do Covid-19 a postura política necrófila e negacionista do governo Jair Bolsonaro teve custos muito graves para população, dada a letalidade da virose combinada com a calculada ausência de políticas sanitárias de prevenção e combate ao vírus. A demora deliberada para a vacinação massiva da população ceifou a vida de milhares de pessoas e gerou um clima de instabilidade política no país, alimentado pela desinformação sobre a doença do Covid-19.

Um ano após o início da pandemia, março de 2021 foi o mês com maior número de mortos por Covid-19 no Brasil: 83.160 óbitos. O total de mortes no país naquele mês foi de 190,9 mil pessoas. Portanto, 43,6% dos óbitos tiveram como causa o Covid-19²⁸. Ao final da

²⁶ JIMÉNEZ, C. Bolsonaro: "Falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira, é um discurso populista". EL PAÍS Brasil, Brasília, 19 jul. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685_513257.html. Acesso em: nov. 2025. Bolsonaro nega, por duas vezes, escalada da fome no Brasil: 'Não existe da forma como é falado'. G1, São Paulo, 26 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/08/26/ja-vu-alguem-pedindo-pao-na-porta-da-padaria-pergunta-bolsonaro-ao-falar-em-fome.ghtml>. Acesso em: nov. 2025. MATOS, Thais. Guedes questiona relatório e diz que 'é mentira' que 33 milhões de brasileiros passam fome. G1, São Paulo, 21 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/09/21/guedes-questiona-relatorio-e-diz-que-e-mentira-que-33-milhoes-de-brasileiros-passam-fome.ghtml>. Acesso em: nov. 2025. As declarações acima referidas são do presidente Jair Bolsonaro e do seu ministro da Economia, Paulo Guedes, em diferentes períodos do governo. O negacionismo das pesquisas sobre a fome daquele período, tanto a da FAO como a da Rede PENSSAN, era a nota tônica do governo Bolsonaro. No Brasil, em 2022, último ano do governo Bolsonaro, 33,1 milhões de brasileiros e brasileiras estavam em situação de fome.

²⁷ VIGISAN I (2020) e VIGISAN II (2022). Disponível: <https://olheparaafome.com.br/>.

²⁸ Estes dados são organizados pela Arpen Brasil (Associação de Registradores de Pessoas Naturais), que reúne informações dos cartórios de registro civil. MADEIRO, Carlos. Dia mais letal da pandemia no país em 2021 teve

pandemia, em março de 2023, os dados do Ministério da Saúde informam que o número de mortos pela doença do Covid-19 no Brasil chegara a 700.000²⁹. Com este número de vítimas, o Brasil ficou em 2º lugar no ranking mundial; 10% das mortes por Covid-19 no mundo foram de brasileiros e brasileiras³⁰.

3.1 A saída e a volta do Brasil ao mapa da fome

Neste tópico de desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, que tem sua origem motivadora com o aumento das situações de fome durante a pandemia do Covid-19 no Brasil, vou trazer informações sobre a realidade brasileira desta história recente. Este evento sanitário provocou inquietações e perturbações de várias intensidades mundo afora. A velocidade da contaminação pelo coronavírus (SARS-Cov-2) colocou o mundo em alerta máximo³¹.

No Brasil, naquele período, contrapondo-se às ações políticas, claramente neoliberais, do governo do presidente Jair Bolsonaro de negacionismo e deboche à contaminação pelo coronavírus e ao aumento da fome, os movimentos sociais organizaram diversas ações de solidariedade para combater estes dois flagelos sociais. A Periferia Viva constituiu-se como a articulação nacional das diversas organizações sociais que se juntaram em uma grande rede de ações solidárias para garantir estas duas necessidades humanas básicas para os setores populares empobrecidos e desassistidos pelo Estado: alimentação e saúde. *Comida no prato e vacina no braço* foi a palavra de ordem naquele momento (Britto, 2022; Sefras, 2023).

A Campanha Mãos Solidárias foi uma das articulações sociais que se organizou naquele período em que a articulação Periferia Viva coordenava nacionalmente as ações de combate à fome através do método da solidariedade ativa³².

mais mortes que dezembro. UOL Notícias, Maceió, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimasnoticias/redacao/2022/01/17/dia-mais-letal-da-pandemia-no-pais-teve-mais-mortes-que-dezembro-de-2021.htm>. Acesso em: nov. 2025.

²⁹Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: nov. 2025.

³⁰ MORTES por Covid-19 ultrapassam 700 mil no país em três anos. Guia do Estudante, [s. l.], 20 mar. 2023. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/curso-enem/mortes-por-covid-19/>. Acesso em: nov. 2025.

³¹ Sobre esta nomenclatura que a pandemia da Covid-19 trouxe para a realidade social, é importante entender e distinguir: Coronavírus: nome dado a uma extensa família de vírus que se assemelham e já infectaram os humanos de muitas maneiras. Dentro dessa família há vários tipos de coronavírus, inclusive os chamados SARS-CoVs (a síndrome respiratória aguda grave, conhecida pela sigla SARS, que há alguns anos começou na China e se espalhou para países da Ásia, também é causada por um coronavírus). SARS-Cov-2: vírus da família dos Coronavírus que, ao infectar os humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Ele ficou conhecido como ‘novo coronavírus’ porque até há pouco tempo não era transmitido entre os humanos. Covid-19: É a doença causada nos seres humanos pela infecção do vírus SARS-Cov-2. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>>. Acesso em: out. 2025.

³² A conceituação ‘Solidariedade Ativa’ assumida como princípio político e metodológico de organização e ação da Campanha Mãos Solidárias demarca uma contraposição ao conceito de ‘Solidariedade AS (Solidariedade

Na contextualização histórica de onde este trabalho de pesquisa se situa, considero importante trazer informações sociais, econômicas e políticas da realidade brasileira que ajudam a entender o recrudescimento das desigualdades sociais. Porque quando o vírus causador da doença do Covid-19 chega de fora, ele se encontra com o vírus da fome aqui presente na realidade brasileira³³. Há uma sobreposição da crise sanitária em relação à insegurança alimentar e à fome, embora as preocupações suscitadas pela contaminação do coronavírus tenham gerado muito mais comoção pública devido ao seu grau de letalidade.

O Brasil foi um dos países do mundo em que o número de mortos pela Covid-19 foi o maior, considerada a população. Em torno de 700 mil mortos ³⁴. Isto foi consequência em grande parte pela postura política necrófila do governo Bolsonaro que se materializou pelo desmonte das políticas públicas de transferência de renda às classes sociais pobres, como o Bolsa Família, e pelo descaso deliberado em relação às medidas de prevenção e vacinação da população brasileira (Castilho; Lemos, 2021).

A partir do golpe do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), o Brasil viveu um retrocesso em relação a um conjunto de políticas públicas elaboradas e implementadas pelos governos do PT - Partido dos Trabalhadores - que trataram de desenvolver o país não só economicamente, observando os índices de crescimento numérico da economia, mas socialmente. Esta concepção de desenvolvimento (Neodesenvolvimentismo) implicava na diminuição dos históricos índices de desigualdade social, através de políticas estruturantes na redistribuição da riqueza produzida. Zerar a fome no país foi uma das marcas do projeto político que iniciou naquele período.

Em seu discurso de posse, em 01 de janeiro de 2003, o presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT) definiu o combate à fome no país como o principal objetivo de seu governo e de sua vida.

Sociedade Anônima)'. Esta, organizada pelas entidades empresariais para a distribuição de alimentação e materiais de higiene nas periferias, sem envolvimento político das pessoas necessitadas, tampouco de suas organizações locais. É a solidariedade passiva, assistencialista, pontual e passageira. Teve amplo destaque no tradicional noticiário noturno do Jornal Nacional, da Rede Globo. No terceiro capítulo retomarei o tema da solidariedade a partir das conceituações Solidariedade Ativa e Solidariedade Passiva.

³³A rede PENSSAN (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional) apresentou duas pesquisas (I VIGISAN/2020 e II VIGISAN/2022 - Inquérito Nacional sobre a Insegurança Alimentar e Nutricional durante a pandemia de Covid-19), indicando a gravidade social do aumento da população em situação de fome no país. Combinaram-se para este retrocesso, os desmontes de um conjunto de políticas públicas durante o governo Bolsonaro, as mesmas que haviam contribuído para que o país saísse do mapa da fome em 2014, e o aprofundamento da implementação das medidas econômicas neoliberais que precarizaram as condições do trabalho, diminuíram o poder aquisitivo do salário mínimo e geraram aumento da inflação, especialmente dos preços dos alimentos. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br>. Acesso em: 24 jun. 2025.

³⁴Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 30 jun. 2025.

Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha. Por isso, defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de Fome Zero. Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida. É por isso que hoje conclamo: vamos acabar com a fome em nosso país. Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da Petrobrás e a memorável luta pela redemocratização do país. Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana (Brasil, 2003).

O Programa Fome Zero (Betto, 2003), anunciado em 2003, foi a iniciativa que marcou a sociedade brasileira e projetou o país internacionalmente, ao tratar o tema da fome como fenômeno social nacional. As políticas públicas desenvolvidas naquele período para o combate à fome e à insegurança alimentar tiveram dois eixos fundamentais em diálogo: a transferência de renda e o fomento à produção de alimentos. O Programa Bolsa Família (PBF)³⁵, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)³⁶, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)³⁷ foram as principais políticas públicas implementadas para o tratamento de forma intersetorial do problema da fome, relacionando as suas questões emergenciais com as estruturais.

Através destas políticas de transferência de renda, de fomento à produção de alimentos pela agricultura familiar camponesa e da garantia do acesso aos alimentos pelas famílias em insegurança alimentar, o que se constatou, ao longo de dez anos, foi a diminuição dos índices de desigualdade social e econômica no Brasil. A renda econômica dos mais pobres cresceu 20% mais do que a dos mais ricos entre os anos de 2001 e 2012. Houve uma redução da taxa de desemprego. O salário mínimo foi reajustado pelo índice da inflação e pelo índice de crescimento do PIB, o que garantiu a manutenção do seu poder de compra. Outro aspecto importante alcançado foi a redução dos índices de fome na população. Em 2014 o Brasil saiu do mapa da fome, segundo a FAO³⁸.

³⁵ A Lei 10.836, de 09 de janeiro de 2004, foi a que criou o Programa Bolsa Família. Em 2021 ela foi revogada pela Lei Nº 14.284, de 29 de dezembro de 2021 que criou o Programa Auxílio Brasil e o Programa Alimenta Brasil, durante o governo de Jair Bolsonaro (PL). Em 19 de junho de 2023, através da Lei 14.601, o governo do Presidente Lula (PT) retoma o Programa Bolsa Família. (Brasil, 2004).

³⁶ BRASIL. Lei 10.696, que dispõe sobre criação do Programa de Aquisição de Alimentos Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.696.htm. Acesso em: 02 jul. 2025.

³⁷ BRASIL. Lei 11.947, sobre a Nova redação da Lei do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, publicada em 16 de junho de 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111947.htm. Acesso em: 02 jul. 2025.

³⁸ O mapa da fome é um relatório anual publicado pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura) que aponta os níveis de subalimentação e de fome no mundo. Para um país estar fora do mapa da fome, em 2014, o seu índice de fome crônica devia ser menor que 5% da população. Em 2024 a FAO baixou o índice para 2,5%. Este relatório é conhecido também pela sigla inglesa SOFI. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2014/setembro/relatorio-indica-que-brasil-saiu-do-mapa-mundial-da-fome-em-2014>. Acesso em: 23 jun. 2025

A retomada do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA), extinto no início do governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB, 1995 - 2002), cabe ser ressaltada neste período pelos governos do PT. Porque é um instrumento político que produz pesquisas e conhecimentos sobre a realidade da segurança e insegurança alimentar no país para subsidiar e orientar o governo na elaboração das políticas públicas para combater a fome. Ele tem na sua composição $\frac{1}{3}$ de representantes do governo e $\frac{2}{3}$ da sociedade civil (Sefras, 2023).

3.1.1 Golpe do impeachment e o retorno das políticas neoliberais

O retrocesso político que o Brasil vivenciou a partir do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, concluído em 31 de agosto de 2016, se caracterizou pelo desmonte das políticas públicas e dos órgãos públicos do governo responsáveis pela sua execução, especialmente na área social. A concepção neoliberal de desenvolvimento passou a orientar as decisões políticas, prevalecendo a ideia do Estado mínimo para os investimentos sociais e máximo para os interesses da acumulação do mercado, entenda-se, os interesses dos bancos e das financeiras.

A efetivação das políticas neoliberais, iniciadas no governo de Michel Temer, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), e seguidas com o de Jair Bolsonaro, demonstraram as novas formas de acumulação da classe dominante. Para além da apropriação da mais valia, via exploração direta do trabalhador, agora a acumulação se efetiva pela retirada ou, melhor, pela cassação dos direitos trabalhistas e sociais historicamente conquistados e constitucionalmente definidos.

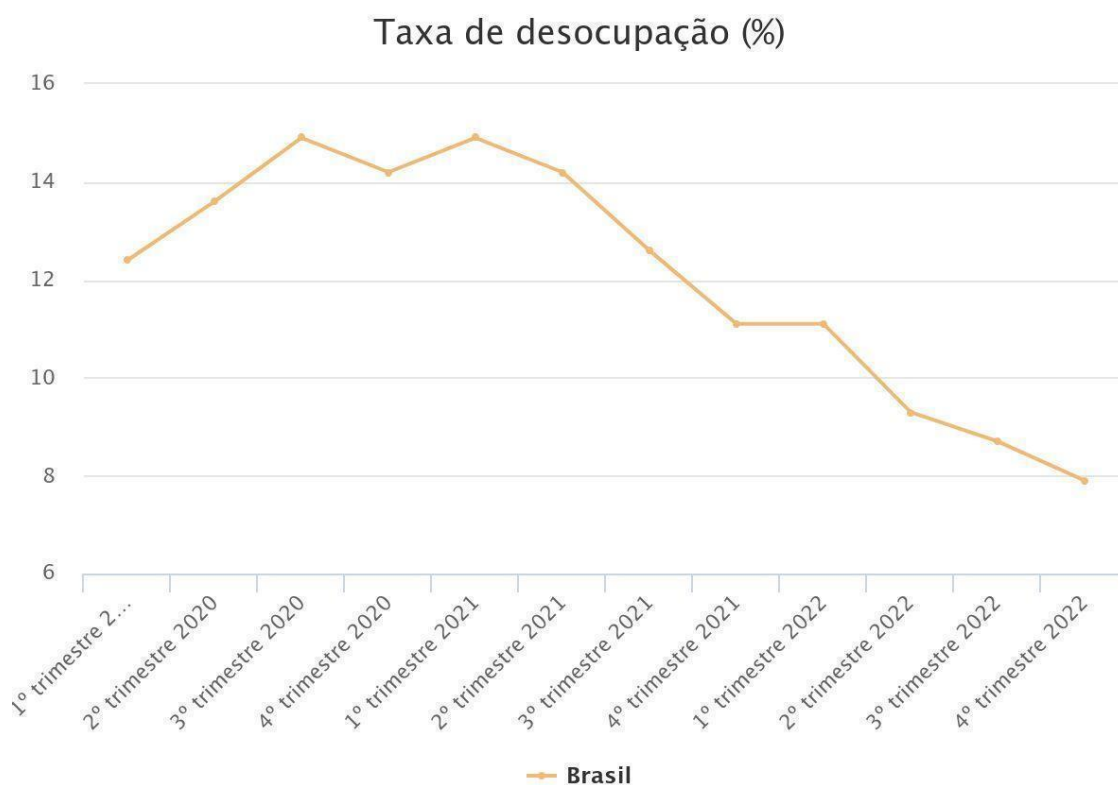
As Reformas Trabalhista, Previdenciária e Sindical; a Proposta de Emenda Constitucional - PEC 95 (Lei do Teto de Gastos³⁹, conhecida também como a *PEC do fim do mundo*), foram as medidas políticas do cunho neoliberal que afetaram diretamente a vida do povo trabalhador. Elas alteraram as condições e as relações de trabalho em prejuízo econômico, social e previdenciário para a classe trabalhadora. A precarização das formas de trabalho passou a ser um sintoma corrente. As regras de contribuição previdenciária para fins de aposentadoria

³⁹ A Proposta de Emenda Constitucional nº 95 sobre o Teto de Gastos foi aprovada pelo Senado em dezembro de 2016. Para haver equilíbrio nas contas públicas, esta lei estabeleceu o congelamento dos gastos públicos por 20 anos (até 2036). O parâmetro de correção seria o índice da inflação medida pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo). Já durante a pandemia do Covid-19, esta lei se evidenciou inadequada frente às necessidades sociais de investimento pelo Estado. Por ocasião da eleição do presidente Lula, em 2022, ele negociou com o Congresso e o Judiciário a retirada do teor desta lei, dada a impossibilidade de atender aos investimentos sociais muito maiores do que o estabelecido pela austeridade fiscal da dita “PEC do fim do mundo”. BRASIL. Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016. ache em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm. Acesso em: 30 de jun. 2025.

foram alteradas profundamente. As taxas de desemprego e de desocupação voltaram a aumentar significativamente no país. Os dados do IBGE informam que em 2021 a taxa de desocupação no Brasil era de 14,9%, de acordo com o gráfico abaixo ⁴⁰.

Nesta mesma pesquisa se informa que houve um aumento do número de trabalhadores com carteira assinada de 2021 para 2022, somando 35,9 milhões de pessoas. No entanto, este contingente é menor do que já estava em 2014, quando a média anual chegou a 37,6 milhões de pessoas com carteira assinada no setor privado. Ou seja, os efeitos das políticas neoliberais na economia já produziam suas consequências na vida social, aumentando os índices de desigualdade, principalmente com a precarização nas relações e nas condições de trabalho.

Gráfico 1 – Taxa de desocupação



Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral

Fonte: IBGE (2023)

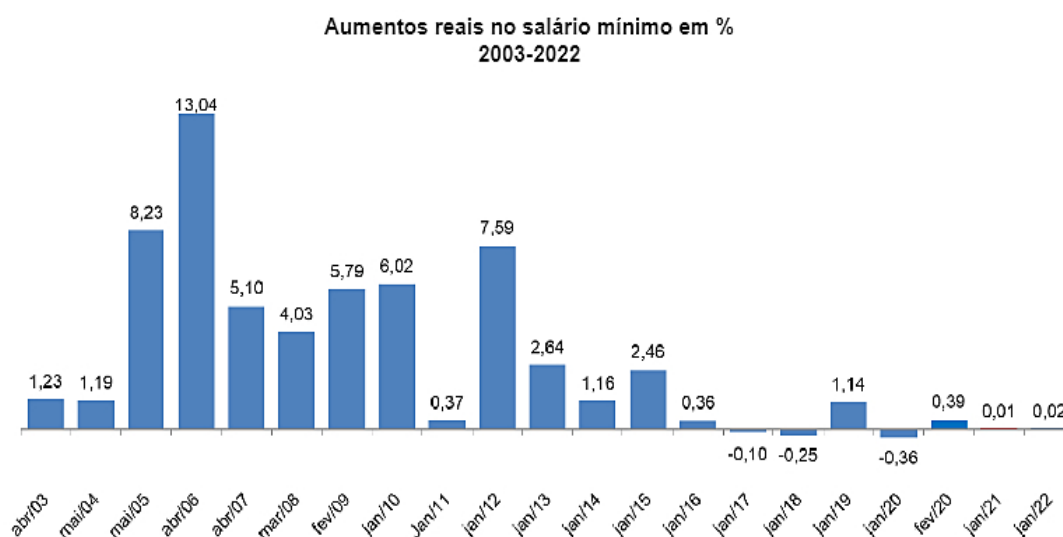
A par desta situação da retirada de direitos trabalhistas historicamente conquistados, acrescenta-se a situação do salário mínimo, que não teve reajustes reais do seu poder de compra.

⁴⁰ IBGE. PNAD Contínua; em 2022, taxa média anual de desocupação foi de 9,3% enquanto de taxa de subutilização foi de 20,8%. Editoria: Estatísticas Sociais. Rio de Janeiro: Agência de Notícias IBGE, 28 fev. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36351-taxa-media-de-desemprego-cai-a-9-3-em-2022-menor-patamar-desde-2015>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Apenas foram repostas as perdas da inflação, porque são obrigatórias por norma constitucional (Segalla, 2021).

Esta situação fica evidenciada na tabela comparativa entre os anos de 2003 a 2022 (cf figura abaixo), que abrange governos com projetos políticos e econômicos bem distintos no Brasil. Os dados econômicos desta tabela evidenciam as perdas do poder de compra do salário mínimo ao longo dos vinte anos analisados. A partir de 2016, com a implementação das políticas neoliberais na economia, as perdas foram mais significativas. A desigualdade social aumentou na mesma proporção.

Gráfico 2 – Aumentos reais no salário mínimo



Fonte: Segalla (2021)

Estes dados socioeconômicos contribuem para situar o quadro de empobrecimento da população trabalhadora, da perda de direitos e da precarização nas condições e nas relações de trabalho. Neste ambiente, a desigualdade social no Brasil aumentou. Um dos indicadores sociais é o aumento dos contingentes populacionais que sofrem com as condições de insegurança alimentar e fome.

3.1.2 Brasil volta ao mapa da fome

As pesquisas da FAO⁴¹ sobre a fome no mundo apresentadas em 2021, apontavam o retorno do Brasil ao mapa da fome, ainda em 2018. Os números em nível mundial apontam que,

⁴¹ FAO. SOFI 2021: Relatório da ONU destaca impactos da pandemia no aumento da fome no mundo. Roma: FAO no Brasil, 12 jul. 2021. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1415717/>.

em 2020, entre 720 e 811 milhões de pessoas passaram fome, ou seja, um décimo da população mundial.

No geral, mais de 2,3 bilhões de pessoas (ou 30% da população global) não tinham acesso à alimentação adequada durante todo o ano: este indicador –conhecido como prevalência de insegurança alimentar moderada ou grave– saltou em um ano tanto quanto nos cinco anteriores combinados. A desigualdade de gênero se aprofundou: para cada 10 homens com insegurança alimentar, havia 11 mulheres com insegurança alimentar em 2020 (de 10,6 em 2019)⁴².

A Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional⁴³ (PENSSAN) apresentou duas pesquisas durante a pandemia do Covid-19 no Brasil, conhecidas como VIGISAN I (2020) e VIGISAN II (2022), os Inquéritos Nacionais sobre a Insegurança Alimentar no contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Estas pesquisas analisam a situação da fome no país com os conceitos de Segurança e Insegurança Alimentar.

A Segurança alimentar é a situação em que as pessoas têm acesso pleno e permanente aos alimentos. A Insegurança alimentar é a condição em que as pessoas não têm acesso pleno aos alimentos, sendo classificada em três níveis: leve, moderada e grave. A insegurança alimentar grave é a fome, a completa falta de acesso aos alimentos para todas as pessoas do domicílio; a gravidade se acentua nesta situação quando há crianças.

Conforme o inquérito VIGISAN I, no Brasil, em 2020, 55% da população estava em Insegurança Alimentar, sendo que 19,1 milhões de pessoas passavam fome, ou seja, 9% da população brasileira. Em 2020 a população brasileira era estimada em 213 milhões de habitantes.

O gráfico abaixo da Rede PENSSAN faz uma leitura sobre a Segurança e a Insegurança Alimentar no Brasil de 2004 a 2020, conforme as cinco pesquisas indicadas⁴⁴.

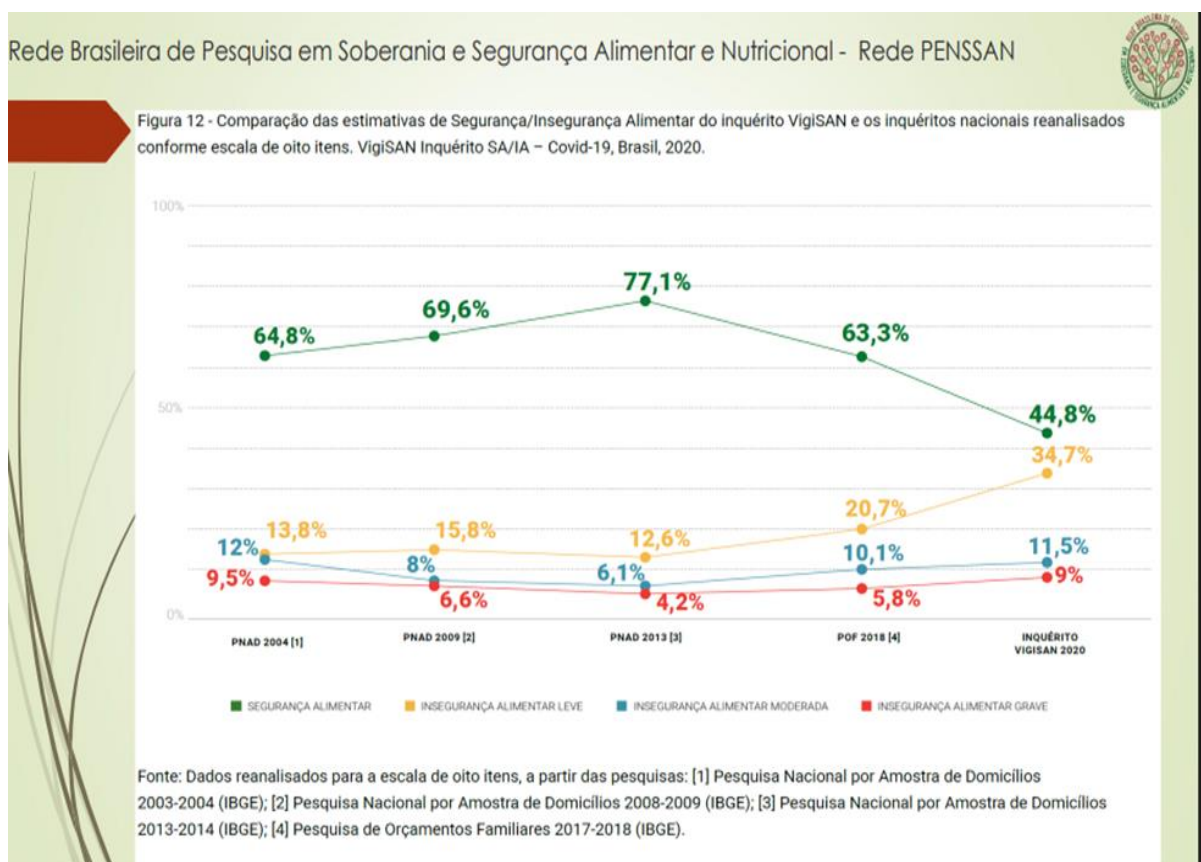
Acesso em: 25 jun. 2025. MAIS de 60 milhões de brasileiros sofrem com insegurança alimentar, diz FAO. G1, 6 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/07/06/mais-de-60-milhoes-de-brasileiros-sofrem-com-inseguranca-alimentar-diz-fao.ghtml>. Acesso em: jun. 2025. BRASIL volta ao Mapa da Fome das Nações Unidas. G1, 6 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/06/brasil-volta-ao-mapa-da-fome-das-nacoes-unidas.ghtml>. Acesso em: jun. 2025.

⁴² FAO, op. cit.

⁴³ Olhe para a fome, op. cit.

⁴⁴ REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (REDE PENSSAN). Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia Covid-19 no Brasil: VigiSAN. [S. l.]: Rede PenSSAN, nov. 2021. 11 slides. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cssf/arquivos/25-11-2021-debater-o-aprofundamento-da-fome-durante-a-pandemia-de-covid-19-del-grossi>. Acesso em: jun. 2025.

Gráfico 3 – Comparação das estimativas de segurança/insegurança alimentar do inquérito VigiSAN e os inquéritos nacionais reanalisados conforme escala de oito itens



Fonte: Rede PENSSAN (2021)

Uma leitura dos números percentuais das pesquisas ajuda a entender o movimento de evolução dos índices da segurança alimentar e da insegurança alimentar. Em 2004, a segurança alimentar contemplava 64,8% da população brasileira e 35,3% estavam em situação de insegurança alimentar (leve, moderada, grave). Em 2013 Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) fornece o mais alto índice de segurança alimentar da população brasileira: 77,1%. A insegurança alimentar fazia parte da vida de 22,9% da população. Com estes dados mantidos, em 2014 o Brasil saiu do mapa da fome. Já na pesquisa Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), do IBGE, de 2018, observa-se que o país retorna ao mapa da fome, com dados inferiores aos de 2004: a segurança alimentar ficou em 63,3%, enquanto a insegurança alimentar subiu para 36,7% da população. Em 2020 os dados indicam a diminuição da segurança alimentar, contemplando 44,8% da população brasileira; a insegurança alimentar se elevou, atingindo 55,2% da população.

A pesquisa VIGISAN II em 2022 apontou o aumento para 33,1 milhões o contingente da população de brasileiros e brasileiras que não tinham o que comer diariamente. Isto representa 15,5 % da população. A Insegurança alimentar atingia 58,7% da população brasileira, ou seja, 125,2 milhões de pessoas não tinham certeza se teriam o que comer no futuro próximo, limitando a qualidade ou quantidade de alimentos para as refeições diárias - um aumento de 7,2% em relação a 2020.

As razões explicativas, conforme a pesquisa, para este aumento da fome no Brasil foram:

A continuidade do desmonte de políticas públicas, a piora na crise econômica, o aumento das desigualdades sociais e o segundo ano da pandemia do Covid-19 mantiveram mais da metade (58,7%) da população brasileira em insegurança alimentar, nos mais variados níveis de gravidade (sem paginação).⁴⁵

A pesquisa VIGISAN II (2022) apresenta também o recorte geográfico da fome no Brasil, informando os dados por regiões e nos estados. Os dados informam que a geografia da fome, da qual já se referia Josué de Castro, persistia no Brasil. Nas regiões Norte e Nordeste, 4 em cada 10 famílias relataram redução parcial ou severa de alimentos; em percentual da população destas regiões, 45,2% (Norte) e 38,4%(Nordeste) conviviam com insegurança alimentar moderada ou grave.

Na região Nordeste, o estado de Pernambuco, ao qual o trabalho desta minha pesquisa se insere, apresentava os seguintes dados, considerada sua população de 9.058.931 de pessoas na época (2022): em Segurança Alimentar - 40,9%; em Insegurança Alimentar leve - 22,8%; em Insegurança Alimentar moderada - 14,1%; em Insegurança Alimentar grave - 22,2% ⁴⁶.

No tocante à questão da Segurança alimentar em Pernambuco, a pesquisa IBGE POF (Pesquisa de Orçamento Familiar) 2017 - 2018 já revelava um aumento significativo da população em insegurança alimentar ⁴⁷.

O número de pernambucanos sem acesso à qualidade ou quantidade adequada de alimento, em graus moderado ou grave, cresceu 156% em cinco anos. Foram 777 mil pessoas nessas condições em 2013 e, entre 2017 e 2018, o registro foi de 1,9 milhão

⁴⁵ Olhe para a fome, op. cit.

⁴⁶Suplemento do Inquérito VIGISAN II sobre os estados, s/n. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/09/OLHEEstados-Diagrama%CC%A7a%CC%83o-V4-R01-1-14-09-2022.pdf>. Acesso em: 26 jun. de 2025.

⁴⁷ A Nota Técnica 01/2021 publicada em outubro de 2021 pelo IBGE sobre a Pesquisa dos Orçamentos Familiares (POF 2017 -2018) explica os procedimentos e conceitos seguidos pela pesquisa sobre a análise da segurança alimentar no Brasil. Destaca a EBIA - Escala Brasileira da Insegurança Alimentar quanto aos procedimentos metodológicos para mensuração da fome no Brasil. O IBGE POF utiliza a EBIA nas suas pesquisas. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/rendimento-despesa-e-consumo/24786-pesquisa-de-orcamentos-familiares-2.html?edicao=28708&t=downloads>. Acesso em: 27 jun. 2025.

de pessoas, segundo a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴⁸.

Especificamente sobre Recife e a Região Metropolitana de Recife (RMR) o estudo do Observatório das Metrôpoles, em 2022, divulgado como Boletim da Desigualdade das Metrôpoles^{49 50}, apresenta dados sobre as condições de vida econômica da população que ajudam a entender a gravidade da fome para os mais pobres que dependem do acesso aos alimentos através da compra com seus rendimentos econômicos. A metodologia seguida por este estudo sobre a divisão econômica na sociedade é: 40% (mais pobres) - 50% (remediados) -10% (mais ricos). Conforme o estudo, o rendimento médio mensal per capita na RMR era de R\$ 831,66. No entanto, para os 40% mais pobres da população da RMR, o rendimento médio mensal per capita era de apenas R\$ 104,00.

A pesquisa afirma que esse rendimento médio de R\$ 104 entre os 40% mais pobres faz do Recife a metrópole brasileira onde os pobres são os mais pobres. Esse rendimento mensal médio per capita entre os mais pobres era de R\$ 155 em 2019 (antes da pandemia), caiu para R\$ 91 em 2020 e agora é de R\$ 104, valor apenas R\$ 13,00 acima de 2020, mas ainda R\$ 41,00 abaixo de 2019. Ainda que pequena, a recuperação da renda deve ser atribuída ao trabalho informal.⁵¹

Durante a pandemia do Covid 19 no Brasil uma situação reveladora da desigualdade social por conta da deterioração das condições de vida da população foi a flagrante inflação dos preços dos alimentos. O país estava numa escalada da implementação das políticas neoliberais que no mundo do trabalho se apresentavam com o aumento do desemprego, precarização das relações de trabalho e perdas consecutivas do valor de compra do salário mínimo. Neste contexto, a disparada dos preços dos alimentos foi a demonstração da força dos regimes alimentares que controlam as cadeias produtivas dos alimentos, da produção, industrialização à comercialização, sobre a realidade da fome em crescimento no país. Favorecendo-se da alta do dólar, os conglomerados alimentares preferiram exportar os alimentos a vender a preços acessíveis no mercado interno (McMichael, 2016).

⁴⁸ NÚMERO de moradores de PE em situação moderada ou grave de insegurança alimentar cresce 156% em cinco anos. G1, 17 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/09/17/numero-de-moradores-de-pe-em-situacao-moderada-ou-grave-de-inseguranca-alimentar-cresce-156percent-em-cinco-anos.ghtml>. Acesso em: jun. 2025.

⁴⁹SOBREIRA, Vinicius. Inflação alta e renda baixíssima: 40% do Grande Recife vive com, em média, R\$ 104 mensais. Brasil de Fato, Recife, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/18/inflacao-alta-e-renda-baixissima-40-do-grande-recife-vive-com-em-media-r-104-mensais/>. Acesso em: jun. 2025.

⁵⁰SALATA, André Ricardo; RIBEIRO, Marcelo Gomes. Boletim Desigualdade nas Metrôpoles: 4º trimestre de 2021. Porto Alegre: Observatório PUCRS; Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia; Rede de Observatórios da Dívida Social na América Latina (RedODSAL), n. 07, 2022. Disponível em: https://www.observatoriodasmetrosoles.net.br/wp-content/uploads/2022/04/BOLETIM_DESIGUALDADE-NAS-METROPOLES_07.pdf. Acesso em: jun. 2025.

⁵¹ Sobreia, op. cit.

O governo Bolsonaro contribuiu para esta situação com o desmonte da CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento), entidade estatal responsável pela formação dos estoques de alimentos para abastecer o mercado interno em situações de crise como era a pandemia do coronavírus. O CONSEA, por exemplo, foi extinto no dia da posse (01 de janeiro de 2019) pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), através da Medida Provisória 870⁵².

Num ambiente em que as demandas por alimentos aumentaram externamente, os conglomerados alimentares seguiram a lógica comercial do lucro. Mesmo com a fome aumentando no Brasil, as exportações de arroz, por exemplo, foram mais rentáveis para o mercado. Exportar em dólar constituiu-se num bom negócio para as grandes empresas alimentares. Para os setores da população que acessam aos alimentos via compra com seus rendimentos econômicos, a inflação dos preços dos alimentos pesou negativamente. A cesta básica aumentou em 17 capitais em 2022⁵³. Em Recife, o valor da cesta básica era de R\$ 565,09 com uma variação de 6,5% durante o ano de 2022. Este valor da cesta básica comparado ao valor da renda média dos 40% mais pobres na RMR (R\$ 104,00) é um indicador do aumento da fome para as populações nas periferias e em situação de rua.

O conjunto das informações socioeconômicas do contexto anterior e durante a esta pesquisa que me proponho desenvolver revelam que a desigualdade social é um traço bem visível e sensível na realidade pernambucana e brasileira. A fome é uma consequência direta do grau da desigualdade que marca as relações sociais e econômicas.

No Brasil, a insegurança alimentar é uma constante, oscilando para mais e para menos conforme as ações políticas tratam as raízes de sua existência. O período de implementação do Programa Fome Zero constitui-se na experiência histórica mais interessante que se teve. A questão da fome foi tratada como um tema de abrangência nacional, teve um tratamento com um conjunto de políticas públicas que se desdobraram em ações envolvendo diferentes ministérios. No entanto, as medidas políticas e econômicas não modificaram estruturalmente as raízes da fome no Brasil. Foram um bom ensaio que precisa ser retomado e aprofundado. A questão da reforma agrária continua sendo uma necessidade histórica inadiável, um imperativo nacional para o desenvolvimento econômico com justiça social, ao qual já se referia Josué de Castro (Castro, 2004).

⁵² BRASIL. Medida Provisória nº 870. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/mpv/mpv870.htm. Acesso em: jun. 2025.

⁵³ Dados disponíveis em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2022/202212cestabasica.pdf>. Acesso em: jun. 2025.

3.2 O processo organizativo da Campanha Mãos Solidárias

O processo organizativo da Campanha Mãos Solidárias (CMS) situa-se no contexto político do país no governo de Jair Bolsonaro, caracterizado na redação deste trabalho como de sequência à implementação das medidas políticas e económicas neoliberais, iniciadas no governo de Michel Temer (MDB), agosto de 2016 a dezembro de 2018.

A caracterização da doença Covid-19 como pandemia obrigou todos os países a adotarem os protocolos de prevenção e combate ao coronavírus. Por se tratar de uma doença respiratória, cujo vírus é transmissível pelo ar contaminado com secreções, gotículas de saliva, espirros, e pelo contato da pele, as medidas de prevenção imediatas foram, basicamente, o uso de máscara e álcool gel. A ação preventiva mais garantida, a vacina, demorou meses até estar disponível massivamente para a população. Em 17 de janeiro de 2021 a primeira pessoa foi vacinada contra o coronavírus no Brasil ⁵⁴. Já haviam se passado onze meses desde o início da pandemia.

Mesmo com o uso de máscaras e de álcool gel para desinfecção, era necessário evitar as aglomerações de pessoas para não aumentar os índices de contágio. O lockdown, a quarentena e o isolamento social foram medidas sanitárias de prevenção que tinham o foco em manter o distanciamento social, com níveis de maior ou menor possibilidade de circulação das pessoas e, consequentemente, do vírus.

A decretação do lockdown provocou reações de diversas naturezas e intensidades, de acordo com a situação de vida económica, social e geográfica das pessoas. Esta medida de distanciamento social mexeu com a economia, com a política e com o emocional da população. No tocante ao trabalho desta pesquisa, a implementação desta medida político-sanitária revelou a grave situação da insegurança alimentar e da fome que atingia a população em Recife. A população de rua foi a primeira a se defrontar com os efeitos do lockdown. A restrição de circulação se tornou sinónimo de fome para este grupo social, porque as opções de acesso à alimentação foram fechadas. A cidade fechou as portas e os famintos ficaram de fora, na rua.

Assim se refere um dos entrevistados sobre os efeitos do lockdown nas vidas dos moradores de rua e nas vilas da periferia naquele momento, no início da pandemia do Covid-19, em Recife:

Então você tem o lockdown, o comércio fecha, a cidade fecha [...] Março de 2020, exatamente. E aí o contingente de pessoas em situação de rua cresce a partir daí, porque o pessoal da Fiocruz ajuda muito nessa reflexão quando diz que o lockdown na vida do pobre se torna uma tragédia, porque as periferias não são pensadas para o

⁵⁴BADDINI, Bruna; FERNANDES, Daniel. Primeira pessoa é vacinada contra Covid-19 no Brasil. CNN Nacional, 17 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/primeira-pessoa-e-vacinada-contracovid-19-no-brasil/>. Acesso em: nov. 2025.

isolamento. É casa sem quintal, é cubículo, é uma casa de 5 metros quadrados, uns 10 dentro, como é que você falou que estava ali dentro? Não tem como. Então, essas pessoas fizeram o quê? Vieram para a rua para não morrer de fome. Então, muita gente que veio para a rua nesse período, não é porque estava em situação de rua, mas se tornou em situação de rua (Inhame, 2025).

A pandemia do Covid-19 explicitou uma situação social da fome que estava invisibilizada na sociedade. A fome oculta, disfarçada, de quem come o que ganha ou encontra na rua. Come, mas não se alimenta; come mal. Josué de Castro se refere a esta tipificação da fome como endemia: “é a fome parcial, da chamada fome oculta, na qual pela falta permanente de determinados elementos nutritivos, em seus regimes habituais, grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias” (Castro, 2004, p 18).

O impulso para a organização do que viria ser a Campanha Mãos Solidárias foi o impacto da situação de fome que se explicitou naquele contexto de implementação das medidas de restrição da circulação sobre a população de rua. Diante do impacto da fome visibilizada nas pessoas, a primeira atitude política assumida por um grupo de militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi dar de comer aos famintos, que encontraram uma porta aberta naquele contexto de fechamento da sociedade, de orientação política para o isolamento social. Afinal, como afirmou Betinho, “quem tem fome, tem pressa”⁵⁵. A porta que se abriu foi a do Armazém do Campo, em Recife.

Em nível nacional, no início da pandemia, semelhante ao que fez a Campanha Mãos Solidárias em Pernambuco, muitas iniciativas de solidariedade foram desenvolvidas pelas organizações sociais para enfrentar os problemas de saúde pública e de fome que se agravavam com o ambiente da contaminação pelo coronavírus. A campanha Periferia Viva foi a denominação para esta articulação nacional de ações solidárias que se desenvolveram dos anos de pandemia do Covid-19 no Brasil.

A solidariedade ativa foi a marca política e o caminho metodológico para as diversas formas das ações solidárias que se articularam para enfrentar a fome e o coronavírus pela campanha Periferia Viva.

A campanha Periferia Viva é, portanto, uma iniciativa dos movimentos populares, sindicais, estudantis, do campo e da cidade, que diante da situação dramática da pandemia somaram esforços para semear uma concepção de solidariedade orgânica, já presente nos valores e práticas dos mesmos, mas atualizada pelo contexto da

⁵⁵ Herbert José de Souza - Betinho - (1935 - 1997) é um sociólogo brasileiro que se destacou nas lutas políticas e sociais pela erradicação da miséria e da fome no Brasil. Em 1993 ele esteve à frente de um grupo de artistas, intelectuais e personalidades públicas para o lançamento do movimento de Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Este movimento continua ativo e é conhecido como Ação da Cidadania. Uma das principais ações sociais organizada pela Ação da Cidadania atualmente é o Natal sem Fome, com a distribuição de centenas de milhares de cestas básicas às populações em situação de insegurança alimentar. Ele cunhou a frase ‘quem tem fome, tem pressa’. Ela indica a urgência no tratamento da fome, como uma questão social e de luta pela dignidade humana. Disponível em: <https://www.acaodacidadania.org.br/nossa-historia>. Acesso em: nov. 2025.

pandemia do novo coronavírus. Nesse sentido, reconhece e luta contra as desigualdades históricas que negam direitos básicos ao povo brasileiro, como o próprio direito à vida e leva essas concepções à prática em diversas periferias do Brasil desde o início do ano de 2020 (Periferia Viva, 2021).

A CMS se origina conectada ao mutirão de ações populares de combate à fome ao Covid-19, coordenado nacionalmente pela campanha Periferia Viva. Esta forma de ação política em âmbito nacional, através da direção da Periferia Viva, colocou centenas de organizações populares localizadas em territórios das periferias na mesma frequência da solidariedade ativa.

3.2.1 O Armazém do Campo em Recife

No processo organizativo da CMS, o Armazém do Campo desempenhou um papel fundamental de suporte material e logístico para as ações de combate à fome durante a pandemia do Covid-19. A nova situação social que se impôs exigiu mudanças e adaptações nos ambientes do Armazém do Campo para poder oferecer alimentação para a população de rua que se agrupava no seu entorno.

A organização da cozinha para a produção de marmitas no espaço do Armazém do Campo foi a mudança essencial e necessária para as que ações de solidariedade adquirissem ritmo de continuidade com autonomia política. O ambiente social era de insegurança alimentar e sanitária. A cozinha popular solidária que passa a funcionar dentro do Armazém do Campo significou um novo objetivo para a existência deste instrumento político do MST.

O Armazém do Campo em Recife é uma unidade da rede Armazém do Campo constituída e coordenada pelo MST em nível nacional, como espaço para comercialização da produção de alimentos agroecológicos e orgânicos dos assentamentos e das organizações camponesas, aliadas do projeto da reforma agrária popular. Ter um espaço próprio para a comercialização da produção da reforma agrária, de fato, foi um projeto construído ao longo de décadas pelo Movimento. A primeira unidade foi aberta em 2016, em São Paulo; a de Recife iniciou em 2019 ⁵⁶Até 2022 eram 21 lojas Armazém do Campo em diversas cidades pelo Brasil (Machado; Cordeiro da Silva, 2024).

⁵⁶ Disponível em: <https://mst.org.br/produtos-do-mst/armazem-do-campo-pe/>. Acesso em: nov. 2025.

Fotografia 1 - Foto do interior da loja Armazém do Campo, em Recife, na inauguração, em 2019



Fonte: Jornal Brasil de Fato (2019)

A proposta de comercialização dos produtos da reforma agrária popular e da agricultura camponesa se alicerça na importância da relação campo-cidade, a partir da aliança política entre as classes trabalhadoras camponesas e operárias. A comercialização da produção tem o objetivo de fortalecer politicamente quem produz agroecologicamente e quem consome alimentos saudáveis, sem uso de agrotóxicos. As lojas do Armazém do Campo geridas pelo MST colocam para os consumidores a produção dos seus territórios, frutos da luta por uma reforma agrária popular. Em uma leitura geográfica, as lojas Armazém do Campo são uma forma de territorialização da reforma agrária na cidade.

Desse modo, quando o MST cria uma rede de lojas está praticando uma ação de territorialização, ou seja, está expandindo seu território. Além dos acampamentos e dos assentamentos que são territórios do Movimento (espaços ocupados ou conquistados) no campo, o Armazém do Campo produz territórios do MST na cidade (Machado; Cordeiro da Silva, 2024, p. 40).

A territorialização da reforma agrária popular na cidade de Recife, através do Armazém do Campo, tem o componente da simbologia da reforma agrária popular muito presente nos produtos e atividades culturais que se desenvolvem neste espaço. Junta-se ao aspecto da comercialização da produção agroecológica, a arte e a cultura como dimensões fundamentais de propaganda para a sociedade do projeto da reforma agrária popular. Os produtos, os símbolos espacializam a reforma agrária popular para a sociedade. Atividades culturais, musicais, literárias, de gastronomia popular, de formação política se desenvolvem com frequência neste

espaço. O Armazém do Campo é um espaço de inspiração e de conspiração política das organizações sociais e das lutas populares. As dimensões materiais e imateriais da reforma agrária popular se presentificam neste espaço.

Por ocasião da abertura da loja Armazém do Campo em Recife, em maio de 2019, o jornal Brasil de Fato noticiou o evento e os objetivos políticos para o funcionamento deste instrumento de articulação política das lutas sociais.

Podemos dizer que o espaço tem três ambientes: produtos da agricultura camponesa, livraria da editora Expressão Popular e café bar, e possui quatro objetivos principais: o primeiro é possibilitar o acesso da sociedade aos frutos da reforma agrária; o segundo é firmar parcerias que fortaleçam agricultores e agricultoras familiares, assentados e cooperativas; o terceiro é ofertar alimentos orgânicos e, por último, apresentar a dimensão da cultura que nasce com a comida⁵⁷.

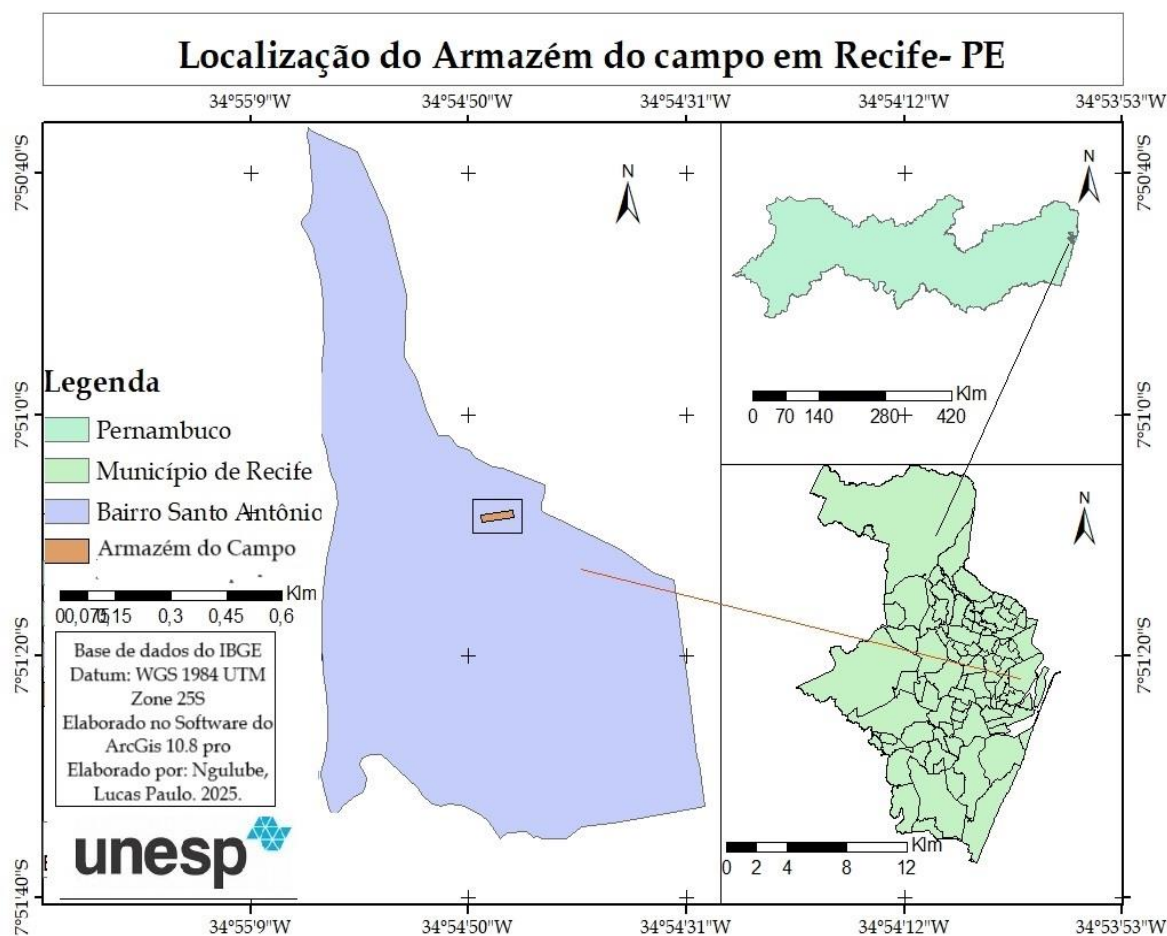
No projeto desta pesquisa, o Armazém do Campo de Recife desempenhou um papel político fundamental para o início das ações solidárias na pandemia porque ele já era uma referência destas atividades comerciais, culturais e políticas para as organizações sindicais, estudantis, eclesiais e para a sociedade em geral. As organizações populares aliadas nas lutas sociais já se referenciavam geográfica e politicamente no Armazém do Campo⁵⁸. A localização estava em um dos casarões no histórico Bairro Santo Antônio, na avenida Martins de Barros, 387. É uma região da cidade de Recife dos seus tempos antigos, final do século XIX e início do século XX, onde casarões ainda resistem ao tempo, embora bastante carcomidos, que servem para o funcionamento de bares e restaurantes populares. Há expressiva circulação de pessoas nesta região por ser espaço de atividades culturais. O MST - PE organiza mensalmente feira da reforma agrária na rua próxima ao Armazém do Campo.

O mapa a seguir apresenta as informações da localização geográfica do Armazém do Campo em Recife.

⁵⁷ Idem, 2019.

⁵⁸ Durante os anos de 2018 e 2019 o MST-PE articulou e manteve um grupo de militantes para atividades de formação política nos bairros de Recife, ação conhecida como Brigada Congresso do Povo. Esta brigada de formadores teve atuação importante na campanha eleitoral em 2018. O espaço de moradia do grupo (56 militantes) servia também como comitê eleitoral para a campanha de Fernando Haddad para presidente da república. O local, portanto, se tornou muito conhecido para a esquerda política em Recife; era o "Espaço 13". Após as eleições, o grupo de militantes foi reduzido numericamente e passou a se denominar Brigada Popular Solidária Dom Hélder Câmara, que vai se inserir e residir em alguns bairros de Recife. Está Brigada terá contribuição fundamental para a territorialização da Campanha Mãos Solidárias nas periferias de Recife, durante a pandemia do Covid-19. No espaço que serviu de moradia para as brigadas de formação e de produção de materiais para as campanhas eleitorais de 2018, em maio de 2019, foi inaugurado o Armazém do Campo, em Recife. (Cf. documento "Sistematização da Experiência: Campanha Mãos Solidárias - Brigada Popular Solidária Dom Hélder Câmara MST - PE, (2018 - 2023)", 2023, não publicado).

Mapa 2 – Localização da loja Armazém do Campo em Recife - PE



Fonte: Mapa elaborado por Lucas Paulo Ngulube (2025)⁵⁹

A partir do início da pandemia do covid-19, com as medidas de restrição à circulação social e às atividades comerciais, “o Armazém do Campo fechou suas portas à comercialização e abriu seus braços para solidariedade”, afirmou o entrevistado Inhame (2025).

3.2.2 Marmitas Solidárias

A situação da fome era um problema social relevante no início da pandemia do Covid-19 em Pernambuco, em 2020, e que se agravou ainda mais até 2022. Segundo dados da pesquisa IBGE POF 2017-2018, divulgada em 2020, 1,9 milhões de pernambucanas e pernambucanos

⁵⁹ Os mapas 2, 3, 4, 5 e 6, para este texto da dissertação, foram produzidos por Lucas Paulo Ngulube, aluno concluinte do curso de Mestrado Territorial UNESP (2024-2026) e doutorando na UFRGS no curso de Geografia Sensoriamento Remoto.

viviam em situação de insegurança alimentar moderada ou grave^{60 61}. Em 2022, a insegurança alimentar grave - a fome - estava presente na vida de 22,2% da população pernambucana (em torno de 2 milhões de pessoas)⁶².

A dura realidade da fome foi a que emergiu com mais intensidade no início da pandemia do Covid-19. Os dados das pesquisas informam os números da fome em Pernambuco. Nas ruas e nas periferias de Recife, os números da fome estão territorializados nos corpos com nomes e rostos de pessoas. Com este público é que se inicia a primeira forma da ação de solidariedade no Armazém do Campo: as marmitas solidárias.

O começo desta ação é descrito desta forma na entrevista por um dirigente político que estava na linha de frente dos trabalhos:

O nosso trabalho do Mãos, ele nasceu no dia 17 de março de 2020 [...] Isso foi logo depois do carnaval também, então nesse período inicia-se o lockdown. A gente... todo o mundo vai para casa, porém nesse incício a gente, em especial no Armazém, aí com o companheiro Inhame, a gente se deu conta de que a população em situação de rua estava totalmente desassistida. Então veio a ideia de nós começarmos a fazer algumas marmitas e foi um processo meio que a jato. No dia 17 a gente começa aí, Inhame e eu, a distribuir umas 20 marmitas. No dia 18 foram 50. E logo depois, dias 19, 20, já começou a se estruturar para 500 e depois com 1.000, 1.500/ dia. E isso foram muitos meses, mais ou menos até setembro. Então foi algo onde nós distribuimos muitas centenas de milhares de marmitas para o povo de rua. Para a população em situação de rua. E aí isso mobilizou uma gama de pessoas, porque acontece o lockdown, todo mundo vai embora, todo mundo vai para casa, inclusive quem faz os processos assistenciais da população em situação de rua. Então o povo começou literalmente a passar fome (Macaxeira, 2025).

A manifestação da fome naquela conjuntura revela-se como um problema social de insegurança alimentar severa e que atinge muita gente, como indica a escala crescente de marmitas demandadas em curto espaço de tempo. De outra parte, revela os efeitos da implementação das políticas neoliberais na concretude da vida das pessoas. A desassistência dos órgãos públicos diretamente responsáveis para tratar deste problema social é decorrente da concepção neoliberal do ‘estado mínimo’ para os investimentos na área social. A área social compreende um conjunto de serviços do Estado para a garantia dos direitos humanos fundamentais, como saúde, moradia, educação, trabalho com salário decente, acesso à terra e condições para produzir comida, alimentação adequada.

⁶⁰ IBGE. Pesquisa de Orçamentos Familiares. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/24786-pesquisa-de-orcamentos-familiares-2.html>. Acesso em nov. 2025.

⁶¹ G1, 2017, op. cit.

⁶² Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/09/OLHEEstados-Diagrama%CC%A7a%CC%83o-V4-R01-1-14-09-2022.pdf>. Acesso em: nov. 2025.

O sucateamento dos órgãos públicos diretamente ligados ao trabalho de assistência e ação social em governos neoliberais, como o de Jair Bolsonaro-Paulo Guedes⁶³, é parte da estratégia política e não um percalço no caminho. O papel principal do Estado neste modelo econômico é promover a livre concorrência entre as forças econômicas e criar as condições para uma atuação eficiente dos mercados. Para isso acontecer é necessário liberar o Estado dos custos sociais; liberar o Estado das amarras de ter que cuidar dos problemas sociais e de ser benfeitor para os empobrecidos (Furno; Rossi, 2023).

A aprovação da Reforma da Previdência, da Reforma Trabalhista, da PEC do Congelamento de Gastos ('PEC do fim do mundo'), do corte de investimentos em programas públicos como PAA, PNAE, Bolsa Família) foram medidas políticas que vieram na esteira da construção da nova ordem da racionalidade neoliberal no Brasil, a partir do golpe político-jurídico do impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Por conta da implementação destas medidas políticas e econômicas, o processo social da produção da fome ocorreu como consequência direta da reprodução social do neoliberalismo. A fome é inerente ao desenvolvimento do sistema capitalista neoliberal; é um risco calculado, como o é o desemprego, a desassistência social (Ribeiro Junior, 2015; 2021).

A realidade nas periferias onde as ações de solidariedade vão se desenvolver é descrita desta maneira por uma das entrevistadas:

O povo estava passando fome, velho. De fato, é fome! Porque ninguém tava dando mais diária. Nosso povo das periferias trabalha diariamente. Quase você não vê ninguém fichado com emprego fixo. Então, se não tinha comércio, não tinha nada, não tinha gente na rua. E governo nenhum tava dando. Nem estadual. Nem federal (Jerimum, 2024).

A organização da cozinha popular solidária no Armazém do Campo para produção das marmitas solidárias foi uma iniciativa representativa da capacidade política das organizações sociais para o desenvolvimento de ações emergenciais de combate à fome. Em tempos da ausência deliberada do Estado no atendimento às questões sociais básicas, as organizações sociais e populares tomaram a iniciativa pela via da solidariedade ativa. Uma síntese de todo o trabalho popular organizado que se fez naquele contexto social de desassistência do Estado foi o lema assumido: "o povo cuidando do povo".

O MST foi o puxador da ação solidária, porque tinha autonomia política no território Armazém do Campo, onde se aglutinaram as várias ações solidárias que terão início com a

⁶³ Paulo Guedes foi o ministro da Economia todo-poderoso no governo de Jair Bolsonaro. Ele foi o responsável pelo aprofundamento da implementação das linhas econômicas neoliberais do estado mínimo no país durante sua atuação ministerial. Defensor ferrenho do livre mercado, a quem o Estado deve estar subordinado. A autonomia do Banco Central é o exemplo mais forte deste modelo de governo.

Campanha Mãos Solidárias. Mas para uma ação de envergadura como a de combate à fome na pandemia do Covid-19, fez-se necessário um arco de alianças com organizações políticas inseridas em diferentes espaços sociais do mundo urbano. Sindicatos, universidades, igrejas com seus setores de pastorais, movimentos sociais urbanos e rurais, organizações não governamentais (ONGs) formaram a rede de coordenação política do trabalho solidário⁶⁴. O grupo da coordenação política foi importante para as articulações com a sociedade sobre o problema social da fome que necessitava de formas de tratamento urgentes. Este grupo de organizações possibilitou a capilaridade social para divulgação da CMS e para convocação de pessoas voluntárias para atuar em diferentes frentes de trabalho que se formaram.

Para o tratamento da fome naquela escala crescente era necessária alimentação em quantidade e com continuidade. A busca por doação de alimentos foi a maneira articulada e construída conjuntamente pelas organizações sociais para suprir a cozinha do Armazém do Campo. Porque “dos governos federal, estadual e municipal a ajuda foi zero, zero, zero” (entrevista, Macaxeira).

Os alimentos dos acampamentos e assentamentos do MST foram a base fundamental de suprimento para a produção das marmitas solidárias. Houve também doações individuais, de supermercados, dos pequenos comércios. Mas, conforme os relatos das entrevistas, dos assentamentos e acampamentos do MST é que vieram toneladas de alimentos saudáveis.

Houve dois momentos marcantes durante a campanha com a doação de alimentos in natura em quantidades expressivas para a população: em 01 de maio de 2020, foram 14 toneladas de alimentos doados para centenas de famílias no Bairro Peixinhos, em Olinda. No ano seguinte, na mesma data, foram doadas 54 toneladas de alimentos, formando um icônico mosaico na Ponte Maurício de Nassau, na área central de Recife. A frase “Vacina no braço, comida no prato” foi escrita no asfalto com letras garrafais, emoldurada com centenas de caixas de alimentos e a militância com os símbolos dos movimentos sociais e sindicais⁶⁵.

⁶⁴ As organizações sociais que se juntaram nas ações de solidariedade e ajudaram na organização da Campanha Mãos Solidárias: MST, Movimento Camponês Popular, Marcha Mundial das Mulheres, Levante Popular da Juventude, Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras por Direitos, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, Sindicato dos Petroleiros, Central Única dos Trabalhadores, Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, Universidade Federal do Pernambuco, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Instituto Federal PE, Universidade Católica do Pernambuco, Arquidiocese de Recife e Olinda, Fundação Oswaldo Cruz de PE.

⁶⁵ No dia 1º de Maio, ações de solidariedade acontecem na Região Metropolitana do Recife. Brasil de Fato, Recife, 1 maio 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/01/no-1-de-maio-acoes-de-solidariedade-acontecem-na-regiao-metropolitana-do-recife/>. Acesso em: nov. 2025.

Fotografia 2 - Ato político da CMS na Ponte Maurício de Nassau, Recife



Fonte: Jornal Brasil de Fato (2021)

Fotografia 3 - Mosaico gigante de alimentos. Ato do dia 1º de maio de 2021 com uma intervenção política na ponte Maurício de Nassau, no Recife.



Fonte: Jornal Brasil de Fato (2021)⁶⁶

O processo organizativo da cozinha do Armazém do Campo foi um laboratório metodológico que contribuiu significativamente para a multiplicação da experiência nos

⁶⁶ Em entrevistas com Macaxeira, Jerimum, Melão e Coentro eles destacaram estes eventos pela sua simbologia com a alimentação distribuída e pela representatividade política das organizações sociais e sindicais participantes na Campanha Mãos Solidárias.

territórios da periferia da Região Metropolitana de Recife. Em pouco tempo foi necessário organizar o modo de produção das marmitas para atender uma escala crescente de fomes ocultas, e que emergiram com o fechamento/lockdown da cidade de Recife. A organização do modo de produção das marmitas envolveu simultaneamente várias decisões e ações conectadas.

O processo produtivo das marmitas exigiu a organização e a formação da força de trabalho necessária para receber as doações, fazer as separações dos tipos de alimentos, colocar pra cozinhar nos panelões, preparar as marmitas e encaminhar a distribuição, tanto nas filas que se formavam na porta do Armazém do Campo como nos carros organizados para logística solidária.

Então nós criamos uma lógica de trabalho e de guerra, porque era café, almoço e jantar. Então dava mais de mil cafés, mil almoços e mil jantares por muitos meses. E para isso é necessária uma gama de voluntários muito grande. Então, inclusive, junto com o Armazém do Campo, com o MST, aí que já nessa primeira semana a gente se deu conta que para além de voluntários, a massa precisa de comunidade. Isso também. Então a gente se deu conta nesse início que precisei de que, além de muitas mãos, a gente conseguiu ter uma equipe fixa. Então uma turma do MST ajudou a coordenar um pouco dos processos, que faziam parte da Brigada do Congresso do Povo (Macaxeira, 2025).

Que a gente, assim, para trabalhar no fluxo das marmitas. Era produzir e entregar. É, produzir, que era três vezes, né? Três vezes. Por dia. Sem parar. Sem parar. Sábado e domingo. Seis meses isso foi, viu? Seis meses. Sem parar. Sem parar, não estou te dizendo. Só como, né? É, não foi brincadeira (Jerimum, 2024).

O ritmo deste processo produtivo das marmitas solidárias foi se intensificando, conforme a notícia lá *no Armazém do Campo tem comida!* foi se espalhando, literalmente, de boca em boca, pela população em situação de rua que era a maior beneficiária das marmitas (cf entrevista, Coentro). A notícia chegou nas vilas e bairros das periferias da RMR, onde a situação da fome era vivenciada nas três escalas da insegurança alimentar (leve, moderada, grave).

A distribuição das marmitas que alcançaram as vilas e os bairros, aproximou este público com a cozinha do Armazém do Campo. A aproximação aumentou o número de voluntários e voluntárias das vilas para o trabalho na cozinha, mas também a demanda por marmitas. Esta situação crescente de mais comida, mais gente para trabalhar na cozinha, aumento da logística distribuidora das marmitas exigiu criatividade para manter a continuidade das ações de solidariedade. A criatividade significou o desenvolvimento de novas práticas de combate à fome pela CMS com nova organicidade. Os passos da efetivação das novas práticas e ações organizativas serão dados no sentido da descentralização: do Armazém do Campo para as vilas da periferia.

A descentralização vai se desdobrar na organização das frentes de ação para distribuição de alimentos e para formação de agentes nas vilas periféricas.

3.2.3 Bancos populares de alimentos

A organização dos bancos populares de alimentos foi a nova maneira da solidariedade ativa, através da distribuição dos alimentos in natura produzidos nos assentamentos e acampamentos do MST. O modo de distribuição dos alimentos - “a lógica da entrega” (cf entrevistas: Macaxeira, Coentro) - foi um exercício pedagógico de vinculação das comunidades periféricas a serem atendidas com a alimentação produzida nos territórios da reforma agrária popular (RAP).

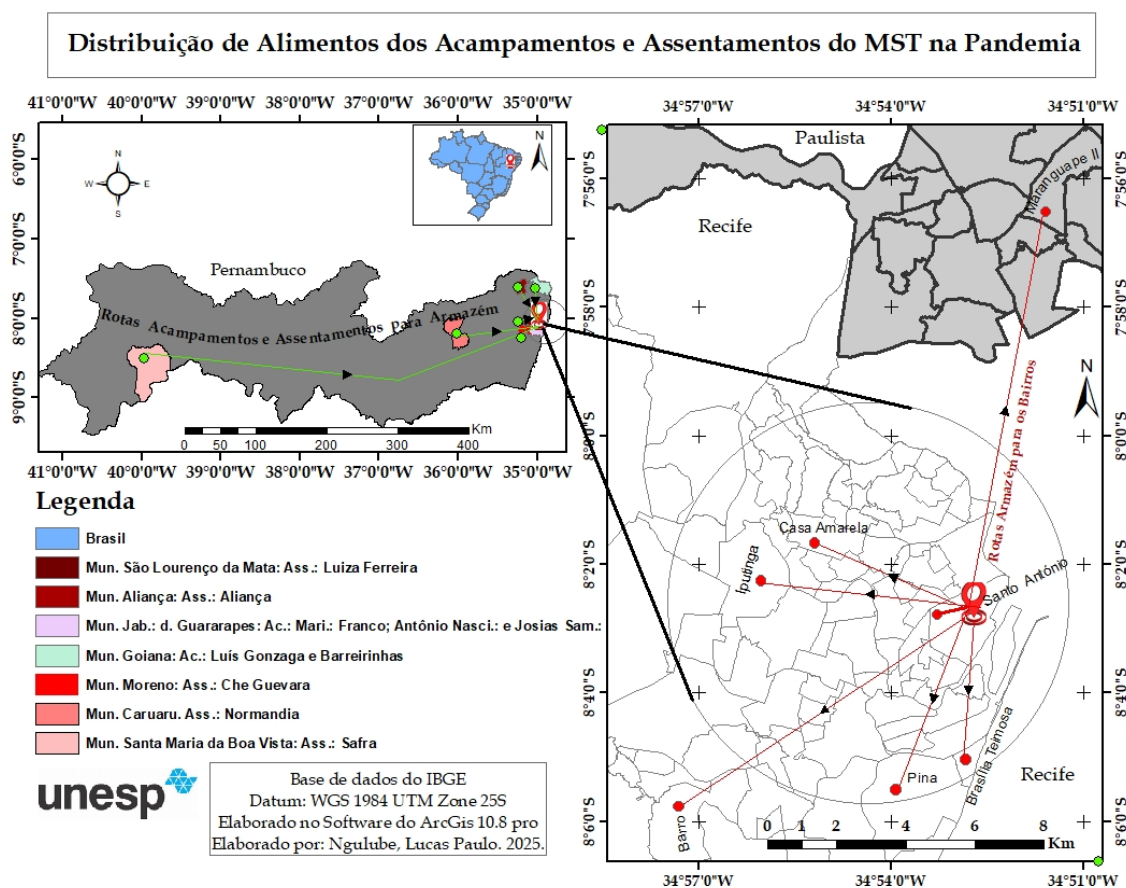
Através da logística de coleta nos acampamentos e assentamentos do MST, os alimentos eram trazidos até o “banco-mãe”, localizado bem próximo do Armazém do Campo, no espaço cedido na Santa Casa pela Arquidiocese de Recife e Olinda. No banco-mãe os trabalhos de descarregamento, separação por variedade, formação de quantidades para os locais de destino e posterior carregamento para estes locais eram feitos pelas pessoas das vilas envolvidas na Campanha Mãos Solidárias.

[...] aí se cria uma lógica, uma sistemática, a gente foi aprendendo também a divulgar e a fazer essa relação com as comunidades. Então a gente criou uma lógica de entrega. Qual era essa lógica? A gente doava, mas assim, quem fazia todo o processo de descarga de caminhão e de divisão eram as comunidades (Macaxeira, 2025).

Do banco-mãe a alimentação era distribuída para os bancos-filhas nas comunidades da periferia. Cada banco popular de alimentos que recebia os alimentos, organizava-os em porções menores, as cestas solidárias, que eram entregues para as famílias. Essa estrutura organizativa da distribuição de alimentos in natura constituiu a Rede de Bancos Populares de Alimentos. Em agosto de 2020 foi o lançamento da rede de bancos populares de alimentos. Até o final daquele ano, 17 bancos-filhas foram organizados; o número chegou a 40 bancos no final da pandemia (MST - PE, 2023).

Esta forma de ação solidária destaca a relação campo-cidade através dos alimentos produzidos nos assentamentos e acampamentos do MST. Os alimentos saudáveis, produzidos de forma agroecológica, são a materialidade simbólica do sentido político da reforma agrária, da agricultura camponesa nas ações de solidariedade e no combate à fome, que se territorializam na cidade. Os alimentos são os meios com os quais o diálogo campo e cidade se efetiva com mais vigor, territorializando a reforma agrária popular.

Mapa 3 - Mapa sobre a logística dos alimentos produzidos nos acampamentos e assentamentos do MST, transportados até o banco-mãe (Armazém do Campo) e distribuídos in natura para os bancos-filhos nas vilas da periferia da RMR



Vale destacar que o fato de serem alimentos agroecológicos, era um fator nutricional importante para melhorar a imunidade das pessoas, naquele contexto de pandemia do Covid-19, em que as vacinas foram retardadas. O aspecto nutricional dos alimentos agroecológicos é ressaltado na entrevista:

Os alimentos da reforma agrária. Exatamente, porque vem aqui a lógica da imunidade. O povo se alimenta muito mal. A ideia também era fortalecer a imunidade do povo com os nossos produtos saudáveis. Os produtos eram orgânicos. Se não eram orgânicos, mas eram do nosso povo, da agricultura familiar. Principalmente In, milho, inhame. Que são alimentos, vamos dizer assim, da cultura popular. (Jerimum, 2024)

Fotografia 4 - Organização e distribuição dos alimentos (cestas solidárias) para as famílias no Bairro Brasília Teimosa, em Recife



Fonte: Jornal Brasil de Fato (2020)

A rede de bancos populares de alimentos foi um passo importante na ampliação territorial das ações solidárias da CMS no sentido de ‘ir para as comunidades’ (cf. entrevistas: Macaxeira, Inhame, Jerimum). A ida para as comunidades da periferia de Recife através das cestas solidárias com produtos da RAP sinalizou para a necessidade organizativa nestes territórios onde era feita a distribuição dos alimentos. A organização na comunidade é o fundamento político que dará sustentação para que as ações solidárias avancem do nível emergencial e assistencial de tratar a questão da fome e dos alimentos, para o nível estrutural; para o nível de entendimento das causas da fome no Brasil, da origem dos alimentos para o combate à fome que chegavam até as periferias.

Eu tenho isso muito claro. Eu acho que na hora em que a gente traz as famílias da periferia para descarregar o caminhão de alimentos que chegou, botar no chão, depois distribuir para todas as cozinhas, depois botar em cima do carro para levar para todas as cozinhas e, por último, chegar na minha comunidade. Cara, você deu um salto de consciência aí, que você pegou uma pessoa que não estava acostumada a essa cultura da organização do processo, da solidariedade, da partilha, e disse: não, nós vamos resolver a sua situação juntos. Agora, você vai ter que ajudar a resolver a situação do seu vizinho, a coletiva. Então, isso fez com que fosse criando um corpo, mão solidária (Inhame, 2024).

O processo organizativo da CMS tem como estratégia o protagonismo dos sujeitos envolvidos nas ações solidárias. O envolvimento significa dar passos educativos em que o sujeito com fome, ao se alimentar com os alimentos da reforma agrária, se insira no projeto político e participe coletivamente nas ações de combate à fome. Isto implica em superar a solidariedade passiva (“do fazer para”) e caminhar para a solidariedade ativa (“do fazer com”),

a solidariedade que ajuda na organização popular. Os passos no caminho desta superação são dados com outra iniciativa política importante que a CMS vai implementar a partir das vilas da periferia: a formação dos agentes nas comunidades.

3.2.4 A formação dos agentes populares nos territórios

A organização da CMS teve uma dinâmica marcada pela necessidade de se reinventar numa conjuntura bastante adversa, atravessada pela sobreposição de duas crises sociais graves: a crise do aumento da fome e a crise sanitária da Covid-19. Foi preciso enfrentar as duas situações críticas simultaneamente. No caminho da ‘ida para as comunidades’ através dos bancos populares de alimentos, emergiu com força a situação da desinformação sobre os riscos de contaminação do coronavírus para os moradores das vilas, que vivem em suas casas com pouco espaço para muitas pessoas.

A aglomeração forçada para conviver em espaços precários contrastava com as medidas político-sanitárias divulgadas pelos órgãos de governo de distanciamento social, de evitar aglomerações, de ficar em casa até passar a crise. A ausência do estado em relação às condições precárias de vida das populações nas periferias era gritante. Como já referido nas entrevistas, ‘o povo estava abandonado à própria sorte’ (cf. entrevistas: Jerimum, Macaxeira). A pandemia do Covid-19 explicitou as precariedades das condições de vida nas periferias, porque elas se tornaram um fator potencial de agravamento da contaminação pelo coronavírus.

Por isso, no caminho da ‘ida para as comunidades’ há o encontro do vírus da fome, que já estava lá, com o vírus da Covid-19, que chega de várias formas, invisível, mas pode ser letal. Para o enfrentamento destas duas situações críticas, a partir das comunidades, a CMS avalia a necessidade de formação política para as comunidades. O grau de desinformação, especialmente sobre a Covid-19, favorecia a necropolítica do governo Bolsonaro. Então, elabora-se um plano de formação para dar início à formação de agentes populares. Os agentes populares são pessoas das comunidades com disposição para atuar na e com a comunidade para o enfrentamento das duas crises sobrepostas, a fome e o coronavírus, que desestabilizam a vida em todas as suas dimensões.

O programa de formação dos agentes populares orientou-se pelos princípios metodológicos da educação popular. A campanha Periferia Viva elaborou os materiais formativos para formação dos/das agentes populares baseados nesta concepção de educação popular:

Educação popular é o esforço planejado e intencionalizado de mobilização, organização e capacitação das classes populares. É uma ferramenta que propicia

entender o que está acontecendo (conjuntura), o que conduz a estes acontecimentos (estrutura), o que aconteceu antes que nos levou até o momento atual (história). É uma forma de ler a realidade na sua atualidade (contradições e forças sociais) e ser capaz de propor ações para alterar, em parte, esta realidade (conquistar direitos, fazer reformas) e a se organizar para lutar para transformar a sociedade (reformas de base, visando um projeto popular) em vista de uma sociedade que vá além do capital (Periferia Viva, 2020, p. 10).

A importância política deste trabalho formativo de agentes populares para atuar nas comunidades implicava em desenvolver as suas capacidades para conhecer a realidade da comunidade, conhecer as dificuldades da vida das pessoas naquele contexto, e, coletivamente, construir as propostas de superação. No processo de conhecimento da realidade, a relação de diálogo, através da escuta, da observação, da convivência nos espaços de vida das pessoas possibilita a criação de vínculos do agente com a comunidade. Desta vinculação com a comunidade é que se fortalece a confiança política no trabalho de base com a comunidade. Esses aspectos são fundamentais para alcançar o envolvimento político da comunidade nas lutas coletivas.

O ser agente popular na comunidade, o seu modo de agir conforme a formação com a educação popular é explicado desta maneira:

A própria palavra *agente* mistura agir e gente. Ou é quem age para que outros passem a agir. Ele age com os outros (construindo juntos) e não para os outros (dando pronto). É alguém que articula e organiza pessoas para a ação. É alguém que está aberto para forjar em si uma consciência social organizativa, pois foi além da mera consciência social crítica (que sabe as determinações dos problemas e os respectivos responsáveis) (Periferia Viva, 2020, p. 12).

A CMS investiu esforços e energias para desenvolver e multiplicar os trabalhos formativos de agentes populares. Esta estratégia de formação de agentes foi uma necessidade política que se apresentou no processo organizativo, considerando a expansão territorial de abrangência que a campanha alcançou já no seu primeiro ano de existência, numa conjuntura severa de crise sanitária.

A primeira formação de agentes populares foi desenvolvida para Agentes Populares de Saúde (AgPS). Através das redes sociais, a CMS divulgou um link para inscrições com a chamada “ajude a sua comunidade”. Milhares de pessoas se inscreveram, inclusive de outros estados. Fez-se a opção de realizar presencialmente o curso, observados todos os protocolos para prevenção da contaminação. O público alvo ficou em cem pessoas da RMR. As primeiras turmas dos AgPS se formaram em agosto de 2020, com certificação da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) e da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ (MST PE, 2023)⁶⁷ ⁶⁸.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/lancada-cartilha-de-apoio-aos-agentes-populares-de-saude/>. Acesso em: nov. 2025.

⁶⁸ CASTRO, Beatriz. Agentes de saúde repassam conhecimentos sobre a Covid-19 para moradores de comunidades. G1 PE, 1 ago. 2020. Disponível em:

O Curso de Agentes Populares de Saúde – Mãos Solidárias na Comunidade. Ele foi possível com parcerias com as universidades para certificação do curso e envolvimento de estudantes para contribuir com os trabalhos territoriais. Para a realização do mesmo criaram-se comissões: mobilização comunitária; pedagógica (elaborar e realizar o curso, seu conteúdo e metodologia e preparar material de apoio); acadêmica (cuidava das inscrições das turmas e certificação dos participantes); de infraestrutura, finanças e logística (para garantir o mínimo necessário) e a de comunicação. O curso era de 20 horas (12 teóricas e 8 de dispersão nos territórios) e foi realizado em três módulos: (1º) sobre o que somos nós e o que sabemos sobre o vírus; (2º) como se cuida da minha comunidade; (3º) sem direitos não dá para ficar em casa. (MST - PE, 2023, sem paginação).

A atuação dos AgPS nas comunidades da periferia se orientará pela concepção da educação popular em saúde para construção de territórios saudáveis. Esta concepção da saúde é assumida como visão integral, que se realiza na conexão com as várias dimensões da vida (econômica, política, mental, física) (Albuquerque; Silva; Mélllo; Tavares; 2024).

Como explica a médica sanitária Paulette Cavalcanti, da FIOCRUZ de Pernambuco, que contribuiu no trabalho de formação dos AgPS.

Saúde não é só não ter doenças. A gente considera que saúde é um recurso para se conseguir outras coisas, como renda, casa. Para que um território seja saudável, aquele bairro precisa de alimentação, água encanada, tratamento de esgoto. A gente busca garantir saúde através da luta desses agentes, que vão organizar a comunidade na perspectiva de conseguir melhores condições de vida⁶⁹

Para a construção dos territórios saudáveis, os AgPS fizeram um trabalho de escuta na comunidade sobre os principais problemas sociais locais. Este trabalho popular na base constituiu-se num diagnóstico da realidade, que servia como orientação para as ações políticas a serem desenvolvidas com o envolvimento da comunidade. No seu caderno de anotações os AgPS tinham o olhar voltado para as condições da saúde e os riscos da contaminação, mas “logo foram percebendo que a maior demanda, além da falta de informação, era falta de renda e de alimentação” (MST - PE, 2023, s/n).

Este trabalho formativo junto à comunidade logo se desdobrou em novas ações organizativas e na formação de outros tipos de agentes populares para atuar nas demandas apontadas nos diagnósticos. Formaram-se agentes populares de comunicação para atuar na divulgação das ações solidárias em andamento; agentes populares de direitos para ajudar no acesso da política do Auxílio Emergencial⁷⁰ agentes populares de alimentação para a

<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/08/01/agentes-de-saude-repassam-conhecimentos-sobre-a-covid-19-para-moradores-de-co>. Acesso em: nov. de 2025.

⁶⁹ BARROS, Maria Lígia. Campanha Mãos Solidárias aprofunda atuação em Pernambuco com nova formação de agentes populares. Brasil de Fato, Recife, 15 mar. 2022.

<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/15/campanha-maos-solidarias-aprofunda-atuacao-em-pernambuco-com-nova-formacao-de-agentes-populares/>. Acesso em: nov. de 2025.

⁷⁰ BRASIL. Lei nº 13.982 altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, para dispor sobre parâmetros adicionais de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de elegibilidade ao benefício de prestação continuada (BPC), e estabelece medidas excepcionais de proteção social a serem adotadas durante o período de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-

organização dos bancos populares de alimentação. Foram centenas de turmas e milhares de agentes populares formados para atuar nas comunidades.

Só aqui em Recife foram mais 150 turmas na região metropolitana, então a gente poderia dizer uma média de 10, 15, a gente formou umas 2 mil pessoas, é mais ou menos o que a gente chuta, chegando em comunidades, porque é um detalhe importante, no início a gente ia trabalhar só com uma formação online, mas depois a gente se deu conta um pouco da necessidade. Foi uma oportunidade de nós territorializar tudo aquilo que as pessoas tinham tentado nos últimos 10 anos, chegar nas comunidades, construir vínculos, ali era uma oportunidade. Tanto que a gente chegou em mais de 150 bairros. (Macaxeira, 2025).

A ação política de formação dos agentes populares nas comunidades das periferias foi uma iniciativa de territorialização da CMS que representou uma nova qualidade política nas ações solidárias, para além da ação distributiva dos alimentos para o combate à fome. A territorialização material, através da distribuição dos alimentos da reforma agrária popular, se ampliou com atuação dos agentes populares em diferentes frentes de ações.

A maneira de atuação dos agentes populares estava orientada no sentido do fortalecimento da organização coletiva para enfrentar as demandas sociais que se apresentavam. O processo do fortalecimento da organização popular para a atuação coletiva foi um passo importante e necessário, para o qual os agentes populares deram uma contribuição fundamental.

No movimento como as ações solidárias vão se desenvolvendo observa-se o encadeamento do processo organizativo da CMS. Surgem novas demandas que precisam ser integradas à estratégia do projeto que a CMS está desenvolvendo. A preocupação política e metodológica da coordenação da campanha era em garantir uma processualidade ao projeto da solidariedade ativa iniciada com as marmitas solidárias. As ações solidárias precisam estar ligadas, conectadas para superar a ideia de evento, que tem prazo de validade previsto desde o começo (cf. entrevista: Macaxeira, Jerimum, 2025; MST PE, 2023).

19) responsável pelo surto de 2019, a que se refere a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13982.htm. Acesso em: nov. 2025. O Auxílio Emergencial foi uma política pública, durante a pandemia do Covid-19, no valor de R\$ 600,00 para atender famílias de baixa renda, sem renda, como uma forma de proteção social. A dificuldade para o acesso a este recurso foi considerável. Porque os encaminhamentos necessários deviam ser feitos via aplicativo de celular com geração de códigos para efetivação do cadastro do beneficiário que deveriam ser reenviados para a Caixa Econômica Federal. Muitas pessoas não tinham conhecimentos para lidar com a burocracia governamental. Para destrinchar esta burocracia, os agentes populares de direitos foram demandados nas comunidades (cf. entrevista, Macaxeira). UNICEF; CONGEMAS. Auxílio emergencial durante a pandemia do coronavírus: como funciona e quem pode receber? [S. l.]: UNICEF; CONGEMAS, 2020. 1 documento eletrônico. Disponível em: <https://www.unicef.org/>. Acesso em: nov. 2025

Fotografia 5 - A formação de agentes populares teve início em 2020, com o objetivo de desenvolver territórios mais saudáveis em meio ao contexto da chegada da covid-19



Fonte: Jornal Brasil de Fato (2022)

Numa leitura geográfica, a formação política dos agentes populares e suas agências nas comunidades contribuíram para a territorialização imaterial da CMS nos territórios. A imaterialidade aqui referida é a que se efetiva pela formação ideológica crítica que se fez necessária no contexto político da pandemia do Covid 19, atravessado pelas crises e desinformação. No trabalho dos agentes populares de saúde, as informações para prevenção contra coronavírus foram desenvolvidas com metodologias e recursos práticos para compreensão das pessoas. Muito referida nas entrevistas “as meninas do colorau”, que utilizavam este tempero culinário em pó para demonstrar a contaminação e a prevenção do coronavírus. “Aí a gente era chamada as meninas do colorau, porque a gente usava o colorau na mão para que eles vissem como era um vírus que estava naquele local. Ficou bem conhecida essa técnica aí... É na mão, vermelhinha.” (cf. entrevista, Melão; Cheiro Verde; Feijão).

Os agentes populares de alimentação atuaram na organização dos bancos populares de alimentos e fizeram debates sobre a origem dos alimentos que eram distribuídos, sobre a reforma agrária, sobre os assentamentos, sobre o MST. “Sem dúvida, pegando o caso do boné, aqui nesses períodos de 2020, foram mais de 100 mil Bonés que a gente distribuiu. Então acho

que esse é um elemento. Os bancos de alimentação e alimentação realmente fizeram com que essa lógica de entender o que é o MST, o que é essa luta foi chegando nas periferias” (entrevista, Macaxeira).

A dimensão imaterial da territorialização da CMS se efetivou pelas ações de conscientização que se desenvolveram com a população das vilas e periferias. A ‘batalha das ideias’ é uma conceituação apropriada para esta forma de abrangência territorial imaterial que a CMS implementou com os agentes populares nas comunidades. Com as ideias, também contribuiu neste processo a divulgação dos símbolos e a criação da identidade visual da CMS.

3.2.5 As Cozinhas Populares Solidárias

A organização das cozinhas populares solidárias nos territórios foi uma meta que a CMS se propôs a colocar em prática desde o começo das ações solidárias com a produção das marmitas solidárias no Armazém do Campo. O entendimento político é que uma cozinha popular congrega diversos fatores que relacionam a fome, os tipos de alimentação, os sistemas de produção agrícola, a saúde das pessoas com a organização social desde o local. Na comunidade, a cozinha solidária pode ser o coração do território para desenvolver formação de consciência, organização popular e formas de lutas para as transformações sociais que se fazem necessárias (Leme, 2024). Comer é um ato político; cozinhar, também!

A iniciativa popular de organização das cozinhas solidárias vem de mais tempo na realidade histórica brasileira. Situa-se nos anos 1980-1990, quando os efeitos das políticas econômicas neoliberais provocaram uma desorganização da economia brasileira e das relações de trabalho. O aumento do desemprego e da inflação foram as questões que afetaram diretamente a vida de milhões de brasileiros. Houve uma sucessão de planos econômicos para tentar resolver estes problemas, através do congelamento dos preços dos alimentos, da criação de nova moeda, de confisco da poupança, de arrocho salarial, de corte de gastos, de privatizações das estatais. A inflação, neste período, alcançou níveis elevadíssimos; em 1990, passou de 1.700% ao ano, depois do fracasso do Plano Collor (Furno; Rossi, 2023). Neste contexto de esgarçamento do tecido social, as iniciativas de organização de cozinhas solidárias foram as formas de resistência coletiva para enfrentar a fome, a consequência direta da desigualdade social crescente.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)⁷¹, com destacada atuação na luta por moradia popular nas cidades, amplificou a organização das cozinhas solidárias neste período, como estratégia de manter a unidade política nas ocupações urbanas, onde o público dos ocupantes se constituía de famílias sem casa, desempregadas e em situação de insegurança alimentar. Através da ação política de organização coletiva das cozinhas solidárias, as fomes coletivas eram combatidas nestas ocupações urbanas, fortalecendo os valores da coletividade e da solidariedade (De Sordi, 2022; 2023). Esta forma de luta e organização emergiu com força na pandemia do Covid-19, quando outra vez as políticas neoliberais foram aplicadas, como descreve Denise de Sordi (2023):

Cozinhas Solidárias, geridas pelos movimentos sociais, emergiram como uma das formas de organização popular e de defesa da Soberania Alimentar, sob o argumento de que estavam “fazendo o que o governo não faz”. As ações contaram com o acúmulo de experiências das lutas e mobilizações populares e com a formulação de engenharias de urgência desenvolvidas frente ao cenário onde 33,1 milhões de trabalhadores estavam em condição de fome, mais acentuadamente, entre os anos de 2021 e 2022 (destaque da autora) (De Sordi, 2023).

A implementação das cozinhas populares solidárias nos territórios pela CMS, durante a pandemia do covid-19, seguiu o caminho dos bairros e vilas onde as experiências de trabalho de base estavam em curso com militantes de diversas organizações sociais, em diferentes formas de atuação⁷².

Em alguns bairros e vilas de Recife o MST, a partir de 2018, deu início a um trabalho de base através da Brigada Congresso do Povo. Eram militantes do MST, Consulta Popular, Pastoral de Juventude Rural que foram deslocados para bairros da periferia, onde se inseriram na vida da comunidade, residindo no local, para conhecer a realidade e se aproximar das lideranças e das lutas (MST PE, 2023; entrevistas, 2025: Jerimum; Macaxeira, Melão).

Este movimento de inserção com trabalho de base nos bairros continuou durante a pandemia. Constituiu-se uma nova brigada de militantes sociais para acompanhar e fortalecer as ações de solidariedade que a CMS estava desenvolvendo. A Brigada Popular Solidária Dom Hélder Câmara foi constituída, em 2021, com militantes dos movimentos sociais e de voluntários que se somaram nas chamadas pelas redes sociais para os trabalhos solidários com

⁷¹ O MTST nasceu em 1997 “com o intuito de garantir o direito constitucional à moradia digna para todos e todas”. A bandeira social da luta por moradia transbordou para outros direitos e necessidades sociais da população nos centros e periferias urbanas. Ele está presente em 14 estados. Atualmente, o projeto político e de sociedade que o MTST defende, sintetiza-se nas lutas por *Teto, Trabalho e Pão*. O ‘pão’ da luta política do MTST coloca a importância da organização das cozinhas solidárias como forma de resistência coletiva de combate à fome, especialmente nas ocupações urbanas por moradia. Disponível em: <https://mtst.org/quem-somos/o-mtst/>. Acesso em nov. 2025.

⁷² A partir das entrevistas (Melão, Macaxeira, Cheiro Verde, Jerimum, 2025) havia trabalho de base sendo realizado nas vilas de Recife por diferentes organizações, como: MST, MTD, Consulta Popular, Marcha Mundial de Mulheres, Turma do Flau (ONG), Reciclando Vidas (ONG), e as igrejas de diversa confissões.

os objetivos de “acompanhar as lideranças nos territórios, ajudar na organização dos bancos populares de alimentos e o trabalho dos AgPS” (entrevista, Macaxeira; Melão). A identidade política e visual para o trabalho de base desta brigada será ‘Mãos Solidárias’, no sentido de dialogar com a sociedade e agregar mais gente para a causa. Com a expansão territorial das ações de solidariedade, houve uma reorganização da Brigada Dom Hélder; formaram-se cinco brigadas territoriais para poder acompanhar todo o processo organizativo.

Faço este percurso histórico para situar que houve um largo e longo trabalho de formação e inserção nos territórios antes da organização das cozinhas populares solidárias nos territórios se efetivar. Houve a preparação do terreno, através das ações solidárias com os bancos populares de alimentos, combinada com a inserção social e política de militantes, e a formação de agentes populares nas comunidades.

A fala nesta entrevista ilustra esta análise:

Porque muitos trabalhos já existiam. O Flau [Turma do Flau] já existia antes do Mãos. O Mãos agregou muita coisa que já existia, mas estavam localmente isolados. Naquele trabalho de organização popular. [...] Ele juntou. Agora, com o andar da carruagem, a gente também faz um trabalho de base de novas células. Então, a gente tem organizações que já existiam, vamos dizer que é 80%, não fomos nós que criamos, elas já existiam de forma isolada, localizada, com uma discussão política interessante de esquerda, de mudança, de vontade, mas aquela coisa local, urbana, isolada. O Mãos vem para poder juntar, é uma oportunidade de juntar isso tudo. Então, Mãos Solidárias oportunizou tanto quem já tinha história como para construir novos (Melão).

De outra parte, a CMS não dispunha de recursos financeiros suficientes para a montagem de cozinhas nos bairros. Os recursos eram arrecadados via campanhas por pix solidário e utilizados para os gastos correntes da campanha, sendo o principal a compra de proteína animal ‘para a mistura’ e a logística (entrevistas; Cheiro Verde, Coentro, Melão, Macaxeira, 2025).

A primeira cozinha popular solidária organizada na periferia foi no final de 2021, nas Palafitas do Pina, onde havia trabalho de base com militantes da Brigada Dom Hélder. É uma vila encravada nas bordas do tradicional ‘bairro dos ricos’, o Boa Viagem, no Recife. Como o próprio nome já diz, Palafitas, as moradias são erguidas em condições bem precárias, basicamente de madeira aglomerada, nas margens de um canal de entrada do mar. O Pina é um histórico reduto de famílias que vivem da pesca (Pereira da Silva 2017). Uma região muito disputada pela especulação imobiliária.

Certamente houve conflitos com os interesses imobiliários, porque a cozinha popular solidária foi destruída por um incêndio criminoso que queimou 40% das moradias das Palafitas,

quatro meses depois do seu início ⁷³. Ela havia sido construída em mutirão pela comunidade a partir de doações dos materiais. Fornecia 500 marmitas por dia para a população da comunidade.

Em maio de 2022 ocorreu uma enchente muito grande em Recife. Nas periferias milhares de famílias ficaram desabrigadas. No bairro do Ibura ocorreu um deslizamento de terreno que soterrou centenas de pessoas; as lideranças entrevistadas informaram que a estimativa foi de 150 pessoas mortas soterradas (entrevistas, 2025: Cheiro Verde, Milho Verde; Jerimum, Macaxeira).

Toda esta situação de calamidade pública causada pela enchente se somou com o que a pandemia do Covid-19 já provocava na vida das pessoas. Diante dos acontecimentos trágicos, a Brigada Territorial, que estava inserida e residia no bairro, com a coordenação da CMS, iniciaram uma campanha nas redes sociais de doações para as famílias desabrigadas. A campanha teve alcance nacional e internacional e sensibilizou artistas e empresários donos de lojas. Fruto desta campanha é que foram doados materiais de cozinha suficientes para organizar treze novas cozinhas nos vários territórios onde a CMS já tinha inserção com os bancos populares de alimentos e agentes populares.

Neste projeto de trabalho e pesquisa, fiz entrevistas e visitas a quatro das treze cozinhas populares solidárias que foram organizadas nas comunidades a partir de maio de 2022, fruto das doações da campanha para ajuda aos desabrigados da enchente em Recife.

3.2.5.1 Cozinha Popular Solidária Vila dos Milagres

A Vila dos Milagres está localizada no Bairro do Ibura, que é formado por mais de duas dezenas de outras vilas, na periferia de Recife, com uma população estimada em torno de cinquenta mil habitantes ⁷⁴.

As caracterizações sobre as condições de vida dos moradores, as condições de trabalho, a formação social de raça e gênero foram bastante claras na apresentação da vila como um

⁷³ PORTAL FOLHA DE PERNAMBUCO. Cozinha Solidária alimenta moradores de palafitas do Pina; inauguração acontece nesta sexta (5). Folha de Pernambuco, Recife, 4 nov. 2021. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/cozinha-solidaria-alimenta-moradores-de-palafitas-no-pina/204467/>. Acesso em: nov. 2025. DINIZ, Fabiano Rocha; ROCHA, Danielle de Melo. A crônica de um desastre anunciado. As palafitas do Recife só são visíveis quando queimam? Observatório das Metrópoles, [S. l.], 19 maio 2022. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/a-cronica-de-um-desastre-anunciado-as-palafitas-do-recife-so-sao-visiveis-quando-queimam/>. Acesso em: nov. 2025.

⁷⁴ RECIFE. Prefeitura. Ibura. Recife: Secretaria de Controle e Desenvolvimento Urbano e Obras, [2012?]. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/ibura?op=NTI4Mg==>. Acesso em: nov. 2025.

território de pobreza e desigualdade social. Uma situação muito presente nas periferias urbanas brasileiras. Na entrevista com a coordenadora da Cozinha Popular, ela informa:

Muita gente passando fome. Tem gente aqui que vive vida de miséria. É. Tem gente aqui que você chegou aqui, você vê que tá bonitinho aqui. [...] Mas se você entrar aqui mais um pouco, você vai ver que as pessoas moram dentro do lixo. [...] Muitas mães solo. E é mãe que não tem só um, dois, três filhos, não. É oito, é nove, é dez, é onze. É muita criança. Mãe solo, não tem com quem deixar as crianças.

E a situação de trabalho: Não tem, não tem. Precário, né? Mora dentro de uma favela. Periférico. São pessoas rejeitadas na sociedade, gente não tem um espaço no meio do trabalho, não tem esse espaço de ter essa oportunidade. Porque mora dentro de uma favela, não tem estudo, porque o governo não dá a possibilidade dessas pessoas se alfabetizarem e poder ter uma escolha e um momento de vida melhor. [...]

São tudo mulher negra. A maioria são mulheres negras, mulheres solas. Pessoas sem oportunidade de emprego, pessoas que a sociedade não permite. São pessoas vulneráveis que são invisíveis para eles. São pessoas invisíveis. O pessoal pobre e negro, que mora nas periferias, não é visível, só serve nele em si. [...]

De três em três dias temos água. Chega às oito da manhã. Vai às duas embora, há três anos.

Águas correndo na rua. Cano estourado, fossas estouradas, misturados com os canos. Tratamento zero, saneamento zero (Milho Verde, 2025).

Neste ambiente social da Vila dos Milagres, havia trabalho de base com os militantes da Brigada Dom Hélder desde antes da pandemia. Esta relação política com o bairro se fortaleceu durante a pandemia, quando a Cozinha Popular Solidária do Armazém do Campo foi organizada. Semanalmente um grupo de lideranças da comunidade se deslocava até o Armazém para se somar em todo o trabalho da produção e distribuição das marmitas solidárias para população em situação de rua. Com a decisão de distribuição da alimentação in natura, com as cestas solidárias e os bancos populares de alimentos, as ações de solidariedade chegam à comunidade, materialmente, através dos alimentos dos assentamentos e acampamentos do MST.

A gente se achou dentro do MST quando a gente viu a questão das marmitas, quando a gente viu, porque teve o curso também, teve os cursos de agentes populares de saúde, que era o povo cuidando do povo. O MST, junto com a Mão Solidária, entrou nas comunidades para trabalhar com as pessoas ensinando como se proteger, como um cuidar do outro. Porque não tinha ninguém que entrasse nas comunidades para nos orientar. O MST também doava alimentos de acampamentos, assentamentos trazidos para nós das áreas de periferia. [...] Batata, macaxeira, galinha caipira. Era isso. Porque quem sustentou mais... Quem sustentou na pandemia o pessoal das periferias e pessoas moradores de rua foi MST, com doações (Milho Verde, 2025).

A enchente ocorrida em maio de 2022 provocou uma tragédia no bairro de Ibura, como já abordei anteriormente. Pela campanha de doações às famílias desabrigadas é que chegaram os materiais para montagem da cozinha popular na Vila dos Milagres. O funcionamento da cozinha teve início com a sobreposição de três situações críticas: a fome, a pandemia do Covid-19 e a enchente. A enchente agravou ainda mais as outras duas crises já vividas na comunidade.

A cozinha foi demandada para produzir marmitas para muito mais pessoas de outras comunidades. A organização da produção das marmitas solidárias na comunidade seguiu o método desenvolvido na cozinha do Armazém do Campo, do qual as lideranças da Vila dos Milagres já tinham participado.

A descrição do início do funcionamento da cozinha popular solidária Vila dos Milagres:

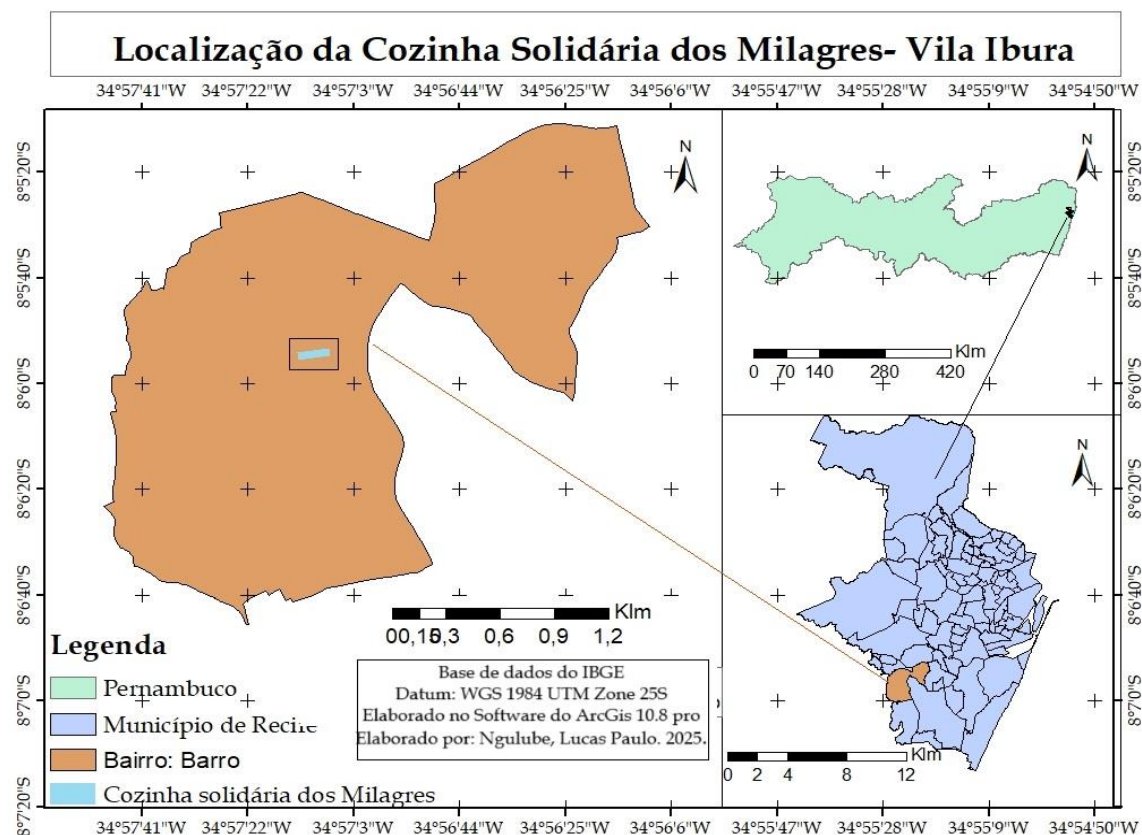
[No início] a gente fazia 3.200 marmitas por dia. A gente faz para o Sapo Nu, para o Ibura de Baixo, o 27, o R3. Por dia, a gente faz por dia. A gente conseguiu...se organizar. A gente tinha uma equipe que cozinhava, que fazia o café da noite e tinha outra equipe que fazia o café da manhã. A gente tinha um grupo de WhatsApp de pessoas voluntárias, que eram pessoas que se disponibilizavam, que isso eram pessoas de movimentos sociais, pessoas de comunidade também, que se apresentavam também a estar nesse engajamento, né? E também a gente, o Mão Solidária também, aí a gente se organizava, tinha gente que tinha carro, aí essas pessoas que tinham carro levavam para mais longe. [...] a gente foi assim uns quatro ou cinco meses (Milho Verde, 2025).

A cozinha solidária popular na comunidade, com seu funcionamento, ressignifica a organização popular em seu modo organizativo local. Ela dinamiza a comunidade a partir de uma questão bastante angustiante, que é a insegurança alimentar que pode chegar à situação de fome. No enfrentamento a esta situação, as alternativas mais viáveis passam pela capacidade organizativa que junta os que sofrem, os que padecem com a situação para participar das ações que transformam a realidade. Esta transformação se faz com o envolvimento ativo das pessoas. Essa dimensão do envolvimento ativo das pessoas faz com que o projeto político se efetive. No caso, na Vila dos Milagres, a cozinha popular se torna um pólo agregador de pessoas para trabalhar no combate à fome. Ela é um território novo, criado e dirigido pela organização popular a partir da comunidade, conectada ao projeto político da CMS.

Houve dificuldades de garantia de local adequado para instalação da cozinha. Inicialmente foi num espaço cedido pela igreja presbiteriana, depois teve que se mudar para a casa de uma família, temporariamente. Por último, a casa da coordenadora (Milho Verde) teve que garantir o espaço para cozinha. Em relação a estes episódios, a necessidade alimentar da comunidade prevaleceu na busca de alternativas para que a cozinha continuasse funcionando no território.

Essa cozinha tem que ficar aqui. Porque é daqui que a gente tira a comida dos nossos filhos pra levar pra casa. E eu fiquei desesperada, sabe? Eu disse, meu Deus, o que é que eu faço agora? E não tinha espaço, a gente não tinha outro espaço. Eu disse: não, vou montar aqui em casa, a cozinha. Aí montei nesse terraço aí (Milho Verde, 2025).

Mapa 4 - Localização da Cozinha Solidária dos Milagres – Vila Ibura, Recife



Fonte: Lucas Paulo Ngulube (2025)

3.2.5.2 Cozinha Popular Solidária Frei Beda

Brasília Teimosa é um bairro com uma denominação sugestiva e provocativa, relacionada à luta histórica de resistência das famílias de pescadores por regularização fundiária urbana e pelo direito digno à moradia. Há várias comunidades/vilas que compõem o referido bairro, que é contíguo ao bairro Boa Viagem. A relação de vizinhança com o rico bairro foi esclarecida logo no início da entrevista com a coordenadora da cozinha (Cheiro Verde) sobre a localização: “Brasília Teimosa não é em Boa Viagem; a Boa Viagem não aceita a Brasília Teimosa e a Brasília Teimosa não aceita a Boa Viagem, certo?!”

A cozinha popular solidária Frei Beda existe e funciona em um dos espaços comunitários da organização não governamental Turma do Flau (Centro Educacional Profissionalizante do Flau), que é referência histórica em Recife pelos trabalhos sociais que desenvolve com as famílias do bairro, através da cultura, arte e educação, focando especialmente nas crianças, juventude e mulheres (Pereira da Silva, 2017).

As relações políticas de Brasília Teimosa com o MST já existiam anteriormente à pandemia do Covid-19, por conta das lutas comuns que estas organizações travam em torno da reforma agrária e urbana. Durante a conjuntura da pandemia do Covid-19, onde a desassistência do estado e a desinformação vigoraram, a CMS buscou apoio no movimento social Marcha Mundial das Mulheres (MMM), que tinha base social no bairro com os coletivos de costureiras, para a confecção das ‘máscaras solidárias’.

E daí veio a construção das máscaras. E nesse momento, quando a gente entrava nas casas, a gente entregava as máscaras e ensinava como ela era. Que o grupo mesmo aqui produzia. Muitas máscaras. Mais de 5 mil máscaras. A gente produziu só no bairro de Brasília Teimosa (Cheiro Verde, 2025).

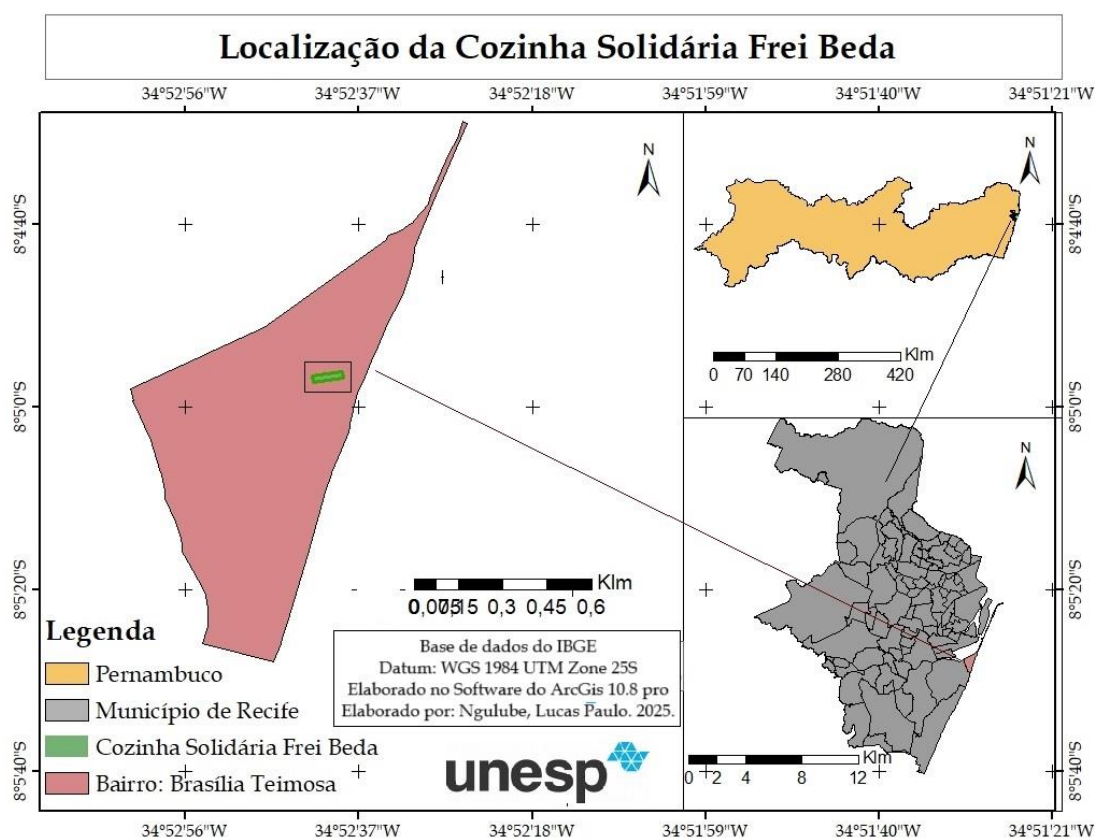
As máscaras solidárias foram o elo inicial da relação política com as ações solidárias que já estavam em curso pela CMS.

De imediato, a gente começou a construir as máscaras, só que daí a gente viu que era muita...Muita comida, ia precisar de muita gente. Então, a cada semana, um grupo, um movimento, ia para o Armazém do Campo. Daqui para lá, para o Armazém, para poder ajudar na construção das quentinhas. Cortar verduras, ajudar na preparação. Então, tinha um dia que era a igreja que estava lá todo dia fazendo a alimentação. No outro dia, era o Armazém do Campo, que estava na construção. E no outro era o sindicato. Então, por isso, Mão Solidária. Porque foram várias pessoas de vários movimentos (Cheiro Verde, 2025).

A organização da cozinha popular solidária Frei Beda ocorreu no espaço social da instituição, onde o coletivo de mulheres se reunia. Os materiais de cozinha foram as doações da campanha de ajuda às famílias desabrigadas da enchente em Recife, em 2022. Um grupo de pessoas de Brasília Teimosa atuou nas ações solidárias no bairro do Ibura no pós-enchente.

Então, a cozinha aqui mesmo começou a funcionar em 2022, depois de todo esse flagelo da enchente, aí também veio a solidariedade e a ajuda. Sem contar que, em plena pandemia, aqui era um banco de alimentos. Aqui em Brasília Teimosa, a gente tinha cinco bancos de alimentos. [...] É a partir do banco de alimentos que a gente traz as pessoas do banco para dentro da cozinha. Entendeu? (Cheiro Verde, 2025).

Mapa 5 – Localização da Cozinha Solidária Frei Beda, no bairro Brasília Teimosa, Recife



Fonte: Lucas Paulo Ngulube (2025)

Vale destacar que as mulheres coordenam e fazem todo o processo do trabalho da produção e distribuição das marmitas solidárias nesta cozinha. “Aqui no nosso grupo, 90% são mulheres” (entrevista, Cheiro Verde). A questão de gênero nas ações de solidariedade de combate à fome apresenta a força ativa das mulheres em número muito maior do que de homens. Essa presença ativa feminina se traduz em novas ações práticas de solidariedade a partir do território da cozinha popular solidária, onde elas exercem seu poder e serviço.

Na cozinha Frei Beda, em que parte do público atendido são moradores e moradoras de rua, foi criado o ‘varal solidário’.

Então, hoje a gente tem o varal solidário, a gente recebe as roupas de doação, no dia eles vêm receber a marmita, a gente bota aqui, ó, tá vendo [...], aí eles vão escolher a roupa que eles estão precisando, o calçado que eles estão necessitando. Cada um escolhe o que eles necessitam [...]. Ninguém vai comprar e vender. Muita roupa nova, roupa de marca, não interessa, é deles (Cheiro Verde, 2025).

Outra ação solidária que se expressa pela presença ativa das mulheres na cozinha solidária é o que se pode afirmar de solidariedade afetiva, a prática do cuidado afetivo que

alimenta a autoestima das pessoas devastadas pela opressão, que cria laços de empatia com os públicos atendidos, o que vai além dos alimentos que recebem.

Na entrevista, a coordenadora ressaltou esta forma de solidariedade afetiva:

Às vezes, muitos chegam aqui, só é um abraço, só é conversar. Então, a gente pára, a gente senta, a gente abraça. Autoestima, né? Infelizmente, alguns estão cheirosos, outros falam, mas a gente tem que estar na vida, tem que dançar o samba do jeito que o pagão está tocando. Então, hoje elas entendem isso. Hoje, quando elas estão na rua, todo mundo é tia. Ô tia, vai ter hoje? É uma relação de confiança que eles têm. (Cheiro Verde, 2025).

A solidariedade ativa que chega na comunidade com os alimentos dos assentamentos e acampamentos do MST, das doações da Ação da Cidadania, ela abre espaços de atuação para as lideranças que já atuavam e para novas que surgem. A cozinha popular solidária como território das ações de combate à fome se especializa com as novas formas de ações que vão se constituir na comunidade. Os agentes populares, o varal solidário, a ciranda solidária para as crianças enquanto as mães trabalham na cozinha solidária são formas de extensão do território cozinha popular solidária.

3.2.5.3 Cozinha Popular Solidária Vale da Paz

Vale da Paz é uma comunidade no município de Paulista, na RMR. É fruto de uma ocupação urbana de um território por famílias que vivem em situações de desemprego, trabalhadores informais, muitas mães solas, enfim famílias que precisavam de terreno para construir uma casa para morar e sair do aluguel.

Na entrevista com a coordenadora da cozinha popular solidária, ela informa aspectos da vida das famílias e da vila.

Pra iniciar, a gente está dentro dessa comunidade desde 2010. Foi quando toda a comunidade entrou e o pessoal que Milho Verde organizando, eles...Depois de um ano da gente estar lá só tomando conta de um pedacinho, você vai ficar aqui, enfim. Eles fizeram a divisão de 10 por 20 para cada um [...] e foi fazendo as ruas, as quadras, e deixando tudo assim para quando chegar o poder público de fazer saneamento, asfalto e tudo, já está tudo com essa divisão [...]

Muitos desempregados, muitos dependem do Bolsa Família, e assim, muita criança, mãe solo com muita criança, aí tem uma mãe lá que tem sete filhos, né? [...]

Tem uns que até trabalham no formal e outros que no informal. Trabalha no que aparece. Ou limpar o mato, ou procurar reciclagem para vender (Feijão, 2025).

Durante a pandemia do Covid-19, por conta das condições precárias de trabalho das famílias e do lockdown, que diminuiu ainda mais as opções de trabalhos como diaristas, a situação da fome e da contaminação se atravessaram na vida da comunidade com maior intensidade. A busca por soluções, por ajuda, foi uma iniciativa pessoal da coordenadora entrevistada. Através das redes sociais ela encontrou o link de inscrições da Campanha Mãos

Solidárias com a chamada para agentes populares de saúde. Sua inscrição foi em 2021, quando as ações da CMS já estavam no movimento de ‘ida para as comunidades’.

Na comunidade Vila da Paz, as ações de solidariedade da CMS se ligaram aos trabalhos sociais que o Instituto Reciclando Vidas⁷⁵ já Milho Verde desenvolvendo com aulas de judô para as crianças e adolescentes da comunidade, instituição da qual a coordenadora Feijão também faz parte.

O Instituto Reciclando Vidas foi a porta de entrada para as ações de solidariedade se especializarem no território da Vila da Paz e chegar até as famílias. Ele era uma referência de trabalho de base conhecida e aceita pela comunidade. A primeira ação de solidariedade foi a formação dos AgPS na e da comunidade.

Eu fiz uma equipe de 15 pessoas. Só que, na verdade, quando as pessoas começaram a receber o curso, aí umas desistiram e saíram. Aí ficaram só 8 pessoas. Mas essas 8 deram continuidade. [...] Aí a gente fez um trabalho, que estava na pandemia, como lavar as mãos, como usar máscara que as pessoas não queriam usar... tinha que lavar a mão. Aí tinha o colorau, né? Aquele preparo todinho, como lavar direito, enfim (Feijão, 2025).

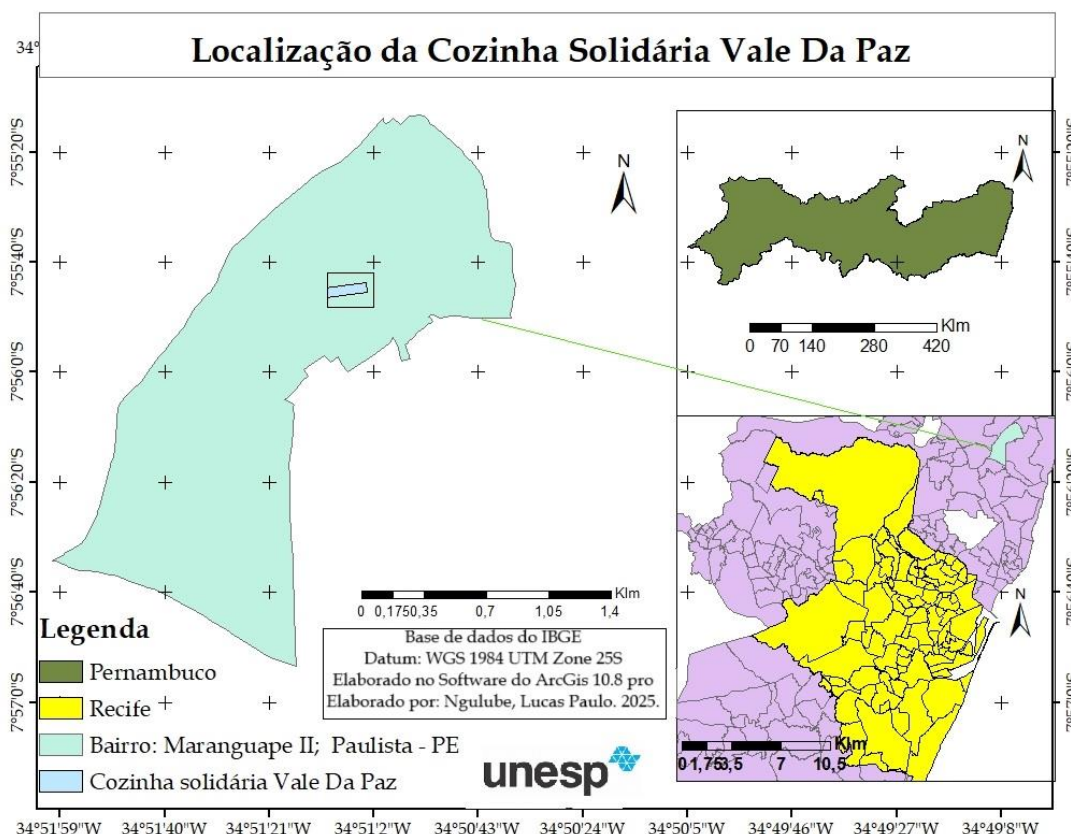
Os AgPS, nas visitas às famílias, também coletaram informações sobre a realidade familiar da alimentação e da fome. O levantamento das informações resultou num cadastro das famílias na comunidade que tinham necessidade de alimentos. “Aí a gente pegou, fez uma relação de pessoas, fez um cadastro, [...] a gente fez esse grupo com 93 famílias (entrevista, Feijão).

O grupo dos AgPS da comunidade Vila da Paz atuaram voluntariamente nas comunidades onde a CMS já desenvolvia ações de solidariedade e na cozinha do Armazém do Campo. Este envolvimento significava formação política para as novas lideranças que estavam aderindo ao projeto, e conhecimento sobre a dinâmica de organização e funcionamento das cozinhas populares solidárias.

Na Vila da Paz, a cozinha solidária foi estruturada em 2022 no espaço do Instituto Reciclando Vidas. “[...] a gente recebeu o fogão e começou. [...] o Mãos Solidárias deram os equipamentos, o espaço a gente já tinha. [...] A gente tinha três dias, que era terça e quinta, era almoço, e a sexta-feira era jantar” (Feijão, 2025).

⁷⁵ O Instituto Reciclando Vidas na Vila da Paz, em Paulista, PE, é uma organização social (ONG) que desenvolve atividades educativas com crianças e adolescentes através de práticas esportivas, como o judô. No espaço físico desta instituição é que a Cozinha Solidária se instalou a partir de 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/instituto_judoreciclando_vidas/. Acesso em: jan. 2026.

Mapa 6 – Localização da Cozinha Solidária Vale da Paz, em Paulista, PE



Fonte: Lucas Paulo Ngulube (2025)

A organização do trabalho na cozinha para produção das marmitas é feita através dos ‘grupos semanais’ que se comunicam por WhatsApp, constituídos pelas mães das crianças e adolescentes que participam das atividades esportivas de judô. São mulheres, mães que coordenam e executam as tarefas na cozinha popular solidária.

A alimentação para a cozinha tem origem nos assentamentos e acampamentos do MST. O processo de expansão das cozinhas populares solidárias enfrentou dificuldades para garantir a regularidade de abastecimento com alimentos de acordo com a quantidade de marmitas demandadas e o número de refeições a serem preparadas semanalmente. O PAA, em 2022, estava quase extinto como política pública de abastecimento alimentar. Na cozinha no Vale da Paz, por conta destas situações, o funcionamento da produção teve que ser diminuído de três para um dia por semana. Produzindo em torno de 100 marmitas a cada refeição.

3.2.5.4 O movimento de “ida para as comunidades” das cozinhas solidárias

A organização das cozinhas populares solidárias nos bairros e vilas da RMR foi um passo importante dentro da processualidade das atividades solidárias de combate à fome que foram sendo implementadas pela CMS. Na processualidade das atividades há um movimento de afirmações políticas das práticas solidárias que acontecem nos territórios. As afirmações políticas são possibilitadas porque há o reconhecimento, o acolhimento, a aceitação pública da comunidade pelas ações solidárias que se desenvolvem localmente.

A territorialização da CMS acontece neste movimento das ações solidárias que se desenvolvem em várias frentes de trabalhos, e que envolvem constantemente as dimensões material e imaterial. Estas dimensões são trabalhadas simultaneamente. A formação e a atuação dos agentes populares na comunidade implicam em ações que despertem uma tomada de consciência sobre as graves crises de fome e da pandemia da Covid-19 que atravessam o país, a comunidade, naquele contexto histórico e político. A conscientização se faz com a teoria e a prática neste método da educação popular. Para as ações dos agentes populares de saúde foi indispensável informar sobre as máscaras solidárias, que juntou as informações e conhecimentos sobre a importância do seu uso como prevenção da contaminação do coronavírus - técnica do colorau - com a fabricação comunitária de máscaras para distribuição à população (Cheiro Verde, Melão, 2025)⁷⁶. De outro modo, os agentes populares de alimentação, no trabalho organizativo dos bancos populares de alimentos, juntavam formação e informação sobre latifúndio, reforma agrária popular, agronegócio, alimentação saudável com a fome, a renda das famílias, a inflação dos alimentos. Toda esta ação formativa era mediada pelos alimentos provenientes dos territórios da reforma agrária, que eram organizados e distribuídos nas cestas solidárias, nas marmitas solidárias.

Nesta caminhada processual de ‘ida para as comunidades’ da CMS, a organização das cozinhas populares solidárias foi um passo a mais na ocupação dos territórios das comunidades. As cozinhas populares solidárias representam a criação de territórios novos nas comunidades, porque são referências localizadas, enraizadas na comunidade. As suas existências sinalizam o movimento construtivo de um projeto político contra-hegemônico (Leme, 2024; Machado; Cordeiro da Silva, 2024).

⁷⁶ As máscaras solidárias: principalmente no início da pandemia, a desinformação, o medo do vírus da Covid-19 geraram sequelas na população. Um dos itens de prevenção, a máscara, logo sumiu, acabou nos mercados e farmácias. Foi então, necessário um trabalho popular de articulação de grupos de costureiras para confecção deste item fundamental para saúde. A CMS articulou uma rede de grupos de costureiras da economia popular solidária que produziram 20 mil máscaras para distribuição à população (MST PE, 2023, não pg; entrevistas, 2025: Cheiro Verde, Melão).

A organização e o funcionamento das cozinhas populares solidárias nos territórios pela CMS podem ser compreendidos como a criação de um vínculo estruturante das ações solidárias, representativas de um projeto político alternativo. As várias cozinhas que a CMS organiza, dão capilaridade ao projeto. A descentralização da cozinha inicial no Armazém do Campo foi uma decisão política acertada que possibilitou alargar a abrangência do projeto político de combate à fome, atendendo uma parcela maior da população em situação de fome e exposta aos riscos da contaminação do coronavírus pela desassistência do Estado. Também, porque havia um contingente de voluntários se envolvendo politicamente na execução das tarefas e tinham que se deslocar das suas comunidades periféricas até o Armazém do Campo.

Com maiores e menores dificuldades, as cozinhas solidárias são espaços formativos para o exercício da vida coletiva (Leme, 2024). O funcionamento das atividades produtivas da alimentação que será servida nas marmitas solidárias envolve organização de equipes locais de trabalho conectadas com os bancos populares de alimentos, que estão ligados a uma rede de assentamentos e acampamentos produtivos. Toda esta gestão do trabalho se orienta pela causa do combate à fome, que é produzida pelo sistema capitalista hegemônico.

A solidariedade ativa como método de organização das cozinhas solidárias representa uma maneira crítica às formas mercantilizadas dos alimentos para tratar dos problemas da fome. No modo de organização das ações de combate à fome que a CMS desenvolveu, o direito humano à alimentação foi garantido e atendido através de um conjunto de ações solidárias que revelam a “desmercantilização dos alimentos” como método de ação política e econômica (McMichael, 2016; Leme, 2024, p 48). O direito humano à alimentação dificilmente será garantido pelas leis do mercado capitalista que sistematicamente o negam, produzindo a fome.

3.2.6 Roçados solidários e hortas urbanas solidárias

As ações de solidariedade de combate à fome, durante a pandemia do Covid -19, colocaram muitos desafios para a CMS em garantir alimentos agroecológicos em quantidade suficiente e periodicidade constante para as cozinhas e os bancos populares de alimentos. Naquela conjuntura sanitária de riscos por contaminação do coronavírus em alta e as ações públicas de prevenção em baixa, as iniciativas com os cuidados preventivos imediatos foram possíveis pelas decisões das organizações sociais, especialmente nas periferias urbanas, onde havia trabalhos de base.

No desenvolvimento das ações de solidariedade foi importante a capacidade criativa de reinvenção das formas de ação para dar sequência ao trabalho de base e de territorialização que

as cozinhas populares solidárias demandavam (cf. entrevista, Macaxeira). A questão dos alimentos foi um dos eixos estruturantes das ações solidárias. Os alimentos, conjugados a toda sua importância nutricional no combate à fome, também contribuíram politicamente para debater a questão da produção, a questão da origem agroecológica ou ultraprocessada dos alimentos. Contribuíram para relação campo e cidade se fortalecer com a prática solidária⁷⁷.

Para fazer este diálogo formativo entre a fome, a Covid-19, a saúde e os alimentos, a CMS estimulou a organização dos roçados solidários, nos assentamentos e acampamentos, e das hortas solidárias nas vilas urbanas da RMR.

Os roçados solidários cumpriam um papel político formativo e produtivo para as ações de solidariedade, como explicam as entrevistas:

Nós pegamos um pouco essa ideia e criamos o roçado solidário. Então chegamos a ter uns 15 roçados aí, acampamentos, assentamentos. Acho que esse é um negócio importante, o povo deixou um cantinho para produzir para a solidariedade e depois doar. E isso criou uma lógica também de envolvimento dos assentamentos, de fazerem parte de todo esse processo, porque o nome do MST de Pernambuco estava rodando, era famoso, mas para os assentamentos que estavam na lógica do *isolamento produtivo*⁷⁸, então também foi uma forma de o povo participar, e foi legal, foram muitos; vou botar 15, 20 roçados que isso Milho Verde para as doações, aí eu cito alguns, mesmo Caruaru, na Normandia, o do Marielle Franco, em Moreno, em Goiana teve ali, teve dois, no Antônio Nascimento, em Bananeirinhas, que são acampamentos,[...] foram vários roçados [solidários] criados (Macaxeira, 2025).

O primeiro [roçado solidário], ainda me lembro até hoje, foi em Lula Livre [acampamento], em Moreno. A gente plantou 1.700 pés de macaxeira. E aí foram pessoas das comunidades e também pessoas da classe média que simpatizam com o MST. E aí o nosso intuito era realmente das comunidades entenderem de onde é que saem esses alimentos, onde é a origem desses alimentos e a importância de se alimentar, porque o povo não está acostumado com o alimento da terra, não. Até porque as condições financeiras não permitem, então tudo é processado [...] Então, para nós, depois dos agentes e tal, foi primordial para a gente dialogar com a sociedade através dos alimentos, de onde vêm esses alimentos (Jerimum, 2024).

A dinâmica dos roçados solidários se efetiva através de dois movimentos simultâneos: a ida do ‘povo das cozinhas’ para os roçados nos assentamentos e acampamentos para práticas

⁷⁷ Na página do MST Nacional, de 18 julho de 2022, a reportagem aborda a importância produtiva e formativa dos roçados solidários durante a pandemia. Neles foram produzidas e doadas mais de 950 toneladas de alimentos para as ações de solidariedade. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/07/18/roçado-solidario-iniciativa-une-o-campo-e-a-cidade-em-nome-da-solidariedade/>. Acesso em: nov. 2025.

⁷⁸ Durante a pandemia, o MST elaborou um conjunto de medidas e orientações para os militantes, para as famílias nos assentamentos e acampamentos: “Dez medidas necessárias para o enfrentamento de todo o povo à Covid-19”. Uma das medidas tratava sobre o isolamento social: “O isolamento social para o povo Sem Terra deve ser *Isolamento Produtivo*, para Plantar Árvores e Produzir Alimentos Saudáveis. Devemos plantar a Solidariedade e enfrentar a pandemia da fome - 19,3 milhões de brasileiros e brasileiras estão passando fome, 116,8 milhões estão em insegurança alimentar e, destes, 43,4 milhões não têm alimentos suficientes”. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/04/17/mst-lanca-parada-pela-vida-e-reafirma-o-isolamento-produtivo/>. Acesso em: nov. 2025. Acesso em: jan. 2026. Em Pernambuco, o MST ressignificou a orientação política do ‘isolamento produtivo’ através dos roçados solidários. A produção nestes territórios da reforma agrária popular circulava até as cozinhas populares solidárias e os bancos populares de alimentos. O ‘povo das cozinhas’ se deslocava até os acampamentos e assentamentos do MST para as práticas produtivas.

de plantio e a vinda dos alimentos dos roçados solidários para as cozinhas e bancos populares de alimentos (Cheiro Verde, Feijão, Milho Verde, Jerimum, Melão, 2025).

As experiências das visitas do ‘povo das cozinhas’ aos roçados solidários se desenvolviam com uma periodicidade mensal, bimensal, conforme as condições financeiras suportavam e as condições de prevenção e vacinação contra o Covid-19 permitiam. A programação do dia da visita-trabalho se desenvolvia com a realização das diversas atividades formativas e produtivas, como exercícios do sentido coletivo do trabalho pela solidariedade. O plantio das verduras nos canteiros, as práticas de agrofloresta, a ciranda infantil, a preparação da alimentação do dia, a avaliação ao final do dia eram as atividades que envolviam a interação coletiva do ‘grupo visitante’ com as famílias do assentamento ou acampamento.

Criamos a situação... Os amigos nossos aqui da comunidade, que não queriam nem saber de onde Milho Verde a plantação, não sabia como cultivar nem nada, nós fizemos ele entender que tem todo o processo para chegar aquele alimento na cozinha. Aí o que acontece, nós começamos a levar esse pessoal da periferia, que se envolve no roçado. Chegava lá e tinha uma pessoa para instruir, mexendo com o maquinário lá.

Alguma coisa que a gente tinha para mexer na terra. Foi o processo, né? O manual, saber como plantar. Lá a gente pode mudar. Ensinava eles a plantar as mudas. E isso aí foi todo um processo envolvendo eles, para eles entenderem como era que chegava esse alimento. Porque nem tudo é só uma cozinha, mas tem além da cozinha também. Tem uma plantação, né? [...]

Porque você tem que saber o processo, né? Porque assim, você sabe como plantar um alface. Nós sabemos. Agora você tem que desenvolver os outros. Assim, a gente sabe plantar uma macaxeira. Mas o processo. [...] Até que ela chegou aqui na sua panela. Aí alimenta-se toda a sua família [...] sei que o processo é grande. É pegado! Pra você sentir, você tem que viver. Isso é importante, envolver as pessoas também, para estar ali, para saber (Milho Verde, 2025).

Para o ‘povo das cozinhas’, os momentos das ações/visitas nos roçados solidários se traduziam em experiências formativas sobre o modo produtivo dos alimentos através das práticas agroecológicas. A dimensão da produção alimentar agroecológica era bem ressaltada nas visitas, como maneira pedagógica de desalienação contra a repetida propaganda diária do agronegócio que afirma que ele ‘é tudo’, a agro publicidade, que considera sua prerrogativa a produção alimentar para acabar com a fome no mundo (Pompeia, 2021; Mitidiero; Goldfarb, 2021).

Os roçados solidários, numa perspectiva da geografia, representam formas de territorialização da CMS, que tem nas ações de combate à fome através dos alimentos produzidos nos acampamentos e assentamentos, um dos seus eixos estruturantes. A territorialização se desenvolve em movimentos de idas e vindas para estes locais, onde a prática coletiva dos trabalhos produtivos é a maneira pedagógica de empoderamento do território. Neste movimento da territorialização os alimentos são os promotores das ações. Os

assentamentos e acampamentos são territórios em poder do MST, cujo objetivo é a produção de comida saudável e agroecológica. A comida saudável é a materialização da territorialização do projeto da reforma agrária popular que dá sentido à existência dos assentamentos. Mas também dá sentido às ações de combate à fome da CMS, que traz o ‘povo das cozinhas’ até os roçados para conhecer e praticar a agroecologia. Através dos alimentos saudáveis, os territórios dos assentamentos e acampamentos se encontram e dialogam com os territórios das cozinhas populares solidárias.

As hortas solidárias se constituíram numa forma de ação solidária produtiva nas periferias urbanas, junto às cozinhas solidárias⁷⁹. A busca por locais para implementar as hortas solidárias era uma atribuição das brigadas territoriais de trabalho de base que acompanhavam o funcionamento das cozinhas solidárias. A transformação dos locais escolhidos em horta solidária era assumida pela comunidade através de mutirões de trabalho. Os cultivos de tempero verde e folhosas eram destinados para o abastecimento das cozinhas solidárias.

Porque tendo uma horta, alguns temperos, algumas coisas, a gente consegue tirar de dentro da horta. As hortas existiam, foram assim, nos territórios, nas periferias. Nos territórios. Então é algo, inclusive, que ainda existe. Porque assim: tudo a gente organizava por brigada. Uma brigada tinha que ter pelo menos uma cozinha, banco de alimentos em todas as comunidades, uma horta, uma atividade cultural e uma rádio comunitária. Este era o planejamento (Macaxeira, 2025).

As atividades nas hortas solidárias têm o olhar do exercício do método da educação popular no envolvimento da comunidade nas práticas produtivas dos alimentos de maneira agroecológica. As mudas das hortícolas para os plantios provêm dos roçados solidários, onde a participação do ‘povo das cozinhas’ acontece. Mesmo que com uma escala de produção menor do que no roçados solidários, as hortas solidárias cumprem o papel político-pedagógico formativo sobre a importância da produção de alimentos nos territórios urbanos periféricos. Através das hortas solidárias, a CMS se territorializa e reterritorializa. Ela se territorializa porque ocupa um local (território) na cidade; se reterritorializa porque transforma em horta (território produtivo) o que estava abandonado e não cumpria nenhuma função social.

⁷⁹ Disponível em: <https://www.cpqam.fiocruz.br/institucional/noticias/campanha-maos-solidarias-aposta-em-hortas-urbanas-para-o-fortalecimento-de-comunidades-da-rmr>. Acesso em: nov. 2025

4 A TERRITORIALIZAÇÃO DA REFORMA AGRÁRIA POPULAR (RAP) E A ESPACIALIZAÇÃO DA CAMPANHA MÃOS SOLIDÁRIAS ATRAVÉS DAS AÇÕES DE SOLIDARIEDADE NA RMR

Quem inventou a fome são os que comem!
Carolina Maria de Jesus

O teor neoliberal de desmonte das políticas públicas para investimentos sociais, durante os governos Michel Temer e Jair Bolsonaro, que compreende o período de 2016 a 2022, contribuiu significativamente para o agravamento da crise sanitária e o recrudescimento da fome, no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. Esta situação aumentou a urgência de ações de combate à insegurança alimentar e à prevenção da contaminação viral pelo Covid-19. Diante do descaso deliberado das agências de governo para o desenvolvimento de ações políticas efetivas, as organizações populares criaram iniciativas para o enfrentamento da crise sanitária e da insegurança alimentar.

A CMS se constituiu em Recife, Pernambuco, como uma organização de diferentes forças políticas populares para construção coletiva de respostas a essa emergência social com o atravessamento das crises sanitária e alimentar. O eixo da insegurança alimentar/fome colocou em relevo um conjunto de iniciativas que tiveram nos alimentos uma força política e simbólica muito potente. Através deles impulsionou-se um processo de territorialização da Reforma Agrária Popular (RAP) e de espacialização da CMS. Essa territorialização se deu por meio da solidariedade ativa, que estabeleceu uma conexão orgânica e (i)material entre o campo (os assentamentos e acampamentos do MST: territórios de produção de alimentos agroecológicos e os principais participantes da CMS) e a cidade (as comunidades periféricas, os territórios mais assolados pela fome, pela crise sanitária e pela desigualdade social). Os alimentos foram os meios materiais e imateriais que expressaram a potencialidade das ações de solidariedade para o combate do vírus da fome e do vírus do Covid-19. A espacialização da CMS se efetivou através dos agentes populares e o trabalho popular nas periferias da RMR, onde foram criados espaços políticos das ações solidárias para o combate à fome e ao Covid-19.

Nesta terceira parte da dissertação desenvolvo uma reflexão com suporte em conceitos importantes da Geografia, como espaço e território, para dar entendimento a este processo geohistórico de territorialização da RAP que se propagou de forma muito propositiva em um ambiente político e sanitário bastante adverso para as populações empobrecidas das periferias, especialmente no período de pandemia do Covid-19.

4.1 Espaço-tempo e território

O espaço, o tempo e o território são conceituações fundamentais para a análise da realidade socioeconômica-política-cultural, através das relações sociais, sob o olhar da geografia. As ações de solidariedade organizadas pela CMS aconteceram no tempo histórico da pandemia do Covid-19 e se desenvolveram nos espaços geográficos e sociais da Região Metropolitana de Recife.

Neste sentido, apresento estes conceitos para iniciar este terceiro capítulo. Eles são a base da análise geo-histórica que se prolonga com as elaborações e reflexões das ações de solidariedade ao longo desta terceira parte.

4.1.1 Espaço e tempo

As ações solidárias da CMS e do projeto da RAP nas periferias da Região Metropolitana de Recife (RMR) podem ser aprofundadas com a incorporação do conceito de espaço geográfico em Milton Santos. Para Santos (2020), o espaço não é apenas um palco ou cenário inerte, mas sim um "conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações", onde a materialidade (objetos) e a intencionalidade humana (ações) se conectam e se transformam mutuamente. Neste contexto, a gama diversa de ações solidárias organizadas pela CMS, exemplifica a produção do espaço em suas diferentes formas e conteúdos. As ações solidárias criaram e expandiram os espaços de solidariedade ativa organizados pela CMS.

A conceituação do espaço, conforme M. Santos (2020), em sua obra, *A Natureza do Espaço*:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico. [...] Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (Santos, 2020, p. 63).

O enfoque na interação, na indissociabilidade, na solidariedade e na contraditoriedade do conjunto dos sistemas de objetos e de ações possibilita entender o espaço como processo e como resultado que se desenvolve historicamente, “considerando a multiplicidade e a diversidade de situações e processos” (Santos, 2020, p. 64). A conflitualidade é um elemento

importante no processo, porque os sistemas de ações e de objetos são produzidos pelas relações sociais. O processo e o resultado compõem o espaço como uma totalidade em movimentação. A totalidade é uma noção da filosofia que contribui para a compreensão do espaço como contendo a realidade em sua integridade, consideradas todas estas propriedades caracterizadoras definidas por Milton Santos (Santos, 2020, p. 116).

A definição de espaço (Santos, 2020) contempla a natureza e a sociedade que são relacionadas através das ações que promovem as transformações dos objetos através das relações sociais. O geógrafo Bernardo M. Fernandes (2007) explica a conceituação de espaço elaborada por Milton Santos, ressaltando a indissociabilidade como uma palavra-chave:

Por sistemas de objetos são compreendidos os objetos naturais ou elementos da natureza e os objetos sociais ou objetos produzidos por meio das relações sociais, que modificam e transformam a natureza, explicitando então a indissociabilidade. *A indissociabilidade é uma palavra-chave porque une os sistemas de objetos e os sistemas de ações de modo contraditório e solidário expresso pelas conflitualidades geradas pelas diferentes intencionalidades* (grifo do autor). Ao analisarmos o espaço, não podemos separar os sistemas, os objetos e as ações, que se completam no movimento da vida, em que as relações sociais produzem os espaços e os espaços produzem as relações sociais (Fernandes, 2007, p. 276).

O espaço como totalidade reporta sempre em partir da realidade social - “a totalidade empírica - para examinar as relações efetivas entre Totalidade-Mundo e os Lugares” (Santos, 2020, p 115). A noção de totalidade tem significados fundamentais para se conhecer a realidade, visto que: “todas as coisas presentes no universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a totalidade que explica as partes” (Santos, 2020, p 115). O espaço é uma extensão ampla onde tudo está contido e em permanente movimento; ele não é um palco de de representação com atores parados. A noção de totalidade traduz a dinâmica de abertura do conceito de espaço. O espaço é uma totalidade aberta.

O espaço é uma totalidade que está em permanente movimento de totalização, embora que na passagem do tempo (história) podemos captar os momentos individualizados deste movimento. É que a cisão, a fragmentação, a divisão são inerentes ao movimento constante do todo em se desfazer para voltar a se fazer. Nosso conhecimento se atém bem mais às partes que se decompõem do que no todo que se refaz pela decomposição e recomposição constante.

A decomposição do todo é o traço mais característico do conhecimento. O conhecimento da totalidade pressupõe a divisão. O real é o processo de cissiparidade, subdivisão, esfacelamento. Essa é a história do mundo, do país, de uma cidade. Pensar a totalidade, sem pensar a sua cisão é como se a esvaziássemos de movimento (Santos, 2020, p. 118).

O processo pelo qual o todo se movimenta é a dimensão fundamental a ser considerada, para poder reconhecer e conjugar o movimento das partes e do todo. O reconhecimento do processo como princípio para conhecer a realidade do todo em suas decomposições e feições é fundamental. A processualidade no e do espaço contribui para o entendimento das interações entre os sistemas de objetos e os sistemas de ações que integram a sua totalidade como multiplicidade.

O processo pelo qual o todo se torna um outro todo é um processo de desmanche, de fragmentação e de recomposição, um processo de análise e síntese ao mesmo tempo. Trata-se de um movimento pelo qual o único se torna múltiplo e vice-versa. ‘O múltiplo é o futuro do único’, escreve Régis Debray (1991, p. 83). O todo múltiplo volta a ser único no momento seguinte, já um outro todo, pronto, também para ser despedaçado (Santos, 2020, p 120).

O espaço, como processo permanente da interação de sistemas de objetos e de sistemas de ações, de modo contraditório, inseparável e solidário, tem o híbrido como uma categorização explicativa. O caráter híbrido do espaço é expressão da inseparabilidade dos objetos e das ações em sua formação. Para explicar os acontecimentos, a sociedade, a globalização dos tempos do modo de produção capitalista etc. faz-se necessária uma explicação conjunta, que una os objetos e as ações, que supere a dicotomia, supere “esse trabalho secular de purificação, fundado em dois polos distintos (Santos, 2020, p. 101). Acrescenta-se a noção de forma-conteúdo à compreensão do espaço como um híbrido. Milton Santos (2020) explica a noção da forma-conteúdo para a geografia como ação:

A cada evento, a forma se recria. Assim, a forma-conteúdo não pode ser considerada, apenas, como forma, nem, apenas, como conteúdo. Ela significa que o evento, para se realizar, encaixa-se na forma disponível mais adequada a que se realizem as funções de que é portador. Por outro lado, desde o momento em que o evento se dá, a forma, o objeto que o acolhe ganha uma outra significação, provinda desse encontro. Em termos de significação e de realidade, um não pode ser entendido sem o outro, e, de fato, um não existe sem o outro. Não há como vê-los separadamente. A ideia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações (Santos, 2020, p. 103).

De outra parte, a compreensão do espaço como sistemas de objetos e sistemas de ações contribui para o entendimento da ação humana marcada ‘no’ e ‘pelo’ tempo, simplesmente, a história. São os seres humanos que agem, produzem e transformam a natureza (objetos naturais) em objetos artificiais para seus usos e trocas; os seres humanos estabelecem relações entre si e com a natureza no tempo e no espaço; produzem objetos e transformam o espaço; pelas relações sociais também criam espaços. Este é o processo histórico do fazimento da sociedade humana, o processo da sua realização no tempo e no espaço. “Esta realização dá-se sobre uma base material: o espaço e o seu uso; o tempo e o seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições” (Santos, 2020, p 54).

A ação humana tem a intencionalidade como uma faculdade da consciência do encontro dialógico entre o sujeito e o objeto que produz conhecimentos. É o encontro em que há uma implicação mútua entre o sujeito e o objeto; em que o conhecer é estar em presença ‘de’. A conjunção ‘de’ é a intencionalidade, o movimento da consciência na relação do ato de conhecer, do fazer, do ouvir, do planejar etc. (verbos de ação), que liga sistemas de objetos e sistemas de ações indissociavelmente. “Pelo fato de não ser um objeto entre outros objetos, mas um sujeito que se relaciona com seu entorno, é que o homem pode ser definido por sua intencionalidade” (O. F. Bollnow *apud* Santos, 2020, p. 92). A intencionalidade é a relação de presença nas relações sociais. Ela se manifesta em todas as relações sociais que fragmentam o espaço, que produzem novos espaços, que produzem a materialidade da existência humana nos espaços geográficos (Fernandes, 2007). Ela é o indicativo da direção do projeto das ações pensadas e decididas pelo ser humano.

O trabalho e a técnica são elementos mediadores para a interação transformadora e indissociável entre os sistemas de objetos e ações. “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (Santos, 2020, p 29). Ao mesmo tempo que o ser humano cria espaço com a técnica, ela empiriciza o tempo no espaço. A técnica é a expressão da ação humana que data o tempo nos objetos. A datação do tempo nos objetos produz a materialização do espaço. Tempo e espaço se unem através da técnica e do trabalho de forma solidária, contraditória e indissociavelmente.

Assim empiricizamos o tempo, tornando-o material, e desse modo o assimilamos ao espaço, que não existe sem a materialidade. A *técnica* (grifo do autor) entra aqui como um traço de união, historicamente e epistemologicamente. As técnicas, de um lado, dão-nos a possibilidade de empiricização do tempo e, de outro lado, a possibilidade de uma qualificação precisa da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham. Então, essa empiricização pode ser a base de uma sistematização, solidária com as características de cada época. Ao longo da história, as técnicas se dão como sistemas, diferentemente caracterizadas[...] As técnicas são datadas e incluem tempo, qualitativamente e quantitativamente. As técnicas são uma medida do tempo: o tempo do processo direto de trabalho, o tempo da circulação, o tempo da divisão territorial do trabalho e o tempo da cooperação. (Santos, 2020, p. 54).

Estas elaborações sobre os conceitos geográficos de espaço e tempo, em Milton Santos (2020), permitem compreender a organização da CMS e as ações solidárias como sistemas de objetos e sistemas de ações que se situam no tempo histórico. As ações (as práticas) de solidariedade ativa se desenvolveram com a criação de sistemas de objetos, como as cozinhas solidárias, os bancos populares de alimentos, as marmitas solidárias. Ao mesmo tempo, estes objetos abriram espaços novos de ações e relações sociais com os agentes populares. Houve

uma espacialização da solidariedade ativa pela geografia urbana da RMR com os sistemas de objetos e de ações organizados pela CMS.

4.1.2 Território

A construção da conceituação de território tem como ponto de partida o espaço. “O espaço é a materialização da existência humana” (Lefebvre *apud* Fernandes, 2007, p. 276).

O geógrafo Claude Raffestin (1993), sobre a proximidade conceitual entre o território e o espaço, afirma a precedência, a pré-existência do espaço em relação ao território.

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação produzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço. [...] O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si” (Raffestin, 1993, p. 143, 144).

A proximidade entre os conceitos de território e espaço mantém também as distinções qualitativas de cada uma destas categorias geográficas. São próximas, mas distintas.

O território é determinado pelo processo de fragmentação do espaço através das relações sociais nas ações de produção da existência (Fernandes, 2007). O território tem sentido pelas relações sociais dos seres humanos, individual ou coletivamente, que intencionalmente desempenham ações produtivas, materiais e imateriais, num constante processo de apropriação e dominação do espaço geográfico. Ele é uma construção social que se faz, historicamente, com trabalho, com conhecimento, com tecnologias, com ideologia, com energia. Todo este processo de produção do território está referenciado aos seres humanos e suas relações ‘com’ apropriação, dominação, enraizamento, construção de identidade no espaço geográfico. O território como construção social é relacional e processual.

O território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder. Esse poder [...] é concedido pela receptividade. O território é, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação. Exatamente porque o território possui limites, possui fronteiras, é um espaço de conflitualidades. [...] Os territórios são formados no espaço geográfico a partir de diferentes relações sociais. O território é uma fração do espaço geográfico e ou de outros espaços materiais ou imateriais. Sua configuração como território refere-se às dimensões de poder e controle social que lhes são inerentes. Desde essa compreensão, o território mesmo sendo uma fração do espaço também é multidimensional (Fernandes, 2005, p. 27).

O território como espaço apropriado pelas relações sociais tem no poder, nas relações de poder (Souza, 1995; Porto-Gonçalves, 2006; Fernandes, 2007), na criação de campos de poder (Raffestin, 1993), as qualidades constitutivas fundamentais de sua composição. Ao exercício do poder relaciona-se a mediação dos interesses em disputas, da busca de superação dos conflitos pelas intencionalidades em movimento. O poder, assim, distribuído e exercido nas

diversas formas como as relações sociais se efetivam na realidade econômica, política, social e cultural é bem mais abrangente do que especificamente o poder exercido pelas esferas institucionais de governança política, representadas pelos órgãos de Estado (Saquet, 2010; Menezes; Cardoso, 2017).

As relações de poder se desenvolvem através das relações sociais nos diversos espaços cotidianos da existência humana, como família, escola, sindicato, partido político, empresa, igreja etc.

O poder é inerente às relações sociais, que substantivam o *campo de poder*. O poder está presente nas ações do Estado, das instituições, das empresas..., enfim, em relações sociais que se efetivam na vida cotidiana, visando ao controle e à dominação sobre os homens e as coisas, ou seja, o que Claude Raffestin denomina trunfos do poder. É uma abordagem também multidimensional das relações de poder que se traduz numa compreensão múltipla do território e da territorialidade (grifos do autor) (Saquet, 2010, p 33).

O território se mantém na e pela tensão do exercício das relações de poder, tanto para dentro como para fora dos seus limites no campo material ou imaterial. A conflitualidade é uma dimensão inerente ao território enquanto totalidade multidimensional e apropriação de um espaço geográfico com a qual as forças de poder se desenvolvem e se conflitam.

A diversidade das relações sociais que se desenvolvem no território traduz as transformações e a formação de territórios dentro do território (Fernandes, 2007). Estes territórios podem ser contínuos, descontínuos; materiais, imateriais. A multidimensionalidade, a pluriescalaridade são caracterizações do movimento interno do território a partir das diversas formas de relações sociais e de poder que se conjugam com suas intencionalidades no processo de apropriação e dominação do território. As formas de afirmações dos sujeitos sociais, das instituições governamentais, dos movimentos sociais sobre o território como espaço apropriado buscam garantir o controle e o direcionamento das suas intencionalidades com o exercício do poder.

[...] o território não é algo anterior ou exterior à sociedade. Território é espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim, o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele. Assim, há, sempre, território e territorialidade, ou seja, processos sociais de territorialização. Num mesmo território há, sempre, múltiplas territorialidades. Todavia, o território tende a naturalizar as relações sociais e de poder, pois se toma abrigo, lugar onde cada qual se sente em casa, mesmo que numa sociedade dividida (Porto-Gonçalves, 2006, p. 46).

O território como espaço apropriado, como uma totalidade de afirmação dos sujeitos que nele estabelecem relações sociais, relações de poder, torna-se o local de abrigo e de existência dos grupos sociais. Por isso, a soberania é uma característica estruturante de sua formação. A soberania do território implica a autonomia de decisões políticas dos que a ele estão ligados econômica, política e culturalmente. A soberania é a manutenção do enraizamento

no espaço geográfico apropriado, com autonomia, pelos grupos que dele se apropriaram. Ela está continuamente atravessada pela conflitualidade, que são os diferentes projetos de desenvolvimento em disputa dentro do território, as intencionalidades que entram em disputa. “A conflitualidade é concebida como um conjunto de conflitos que constitui um processo gerador e indissociável do desenvolvimento na disputa territorial” (Fernandes, 2007, p 283).

A conflitualidade, inerente às relações sociais, que conforma campos de poder, é o que dinamiza as transformações dos territórios pelas ações de apropriação, de dominação que resultam em processos geográficos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (TDR). Os processos geográficos de TDR são fenômenos permanentes e simultâneos na realidade socioeconômica-cultural que ocorrem em diferentes escalas, do micro ao macro-espaço geográfico. Eles adquirem significados mais claros numa abordagem que considera as relações sociais marcadas pela assimetria econômica como no modo de produção capitalista. O fenômeno da globalização econômico-financeira do capitalismo neoliberal⁸⁰ demonstrou com muitas evidências as novas formas de exploração e de acumulação. Estas mudanças nos métodos e práticas de exploração impuseram transformações de TDR nos processos geográficos aos países, às regiões, municípios mundos a dentro (Santos, 2000 a; Saquet, 2023).

A TDR são as formas de transformações nos processos geográficos desenvolvidas pelas relações sociais nos territórios, permeados pela conflitualidade e pelas relações de poder. A expansão, o refluxo, a destruição e a criação são formas de ações concretas que sinalizam os movimentos geradores de mudanças das propriedades dos territórios nos espaços geográficos.

A transformação do espaço em território acontece por meio da conflitualidade, definida pelo estado permanente de conflitos no enfrentamento entre as forças políticas que procuram criar, conquistar e controlar seus territórios. A criação ou conquista de um território pode acontecer com a desterritorialização e com a reterritorialização. Os territórios se movimentam também pela conflitualidade. O território é espaço de vida e morte, de liberdade e de resistência. Por essa razão, carrega em si sua identidade, que expressa sua territorialidade (Fernandes, 2005, p. 30).

A territorialização ocorre através de ações de grupos sociais, empresas, movimentos sociais de expansão sobre espaços geográficos que possibilitam a sua apropriação, o seu enraizamento de forma material e ou simbólica. A desterritorialização se expressa por ações concretas que provocam a destruição, o refluxo das forças de poder que controlavam determinado espaço geográfico e que nele tinham vínculos de identidade enraizados. A reterritorialização é a situação de readaptação dos indivíduos, de grupos sociais a um novo

⁸⁰ Milton Santos, na sua obra *Por uma outra Globalização*, afirma: “Com a globalização, o que temos é um território nacional da economia internacional, isto é, o território continua existindo, as normas públicas que o regem são de alçada nacional, ainda que as forças mais ativas do seu dinamismo atual tenham origem externa” (Santos, 2000a, p 76).

território ou ao mesmo de onde foram deslocados anteriormente. É a reinserção territorial com novas bases qualificadoras (Galvão; Rocha Neto, 2018).

Na dinâmica de ações caracterizadas como TDR, o território é o espaço geográfico de vida, de mobilização, de organização e resistência política (Saquet, 2023). Nele se manifestam com evidências as formas de dominação, de poder intencionalizado para construção de projetos de sociedade contra e/ou a favor da justiça social, por exemplo; contra ou a favor do combate à fome etc.

4.1.3 Movimentos socioespaciais e socioterritoriais

Os conceitos de espaço e território são fundamentais para se fazer uma leitura geográfica sobre as ações políticas, sociais, econômicas dos sujeitos coletivos ou individuais que nelas atuam, como no caso desta pesquisa, a Campanha Mãos Solidárias. De um ponto de vista analítico, há distinções entre estas duas conceituações, mas também muitas proximidades e conexões (Santos, 2020; Saquet, 2010; Fernandes, 2005; 2007), conforme apresentei no item anterior.

Em relação ao projeto de pesquisa e no percurso desta dissertação, vou buscar suporte no conceito de espaço geográfico para analisar o desenvolvimento das ações de solidariedade ativa organizadas pela CMS para combater a fome e garantir condições preventivas à contaminação do Covid-19. Há um tempo histórico (basicamente os anos de 2020 a 2022) e um espaço geográfico (RMR)⁸¹ em que as ações solidárias se desenvolveram e espacializaram a RAP nas periferias urbanas. As ações de solidariedade foram desenvolvidas através de diversas iniciativas de organização popular, conectando os alimentos saudáveis do campo para a cidade e a prevenção contra o Covid-19.

Em diversas publicações, Bernardo Mançano Fernandes (2000; 2005; 2007) constrói uma elaboração com os conceitos ‘movimentos socioespaciais’ e ‘movimentos socioterritoriais’ para analisar geograficamente os movimentos sociais que se organizam para lutar coletivamente a fim de garantir as condições básicas e fundamentais da dignidade humana nos espaços geográficos de suas existências. A sociedade brasileira, moldada nas relações sociais e produtivas do modo capitalista de produção, convive com muitas desigualdades que significam desumanização para milhões de pessoas. Terra para produzir, casa para morar, saúde, educação, alimentação, trabalho... são necessidades humanas negadas a muitos brasileiros e brasileiras, os

⁸¹ Em anexo apresento uma tabela que situa no tempo e no espaço as principais ações de solidariedade desenvolvidas pela CMS na Região Metropolitana de Recife durante a pandemia do Covid-19.

que formam os setores sociais explorados e marginalizados economicamente. Como forma de reação a estas situações de marginalização e desumanização é que se organizam os movimentos sociais nos espaços rurais e urbanos.

Contudo, mais do que um *abstrato espaço da cidadania*, o ponto comum desses movimentos é, simplesmente, a luta pelo direito ao espaço concreto: espaço de vida e/ou trabalho que é sempre a sua base e o seu trunfo, a atividade fundamental desses movimentos. É por este fato que eles não são somente sociais, mas também espaciais, que podem ser denominados de movimentos *socioespaciais* (grifos do autor) (Martin, 1997, p. 32).

Os movimentos sociais desenvolvem ações políticas para transformar as situações de exploração que produzem as desigualdades sociais. O desenvolvimento das ações políticas constrói espaços de atuação, de acordo com a intencionalidade dos sujeitos. A leitura geográfica dos movimentos sociais, como sujeitos coletivos que atuam nos espaços sociais e geográficos, contribui para a compreensão de como as formas de organização política e das relações sociais produzem, no espaço geográfico, novos espaços políticos e mudanças nos territórios.

As formas de organização, as relações e as ações acontecem no espaço. Elas se realizam no espaço geográfico e em todas as suas dimensões: social, político, econômico, ambiental, cultural etc. Portanto, a partir do momento que nos propomos a realizar uma análise geográfica dos movimentos, além da preocupação com as formas, ações e relações, é fundamental compreender os espaços e territórios produzidos ou construídos pelos movimentos (Fernandes, 2005, p. 30).

Os movimentos socioespaciais são assim denominados porque têm o espaço como trunfo. Estas formas de organizações sociais constroem espaços de atuação política pelas intencionalidades dos sujeitos que buscam transformações na realidade. O espaço como trunfo significa que as ações políticas dos movimentos socioespaciais têm um espectro amplo e diverso, que abrange as dimensões sociais, econômicas, culturais, ambientais, etc. da existência dos sujeitos das ações. A partir *do* e *no* espaço, as relações sociais produzem e promovem ações que se espacializam, constituindo a espacialização do movimento social. “Os conteúdos desses espaços são manifestados por suas inerências: a espacialidade e a espacialização são propriedades do espaço em seu movimento” (Fernandes, 2005, p. 30).

Os conteúdos da espacialização podem se materializar de diversas formas no espaço geográfico. Em uma leitura geográfica é possível mapear os diferentes modos deste movimento nos lugares e nos espaços produzidos. A Campanha Mãos Solidárias (CMS) pode ser considerada um movimento socioespacial, a partir destas caracterizações.

Os movimentos socioterritoriais têm o território como trunfo. Isto significa que o território é a base fundamental de existência dos sujeitos que fazem parte do movimento socioterritorial. *No* e *pelo* território é que são desenvolvidas ações políticas para garanti-lo como espaço de existência. A conflitualidade permeia as ações políticas que podem provocar as

mudanças sociais e geográficas no território pelas ações de territorialização-desterritorialização-reterritorialização. Os processos geográficos são também processos sociais (Menezes; Cardoso, 2017).

Movimentos socioterritoriais, em sentido amplo, tendo o território como trunfo, referem-se às diferentes intencionalidades dos sujeitos políticos em relação ao território como base material e imaterial de suas ações. Governos, empresas, movimentos sociais de luta por terra, por moradia constituem-se como socioterritoriais. Porque buscam a materialização do seu projeto político-econômico através de suas ações políticas no e pelo território.

Os movimentos sociais camponeses, indígenas, quilombolas, urbanos (por moradia) são exemplos de movimentos socioterritoriais muito presentes em nossa atualidade. Estes movimentos socioterritoriais desenvolvem suas ações políticas contra hegemônicas nos territórios, em relação ao projeto político hegemônico de empresas de especulação imobiliária no mundo urbano ou do agronegócio no espaço rural. Em contraposições, em conflitos, nas disputas do poder no território, cada movimento socioterritorial (movimento social, empresa, instituições de governo etc.) cria espaços políticos de ação, ao mesmo tempo que se apropria de frações do espaço geográfico. Espacialização e territorialização se complementam pelas ações políticas dos movimentos socioterritoriais.

4.2 As ações de solidariedade ativa da CMS e a sua espacialização através da RAP

A CMS se constitui como uma ação social no início da pandemia do Covid-19 com um objetivo imediato de “dar um prato de comida” aos grupos da população em vulnerabilidade social das ruas de Recife. A preocupação com a contaminação pelo vírus do Covid-19, obrigou o governo à imposição de medidas sanitárias de restrição da circulação das pessoas, através do lockdown. Na vida prática, essa medida sanitária significou também o fechamento dos poucos espaços públicos (restaurantes populares) e privados que ofereciam alimentação ao público que tem a rua como sua casa, seu território de vida.

A crise sanitária do Covid-19 deixou às claras os níveis de insegurança alimentar que já atingiam as populações empobrecidas, moradoras das periferias e das ruas. A sobreposição destas duas graves crises sociais foi o fato político que provocou dirigentes e militantes de organizações sociais, sindicais, eclesiais, movimentos sociais para construção de ações políticas de combate aos vírus da fome e do Covid. Das ações imediatas, emergenciais para o combate destes dois vírus é que inicia a gestação do que viria a se constituir e se organizar, do ponto de

vista da geografia, como movimento socioespacial (Martin, 1997; Fernandes, 2005), a Campanha Mãos Solidárias.

O processo histórico-geográfico da organização política da CMS pode ser compreendido com a conexão entre os tempos e os espaços geográficos que foram construídos pelas ações sociais e relações políticas das organizações sociais que a antecederam e que se prolongaram com a sua organização social e atuação geográfica. Há um tempo *antes* e um tempo *durante* que ligam as ações de solidariedade da CMS nos espaços geográficos da RMR.

4.2.1 Espaço, tempo e território: o antes da Campanha Mãos Solidárias

A espacialização da CMS se efetivou nos espaços geográficos da RMR, mas se lastreou em um conjunto de ações políticas que estavam em curso nos territórios dos assentamentos e acampamentos do MST e nas vilas das periferias urbanas.

Nos territórios do MST, conquistados e apropriados pela luta coletiva camponesa, a produção de alimentos agroecológicos e saudáveis foi um fator fundamental para a garantia das ações de solidariedade ativa. A escalaridade das ações de solidariedade, que foi aumentando à medida que novos espaços de ações políticas foram sendo criados, foi possível ser suprida porque nos assentamentos e acampamentos a produção dos alimentos tinha escala.

Na periferia urbana de Recife, a Brigada Popular Solidária Dom Helder Câmara, constituída por militantes do MST, Levante Popular da Juventude, Consulta Popular, desenvolvia atividades de trabalho de base nos bairros e nas vilas (MST PE, 2023), desde 2018. Alguns bairros e as vilas onde as ações solidárias foram desenvolvidas com a instalação das cozinhas solidárias, hortas solidárias eram conhecidas pelas experiências de trabalho de base anteriores. A base territorial das vilas onde houve o trabalho de base conectou-se com os territórios camponeses de produção de alimentos, produtos das lutas da RAP.

4.2.1.1 A Reforma Agrária Popular

As ações de solidariedade ativa nas periferias urbanas organizadas pela CMS possibilitaram uma conexão política com o projeto de Reforma Agrária Popular (RAP) que o MST defende e propõe como caminho para o Brasil, através de um desenvolvimento economicamente justo, politicamente soberano e democrático, ambientalmente sustentável, humanamente emancipatório e culturalmente diverso (MST Brasil, 2024). A RAP compõe um conjunto de medidas econômicas, políticas e culturais que apontam para o desenvolvimento de

um projeto popular para o Brasil. Ela é uma crítica de superação ao modelo clássico da reforma agrária por dentro da ordem capitalista.

A reforma agrária clássica burguesa, historicamente, foi o modelo de repartição e uso da terra para a produção dos alimentos e o abastecimento à crescente classe operária-industrial nos centros urbanos. “Ela foi um dos alicerces do surgimento e consolidação da sociedade urbano-industrial” (MST Brasil, 2024, p. 7).

Neste modelo de reforma agrária, a propriedade privada da terra e a produção agrícola estavam (e continuam!) a serviço do modo de produção econômico capitalista, onde a mercantilização, tanto da terra como dos alimentos, predomina. Na prática, é um modelo de reforma agrária comandado e controlado pelos interesses econômicos e pelos poderes políticos da classe burguesa. O campesinato, como classe e modo de vida, não tem espaço político e bem pouco território no projeto de reforma agrária clássica burguesa. As ações políticas de reforma agrária para beneficiar os camponeses, no tipo de reforma agrária clássica, são pontuais e não alteram a estrutura fundiária concentradora da terra como meio de produção.

Em nosso país, as históricas dificuldades para a implementação de um programa de reforma agrária demonstram como a burguesia brasileira está aferrada no modelo agrário e agrícola agro-exportador, desde os tempos da colonização portuguesa. Modelo que se modernizou tecnologicamente na produção, mas se mantém estruturado na concentração fundiária (Linhares; Teixeira da Silva, 1999; Delgado, 2012).

No Brasil, a propriedade da terra está concentrada e controlada por grupos econômicos e financeiros que a utilizam para a produção de commodities e como ativos financeiros nas bolsas de valores (Mitidiero Junior; Goldfarb, 2021). A concentração da terra continua em índices altíssimos. Conforme as informações do Censo Agropecuário de 2017, 1% dos proprietários controlam 47,6% da área total dos estabelecimentos agropecuários; 51.203 estabelecimentos controlam 167.227.511 hectares⁸².

O projeto da Reforma Agrária Popular que o MST propõe tem a centralidade no protagonismo dos camponeses e camponesas, em suas capacidades políticas de lutar pela terra como fator de trabalho e da produção de alimentos agroecológicos para alimentar o povo

⁸² Quanto à distribuição dos estabelecimentos por tamanho, isto é, por grupos de área, observa-se que, nos estratos intermediários (menos de 100 ha), a participação desse tipo de estabelecimento se manteve com pouca variação entre os últimos dois Censos Agropecuários, com um acréscimo de 1,7% no total de estabelecimentos, e com a área média mantendo-se em 15,87 hectares. Com relação aos estabelecimentos de 100 a menos de 1 000 ha, observa-se redução de 3 569 unidades e de 586 494 hectares, com a área média variando de 265,9 ha a 266,8 ha. Nos estabelecimentos de 1 000 hectares ou mais, constata-se um aumento de 3 625 unidades e de 17,08 milhões de hectares em relação ao Censo Agropecuário 2006, enquanto a área média elevou-se de 3 155,7 para 3 265,9 hectares, o que representa um aumento na participação da área total de 45% para 47,6% (Censo Agropecuário 2017 - Resultados definitivos - IBGE - Rio de Janeiro - 2019, p 65 - 66).

brasileiro. “Os camponeses e camponesas exercem duas das mais nobres e dignas missões de um ser humano: produzir alimentos e ser guardiões da biodiversidade” (MST Brasil, 2024, p. 9).

O termo ‘popular’ na proposta da reforma agrária do MST dá a significação para os sujeitos sociais da ação política. Da parte a quem se destina a terra do programa da reforma agrária estão os camponeses e camponesas, como sujeitos sociais da produção; da parte a quem se destina a produção está o povo brasileiro, as classes trabalhadoras do Brasil, que compõem a ampla maioria da nossa população. O ‘popular’ substantiva a dimensão social e política da RAP. A viabilização social e econômica deste projeto de reforma agrária está na aliança entre as classes trabalhadoras do campo e da cidade. A produção dos alimentos saudáveis pelas famílias assentadas tem como prioridade as classes populares urbanas. A frase tantas vezes dita: *“A reforma agrária se faz no campo, mas se ganha na cidade”* é uma síntese da concepção popular da reforma agrária. O seu sentido político e social é a produção alimentar para o abastecimento do povo brasileiro.

Em linhas gerais, a RAP pode ser entendida como um novo paradigma da reforma agrária, porque vai muito além da repartição da terra e da produção em si de alimentos, como mercadorias, que atualmente são as commodities, propostas pela reforma agrária burguesa. Ela propõe a organização de novas relações produtivas na agricultura, orientadas pela agroecologia. A produção agrícola de alimentos se orienta para o abastecimento do mercado interno, ou seja, para o povo brasileiro. Na Constituição Federal, o artigo 186 estabelece que a terra tem que cumprir uma função social⁸³. A produção de alimentos é a função social fundamental a que a terra deve estar relacionada como propriedade produtiva. Esta dimensão social do uso da terra é o que sustenta, até constitucionalmente, a proposta da RAP.

A RAP compõe a estratégia da construção do Projeto Popular do Brasil. Delineia-se nas seguintes linhas políticas:

Centrada no binômio da democratização das terras e num modelo de desenvolvimento da agricultura que priorize a produção de alimentos saudáveis e a preservação ambiental, a Reforma Agrária Popular propõe: a) enfrentar e superar as mazelas criadas pelo capitalismo que penalizam o povo brasileiro; b) obter melhores condições de vida para os camponeses; c) promover um desenvolvimento econômico e sustentável; d) aperfeiçoar e promover os mecanismos da democracia e participação popular no destino do país; e) contribuir na construção de um projeto de

⁸³ A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos: I - aproveitamento racional e adequado; II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente; III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho; IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10656942/artigo-186-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 06 mar. 2026.

desenvolvimento do país, centrado na Justiça Social e Soberania Nacional (MST Brasil, 2024, p. 8).

A prioridade da produção dos alimentos saudáveis com a preservação ambiental é a indicação clara que a agroecologia é a matriz produtiva que orienta e sustenta o desenvolvimento de práticas agrícolas em que o cuidado com o meio ambiente, a agrobiodiversidade, com a preservação dos bens naturais são princípios fundamentais a serem observados.

O modo de produzir pela agroecologia combina com policultivos, com diversidade alimentar ao longo do ano, com relações justas de comércio, com relações sociais e de gênero equitativas, com sustentabilidade econômica e ambiental, com o respeito às práticas agrícolas das culturas camponesas diversas, com a geração de renda e de emprego na agricultura, com a fixação de mais famílias produtoras à terra (Altieri, 2010).

A agroecologia é o modo de produzir alimentos saudáveis na agricultura que tem os camponeses, os assentados da reforma agrária, os povos indígenas, os quilombolas, os ribeirinhos como referências de sua prática. Ela não combina com latifúndio, com a depredação dos recursos naturais através dos agrotóxicos e sementes transgênicas, com a expulsão das famílias camponesas dos seus territórios de vida e produção.

4.2.1.2 Soberania Alimentar

A soberania alimentar é outro eixo estruturante do projeto da RAP. A dimensão da soberania alimentar praticada nos territórios dos assentamentos e acampamentos se materializou através dos alimentos que foram distribuídos pelas ações solidárias. A soberania alimentar é um conceito fundamental para lastrear a construção política do projeto de agricultura que se orienta pela produção de alimentos saudáveis nos territórios. Entendendo os alimentos como um bem social e cultural dos povos, ao qual todos devem ter acesso em suficiente quantidade e qualidade nutricional (Coca, 2016).

A soberania alimentar é uma construção conceitual que a Via Campesina Internacional vem desenvolvendo, desde a década de 1990, no combate às políticas neoliberais da mercantilização dos alimentos. As políticas neoliberais comandadas pelos impérios alimentares e organismos internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), estabelecem a regulação dos preços dos alimentos e a sua distribuição aos países em situação de fome de forma mercadológica impositiva, onde a fome é usada para fazer negócios. O livre comércio como estratégia de combate à fome é a falácia do mercado neoliberal, assim como é a chamada ‘Revolução Verde’ na agricultura do agronegócio que promete acabar com a fome, aumentando

os índices de produtividade à base de uma matriz tecnológica petrodependente, agrotóxica e mantenedora da estrutura fundiária dos latifúndios (Altieri, 2010; Bezerra, 2021; Coca, 2016; McMichael, 2016; Pompeia, 2021).

A autora Islândia Bezerra (2021) apresenta as ideias principais do início da elaboração da concepção de soberania alimentar que a Via Campesina Internacional foi desenvolvendo nos seus encontros internacionais. Em Cuba, em 2001, a Via Campesina define Soberania Alimentar como:

A soberania alimentar é o direito dos povos de definir suas próprias políticas agropecuárias e de alimentação, bem como de proteger e regulamentar a produção agropecuária e o mercado nacional objetivando alcançar o desenvolvimento sustentável.(...) a soberania alimentar não nega o comércio internacional, porém defende a opção de formular políticas e fomentar práticas comerciais que sirvam aos direitos das populações, disponibilizando métodos e produtos alimentícios inócuos, nutritivos e ecologicamente sustentáveis (Via Campesina Internacional, Cuba, 2001, cit. Bezerra, 2021, p 714).

Em 2007, no Fórum Mundial pela Soberania Alimentar, realizado em Nyéléni, Mali, a Via Campesina complementou o conceito de Soberania Alimentar:

A soberania alimentar nos dá a esperança e o poder de preservar, recuperar e desenvolver nosso conhecimento e capacidade de produção de alimentos. A soberania alimentar é o direito dos povos a alimentos saudáveis e culturalmente apropriados produzidos por métodos ecologicamente corretos e sustentáveis, e seu direito de definir seus próprios sistemas alimentares e agrícolas. Ela coloca as aspirações e necessidades daqueles que produzem, distribuem e consomem alimentos no centro dos sistemas e políticas alimentares, em vez das demandas de mercados e corporações. Ela defende os interesses e a inclusão das próximas gerações (Fórum Para Soberania Alimentar, Nyéléni, 2007, s/n).

A soberania alimentar diz respeito “à autonomia dos povos decidirem o que plantar e como plantar, fazendo com que – no seu território – sejam desenvolvidas estratégias que, em alguma medida, desestruturem a atual ‘ordem’ do sistema capitalista, que reproduz a lógica do alimento como fonte de lucro” (Bezerra, 2021, p. 715).

É importante compreender a soberania alimentar como um conjunto de elementos relacionados à produção, à distribuição e ao acesso aos alimentos como bens sociais para todas as pessoas, respeitando as tradições culturais alimentares, os conhecimentos agrícolas dos povos. Os elementos coesionados são os pilares de sustentação do que deve ser um regime alimentar alternativo ao modelo do regime alimentar neoliberal, controlado pelos regimes alimentares (McMichael, 2016). Esses pilares foram definidos pela Via Campesina Internacional (2007) no seu encontro em Nyéléni, Mali:

i) a comida deve ser destinada para as pessoas; ii) é preciso construir conhecimentos e habilidades locais; iii) o trabalho agrícola deve ser efetivado com respeito aos recursos naturais; iv) os valores dos provedores de alimentos precisam ser preservados; v) é fundamental o privilégio aos sistemas alimentares locais e;

vi) os povos locais devem ter o controle sobre os seus sistemas alimentares (Fórum Para Soberania Alimentar, Nyéléni, 2007, sem paginação).

A soberania alimentar é um princípio de autonomia, de poder nos territórios. Como estratégia de construção de um projeto de produção de alimentos saudáveis, a Agroecologia é a materialização da soberania alimentar, como um modo de fazer a agricultura diverso do modelo colonial do latifúndio monocultor, concentrador da propriedade da terra, predador dos bens naturais e com a produção destinada à exportação. Dos assentamentos que praticavam a agricultura em bases agroecológicas e com soberania alimentar é que vieram os alimentos saudáveis para as ações solidárias de combate à fome. Através dos alimentos produzidos nos assentamentos da RAP do movimento socioterritorial (MST), o movimento socioespacial CMS se espacializou na geografia urbana das periferias de Recife. A solidariedade ativa foi a forma e o conteúdo da dimensão do ‘popular’ da RAP. Os alimentos saudáveis produzidos pelo campesinato ajudaram no combate à fome na RMR.

O conjunto das diversas formas de ações solidárias desenvolvidas através da CMS traduz a soberania alimentar em sua efetivação nas relações campo-cidade, através dos alimentos. A emergência da fome no período da pandemia do Covid-19 mobilizou a militância dos movimentos sociais camponeses e urbanos à organização de ações solidárias para seu combate. O princípio da soberania alimentar, do alimento como direito humano, social e cultural acessível e disponível a todos, foi colocado em prática. Através das ações solidárias ativas, o ato político da alimentação foi disputado socialmente em sua totalidade, através de formas de fortalecimento da produção camponesa, de abastecimento e de consumo direto, priorizando a capacidade de reprodução social da vida (De Sordi, 2023).

4.2.1.3 Armazém do Campo: território urbano da solidariedade

A processualidade do movimento de espacialização da CMS através das diversas formas de ações solidárias teve sustentação política em bases materiais já existentes, em territórios conquistados e apropriados pelas lutas do MST. O Armazém do Campo, em Recife, foi um dos territórios fundamentais para garantir as condições de organização, planejamento e execução do conjunto de trabalhos necessários para a solidariedade ativa se efetivar.

A importância política do Armazém do Campo, como base territorial para as ações de solidariedade, está relacionada ao comando político do MST sobre este espaço apropriado. O MST construiu a proposta da formação de uma rede de lojas *Armazém do Campo* em nível nacional, nas cidades (mundo urbano), para ser espaço de comercialização da produção agroecológica dos assentamentos, ser espaço de articulação das organizações sociais do campo

popular, ser espaço de celebração da cultura e da arte popular (Machado; Cordeiro da Silva, 2024). Para desempenhar estas atribuições políticas, o Armazém do Campo se constitui como território urbano do MST. Numa leitura geográfica, o Armazém do Campo significa a apropriação de uma fração do espaço geográfico urbano pelo MST; ele é um território urbano apropriado e dirigido por este movimento socioterritorial a partir de uma intencionalidade, a divulgação material e imaterial da RAP.

Fotografia 6 – Doações no Armazém do Campo destinada a 15 Bancos Populares de Alimentos, entre outras comunidades na Região Metropolitana de Recife



Fonte: Coordenação Armazém do Campo Recife (2021)

A condição política e geográfica do território urbano Armazém do Campo em Recife possibilitou autonomia no planejamento e execução das ações de solidariedade ativa. Esta autonomia significou a tomada de decisão para uma mudança tática da ação política no período da pandemia do Covid-19. Diante da situação de fome explicitada com o lockdown, em 2020, Inhame (2025) afirmou que “o Armazém do Campo fechou suas portas à comercialização e abriu seus braços para solidariedade”.

A nova orientação política implicou na criação de novos espaços de ação para efetivação da solidariedade, dentro do território Armazém do Campo. A organização da Cozinha Solidária, a produção das marmitas solidárias, a organização das escalas das equipes de produção das marmitas, a organização da logística de distribuição das marmitas nas longas filas humanas que se formavam em frente ao Armazém do Campo e para os municípios da RMR, a organização

dos calendários de encontros formativos com as equipes de trabalho...estas ações políticas foram necessárias para dar sustentação à solidariedade, com continuidade e amplitude.

Especialmente no primeiro ano da organização da CMS, o Armazém do Campo foi o polo irradiador das ações de solidariedade para as sociedades de Recife e da região metropolitana. A irradiação possibilitou a criação de novos espaços, materiais e imateriais, de presença e atuação da CMS.

4.2.2 O durante: a pedagogia do fazimento

As ações de solidariedade ativa desenvolvidas através da CMS tiveram o seu tempo de início (março de 2020), os seus territórios de sustentação econômica e política (assentamentos, acampamentos, Armazém do Campo) e os territórios dos corpos humanos dos agentes populares como os fazedores. Elas se estenderam para outros ambientes, criando novos espaços organizativos e o envolvimento de centenas de pessoas, militantes, que se empenharam nas iniciativas de solidariedade.

A espacialização da CMS é processo e produto de muita ação humana que se fixa no espaço geográfico em diferentes lugares a partir de uma variedade de iniciativas de solidariedade (as cozinhas solidárias, os bancos populares de alimentos, os agentes populares, as máscaras solidárias, as hortas solidárias, os roçados solidários etc.). Todo o processo de espacialização está referenciado na sociedade, nas relações sociais que provocam ações e reações, conflitualidades e superações. A CMS constitui-se como movimento socioespacial, sob o olhar geográfico, neste movimento de espacialização. A espacialização se efetiva pelo processo criativo das ações de solidariedade que vão sendo colocadas em prática e pelo produto/resultado que estas ações solidárias geram. É um movimento dialético em espiral contínua.

O pensamento de Milton Santos (2020) contribui para entender e refletir sobre o processo e o resultado das relações sociais no espaço e no tempo, mediadas pelas técnicas.

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições. Assim empiricizamos o tempo, tornando-o material, e desse modo o assimilamos ao espaço, que não existe sem a materialidade. A técnica entra aqui como um traço de união, historicamente e epistemologicamente. As técnicas, de um lado, dão-nos a possibilidade de empiricização do tempo e, por outro lado, a possibilidade de uma qualificação precisa da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham. Então, essa empiricização pode ser a base de uma sistematização, solidária com as

características de cada época. Ao longo da história, as técnicas se dão como sistemas, diferentemente caracterizadas (Santos, 2020, p. 54).

A empiricização do tempo, no processo de espacialização da CMS, ocorre através das ações humanas que têm a capacidade criativa de ler a realidade, avaliar os fatos e tomar decisões para as ações possíveis e factíveis no tempo e no espaço situados. As ações a serem desenvolvidas são as técnicas (Santos, 2020), que materializam o projeto político na realidade que foi lida. A materialização, pelas técnicas, significa marcar no tempo, colocar a data das ações e dos objetos desenvolvidos e fixá-los nos espaços criados.

Em todo este percurso histórico e geográfico da espacialização da CMS, as ações humanas de solidariedade se orientaram por um método de trabalho popular. As ações de solidariedade vincularam uma intencionalidade política coletiva de combate à fome e à prevenção da contaminação do Covid-19. Estas foram as duas situações de desumanização que a realidade apresentou em números, em estatísticas, mas também em corpos humanos e em lugares geográficos na RMR. A análise crítica sobre as situações de fome e de contaminação pelo Covid-19 e as definições sobre as ações políticas necessárias para enfrentá-las se pautaram pelos princípios da educação popular. A educação popular se traduz aqui na importância do método para que as ações solidárias contribuam para a transformação da realidade que foi lida em suas marcas de desumanização, como a fome e a contaminação pelo Covid-19.

O *durante* das ações de solidariedade que espacializam a CMS não foi um acontecimento espontâneo e eventual. Ele aconteceu, ele se fez nas ações solidárias internacionalizadas pelo projeto político-pedagógico da educação popular. O *onde* a espacialização das ações de solidariedade aconteceu está ligado ao *antes*, que são os territórios apropriados e as ações políticas realizadas pelas organizações sociais, como o MST. Há um modo de fazer as ações solidárias que ajuda a entender como estes momentos, tempos e lugares (antes, durante, onde) substantivam as práticas da solidariedade ativa, como um projeto político em movimento, em *fazimento*, com processualidade. O modo como este projeto político se efetiva tem nos princípios da educação popular a sua orientação e sustentação pedagógica.

A compreensão da educação popular está assim expressa no *Caderno de Formação: Formação de Agentes Populares*, elaborado pela Coordenação Política da Periferia Viva (2020)⁸⁴:

⁸⁴ A educação popular coesiona um conjunto de princípios pedagógicos que contribuem para o desenvolvimento de ações educativas, organizativas para transformação da realidade sob a ótica do povo, do popular. O ponto de partida é a realidade da vida do povo, analisá-la e entendê-la nas suas contradições econômicas, políticas, sociais, culturais que desumanizam os seres humanos, para transformá-la. Para desenvolver as ações transformadoras é preciso ter um método de trabalho popular. No caso das ações de solidariedade organizadas pela CMS, elas tiveram no método de trabalho popular a sua base de sustentação pedagógica e ideológica. O educador Paulo Freire (1921-

Educação popular é o esforço de mobilização, organização e capacitação das **classes populares**. É a capacidade de entender o que está acontecendo (conjuntura), o que conduz a estes acontecimentos (estrutura), o que aconteceu antes que nos levou até o momento atual (história). É saber ler a realidade na sua atualidade (contradições e forças sociais) e ser capaz de propor ações para alterar, em parte, esta realidade (conquistar direitos, fazer reformas) e a se organizar para lutar para transformar a sociedade (reformas de base, visando um projeto popular) e vista de uma sociedade que vá além do capital (Periferia Viva, 2020, p 10).

As orientações pedagógicas da educação popular foram fundamentais para a formação política crítica das centenas de pessoas que se juntaram ao mutirão de trabalho de base para colocar em movimento as ações de solidariedade, os agentes populares de saúde, de alimentação, de direitos, de comunicação. As/os agentes populares foram/são os sujeitos que substantivam a solidariedade como ativa, através de muito trabalho popular de base, com a criação e uso de muitas técnicas (Santos, 2020).

Neste trabalho de base é que se juntam prática-teoria e que se denomina como a *práxis do trabalho de base*. Este movimento teórico-prático foi denominado *pedagogia do fazimento* pela coordenação política da CMS.

A *pedagogia do fazimento* traduz o método e o modo como as ações de solidariedade ativa, em suas formas de realização, especializaram a CMS. A palavra *fazimento* traz à mente a ação de fazer as coisas com as mãos, com muitas mãos, com energia, com a mente, com paixão e compaixão. Por isso *Mãos Solidárias* como denominação da organização social que se preocupa com o *fazimento* da política da solidariedade.

Sobre o que significa a solidariedade feita através da *Mãos Solidárias*, uma entrevistada assim se expressou:

Eu acho que ser solidário não é questão de experiência, é fazer as coisas com o coração, sabe? É deixar que o espírito solidário lhe envolva, sabe? Que você faça isso com amor. Que você esteja sempre acolhido. Porque nem todas as vezes que uma pessoa chega nesse espaço é porque quer uma marmita, mas também quer uma palavra amiga, quer um momento de ouvi-la, de poder dizer assim, eu estou contigo, tu não está só. Conte comigo aí que a gente está nessa junto. É tudo uma coisa que envolve. Ser solidário é muita coisa junto. É muito conteúdo, é muita paixão (Milho Verde).

A *pedagogia do fazimento* é um modo de fazer a solidariedade que tem acentos especiais nas relações sociais que se estabelecem entre os envolvidos na ação, tendo em vista o projeto estratégico que se propõe atingir. Numa das entrevistas colhi o seguinte relato sobre a *pedagogia do fazimento* e a solidariedade que é feita:

A gente prima muito pelo que a gente chama de *fazimento*. Então essa história da solidariedade ativa, então é uma solidariedade que é feita, que é construída por *mãos*

1997) é uma das principais referências mundiais da educação popular. Sua obra, *Pedagogia do Oprimido*, é uma sistematização das suas experiências de educação popular que fundamenta o modo ‘como’ trabalhar com o povo para libertação das formas de opressão. No processo das ações de solidariedade foram desenvolvidas diversas atividades formativas com os agentes populares (Saúde, alimentação, comunicação, direitos) baseadas nos princípios da educação popular freiriana.

solidárias, mas não é um esquema de discurso, ele tem que ser, tem que fazer coisas. É melhor fazer comida numa cozinha e refletir em cima desse *fazimento* do que não fazer. Cito um exemplo: é melhor fazer comida só com voluntários, sem envolver a comunidade, no início, do que não fazer a comida. Porque pelo menos com isso vai dar para avaliar e falar; não! não é nossa intencionalidade. Se nós fizermos comida, tem que estar perto da comunidade. Para conseguir avaliar, você tem que ter feito; avaliar em cima desse feito. E aí isso serve para tudo, é para os bancos de alimentos, são para as cozinhas, são para as hortas, são para espaços de cultura. Tem que fazer; só se cria, vamos além, no Mãos Solidárias, quem faz coisa. E aí, em cima desse *fazimento*, aí a gente vai avançando nos processos de reflexão (grifos nossos) (Macaxeira).

A pedagogia do fazimento acentua a importância do “fazer as coisas”, “avaliar o feito” e projetar “um novo fazer”, como um processo permanente de ação e reflexão (práxis), em que a prática (P), a teoria (T) e nova prática (P’) se movimentam dialética, solidária e indissociavelmente (P-T-P’). O projeto estratégico a ser construído (Projeto Popular para o Brasil)⁸⁵ é o horizonte que enlaça as práticas e as reflexões a partir das ações de solidariedade que se fazem. Os sujeitos das ações solidárias são os que ‘põem a mão na massa’! O envolvimento ativo das pessoas que fazem e avaliam o feito possibilita a unidade entre ação e reflexão pelos mesmos sujeitos.

Na *pedagogia do fazimento*, “Cada passo dado prepara o próximo passo”! Esse foi o princípio político-pedagógico com que toda militância envolvida no trabalho de base com as ações de solidariedade estava imbuída (Periferia Viva, 2020, p 17). Esta característica do método indica a importância política em considerar a dimensão da processualidade das ações. A consideração da dimensão da processualidade das ações solidárias importa em ter planejamento, em ter formas de articulação e organização do trabalho popular, em criar vinculação com os territórios onde há produção de alimentos com os territórios onde há fome, simbolizada nas panelas vazias. A dimensão da processualidade supera o caráter de evento, de campanha emergencial para as ações de solidariedade.

As ações solidárias vão tecendo e são o tecido da solidariedade ativa que se forma e se estende geograficamente em lugares e na formação de novos espaços de atuação. Forma-se um mapa das ações solidárias na geografia da RMR, como produto e processo do trabalho de base desenvolvido para combater a fome e o Covid-19.

⁸⁵ O objetivo estratégico é uma sociedade que vá além do capital (socialista), mas que exige a implementação de um Projeto Popular baseado na soberania, na democracia popular, na solidariedade, no desenvolvimento endógeno, na sustentabilidade, na participação onde as mulheres, negros, negras, jovens, idosos, pessoas com deficiência, a diversidade sexual tenham espaços e condições de participar em pé de igualdade, na distribuição da riqueza social, conforme a necessidade de cada um (Periferia Viva, 2020, p 16).

A Campanha Mãos Solidárias iniciou as suas atividades com o termo *campanha* em sua denominação. No decurso das ações ela se ressignificou politicamente e se assumiu como *Mãos Solidárias*⁸⁶. A prática das ações solidárias e as reflexões avaliativas demonstraram que o combate à fome e ao Covid-19 exigia mais do que uma campanha com começo, meio e fim definidos. Do passo inicial da campanha de solidariedade foi dado o passo político seguinte, a política da solidariedade (Periferia Viva, 2021). O processo de luta é longo e o modo de organização precisa estar adequado para ser o suporte na longitude para onde as lutas por transformações avançam.

4.3 A política da solidariedade

A solidariedade, durante a pandemia do Covid-19, agravada pelo aumento da fome, emergiu como modo de organização política e como valor ético humanizador muito potente para as diferentes organizações sociais que se engajaram no combate aos dois vírus, o da fome e o Covid-19. Com uma diversidade de formas de ações sociais que se desenvolveram, especialmente às populações periféricas urbanas, foram perceptíveis as diferenças das concepções políticas que deram sustentação às ações solidárias, especialmente no combate à fome.

As concepções de *solidariedade passiva* e de *solidariedade ativa* foram as que trataram as mesmas situações da crise com sentidos políticos bastante diferentes⁸⁷. As diferenças se situam mais no modo como as ações solidárias são desenvolvidas e menos no que é entregue às

⁸⁶ A ressignificação da organização CMS se expressa nas novas frentes de atuação que foram assumidas no seu escopo político. Destaca-se a ação educativa de alfabetização com pessoas adultas das periferias. O analfabetismo entre pessoas adultas nas periferias foi detectado como um problema social com alto índice de incidência. A alfabetização de adultos foi assumida como uma ação política que possibilitou um processo rápido de nacionalização da Mãos Solidárias. Na entrevista com Macaxeira (2025): “No caso, nós normalmente atuávamos com alimentação, a alimentação se desdobrava em vários eixos, que era...Cozinhas, bancos, hortas, cursos em cima da alimentação, saúde, que eram uma outra pegada com os próprios agentes da cultura. E no quesito da educação, precisamos de algumas experiências, como a própria rede de bibliotecas populares solidárias, mas nada ou alguns cursos do EJA, ou seja, era...tipo um supletivo que a gente estava fazendo com as companheiras das cozinhas para elas terem o diploma do primeiro grau, mas não na alfabetização. E como apareceu essa oportunidade e nós estávamos ou estamos territorializados, estamos agora com um grande processo nacional de alfabetização, são praticamente com 1.500 turmas em 11, 12 estados. São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, que nós estamos puxando, mais todos os estados do Nordeste”.

⁸⁷ Em relação à conceituação solidariedade passiva, em muitos debates e análises políticas sobre as ações de solidariedade durante a pandemia no âmbito da Periferia Viva, utilizou-se a denominação *solidariedade sociedade anônima* (*Solidariedade S.A.*) como forma de diferenciação política da proposta da solidariedade ativa. Porque as corporações empresariais, industriais, financeiras, ONGs e a mídia hegemônica são as promotoras deste tipo de solidariedade. Eu vou utilizar o conceito solidariedade passiva para esta forma de prática solidária, porque expressa o sentido político da ação sobre os beneficiários; é o sentido de apassivamento, de fatalismo diante do problema social, como o da fome. Expressa também o método pedagógico bancário: relação de dominação opressor-oprimido.

populações com necessidades. O modo como é feita a ação solidária, a sua intencionalidade política (o agora) revela o caminho para alcançar o projeto estratégico (o futuro) que ela defende e quer construir.

A fome, como problema social, entendida como uma anomalia do funcionamento do sistema capitalista de produção, recebe um tratamento pontual, em seu caráter emergencial, através das doações de alimentos. Este é o modo característico da ação do tipo *solidariedade passiva*.

A fome, entendida como produto inerente ao processo produtivo no modo de produção capitalista, que se sustenta pela exploração do trabalho e acúmulo da mais valia, só será resolvida com a superação das relações de produção capitalistas. Combater a fome implica em mudar as formas das relações de produção que a provoca. Esta é a base conceitual da fome e do modo das ações solidárias do tipo *solidariedade ativa*. As doações emergenciais de alimentos são o primeiro passo da longa caminhada de ações políticas necessárias para fazer as mudanças de combate às raízes que produzem a fome. Essa caminhada implica o envolvimento ativo dos que padecem de fome como sujeitos do processo. A *solidariedade ativa* é a prática das ações solidárias como classe social trabalhadora que se organiza coletivamente para enfrentar e transformar as formas de exploração do modo de produção capitalista. A fome é um produto das formas de exploração do modo como o capitalismo organiza a produção (Ribeiro Junior, 2008; 2021; Periferia Viva, 2021).

4.3.1 A solidariedade passiva

A *solidariedade passiva* desenvolve as ações de solidariedade no modo assistencialista. De um lado estão os doadores e do outro os receptores. Não há formas de envolvimento político ativo no processo de parte de quem recebe as doações (alimentos, materiais de higiene, etc). Todo o processo das ações é pensado, planejado e executado pelos promotores políticos da ação, que estão separados e distantes dos que serão beneficiados. Há o sujeito ativo, o que faz a ação ‘para’ o outro (necessitado); e há o sujeito passivo, o que recebe a doação (a ação do doador). Há uma divisão entre os doadores e os receptores, “compreendendo as pessoas recebedoras como meros receptáculos da benevolência de quem doa” (Periferia Viva, 2021, p 28).

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2002), o educador popular Paulo Freire (1921 - 1996), trata este modo de relação pedagógica como bancária. Porque é uma ação de depositar no outro uma doação, como se faz na conta econômica do banco, em que são depositados

recursos financeiros. No caso da educação escolar, o conhecimento do professor (o que tem e o que sabe) é depositado para os alunos (que não têm e não sabem). No caso das ações de *solidariedade passiva* prevalece o distanciamento, a impessoalidade, o caráter de eventualidade, entre quem doa e quem recebe. Não há espaço de diálogo e nem problematização sobre os porquês das situações de desigualdades na realidade; problematização sobre as estruturas econômicas que provocam a fome. As relações de dominação opressores-oprimidos são naturalizadas; são mistificadas.

A concepção de educação bancária, serve para analisar certas práticas de solidariedade como passivas:

A “bancária”, por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como *estão sendo* os homens no mundo e, para isto, mistifica a realidade. Por isso, nega o diálogo [...] “assistencializa”. Na medida em que, servindo à dominação, inibe a criatividade e, ainda que não podendo matar a *intencionalidade* da consciência como um desprender-se ao mundo, a “domestica”, nega os homens na sua vocação ontológica e histórica de humanizar-se (grifos do autor) (Freire, 2002, p. 72).

Diversas campanhas, com caráter emergencial, têm muito destas características da relação bancária. O “dar esmola” ou “fazer caridade” são práticas solidárias que simbolizam esta concepção bancária na relação doador-receptor. A esmola, em muitos casos, é o que está sobrando para o doador e que não lhe faz falta se for doar. Por outro lado, cria laços de dependência política dos receptores em relação aos doadores. Os receptores ficam em débito moral e político com os doadores.

Como canta Luiz Gonzaga do Nascimento, o *Gonzagão* (1912 - 1989), na canção *Vozes da Seca* (1953), fazendo referência a esta forma de relação populista e assistencialista das ajudas do governo da época, Getúlio Vargas (1951-1954), para o povo nordestino, atingido pelas secas⁸⁸.

Seu doutor, os nordestinos têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulistas nesta seca do sertão.
Mas, doutor, uma esmola a um homem que é são[?],
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão.

Durante a pandemia do Covid-19 a *solidariedade passiva*, através de corporações empresariais e ONGs, com amplo espaço de divulgação na mídia hegemônica, fez muitas

⁸⁸ *Vozes da Seca* é de autoria de Luiz Gonzaga do Nascimento e José de Souza Dantas Filho (Zé Dantas). A melodia é de Gonzaguinha (filho) e de Gonzagão (pai). Foi escrita em 1953, durante o governo de Getúlio Vargas, como crítica ao modo como os nordestinos, atingidos pela seca, eram tratados pelas políticas de governo. Uma forma de solidariedade passiva. Os governos de Getúlio Vargas (1930-1945; 1951- 24/08/1954) foram caracterizados pela criação de políticas importantes para a classe trabalhadora (Carteira de Trabalho, CLT etc.). O modo como as políticas eram implementadas, nas relações entre governo e povo, acentuaram o que é conhecido nas ciências políticas e sociais como populismo. O governante é o benfeitor para o povo. Este fica lhe devendo favores nas eleições. Não foi à toa que Getúlio Vargas passou para a história como o “pai dos pobres”! (Paulo Freire, *Educação como Prática da Liberdade* - Paz e Terra, São Paulo, 2003).

doações de alimentos, remédios, materiais de limpeza e de higiene pessoal para as populações nas periferias urbanas. Doações até muito úteis e necessárias para o povo. Mas não tratou de fazer, política e pedagogicamente, a conexão entre os problemas sociais e as estruturas econômicas que os provocam. Passada a pandemia, cessaram as campanhas. Muitos problemas continuam para a população da periferia; a fome foi/é um deles.

4.3.2 A solidariedade ativa

A Periferia Viva (2020; 2021) se constituiu como uma coordenação nacional de organizações sociais do campo político da construção do Projeto Popular para o Brasil que articulou ações de solidariedade para combater a fome e prevenir a contaminação do Covid-19. A sua constituição como uma articulação nacional iniciou logo nos primeiros meses da pandemia, a partir das ações de solidariedade que os movimentos sociais passaram a desenvolver nas periferias urbanas de centenas de cidades Brasil afora. As diversas ações e experiências realizadas foram avaliadas e refletidas pedagogicamente quanto ao sentido político das práticas de solidariedade que estavam em desenvolvimento.

Na conjuntura histórica daquele período, marcada pela ofensiva neoliberal de desmonte das políticas públicas sociais e de deliberado descaso com a contaminação crescente pelo Covid-19, defendidas e promovidas pelo governo de Jair Bolsonaro, era necessária e fundamental a organização popular para a criação de espaços de lutas de resistência.

Do ponto vista das relações sociais, a ideologia neoliberal acentua o primado do indivíduo. Sozinho, livre e empreendedor o indivíduo vence e se salva, conforme a ideologia neoliberal, embora a realidade dos fatos e os altos índices da desigualdade social apontem o contrário. No entanto, para o neoliberalismo, os problemas sociais são resultados dos fracassos individuais. A fome, por exemplo, é um problema do faminto! Contrapondo-se a essa concepção da responsabilidade sobre a fome, Carolina Maria de Jesus afirma: *Quem inventou a fome são os que comem!*⁸⁹ Por esta leitura capitalista neoliberal, “a culpa da fome seria daqueles que não comem e a invenção dessa fome seria de responsabilidade demográfica, e não

⁸⁹ *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada* (1960) é uma obra fundamental da escritora Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977). Mulher, negra, mãe solo de três filhos, que viveu nas favelas da cidade de São Paulo, trabalhando na reciclagem das sobras de materiais de construção e dos lixos urbanos. De sua dura experiência de vida e de trabalho é que ela descreve como a fome se faz presença permanente nas relações sociais na favela, nas relações familiares e no corpo humano. *Quem inventou a fome?* Essa é a pergunta que ela se fez e que respondeu. Como combater e acabar com a fome no Brasil? Esta é a pergunta que continua ecoando na realidade histórica brasileira, em pleno século XXI!

por decisões políticas que imprimiram relações desiguais de acesso, produção e consumo de alimentos” (Frutuoso; Viana, 2021, p. 14).

A fragmentação das relações sociais, o descrédito em formas coletivas de organização e de ação, a destruição dos poderes locais são consequências produzidas pelo neoliberalismo na vida social (Santos, 2000; 2000a; Freire, 2014; Furno; Rossi, 2023). Estas consequências são particularmente mais nocivas na vida das classes populares, onde as necessidades básicas (moradia, trabalho, saúde, alimentação, educação etc.) não estão garantidas. Individualmente elas não se resolvem por dentro da ideologia neoliberal, pela meritocracia e tampouco pelo empreendedorismo.

Neste contexto social e político, a CMS promoveu, planejou, organizou e desenvolveu as ações de solidariedade ativa como método e política, fomentando formas coletivas de superação das desigualdades sociais vividas pelo povo.

Nesse momento histórico, entendemos a solidariedade como um valor organizador de nossas práticas políticas, como um pilar do projeto popular, que parte da defesa incondicional da vida do povo, da classe trabalhadora mais explorada. Solidariedade como dimensão do cuidado com as nossas vidas e as vidas de todas as pessoas, compreendendo que esta crise e pandemia se agravarão exigindo das organizações populares uma prática planejada do trabalho de solidariedade de médio e longo prazos. [...] Solidariedade como método de construção de laços com a classe trabalhadora urbana, desde seus territórios de moradia, de trabalho e de estudos, desde uma pedagogia emancipadora, educativa, organizativa, política e cultural, capaz de popularizar o debate e a necessidade de um projeto popular de país, de uma visão de futuro descolonizadora, com uma estratégia e um programa político de vida comum em sociedade, desvendando e envolvendo o atual sujeito coletivo deste contexto histórico (Periferia Viva, 2021, p. 28).

A *solidariedade ativa* foi a construção conceitual que sintetizou o sentido político, pedagógico e ético das ações de solidariedade que estavam em desenvolvimento. A CMS está situada neste espaço político das ações solidárias coordenadas pela Periferia Viva em nível nacional.

A solidariedade é um valor ético muito presente na vida dos setores populares, diante de maiores ou menores problemas, e que se materializa pela ajuda mútua entre vizinhos, nos mutirões comunitários, nas celebrações, na organização de lutas sociais, na superação de calamidades, etc. Como prática, individual ou coletiva, a solidariedade é uma forma de ação do eu/nós em direção ao outro/outros para prestar ajuda material, espiritual, psicológica, monetária, etc. É este movimento em direção ao outro que, pedagogicamente, pode ser de dominação, de apassivamento ou de libertação, de ativação das forças políticas dos que estão em situação de necessidade. O sentido político-pedagógico da *solidariedade ativa* é para a promoção da libertação; portanto, oposto ao tipo de *solidariedade passiva*, tratado no item anterior.

Nas entrevistas, durante a pesquisa de campo para este trabalho, o tema da solidariedade foi referido diversas vezes pelas pessoas entrevistadas, com sentidos e sentimentos semelhantes, que contribuem para o entendimento da *solidariedade ativa* como uma prática política para libertação.

E eu acho que a solidariedade é igual a essa relação do internacionalismo. Porque, como eu fui para o Haiti, essa coisa de solidariedade, eu tenho ela como um pilar mesmo para seguir adiante aonde a gente quer chegar. Mas essa coisa especificamente da Covid-19, de fato, até hoje, eu não consigo expressar o que foi a solidariedade ali naquele momento. Foi uma explosão de coisas [...] O capital é incisivo nessa coisa do individualismo, né? A gente não é um povo individual, a gente é um povo solidário, né? De como o capital, o capitalismo distorce essas relações e no momento acentua o indivíduo, o individualismo. Nessas situações, como se diz, de extremo, né? A solidariedade é a coerência, assim, do trabalho que a gente estava fazendo (Jerimum, 2024)

Para mim, é nunca soltar a mão de ninguém. Sempre está ali, junto. Ninguém solta a mão de ninguém. Juntos até o fim. Se tiver um lavando os pratos, todo mundo vai esperar acabar os pratos para a gente ir para casa junto. Junto a gente faz tudo. A gente não cozinha só. A gente cozinha junto com eles. Isso, pra mim, é solidariedade (Batata e Arroz, 2025).

A CMS organizou e desenvolveu formas de práticas de solidariedade que contribuem para o entendimento da *solidariedade ativa* como a política da solidariedade. O modo como foram desenvolvidas as práticas de solidariedade teve na educação popular a fundamentação teórica de sustentação. Pedagogicamente, as formas de *solidariedade ativa* foram desenvolvidas no sentido de serem relações ‘com’ os sujeitos e não ‘para’ as pessoas necessitadas (objetos da ação). Este caráter pedagógico do modo de fazer as ações solidárias é indicativo do método da construção do projeto político em que a fome, por exemplo, não seja concebida e usada como uma forma de dominação política no Brasil. O seu combate eficaz se faz através da organização e promoção de um projeto político e de desenvolvimento onde os alimentos produzidos saudavelmente sejam acessíveis a todos os seres humanos deste país e do mundo, como direito humano. A RAP é uma proposta de desenvolvimento econômico, político e social para o país que contempla estes objetivos, onde a função social da terra e o direito humano à alimentação se efetivam com relações sociais e produtivas sem dominação de classes.

As práticas de solidariedade ativa durante a pandemia do Covid-19 foram uma experiência política muito positiva em apresentar os meios, as formas para a pavimentação do caminho do combate à fome, tendo a solidariedade como princípio e valor das ações operadas em diversas práticas.

O *fazimento* da solidariedade ativa teve nos agentes populares de saúde, de alimentos, de direitos, da comunicação os atores/os *fazedores* das diversas práticas que dinamizaram a política da solidariedade no combate à fome e na prevenção ao Covid-19.

O ‘ser agente popular’ para as ações de solidariedade está descrito no *Caderno de Formação para Agentes Populares* (Periferia Viva, 2020):

O agente não nasce pronto, mas aprende a ser, agindo. É movido por indignação com/contra determinadas situações e pela solidariedade. Ele acredita na potencialidade das pessoas em construir o seu próprio destino. A gente é quem age. Mas é *quem age para que outros passem a agir*. Ele age com os outros (construindo juntos) e não para os outros (dando pronto). É alguém que articula e organiza pessoas para a ação. É alguém que forja em si uma consciência social organizativa, pois foi além da mera consciência social crítica (que sabe as determinações dos problemas e os respectivos responsáveis). O agente não dá nada já pronto. Ajuda a perceber, a maturar/analisar, a buscar condições, a perceber possibilidades de ação ou reação. Sabe animar/encorajar e aglutinar. Mas não é um aventureiro: propõe ações calculadas (quanto a possibilidade de êxito) que passam a ser planejadas em conjunto (grifos originais). (Periferia Viva, 2020, s/n).

Os/as agentes populares desempenharam o papel político-pedagógico da criação de vínculos nos territórios das periferias, onde a fome e os riscos de contaminação do vírus do Covid-19 eram a realidade diária das populações. Nos territórios das periferias, alguns já mapeados com os trabalhos de base da Brigada Solidária Dom Hélder Câmara, outros novos, foi/é onde são criados novos espaços políticos para o desenvolvimento das ações de solidariedade.

Os espaços políticos criados e organizados são as cozinhas solidárias, as hortas solidárias, as oficinas de costura das máscaras solidárias, os bancos populares de alimentos, as atividades formativas para novos agentes, os serviços de comunicação pelas redes sociais. A criação destes espaços políticos é produto do trabalho dos agentes populares em suas diversas frentes de atuação para ativar politicamente a solidariedade na sociedade.

Os agentes populares são fomentadores de relações sociais solidárias, particularmente nos territórios periféricos. Os agentes populares são os agentes da espacialização da solidariedade ativa na RMR. Eles são os semeadores e as sementes da solidariedade ativa, no sentido de que seus corpos são territórios do cultivo da solidariedade. “A solidariedade tem que ser construída em nossos corpos, em nossos comportamentos, em nossas convicções” (Freire, 2014, p. 81).

Através das ações solidárias que foram sendo desenvolvidas, dos espaços sociais que se criaram nos territórios, outro aspecto importante do processo da *solidariedade ativa* foi a dimensão do fortalecimento da organização popular. ‘Solidariedade para organizar’ significa o salto da qualidade política necessária à superação da forma de solidariedade passiva. Nesta prevalece a doação sem comprometimento, desvinculada da realidade e das causas do problema social, como afirma Macaxeira (2025).

No início, teve muita crise pra nós, assim, porque no nosso campo, eu acho que... há um preconceito com esse negócio de dar comida, da caridade, então ficou numa fronteira muito tênue ali, dar comida é caridade, mas no final a gente foi

ressignificando e construindo, inclusive trabalhando com essa lógica da solidariedade ativa, que não é uma solidariedade que só dá, é uma solidariedade que ajuda a organizar com as pessoas.[...] No início, inclusive, a gente trabalha, *é o povo cuidando do povo*, para dizer que são as próprias pessoas da comunidade que ajudam a se organizar. Ou mais, assim, é uma classe trabalhadora olhando pra outra. Então isso eu acho que foi o mais bonito que teve nesse processo, nessa ressignificação da solidariedade (grifo meu) (Macaxeira, 2025).

A criação e o fortalecimento de formas organizativas implicam na construção de relações de confiança política entre os agentes populares e as lideranças dos territórios. Para isso é fundamental estar inserido nos espaços de solidariedade no território, ter vínculos de vida e de ação com o território. A solidariedade ajuda a organizar quando os sujeitos que se envolvem no processo entendem, se conscientizam sobre os porquês da luta em que estão imersos; se conscientizam sobre as causas dos problemas que precisam ser superados. As atividades práticas desenvolvidas coletivamente e avaliadas criticamente ajudam metodologicamente neste processo da conscientização.

No tocante à questão da fome, as ações de solidariedade ativa se desenvolveram no sentido de tratar esta questão como um problema social, relacionando o campo e a cidade através de fatores que indicam os caminhos e as formas para combatê-lo.

No campo estão os territórios da RAP, apropriados pela luta coletiva do MST, que produzem alimentos saudáveis. Nas periferias urbanas da RMR estão as populações em insegurança alimentar nos territórios da fome. A solidariedade ativa desenvolveu as ações solidárias de forma a envolver os sujeitos produtores de alimentos com os sujeitos em situação de fome. Envolvimento significa tomar partido, ‘fazer parte de’, participar ativamente, com intencionalidade; todas estas ações sendo feitas de forma organizada e coletivamente.

O relato da entrevista com Inhame (2025) apresenta como, através da organização das práticas de solidariedade, forma-se a consciência coletiva da política da solidariedade.

Eu tenho isso muito claro. Eu acho que na hora em que a gente traz as famílias da periferia para descarregar o caminhão de alimentos que chegou, botar no chão, depois distribuir para todas as cozinhas, depois botar em cima do carro para levar para todas as cozinhas e, por último, chegar na minha comunidade. Cara, você deu um salto de consciência aí, que você pegou uma pessoa que não estava acostumada a essa cultura da organização do processo da solidariedade, da partilha, e disse: não, nós vamos resolver a sua situação juntos. Agora, você vai ter que ajudar a resolver a situação do seu vizinho, a coletiva. Então, isso fez com que fosse criando um corpo, as mãos solidárias (Inhame, 2025).

Os alimentos saudáveis da RAP foram os símbolos e os vetores desta relação organizativa campo-cidade. Os alimentos foram os símbolos do diálogo entre os sujeitos dos territórios de produção alimentar com os territórios de insegurança alimentar. Em torno e através deles foram criados e organizados os espaços de ação coletiva, como as cozinhas

solidárias, as hortas urbanas solidárias, os roçados solidários e os bancos populares de alimentos, como espaços de organização popular movidos pela solidariedade. Neste sentido, a *solidariedade ativa* organiza as pessoas para fazer lutas por uma causa política maior; inicia com a marmita solidária para conectar-se à construção do projeto popular para o Brasil. Ela ressignifica a solidariedade porque se faz com a capacidade organizativa das pessoas nos seus lugares e espaços de vida. *O povo cuidando do povo* (Macaxeira, 2025) é uma afirmação que sintetiza a ressignificação da solidariedade como ação política dos sujeitos sociais, as classes trabalhadoras do campo e da cidade, para combaterem os vírus da fome e do Covid-19.

5 CONCLUSÃO

A *solidariedade ativa* foi a conceituação-síntese da práxis elaborada pelas organizações sociais que se engajaram política e socialmente para enfrentar a sobreposição das duas graves crises durante a pandemia do Covid-19, no Brasil: a contaminação pelo vírus do Covid-19 e a fome. A dimensão *ativa* da solidariedade traduz a qualidade política das ações solidárias desenvolvidas pelas organizações sociais que nela se envolveram, como a Campanha Mãos Solidárias (CMS). Porque, na pandemia, proliferaram muitas campanhas de solidariedade passiva, que não problematizaram a necessidade de mudanças na realidade quanto às causas da fome e as negligências deliberadas do governo neoliberal de Jair Bolsonaro, na área da saúde e no desmonte das políticas públicas; tampouco contribuíram para o fortalecimento da organização popular e do protagonismo dos sujeitos dos territórios assolados pela endemia da fome e da contaminação pelo Covid-19.

A CMS se constitui geo-historicamente no tempo da pandemia do Covid-19 e teve uma atuação social destacada na Região Metropolitana de Recife. Neste espaço geográfico urbano foram desenvolvidas uma diversidade de ações solidárias para o combate da fome e ao Covid-19. As ações solidárias foram as formas e os conteúdos do projeto político contra-hegemônico que a CMS defende e constrói, o projeto Popular para o Brasil; oposto, portanto, ao modelo capitalista neoliberal, que mercantiliza os alimentos e aumenta a fome.

A realização das ações de solidariedade ativa colocou em movimento uma série de atores sociais coletivos (movimentos sociais, sindicatos, universidades, associações, igrejas, ONGs) e atores sociais individuais (as/os voluntários). Na concretude dos fatos, a solidariedade ativa é realizada por pessoas que se organizam coletivamente com uma intencionalidade política comum. A existência da CMS se fez através das relações sociais que as pessoas envolvidas colocaram em prática, tendo a solidariedade como valor ético, método pedagógico no trabalho de base e na construção do projeto político. A solidariedade para organizar!

As ações solidárias, na sua efetivação, criaram espaços políticos novos dentro dos espaços geográficos em que foram se inserindo. Desta forma, a espacialização da CMS se efetivou geograficamente com as movimentações dos fazimentos das ações solidárias em suas diferentes maneiras de se desenvolver. As ações solidárias modificaram a geografia através dos espaços de ação solidária que foram criados nos lugares sociais e geográficos das vilas e dos bairros onde houve a inserção e o enraizamento da solidariedade.

As cozinhas solidárias são os exemplos da materialização da espacialização do projeto político da solidariedade ativa. Cada cozinha solidária é um espaço político de ação contra-

hegemônica, porque as relações sociais que ali se desenvolvem têm uma intencionalidade política que visa a construção de um projeto político-social lastreado na solidariedade, e não no empreendedorismo individualista neoliberal. É também uma referenciação na geografia do bairro, da vila, que movimenta as pessoas de acordo com as necessidades; há os que se movimentam para fazer, cozinhar a comida e preparar as marmitas; há os que se movem para se alimentar e matar a fome; há os que vão até as cozinhas em busca de afeto, de um abraço, de uma conversa amiga. A implementação da cozinha solidária no local provoca uma reconfiguração do espaço geográfico, no sentido de que novas relações sociais são criadas e acionadas. O processo de reconfiguração geográfica é produto do processo das relações sociais; processos geográficos e processos sociais se implicam mutuamente (Fernandes, 2005).

O desenvolvimento das ações solidárias teve o suporte pedagógico na educação popular, caracterizado nesta pesquisa e dissertação como a *pedagogia do fazimento*. Esta pedagogia acentua que ‘o modo como se faz’ (as táticas - as ações solidárias) aponta a direção sobre o objetivo que se quer alcançar (a estratégia - a política da solidariedade); cada passo dado, projeta o próximo passo!

No fazimento da solidariedade ativa, o diálogo é a mediação nas relações sociais que coloca os sujeitos atuantes em nível de horizontalidade. É um exercício permanente entre os sujeitos envolvidos nas ações solidárias garantir que, na processualidade do fazimento da solidariedade, a sua qualidade política como ‘ação para a libertação’, que é a ação de combate à fome e ao Covid-19, não descambe para o assistencialismo benevolente e passivo. Fazer a solidariedade ‘ser ativa’ implica o envolvimento ativo dos sujeitos nos dois pólos de ação. No caso desta pesquisa e dissertação, o pólo da agricultura camponesa, que produz os alimentos saudáveis nos territórios dos acampamentos e assentamentos do MST/RAP dialoga com o pólo das periferias urbanas, onde a insegurança alimentar e a fome co-habitam com milhares de famílias e centenas de pessoas em situação de vulnerabilidade social nas ruas.

A relação entre a agricultura camponesa (campo) e a periferia urbana (cidade), através das ações de solidariedade, traz a qualidade política da organização popular como uma necessidade da sua efetivação. ‘Solidariedade para organizar’, ‘o povo cuidando do povo’ foram as expressões políticas que qualificaram o fazimento da solidariedade ativa como de classe trabalhadora, envolvendo ativamente os sujeitos na relação campo-cidade. As diferentes iniciativas de ações solidárias que foram criadas em diferentes locais e espaços geográficos foram/são as formas e os conteúdos da solidariedade que organiza e se organiza por ser e para ser ativa.

Em uma leitura geográfica do processo das ações de solidariedade desenvolvidas pela CMS observam-se movimentos de espacialização e territorialização simultaneamente. A CMS enquanto movimento socioespacial, que tem o espaço como trunfo, se vincula estreitamente ao MST, que é um movimento socioterritorial, cujo trunfo é o território. A espacialização da CMS combina-se com a territorialização do MST. Os alimentos são os meios materiais mais potentes das ações solidárias e que potencializam a espacialização e a territorialização. Eles provêm da produção agroecológica dos territórios apropriados pelo MST nos assentamentos e acampamentos. Nos bancos populares de alimentos, nas cestas populares distribuídas, nas cozinhas solidárias onde são preparados, nas marmitas solidárias que são distribuídas, nos roçados e hortas solidárias onde são cultivados... em todos estes espaços eles são a materialidade da RAP e do sujeito político MST que se presentifica. Nestes espaços, os alimentos que contribuem para o combate à fome, são a materialização da RAP como forma de se territorializar.

De outra parte, a espacialização da CMS se desenvolve com o processo das ações solidárias que tem nos alimentos os vetores principais de organização dos espaços para as relações e as práticas sociais da solidariedade. Os espaços criados para desenvolver as ações de solidariedade são as formas onde a espacialização da CMS acontece, como as cozinhas solidárias, os bancos populares de alimentos, as hortas urbanas solidárias. Desta maneira, espacialização e territorialização se cruzam nos espaços das ações solidárias.

Para além do tempo e do espaço da pandemia do Covid-19, a CMS continuou a processualidade da sua espacialização geográfica, enraizando-se organicamente na maioria dos estados brasileiros⁹⁰. As duas principais linhas de ação solidária que promoveram o processo de espacialização e de nacionalização da CMS foram/são o combate à fome e ao analfabetismo.

A Campanha de Alfabetização de Jovens e Adultos se constituiu numa frente de solidariedade que alcançou milhares de pessoas nas periferias urbanas e comunidades rurais, que tiveram seu direito à alfabetização negado pelas estruturas do sistema econômico-político no Brasil, profundamente marcado pela desigualdade social. A fome de alimentos e das letras tem milhares de brasileiros e brasileiras na mesma fila. Especialmente, a partir de 2023, deu-se início a um mutirão para a organização das turmas de alfabetizando e de formação de

⁹⁰ Disponível em: <https://mst.org.br/2025/12/20/organizacao-popular-marca-acoes-do-maos-solidarias-em-2025/>. Acesso em: abr. 2026.

educadores/as. Em março de 2026 celebraram-se em vários estados atos políticos de formatura da alfabetização de mais de trinta mil jovens e adultos⁹¹.

Em relação às ações solidárias de combate à fome organizadas pela CMS, o reconhecimento pela ONU, em 2023, através do prêmio *Pacto Contra a Fome*, foi um demonstrativo da importância política destas ações, enquanto frutos da organização popular⁹². Durante a pandemia do Covid-19 no Brasil é sabido que as ações políticas do governo federal foram negacionistas e necrófilas, tanto em relação à fome como em relação à contaminação pelo vírus. A premiação pela ONU foi o reconhecimento político de afirmação da solidariedade ativa como método eficiente para o combate à fome.

As práticas de solidariedade com alfabetização de jovens e adultos, com a organização das cozinhas solidárias, com o cultivo agroecológico de hortas urbanas, com as iniciativas da criação de espaços culturais nas periferias urbanas, com a formação de agentes territoriais foram e são formas como a espacialização da CMS se projetou pelo Brasil. Ao longo deste processo histórico-social do seu fazimento, o termo ‘campanha’ perdeu a sua conotação política. Normalmente uma campanha tem um tempo definido para sua existência (início-meio-fim). No caso da Campanha Mãos Solidárias, as ações de solidariedade em relação à fome (alimentação) e ao Covid-19 (saúde) apontaram para as raízes estruturais das causas que interditam a população a estes direitos fundamentais. A superação destes problemas sociais exige ações mais prolongadas e contínuas. Neste sentido, o que iniciou como Campanha, atualmente segue como Mãos Solidárias.

⁹¹Disponível em: <https://mst.org.br/2026/03/31/jornada-celebra-a-alfabetizacao-de-30-mil-educandos-em-areas-de-reforma-agraria-podemos-agora-resgatar-o-tempo-perdido/>. Acesso em: abr. 2026.

A Campanha de Alfabetização de Jovens e Adultos se desenvolveu com o apoio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), através do programa *Pacto de Superação do Analfabetismo e Qualificação de Jovens e Adultos*, conforme Decreto nº 12.048, de 05 de junho de 2024 (<https://www.gov.br/mec/pt-br/pacto-eja>).

⁹² Disponível em: <https://mst.org.br/2023/10/26/campanha-maos-solidarias-do-mst-recebe-premio-pacto-contr-a-fome-da-onu/>. Acesso em: abr. 2026.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Paulette Cavalcanti de; SILVA, Carolina Veras Pessoa da; MÉLLO, Livia Milena Barbosa de Deus e; TAVARES, Mariane Silva. Agentes populares no contexto da pandemia de Covid-19: educação popular em saúde na construção de territórios saudáveis e sustentáveis. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, 2024. Disponível em: <https://www.interface.org.br>. Acesso em: 4 jun. 2025.
- ALTIERI, Miguel. Agroecologia, Agricultura Camponesa e Soberania Alimentar. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 13, n. 16, p. 22-32, jan./jun. 2010.
- ANTUNES, Ricardo (org.). **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- BARROS, Maria Lígia. **Campanha Mãos Solidárias aprofunda atuação em Pernambuco com nova formação de agentes populares**. Brasil de Fato, Recife, 15 mar. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/15/campanha-maos-solidarias-aprofunda-atuacao-em-pernambuco-com-nova-formacao-de-agentes-populares/>. Acesso em: 13 mai. 2025.
- BETTO, Frei. **Programa Fome Zero**. Junho, 2003. Disponível em: https://catalogo.ipea.gov.br/uploads/401_1.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025.
- BEZERRA, Islândia. Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. In: CALDART, Roseli Salete *et al.* (org.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 713-720.
- BISPO JÚNIOR, José Patrício; SANTOS, Djanilson Barbosa dos. COVID-19 como síndrome: modelo teórico e fundamentos para abordagem abrangente em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 10, e00119021, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00119021>.
- BLÜMKE, Adriane Cervi. **O cotidiano de quem vive a realidade da fome**: práticas alimentares e estratégias de acesso aos alimentos. 2017. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2017.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Imprensa e Divulgação. **Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional**. Brasília, DF, 1 jan. 2003. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/>. Acesso em: out. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004**. Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.836.htm. Acesso em: 29 jun. 2025.
- BRASIL DE FATO. **No 1º de Maio, ações de solidariedade acontecem na Região Metropolitana do Recife**. Brasil de Fato, Recife, 1 maio 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/01/no-1-de-maio-acoes-de-solidariedade-acontecem-na-regiao-metropolitana-do-recife/>. Acesso em: 5 jul. 2025.

BRITTO, Larissa Pinto de. **Soberania Alimentar e Solidariedade**: ações dos movimentos populares em tempos de pandemia a partir da Campanha "Periferia Viva" (2020-2022). 2022. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2022.

CARÚS, Juliana Pires. **Usos e abusos do conceito de Ambiente Alimentar**: contribuições para a Política Nacional de Alimentação e Nutrição, a partir do pensamento de Josué de Castro e de Milton Santos. 2023. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2023.

CASTILHO, Daniela Ribeiro; LEMOS, Esther Luíza de Souza. A fome no Brasil e suas determinações na sociabilidade capitalista. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 370-381, maio/ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e75361>.

CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

CASTRO, Josué de. **Sete Palmos de terra e um caixão**. São Paulo: Brasiliense, 1965.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. 20 anos da proposta de soberania alimentar: construindo um regime alimentar alternativo. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 19, n. 32, p. 14-33, ed. especial, 2016.

COORDENAÇÃO ARMAZÉM DO CAMPO RECIFE. **Há 2 anos o Armazém do Campo se abria ao coração do Recife**. Página do MST, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/06/18/ha-2-anos-o-armazem-do-campo-se-abria-ao-coracao-do-recife/>. Acesso em: 5 set. 2025.

DAROS, Diana; STEDILE, Miguel Enrique; SAGAZ, Simoni. Toda a terra dos homens tem sido até hoje terra da fome: Josué de Castro e a Reforma Agrária. In: SILVA, José Graziano da; CARNEIRO, Carla Barroso; CEOLIN, Saulo Arantes (org.). **Josué de Castro e a diplomacia da fome**. Brasília, DF: FUNAG, 2023.

DELGADO, Guilherme. **Do Capital Financeiro na Agricultura à Economia do Agronegócio**: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

DE SORDI, Denise. Cozinhas solidárias são um recurso de sobrevivência. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 12 jul. 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/cozinhas-solidarias-sao-um-recurso-de-sobrevivencia/>. Acesso em: 20 set. 2025.

DE SORDI, Denise. **Da Geografia da fome à Soberania Alimentar**. Fundação Rosa Luxemburgo, 13 set. 2023. Disponível em: <https://rosalux.org.br/da-geografia-da-fome-a-soberania-alimentar/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

FARIAS, Éllen Roberta Dias de. **Situação da Insegurança Alimentar e Nutricional, Saúde Mental e Qualidade de Vida de adultos no estado de Pernambuco no primeiro ano da pandemia da COVID-19**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição) – Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2023.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Entrando nos territórios do território. **Boletim DATALUTA**, Brasília, DF, v. 1, n. 3, p. 1-15, 2008.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimento social como categoria geográfica. **Terra Livre**, São Paulo, n. 15, p. 59-85, 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 8, n. 6, p. 24-34, jan./jun. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Solidariedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. **Agonia da Fome**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. Disponível em: <https://books.scielo.org>. Acesso em: 12 set. 2025.

FRUTUOSO, Maria Fernanda Petrolí; VIANA, Cristina Valéria de Assunção. Quem inventou a fome são os que comem: da invisibilidade à enunciação – uma discussão necessária em tempos de pandemia. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 25, e200256, 2021.

FURNO, Juliane; ROSSI, Pedro. **Economia para Transformação Social: pequeno manual para transformar o mundo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

FURTADO, Lays. **Ação Mãos Solidárias completa 100 dias em Pernambuco**. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), 9 jul. 2020. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/07/09/acao-maos-solidarias-completam-100-dias-em-pernambuco/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

GALVÃO, Antônio Carlos; ROCHA NETO, João Mendes. **Território: conceitos e abordagens nas interpretações da Geografia**. Brasília, DF: ENAP, 2018.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: história e implicações**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

KEPPLE, Anne Walleser; SEGALL-CORRÊA, Ana Maria. Conceituando e medindo segurança alimentar e nutricional. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 187-199, 2011.

LEME, Adriana Salay. Cozinhas coletivas, os corações dos territórios. **Diálogos Socioambientais**, [S. l.], v. 7, n. 18, p. 46–49, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufabc.edu.br/index.php/dialogossocioambientais/article/view/510>. Acesso em: 7 abr. 2025.

LINHARES, Maria Yedda; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **Terra Prometida: uma história da questão agrária do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MACHADO, Angela dos Santos; CORDEIRO DA SILVA, Victor Hugo Quissi. O Armazém do Campo como território do MST no Espaço Urbano (2016 a 2022). **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 4, n. 46, p. 23-47, ago. 2024. Edição especial.

MALUF, Renato; MENEZES, Francisco; MARQUES, Suzane Bleil. **Caderno "Segurança Alimentar"**. 2000. Disponível em: <https://www.dhnet.org.br/direitos/sos/alimentacao/tconferencias.html>. Acesso em: 5 ago. 2025.

MACAXEIRA, Paulo. **Na capital das feiras agroecológicas, Recife ganha primeiro Armazém do Campo do NE**. Brasil de Fato, Recife, 30 maio 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/30/na-capital-das-feiras-agroecologicas-recife-ganha-primeiro-armazem-do-campo-do-ne/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

MARTIN, Jean-Yves. A geograficidade dos movimentos socioespaciais. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 19/20, p. 26-41, 1997.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. O processo da produção do Capital. Livro 1, tomo 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital & Salário, Preço e Lucro**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

MCMICHAEL, Philip. **Regimes alimentares e questões agrárias**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

MENEZES, Hilário José; CARDOSO, Eduardo Schiavone. Território e Territorialização: questões conceituais para uma abordagem e leitura dos movimentos sociais. **Pegada - A Revista da Geografia do Trabalho**, Presidente Prudente, v. 18, n. 3, p. 101-125, set./dez. 2017.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio; GOLDFARB, Yamila. **O Agro não é tech, o Agro não é pop e muito menos Tudo**. Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA), set. 2021.

MONEY, Pat. **La Insostenible Agricultura 4.0**: digitalización y poder corporativo en la cadena alimentaria. Ciudad de México: Grupo ETC, 2019.
MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Balanço Organizativo do MST**: 40 anos em construção. Caderno de formação nº 64. São Paulo: Grupo GEA, dez. 2023.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Programa Agrário do MST**: cartilha. 2. ed. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, 2024.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST - PE).

Sistematização da Experiência: Campanha Mãos Solidárias. Brigada Popular Solidária Dom Helder Câmara (2018 a 2023). Pernambuco, 2023. Não publicado.

PEREIRA DA SILVA, Oswaldo. **Histórias da Brasília Teimosa:** Centro Educacional Profissionalizante do Flau. Recife, 2017.

PERIFERIA VIVA. **O que tem na Mochila do Militante da Política de Solidariedade?** São Paulo: Fundação Rosa Luxemburg, 2021.

PERIFERIA VIVA. **Programa Piloto de Formação de Agentes de Educação Popular em Recife.** Recife, ago./set. 2020.

POMPEIA, Caio. **Formação Política do Agronegócio.** São Paulo: Elefante, 2021.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De Saberes e de Territórios – diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. **GEOgrafia**, Niterói, v. 8, n. 16, p. 41-55, 2006.

RIBEIRO JUNIOR, José Raimundo. **A fome e a miséria na alimentação:** apontamentos para uma crítica da vida cotidiana a partir da Geografia Urbana. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RIBEIRO JUNIOR, José Raimundo. A fome como processo e a reprodução social capitalista. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 105, p. 15-39, jan./jul. 2021.

RIBEIRO JUNIOR, José Raimundo. **A fome no Brasil não é conjuntural, transitória, pontual ou atípica: é estrutural.** Instituto Humanitas Unisinos (IHU), São Leopoldo, 27 mar. 2023.

RIBEIRO JUNIOR, José Raimundo. **Alienação das práticas alimentares e urbanização:** uma análise da alimentação da classe trabalhadora em São Paulo. 2015. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SALAY, Adriana. Josué de Castro e o sentido moderno da fome. In: SILVA, José Graziano da; CARNEIRO, Carla Barroso; CEOLIN, Saulo Arantes (org.). **Josué de Castro e a diplomacia da fome.** Brasília, DF: FUNAG, 2023.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma Geografia das Territorialidades e das Temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e o desenvolvimento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2023.

SEGALLA, Vinicius. **Entenda como o salário mínimo teve aumento real de 59% com Lula e Dilma e de 0% com Bolsonaro**. Brasil de Fato, São Paulo, 31 dez. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/31/entenda-como-o-salario-minimo-teve-aumento-real-de-59-com-lula-e-dilma-e-de-0-com-bolsonaro/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SEGALL-CORRÊA, Ana Maria; MARIN-LEON, Letícia. A Segurança Alimentar no Brasil: proposição e usos da escala brasileira de medida da insegurança alimentar (EBIA) de 2003 a 2009. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 1-19, 2009.

SEFRAS. **Fome e Assistência Alimentar na Pandemia**. São Paulo: Paulus, 2022.

SILVA, Sandro Pereira. A trajetória histórica da segurança alimentar e nutricional na agenda política nacional: projetos, descontinuidades e consolidação. **Texto para Discussão (IPEA)**, Rio de Janeiro, n. 1953, abr. 2014.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

UNICEF. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2022**: repurposing food and agricultural policies to make healthy diets more affordable. UNICEF DATA, 6 jul. 2022. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/sofi-2022/>. Acesso em: 9 fev. 2025.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 18, n. 4, p. 439-457, jul./ago. 2005.

VIA CAMPESINA. **Declaração de Nyéléni sobre a Soberania Alimentar**. Sélingué, Mali: Vila de Nyéléni, 27 fev. 2007. Disponível em: http://viacampesina.org/main_en/index.php?option=com_content&task=view&id=282&Itemid=38. Acesso em: 15 mar. 2025.

ANEXOS - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DAS COZINHAS POPULARES SOLIDÁRIAS

Fotografia 1 - Cozinha Popular Solidária das Palafitas, bairro do Pina, Recife. Destruída por incêndio criminoso, depois de quatro meses de funcionamento, em abril de 2022.



Fonte: CUT-PE (2021)

Fotografia 2 - Jornada Nacional de Alfabetização de Jovens e Adultos



Fonte: Ramos (2025)

Fotografia 3 Ato da formatura da Campanha de Alfabetização de Jovens e Adultos, em Recife



Fonte: Dafol (2026)

Fotografia 4 - Encontro de formação dos educadores e educadoras das turmas de alfabetização.



Fonte: Dafol (2026)

APÊNDICE A - COZINHAS POPULARES

Fotografia 1 - Milho Verde e Heron, Cozinha Popular Solidária Vila dos Milagres, Recife,



Fonte: elaboração própria (2025)

Fotografia 2 - Cozinha Vila dos Milagres, Recife



Fonte: elaboração própria (2025)

Fotografia 3 - Cheiro Verde, na Cozinha Popular Solidária Frei Beda, Brasília Teimosa, Recife



Fonte: elaboração própria (2025)

Fotografia 4 - Cheiro Verde na Cozinha Popular Solidária Frei Beda, Brasília Teimosa, Recife



Fonte: elaboração própria (2025)

Fotografia 5 - Descarga dos alimentos produzidos nos assentamentos e acampamentos para distribuição nos bancos populares de alimentos na RMR. Armazém do Campo, Recife



Fonte: elaboração própria (2025)

APÊNDICE B - ENTREVISTAS

Paulo Mansan (*Macaxeira*): 4 entrevistas

4.1.1- Primeira entrevista, em 01/04/25.

Então, vamos agora ouvir e fazer uma entrevista com o Macaxeira, que é da Coordenação Nacional aqui do Mãos Solidárias. Macaxeira, você que esteve antes e durante o trabalho aí, você poderia nos falar?

00:30

sobre essa questão da... Está funcionando, hein? A questão da... Está sempre funcionando aqui. Pronto. Pronto, ó. A questão da fome, né? Como que o... Mãos Solidárias...

00:59

Antes do Mãos Solidárias, como essa situação de fome, durante uma pandemia, ela provocou o trabalho ou as ações de combate à fome aqui? Como é que foi esse processo de início desse trabalho? E como é que como é que se desenvolveu isso? Por onde foi que isso começou?

01:27

Bom, Flávio, o nosso trabalho do Mãos, ele nasceu no dia 17 de março de 2020, porque ali pelo dia 12 foi quando iniciou o lockdown em Pernambuco. Então a gente fechou todos, nós fechamos todos os processos, tudo o que tinha, tanto a nossa brigada, nós temos uma brigada no Congresso do Povo, como o próprio armazém.

01:56

Isso foi logo depois do carnaval também, então nesse período inicia-se o lockdown, a gente vai todo o mundo para casa, porém nesse incincho a gente, em especial no armazém, aí com o companheiro Inhame, a gente se deu conta de que a população em situação de rua estava totalmente desassistida. Então veio a ideia de nós começarmos a fazer algumas marmitas e foi um processo...

02:26

Meio que a jato. No dia 17 a gente começa aí, Inhame e eu, a distribuir umas 20 marmitas. No dia 18 foram 50. E logo depois, dia 19, 20, já começou a se estruturar para 500 e depois com 1.000, 1.500/ dia. E isso foram muitos meses, mais ou menos até setembro. Então foi algo onde nós distribuimos...

02:54

muitas centenas de milhares de marmitas. Para o povo de rua. Para a população em situação de rua. E aí isso mobilizou uma gama de pessoas, porque acontece o lockdown, todo mundo vai embora, todo mundo vai para casa, inclusive quem faz os processos assistenciais da população em situação de rua. Então o povo começou literalmente a passar fome.

03:22

Porque os equipamentos públicos que atendiam também meio que fechavam, e quem distribuía comida, em especial no centro do Recife, também não foram mais distribuídos, porque ou eram espíritos católicos ou evangélicos esses grupos, e todo o mundo quis se cuidar, essa foi a lógica. As políticas de Estado, tanto do federal como do estadual,

03:47

Para essa situação, não... Não, federal acho que não tem nada. O que eram casas de abrigo da prefeitura, que umas meio que no início pararam e depois é que voltaram a funcionar. Mas aí nós começamos com esse processo da população em situação de rua e conseguimos mobilizar algumas centenas. E dizemos assim, acho que nesse processo foram praticamente milhões de voluntários e voluntários para fazer, porque tinham medo da pandemia.

04:17

Então nós criamos uma lógica de trabalho e de guerra, porque era café, almoço e jantar. Então dava mais de mil cafés, mil almoços e mil jantares por muitos meses. E isso é necessário de uma gama de voluntários muito grandes. Então, inclusive, junto com o Armazém do Campo, com o MST, aí que já nessa primeira semana a gente se deu conta que para...

04:44

Além de voluntários, a massa precisa de comunidade. Isso também. Então a gente se deu conta nesse início que precisei de, além de muitas mãos, a gente conseguiu ter uma equipe fixa. Então uma turma do MST ajudou a coordenar um pouco dos processos, que faziam parte da Brigada do Congresso do Povo. É uma outra turma, aí também a gente contratou algumas Cozinheiras para dar conta disso.

05:14

Então aí que começa... E assim, para conseguir garantir isso, a gente conseguiu muitas ações. Doações, alimentos, de tudo. Essa relação com a comida dos assentamentos, ela começa mais estruturada. Primeiro assim, o próprio estoque do Armazém com arroz, etc., no início foi usado todo para fazer marmita.

05:43

Então esse foi um cenário. Mas assim, a doação de comida in natura dos assentamentos, ela se dá quando a gente vai para as comunidades em especial. Quando as cozinhas vão para as comunidades? Não, quando o MST vai para as comunidades, quando Mãos Solidárias resolve para as comunidades. É, a gente fez a primeira doação de comida no dia 1º de maio.

06:11

2020, então foi quando a gente lança também, a gente faz uma doação, aliás, foram dois meios que simultâneos, no Ibura, acho que na comunidade 27 de novembro, e a segunda foi no próprio Peixinhos, que aí lá a gente tem uma lógica de organização por ruas, de cadastramento das famílias.

06:37

Nessa doação, nessa primeira que a gente fez, no primeiro de maio, foram 14 toneladas de comida, tanto que a gente atingiu quase 300. Foram 300 famílias, foram umas mil e poucas pessoas, foram divididas. A gente criou uma lógica, quem mais precisa levava 10 quilos, quem precisava mais ou menos levava uns 6.

07:02

E quem precisava bem pouco levava dois, três, mas todo mundo levou alguma coisinha. E de onde Milho Verde essas primeiras comidas? O que eu acho que interessa. Então foram de assentamentos da reforma agrária, em especial da região metropolitana e do litoral norte. Aí os municípios principais é Moreno.

07:30

em especial do assentamento Che Guevara, mas também Jaboatão, de alguns acampamentos, veio muita comida, em especial Macaxeira, e alguns outros assentamentos do litoral e da Mata Norte aqui de Pernambuco, que aí podemos citar Goiana, Aliança, Timbaúba,

07:53

Então, esses municípios eu acho que foram isso no início. Posteriormente, a gente pode acrescentar Caruaru, em especial pela cooperativa. Então, no dia 1º de maio é a primeira experiência que as pessoas fazem do alimento in natura. Bom, mas com isso as marmitas vão girando e a doação vai seguindo. Simultaneamente. Simultaneamente. Então, assim, não era o nosso foco central.

08:22

para dentro das comunidades. Mas essa doação e depois duas posteriormente até junho, nos fez a gente se dar conta de que além da fome, o Covid, o não cuidado com o Covid era a segunda principal, o segundo ou o primeiro problema principal, porque a gente, então se nós olharmos assim...

08:51

No início começou com doação de comidas e posteriormente a gente se dá conta de que o povo estava... Vou usar uma expressão aqui, o povo estava cagando e andando por Covid. Foi meio que um feriadão nacional. O povo estava fazendo festa, churrasco. Isso dentro das comunidades, porque, enfim, não tinha como ter um isolamento numa...

09:17

Num barraco que tem uma peça só, ou numa palafita que também é uma peça, ou tem mal, mal, um banheiro. É mora 10. É, e mora 10 empilhados ali dentro. Então esse foi... E aí, então, essa relação da doação de alimento com o início dos agentes populares de saúde. Porque a gente foi para as comunidades já nos dando conta de que, literalmente, o alimento estava sendo a fome, estava...

09:46

batendo com mais força durante a pandemia, e aí lá a gente se depara com uma necessidade de fazer alguma coisa para falar do vírus, e aí vem a ideia de construir os agentes populares de saúde em parceria com a UFPE, em parceria com a Fiocruz, isso mais ou menos de maio, logo depois da doação, acho que essas doações no dia 1º de maio que a gente lançou o Periferia Viva, o Mãos Solidárias a gente.

10:15

logo no início de março ali. A doação de comida para a própria rua a gente chamou de Marmita Solidária. Então esse foi o nome. E aí logo no dia 25 de março, na primeira semana, para dialogar com setores mais conservadores da sociedade, em vez de usar o nome do MST, a gente decidiu criar o Mãos Solidárias. Isso em março já? Isso em março.

10:40

março de 2020, cria uma marmita, dá super certo, bomba, e para começar a organizar isso, avançamos assim, aí pelo dia, vou citar aí, pelo dia 25, pelo dia 25, 30 de março, a gente já inicia com mãos solidárias, que foi uma outra, porque a gente se deu conta que alguns setores não iam vir ajudar o MST, e nós precisávamos de ajuda de todo o mundo para fazer o máximo possível.

11:08

Então, esse foi, vamos assim, o início. A ida para a comunidade faz iniciar os agentes populares de saúde. Bom, e nesse primeiro ano, o foco da vida vira os agentes populares de saúde, com muitos milhares de agentes, muitos cantos de formação em todo o estado.

11:32

Só aqui em Recife foram mais 150 turmas na região metropolitana, então a gente poderia dizer uma média de 10, 15, a gente formou umas 2 mil pessoas, é mais ou menos o que a gente chuta, chegando em comunidades, porque é um detalhe importante, no início a gente ia trabalhar só com uma formação online, mas depois a gente se deu conta um pouco da necessidade.

12:00

Foi uma oportunidade de nós territorializar tudo aquilo que as pessoas tinham tentado nos últimos 10 anos, chegar nas comunidades, construir vínculo, ali era uma oportunidade. Tanto que a gente chegou em mais de 150 bairros. Esse foi um fenômeno que aí posteriormente, isso a gente pode compartilhar, a gente passou a peneira vendo os que tinham possibilidade de a gente...

12:26

Avanço com o trabalho, ficamos com em cerca de 60 comunidades, bairros, que é o que conseguimos manter até hoje, que é um acompanhamento, e por aí vai.

Bom, então nesse primeiro ano, a gente centrava fogo, e aí inclusive Milho Verde esses assentos tratamentos também, o problema é que a comida era um pouco in natura, para produzir a comida para os marmitas, então a gente...

12:56

trazia bastante, era macaxeira, era leguminosa, era abóbora, jerimum, inhame, tudo isso ia pra dentro da marmita. É lógico que sempre houve um problema com a proteína, que não Milho Verde dos assentamentos. Mas é uma coisa que a gente consegue, enfim, dar esse, fazer essa conexão.

13:21

produtos dos assentamentos, mais ou menos esses que eu citei, e depois, posteriormente, mais escala para doação nas comunidades. Então, isso. Bom, se nós ainda pegarmos, então, 2020, o grande foco foi Marmita Solidária. O armazém do campo. O armazém do campo e o início dos agentes populares de saúde. Nas comunidades. 2021, aí a gente...

13:50

Se nós formos dar um segundo foco, 2021 é onde a gente tem todas aquelas comunidades que nós entramos pelos agentes. Também chegou um teto, a pandemia ainda se mantém forte, mas a vida começa a dar uma perspectiva em algumas coisas, muita coisa em home office. E nós ali numa marmita solidária, a gente parou de fazer todo dia.

14:19

Mas estávamos ainda fazendo lá, sei lá, quatro, cinco vezes por semana. A gente parou de fazer os finais de semana, porque, enfim, foi muito esforço e muito cansativo. Bom, tem os agentes aí, vai se criar coisas que são, junto com eles vieram as bicicletas da saúde, que aí se faz um pouco esse debate, etc.

14:47

E aí nós vamos tocar. Em 2021, aí sim a gente intensificará os processos de doação de alimentos. In natura. In natura. Porque era o que nós tínhamos, não tinha outra... Sim, não tinha cozinha. Não tinha outra... E aí não só cozinha, não tinha muito aonde armazenar. E esse eu acho que era o principal problema. E é mais rápido. Bom, aí em 2021...

15:17

Aí a gente começa a dar um segundo salto, entendeu? A gente, além de pegar doações dos assentamentos, como a gente coletava um pouco de dinheiro de muitos doadores, a gente começou a comprar alguns alimentos desses assentamentos. É lógico que era um preço mais camarada, mas a gente também, porque assim, os agricultores também tinham que sobreviver, né?

15:45

Não poderia ficar a vida toda fazendo. Então, uma parte a gente começou a fazer aquisições e começamos a criar uma lógica de pelo menos uma doação por mês. E a maior que a gente fez foi no dia 1º de maio de 2021, onde a gente doou acho que 54 toneladas, onde a gente fechou a ponte.

16:11

Maurício de Nassau, que tem aquela foto bonita, vacina no braço, comida no prato, e foi a nossa grande ação solidária. Quantas toneladas? Se não me falha, era mais de 50, acho que foram mais ou menos 54. Que aí, essa ação sim, o grande foco foram de assentamentos, veio uns 4, 5 caminhões, e comida de todo o estado.

16:39

em especial pela cooperativa da Normandia, mas veio muita fruta, melão, melancia, manga de Santa Maria da Boa Vista, bastante coisa de Serra Talhada, cebola e outras coisas, e macaxeira em especial aqui da Zona da Mata. Então, assim, os assentamentos de Santa Maria, Serra Talhada, com esse destaque, Caruaru.

17:06

E sempre aqui na Metropolitana, Che Guevara, em especial, Moreno, não, Jaboatão, como eu disse aí no Marielle, foram assentamentos que entregaram bastante coisa com esses da Mata Norte, só que esses vários são acampamentos, era outra coisa interessante. Os pobres iam doando, então...

17:33

Qual é o destaque, acho que merece 2021? A gente cria a rede de bancos populares de alimentos, então é um marco, eu teria que precisar de um pouco melhor, mas se não me falhasse, acho que foi em março, por março de 2021, e aí assim, era um características, a gente envolvia todo o mundo, era a Universidade Federal, era...

18:00

Universidade Rural, Universidade Católica, Instituto Federal, Igreja, todo mundo ajudava, se não doava, pelo menos a legitimar e fazer propaganda do Mãos Solidárias. Tinha um trabalho também muito intenso nas redes digitais. Sim, esse eu acho que foi outro fenômeno interessante.

18:23

fez esse processo aí. E assim, sempre eu vou criar alguma coisa. E junto com a rede de bancos de alimentos, a gente inaugura o Banco Mãe, que é um outro detalhe. Rede de bancos de alimentos? Rede de bancos populares de alimentos. A gente já estava trabalhando em 2020, mas em 2021 a gente oficializou a rede com o Banco Mãe. Banco Mãe é no armazém?

18:52

Era do lado do armazém, era numa casa da Santa Casa, mas ali o armazém tinha um pouco mais essa referência. Bom, uma outra coisa que vale destaque ainda, que os produtos da reforma agrária ajudaram, criaram a rede de bancos, aí se cria uma lógica, uma sistemática, a gente foi aprendendo também a divulgar e a fazer essa relação.

19:18

Com as comunidades. Então a gente criou uma lógica de entrega. Qual era essa lógica? A gente doava, mas assim, quem fazia todo o processo de descarga de caminhão e de divisão... Entrevista. E a descarga de caminhão eram as comunidades.

19:43

Ah, mas como é que a gente chegou nas comunidades? Chegamos através dos agentes populares de saúde que a gente tinha preparado no ano anterior. Então, esse foi um processo que a gente conseguiu construir bem. E aí, que no final ficou em média, no final começou com 24 bancos, depois a gente foi crescendo, chegamos nos 40.

20:09

E depois a gente doava para várias outras organizações, desde os nossos bancos de alimentos, mas também doávamos para a Marcha Mundial de Mulheres, para o MTD, para o MTST, para outros movimentos de moradia, assim, ficou um pouco, o MST ficou essa referência. E um destaque, sem ajuda do Estado, nem do governo federal, nem do estadual, nem do município. Zero. Zero.

20:38

Para não dizer que não teve nada, a prefeitura nos deu 100 mil pratos descartáveis. Mais de 3 milhões que nós entregamos. Então, era algo muito... Foi muito irrisório para todos. Então, na lógica da alimentação, ainda vale um destaque 2021 para a criação da primeira cozinha fora do Armazém do Campo

21:07

que foi a Cozinha Popular Solidária das Palafitas. Então essa cozinha, sempre com essa lógica de manter as Mãos Vivas, ela foi praticamente na entrada de Boa Viagem, e aí criou um pouco também essa mística, porque imagina, dois anos de campanha, todo mundo vai cansando, então nós temos que achar formas de ir oxigenando.

21:37

Paralelamente, no final de 2021, a gente tem os agentes populares de saúde, como é que dá um pouco de liga nesse negócio? Aí a gente fez um curso que também tinha representante das comunidades, o primeiro curso de educação popular, que a gente trabalhou em três etapas, que era basicamente como a gente estava construindo essa ideia de agente.

22:03

Então era como o cara se portava lá para ajudar a organizar a comunidade. Aquele beabá que parece que todo mundo sabe, mas é como organizar uma reunião, o que faz, o que é um educador popular, como se relaciona, escuta o outro, organiza as falas, organizar uma pauta, vai para uma luta concreta. Então tudo isso foi construído nesse início de 2020 e...

22:31

Final de 2020, 2021. Então é isso. Quer dar uma pausa aí? Porque 38, eles vão me ligar agora daqui a um minuto.

4.1.2- Segunda entrevista, dia 03/04/25

O papo aqui com o Macaxeira. Bom, então, cronologicamente falando para se ajudar. Um, marmita solidária, início no armazém do campo, que aí vem produtos da reforma agrária. Dois, a criação do nome Mãos Solidárias, que eu acho que vale também que foi em março de 2020.

00:23

Três. Eles fizeram um plebiscito para criar Mão Solidária? Um plebiscito com Macaxeira e Rosa. Olha aí. Não, inclusive tem um fato curioso que Rosa tira a onda. Quando a gente criou a Marmita, eu queria botar Marmitex. Mas aqui não existe Marmitex. Marmitex é mais pro sul. Aí ela falou, não, Macaxeira, Marmitex aqui não... Aí vamos fazer a Marmita Solidária. Foi assim que pegou.

00:52

Aí eu acho que outro, então, cronologicamente, em maio de 2020, doação de alimentos. Depois, logo em maio, com essa doação, a gente vê que o povo estava fazendo festa, churrasco, som, a gente se deu conta, não, tem que levar informações. Se foi criado esse link dos agentes de saúde, esse é um detalhe, se inscreveram mais de 5 mil pessoas lá. Eu ainda estou voltando agora na rede.

01:20

Escreveram mais 5 mil pessoas, sendo que 3 mil do Recife metropolitana, mil do interior e mil de outros estados. Então, junto com isso, aí se fazem os cursos presenciais e etc. Também aí em maio se lança o Periferia Viva. As bicicletas das saúdes, elas vão circular nas comunidades. É uma outra informação que é interessante... As bicicletas eram para quê?

01:49

Era pra tudo, pra falar do que eu preciso, mas em especial pra falar os cuidados com o coronavírus. Era uma pessoa de bicicleta falando. Era, às vezes sim, tinha um microfone, mas a gente construído com a Universidade Federal, tinha tipo um podcast que estava falando, ó, em Olinda essa semana tem 200 casos novos, faleceu a dona Joaquina, então vamos se cuidar, pô, vamos lavar as mãos, vamos usar máscara. Então essa era um pouco a...

02:18

Era um pouco uma vibração. E quem montava as bicicletas, a gente fez um curso para a população em situação de rua. Então, eles ajudaram o Coentro, que ajudou um pouco a montar, fazer um pouco esse curso. Outro elemento interessante, que ainda me passou ainda em 2020, se for falar um pouco do Mãos no geral, nessa história dos direitos.

02:46

se criaram os agentes populares de direitos, que basicamente eles ajudaram a fazer a própria rua acessar o auxílio emergencial. Porque você sabe qual é o principal problema do auxílio emergencial para o povo da população de rua acessar, Flavião? Não tem documento. Não tem documento era um. Mas o principal é que eles também não podiam acessar porque não tinham celular.

03:14

e no celular Milho Verde um código. Então a gente fez um voluntariado pra cada rua, então o código veio no celular do Flávio, e o povo ajudou, porque se não, se você não teve, e não

pôde repetir o número, então eu não pude botar 30 números, até pra evitar fraude, né? Isso é feito para atrapalhar um método desses, né? É, mas enfim. Bom, aí...

03:41

Vai lá, agentes populares, aí como eu falei, no final de 2020 o curso de educação, pra gente dando uma liga, aí 2021 se lança a rede de bancos de alimentos, o Banco Mãe, e no final, acho que foi outubro de 2021, a gente lançou a Cozinha Popular Solidária das Palafitas.

04:05

E aí que vem um negócio interessante, eu acho que merece um grande destaque aí nessa... A gente cria... Em 2021 a gente já começou a sair do armazém mesmo com máscara para plantar árvores, porque o MST Nacional criou um plano que a gente foi meio na contramão do MST, porque o MST criou um plano de isolamento produtivo.

04:33

Mas nós aqui fomos para a ofensiva, ao invés de isolar as pessoas, foi para o ataque. Mas junto com isso a gente levava a galera, voluntários esses que estavam chegando no armazém para plantar árvores, por exemplo. Aí veio a ideia, inspirada também um pouco no Paraná, veio a ideia que lá eles tinham o marmitta da terra, tudo era esse nome, que realizou...

05:01

só para registrar, depois da nossa marmitta solidária, não quiseram botar o mesmo nome, mas eles realizaram um esquema da horta agroecológica. Nós pegamos um pouco essa ideia e criamos o roçado solidário. Então chegamos a ter uns 15 roçados aí, acampamentos, assentamentos, acho que esse é um negócio importante, o povo deixou um cantinho para produzir para a solidariedade e depois doar.

05:29

E isso criou uma lógica, isso criou uma lógica também de envolvimento dos assentamentos, de fazerem parte de todo esse processo, porque o nome do MST de Pernambuco estava rodando, era famoso, mas para os assentamentos que estavam na lógica do isolamento produtivo, então também foi uma forma de o povo, e foi legal, foram muitos, vou botar 15, 20 roçados que isso Milho Verde.

05:56

Para as doações, aí eu cito aí alguns, mesmo Caruaru, na Normandia, o do Marielle Franco, em Moreno, em Goiana teve ali, teve dois, no Antônio Nascimento, em Bananeirinhas, que são acampamentos, foram vários roçados criados. Qual era a lógica do roçado?

06:21

Porque era muita doação de alimento. Vamos botar aí 20, 30 toneladas de alimentos por mês. Que Milho Verde essas... Que tinha que ter. Então, uma parte era doada, a outra a gente comprava os assentamentos. Mas pra você manter uma periodicidade disso, não era fácil. Comprava com as campanhas que arrecadava. Exatamente, a gente arrecadava pra uma marmitta solidária pra doar comida e com esse dinheiro a gente poderia...

06:51

comprar dos assentados. Então, mesmo sendo por um preço mais barato, mas a gente conseguiu, enfim, dar uma lógica nessa história de venda. Então, esses roçados sustentaram as Mãos por alguns meses. por um ano, porque a gente chegou num momento de meio de exaustão, né? É muita doação, é muita coisa, era muita logística que a gente teve que ir criando e para isso dar certo exatamente. Então aluga caminhão, faz isso, faz aquilo. Os roçados foram um suspiro. Eu queria perguntar o seguinte também nessas várias iniciativas que vocês vão criar, roçados, hortas, né?

07:36

envolvendo um conjunto de voluntários, pessoas de vários tipos, como se diz, tribos aqui no mundo urbano. Como isso... Como a reforma agrária popular, a ideia de reforma agrária, ela se cruzou com isso aí? Como é que você avalia? Isso ajudou? Como ajudou?

08:06

para, no caso, a territorialização da reforma agrária? Bom, eu acho que esse período pandêmico ajudou em especial para, assim, ampliar as bases de defesa da reforma agrária. Eu acho que dentro da... Eu acho que João Paulo Rodrigues tem uma análise.

08:35

que ele disse que foi o segundo melhor momento da história do MST no diálogo com a sociedade. Então, de uma pauta onde, assim, até a pandemia o MST era muito demonizado, estamos há 20 anos tomando... E na pandemia a gente consegue ressignificar a coisa, mostrar que o...

08:57

Botar uma outra pauta, que aí eu acho que isso ajuda a territorializar, se olhar assim também no campo das ideias. A reforma agrária, a territorialização material, que eu acho que, pelo menos na minha avaliação, os alimentos foram, por exemplo, a reforma agrária chegar no Ibura, como é que ela chegou lá mesmo, mesmo, mesmo, com comida, em vários lugares.

09:25

Os alimentos foram importantes, os alimentos vindos desses vários espaços que você já nomeou, foram importantes na ideia da materialização da reforma agrária no meio urbano. E também a reforma agrária, outra ideia do imaterial, que é nessa...

09:54

Essa ideia que você está falando. Essa ideia da batalha das ideias. Isso amplia, ampliou-se os espaços, as ideias em defesa da reforma agrária. E, por consequência, o MST junto. Entre os símbolos do movimento, o boné levantado na cotação.

10:18

Sem dúvida, pegando o caso do Boné, aqui nesses períodos de 2020, foram mais de 100 mil Bonés que a gente distribuiu. Então acho que esse é um elemento. Os bancos de alimentação e alimentação realmente fizeram com que essa lógica de entender o que é o MST, o que é essa luta foi chegando nas periferias.

10:47

Do Recife que antes nós não tínhamos. Então esse foi o mundo. E isso também fazendo questionamentos. O povo fala tão mal desses caras, mas quem está nos fazendo comida é o MST. Então conseguir botar a reforma agrária. E também assim, acho que para o concreto dos assentados, se pautou mais a reforma agrária. Inclusive quando o Lula ganhar,

11:15

O próprio Lula foi em Moreno em 2022. Tem uma foto simbólica lá, que ele está no meio dos alimentos. Então aquilo ali foi uma foto muito simbólica. Foi lá no Che Guevara? Foi lá no Che Guevara, que a gente tinha mais ou menos, eu acho que eram umas 20 toneladas de comida. E aí o Lula está no meio desse mundo de cima. Então eu acho que isso ajuda bastante nesse processo.

11:43

da disputa, da territorialização dessa batalha de ideias, e mesmo de levar esse conhecimento do MST para dentro. E tem uma outra informação, ainda em 2022, no início, a gente leva os bairros que tinham os bancos de alimentos, mais ou menos dois ônibus de pessoas para acamparem. Então foi algo também que...

12:11

Deu um problema, porque tirou muitas lideranças de quem estava tocando, mas também foi uma tentativa de...

12:34

Solidariedade botou os assentamentos em evidência, então melhorou a relação com a prefeitura, com outros órgãos públicos, enfim, com uma gama de pessoas. Essa é outra questão importante

para mim, essa questão da solidariedade, como que a organização que surgiu, já surgiu com esse nome, e ela importa...

13:03

as várias iniciativas, vamos dizer assim, nomear como solidária, solidariedade, né? Roçado Solidário, Horta Solidária, Marmitta Solidária. Então, por que é que vocês construíram isso, esse tema da solidariedade, essa questão da solidariedade? Qual é a importância desse...

13:31

essa conceituação, né? No início, teve muita crise pra nós, assim, porque, vamos, no nosso campo, eu acho que... há um preconceito com esse negócio do dar comida, da caridade, então ficou numa fronteira muito tênue ali, dar comida é caridade, mas no final a gente foi ressignificando e construindo, inclusive trabalhando com essa lógica da solidariedade ativa, que não é uma solidariedade que só dá, é uma solidariedade que ajuda a organizar como pessoas. No início, inclusive, a gente trabalha, é o povo cuidando do povo, para dizer que são...

14:12

São as próprias pessoas da comunidade que ajudam a se organizar. Ou mais, assim, é uma classe trabalhadora olhando pra outra. Se tu pega essa solidariedade de um assentado ou de um acampado que também tá fudido, o cara pega ali o seu quintal e doa lá seus 100, 200 quilos de macaxeira, porque ele sabe que tem gente que tá passando fome. Então isso não é, isso eu acho que é o mais...

14:40

bonito que teve um pouco nesse processo, então nessa ressignificação da solidariedade. E por fim, nós enquanto organização social, que aí no início do que eu falei dessas crises, o Neuri sempre disse um negócio, a gente já está certo, dá só por dar, porque o fato de uma outra pessoa estar passando fome e a gente...

15:06

dar comida para essa pessoa, isso já nos humaniza mais. Isso já nos deixa uma organização, um indivíduo melhor. Então o fato de nós levarmos a comida para quem passa fome é o mínimo que um ser humano ou um militante de uma organização social como nós poderíamos fazer. Mas a gente quer mais que isso. Tanto que a gente fez uma migração. A gente começa a sair um pouco da população em situação de rua.

15:36

e vai para dentro das comunidades. Nosso foco central de trabalho era para dentro das comunidades. E aí, nessa história, isso pega no nome da territorialização, da batalha das ideias, porque quem ajudou a construir essa turma, esse negócio, esse MST? Então, teve agentes importantes.

16:02

Lógico que Inhame foi uma figura importante, o próprio Macaxeira, que no caso sou eu, mas tinha uma turminha de uns 4, 5 jovens de assentamentos do interior, que foram os primeiros, que aí eu cito Fabiola, cito Léo, cito Alessandra, cito Dani, que foram os primeiros que chegaram lá atrás, depois veio um povo da PJR que também, que estava ali.

16:29

com essa história da bandeira, mais que a bandeira do MST, com a identidade do MST. Então, para você dizer assim, quem está fazendo isso, quem está vindo, é o povo do MST. E aí, na Batalha das Ideias, a gente contou vários fatos que nos ajudaram. Eu vou citar dois para dentro da mídia. Além de nós termos uma produção audiovisual muito boa.

16:54

mudando um pouco a lógica, acho que isso ajudou bastante na territorialização, porque para a batalha das ideias, para você chegar lá no Ibura, vou citar Lagoa Encantada, que o pastor não queria que a gente fosse, e as tiazinhas se rebelaram, não, Lagoa Encantada não, Chapéu do Papa. Ah, mas aí o povo começou a dizer, mas pastor, nós estamos passando fome, quem está

nos trazendo comida toda semana, como é que esses caras são do diabo? Então, se são do diabo, nós também somos, porque eles estão nos ajudando. Então, assim, tivemos alguns fatos interessantes. Mas a comunicação acho que foi algo muito importante. No início, também, quando a gente chegou, fomos para o Jornal Nacional, como uma das iniciativas de combate à fome.

17:41

Só que aí eles não disseram que era o MST, disseram que era uma loja de produtos orgânicos, funcionários de uma loja. E isso envolveu um rebu em algumas influências da esquerda, por exemplo, Chico César, o nosso cantor famoso paraibano, postou, ah, esse povo aí dos funcionários de uma loja é um povo, são militantes do MST que trabalham no armazém do campo, que é do MST.

18:08

Aí depois a Bela Gil repostou e a gente cria uma... a gente aparece bastante, inclusive nessa história da batalha das ideias. E eu acho que realmente assim, pro MST nessa história de territorialização, a pandemia ajuda a ressignificar. A luta sempre esteve ali, mas a gente estava, por tanto tempo de desgaste, a gente estava meio... a opinião pública não estava muito ao nosso lado, até porque os métodos mais...

18:38

radicais do MST às vezes não somam, tipo bloqueio de uma via, ou isso, aquilo, mesmo a gente sabia que nada avança sem luta. Mas entregar comida, não tem como alguém falar mal, então entregar comida da esquerda pra direita, o povo tem que, é isso aí, então é uma coisa interessante. Não sei se eu consegui falar um pouco isso aí. Eu acho que nessa...

19:08

Isso que você estava falando, principalmente antes da solidariedade, que nesse trabalho, de fato, da distribuição de alimentos, tem N organizações, claro que durante a pandemia foi um caso excepcional, mas que essa concepção de como sair...

19:34

do assistencialismo, que é o que mais se vê em matéria de comida, como dar o passo da assistência, que é o primeiro passo para a organização. Eu acho que a mão solidária começou a partir do...

20:00

da situação imediata, não tinha que ficar fazendo discurso para o povo de rua que estava passando fome, tinha que dar comida, mas logo vocês também foram percebendo que tinha que dar outros passos, e que a assistência, da assistência para a organização dessas pessoas, e aí eu acho que é a solidariedade ativa.

20:31

Nessas várias formas, desde envolver as pessoas a descarregar o caminhão, né? Descarregar o caminhão, participar dos roçados, das hortas, né? Fazer esse envolvimento com o conhecimento, especialmente de que o alimento a gente está comendo, como é que se produz o alimento, como fazer isso, né?

21:00

Então, eu acho que a gente sempre quis ter algum cuidado em relação a isso, uma preocupação. E aí os processos de formação que estávamos fazendo, criar gente, o curso de educação popular, que no início a gente trabalhava muito com o voluntariado, com o trabalho solidário. Essa galera que a gente primou um pouco mais. Quando a gente vai para as comunidades, então, já era um pressuposto aquela história. A gente não faz para, a gente faz com.

21:30

Então a gente conseguiu fazer uma mescla do, além, o voluntário mais dessa classe média ou mais simpático do MST ou da esquerda, que a gente conseguiu envolver, com pessoas das

comunidades. Eles também estão lá. Os voluntários iam. Os da classe média. Exatamente, porque aqui nós sempre primamos assim, ninguém vem para as Mãos.

21:57

Não faça nada, tem que fazer alguma coisa concreta. Então, acho que isso é uma... Esse é uma coisa que a gente primou bastante. Até que ano é o teu recorte aí? 22. Tá. Então, acho que... Em 2021 foi isso. 22, acho que ainda merece destaque. Duas coisas que aí foram avançando um pouco na...

22:25

Eu acho que no início de 22, na cozinha das Palafitas, há um incêndio criminoso, onde queima a cozinha das Palafitas. Então, 21, o destaque é o roçado solidário. Eu acho que essa é a grande... E os bancos de alimentos, eu acho que isso merece bastante destaque. É bastante destaque. No 22, lembrando o seguinte, que os bancos, eu vou...

22:55

Depois quero voltar um pouquinho para os bancos, mas vou voltar. Os bancos a gente orientaram-se a ter um pequeno conselho dentro das comunidades. Então tinha um conselho gestor, até para não ficar centralizado no Macaxeira tudo, distribuição, isso e o Paulo é Deus do negócio. Não, a ideia era ter um conselho de 3, 4, 5 pessoas, essas pessoas organizavam a distribuição. E com essas pessoas é que a gente foi...

23:24

começou fazendo as formações. Organizava uma distribuição, ou seja, tinha que ter um diagnóstico mínimo, né? Um cadastro das pessoas, porque as pessoas lá das ruas sabiam quem estava passando mais fome, quem estava precisando mais. Então, lógico que sempre com a política do MST, plantar árvores, produzir alimentos saudáveis, isso a gente sempre foi...

23:50

primando muito, então acho que é uma coisa que também depois vale a pena dar uma destacada, esses pequenos conselhos locais. Bom, em 2022, aí vamos lá, de novo curso, aí a gente especificado um curso de agente, 2022, acho que se eu retomar um pouco,

24:19

A gente sempre teve um pouco dessa lógica, vou voltar lá para 2020, a gente sempre teve essa lógica de tentar territorializar. Ninguém iria fazer um milagre, mas tinha que estar no território. E para isso, as pessoas especificam algumas casas de pessoas nossas da Brigada, que eram do MST e outras, que chegaram para estarem mais inseridas nos bairros. Chegamos a ter três, quatro casas, que era Camaragibe, Olinda...

24:47

no Ibura é uma no centro da cidade para tentar controlar territórios, essas doações de alimentos. Para ir dando liga, a gente fez... E isso a gente foi... Em 2021, aí tem um outro elemento importante. A gente oficializa o nome da nossa brigada. A gente cria...

25:14

A Brigada Popular Solidária Dom Helder Câmara. Porque aí, Flávio, que eu acho que isso entra dentro da territorialização, a galera que começou a se chegar, elas precisam ter uma identidade, fazer parte de alguma coisa. Aí a gente começou a construir esse negócio em cima das Mãos, que não era muito consenso no início, do que uma brigada de solidariedade mais vinculada ao MST.

25:44

Mas aí juntava mais do que só no MST, a brigada. Sempre unido mais que o MST. Mas ali... Milho Verde voluntária também? Sim, mas esses voluntários, eles obtiveram a vitória e viraram, alguns viraram do MST. Então essa era a vantagem. Nós fomos autorizados, por nós mesmos, de que as pessoas poderiam fazer parte do MST sem necessariamente ir acampar.

26:11

Então, essa era uma coisa que... Era outro batismo. Outro batismo que só aconteceu aqui, porque em outros lugares não acontecia. Então, ir para o território foi uma coisa importante. Então, ter esses trabalhos... Faz uma pausa aí.

26:35

Então essa história de territorialização, de o povo ir morar dentro das comunidades para ter uma inserção maior no território e um acompanhamento maior com as lideranças. Lembrando que naquele momento as pessoas acompanhavam as lideranças dos bancos populares de alimentos e dos agentes populares de saúde dentro dos territórios.

27:00

E aí, com a Brigada Dom Helder, que era a Brigada Geral, a gente dá um segundo passo. A gente divide o território em cinco brigadas, onde nós pegamos todos os territórios que temos, a gente divide em brigadas territoriais. Por exemplo, começou primeiro Ibura, Centro, Paulista e Camaragibe. Isso ainda está aí em 2021.

27:28

Em 2022 a gente se dá conta, não, mas o principal local é a Casa Amarela é o Mundo. Aí a gente gira, por exemplo, Melão, que estava acompanhando Brasília Teimosa, bota ela na Casa Amarela para nós fazermos trabalho e agora é uma das brigadas mais fortes que temos lá. Então essa história das brigadas territoriais e com esse misto, como a identidade é Mãos e é MST, mas se é...

27:57

Pode ser Mãos e Levante, mas o Mãos Solidárias é o nome que é uma comum de todo o mundo. E a Brigada Popular Solidária Dom Helder Câmara. Mas a gente chama a Brigada Popular Solidária Dom Helder, que está nas camisetas. Dom Helder por toda a história que teve aqui. E por aí vai. Bom...

28:24

Aí, 2022, formação. Aí nós criamos vários cursos. Formação. Formação. Foi o momento do curso dos agentes populares. Então a gente sai do agente popular de saúde e fala, não, quem...

28:46

Uma pessoa que vai estar dentro da comunidade não é apenas agente popular de saúde, é o agente popular. É uma liderança. É uma liderança, mas que a gente apelidou. Inclusive tem texto e etc. Isso poderia valer a pena depois que você pegasse textinhos. Tem texto do agente popular de saúde. A gente criou um cursinho sobre o agente popular, que foram três etapas.

29:13

E aí cada um desses territórios especifica um, dois ou três cursos simultâneos. Tipo, Casa Amarela especificações três, Olinda Paulista, dois. Então, que envolve 20, 30 pessoas cada curso. E o povo da Brigada Dom Helder era quem dava formação. Então, essa aqui era a... E dele formação pra você ir organizando e juntando gente. Então, esse foi o aspecto aí.

29:40

Então, a formação está bem direcionada aqui para a organização, para o passo da organização. Isso. Organização nos territórios. Sim. Um outro elemento importante, Flávio, que aí eu vou abrir um parênteses lá de 2020. Nessa história da distribuição do alimento com os bancos, a gente foi criando uma lógica de fazer.

30:06

No início chegava, cada um pegava os seus sacos. Depois a gente não, a gente descarregava os caminhões que chegavam, porque a gente nem sabia direito o que Milho Verde. A gente, por meio da quantidade de bancos, era distribuído igualmente para cada banco. Então, por exemplo, se tinha 30 bancos e veio mil quilos de macaxeira. Era 30 bancos para mil.

30:36

Dava 33 quilos para cada banco, entendeu? Então essa era a lógica que se descobriu. E a Macaxeira sempre foi nosso carro-chefe, era o que a gente era mais barato, era o que a gente

comprava mais. E o que mais produzia. É, e o que mais produz nos assentamentos de fácil... Bom, voltando para 2022, já tem as brigadas territoriais, tem a brigada Dom Helder, tem uma organização.

31:03

a cozinha das Palafitas está de vento em popa, ela pegou fogo, ela foi botar o fogo ali, aí abre outras portas. Porque qual era a única organização que estava nas palafitas? Éramos nós. Então uma gama de outras organizações construiu parceria com a gente, como a Ação da Cidadania, foi aí que a gente dá o primeiro passo. Logo depois, três meses depois,

31:31

Acontece uma tragédia monstruosa no Recife, que foi quando deram as chuvas e morreram mais de 150 pessoas. A enchente... É, no Recife metropolitano. Então, eu acho que foi em maio de 2022. Foi. O que a dona Milho Verde disse. Então, aí veio o segundo elemento. Quem estava...

31:55

em todas as comunidades onde aconteceu tragédia. Para prestar solidariedade. Não para prestar. Não. Também, mas quem estava lá com um núcleo, com gente organizada, com agente popular de saúde? Humanos Solidários. Então, em questão de 24 horas, a gente aciona a rede e conseguimos, com um vídeo, que teve uma reprodução de Bela Gil, de Ivete Sangalo.

32:24

A gente conseguiu muitas ações. Até, Ivete. Em vez de nós comprarmos comida, o que todo mundo estava fazendo, a gente falou para a nossa turma, quem quiser montar uma cozinha, nós vamos equipar em 24 horas. Então, em 24 horas, a gente monta 13 cozinhas, com freezer, fogão, geladeira, todas as panelas. E ainda isso foi quase 200 mil reais, que a gente já tinha conseguido de doação.

32:53

E a loja também já deu 50% de desconto, porque foi um momento de tragédia. E assim a gente cria, em 24 horas, sem ter muito planejamento, a rede de cozinhas populares solidárias, do Mãos Solidárias, que agora nós estamos em 18 cozinhas. Em 39, onde o pessoal tem esse número? Quando eu falei em 39.

33:19

Na rede toda que nós estamos aí dentro do projeto de cenário são 49. Mas aí é Nordeste. Aqui eu acho que temos 29 aqui em Pernambuco. Então aqui vai a rede de cozinhas. É, uma rede de cozinhas populares solidárias. Rede de cozinhas populares solidárias.

33:47

Inicialmente foram, claro, o que foram aí em 2022? Treze. Treze? Com mais duas que nós temos, já começou com quinze a nossa... E a dos Milagres foi a primeira das treze. Quinze cozinhas. Que já tinha a Marmita Solidária do Armazém e a das Palafitas.

34:18

Bom, e aí que o mundo vai girando em torno disso, os agentes começam, tem uma ressignificação, o Mãos Solidárias cresce mais do que já era, vira mais referência, a gente volta a fazer com força para a própria rua também, porque nos momentos da cheia o povo estava... E nesse mundo todo organizando gente.

34:45

Uma informação que eu esqueci lá de 2020, mas que é importante, relação com a universidade. Conseguimos fazer uma parceria bem interessante com a Universidade Federal, além de ela certificar, porque a Fiocruz não certificou os agentes populares no início, quem certificou foi a Federal, a gente fez um projeto de extensão. Universidade Federal.

35:15

50 bolsas para estudantes trabalharem no Mãos Solidárias dentro das comunidades. Então isso também ajudou no início para nós darmos um pouco esse salto. Bom, 2022 já acabou a vida, mas vou te falar dois elementos para frente para você entender como é que nós estamos agora.

35:41

2023 teve um elemento muito importante. Bom, aí, 2022 ainda, pra tu anotar aí, teve um outro negócio. Os roçados solidários levam comida, a gente consegue dinheiro pra fazer um pouco, mas pra manter essas cozinhas não é fácil, né? Era doação, era isso, cada um ia dando seus pulos. Então, seu sangue. Até que...

36:10

Lá em **setembro de 2022**, a gente resolve com essa Kombi, que aí consegui comprar uma Kombi, o famoso Heron, compra a bendita Kombi, e **a gente começa a ir pedir comida no Ceasa**. Então, isso garantiu uma sopa. E quem que ia pedir era o povo das comunidades, não era o Espírito Santo que ia pedir. E até hoje, agora parou um pouco o PAA, mas até hoje o povo continua. Hoje sexta eles vão.

36:40

sexta e quinta, porque é uma forma de rodízio, tipo, sexta-feira deve ir a turma da Milho Verde, mas quinta vai mais quatro cozinhas, porque aí tu vai, tipo, a primeira sexta é a Milho Verde, a segunda sexta é o Flau e distribui para as quartas, a terceira sexta é o Melaço, a quarta sexta é Camaragibe. Então, uma coleta, mas distribuída para todos, entendeu? Então, cada um, teoricamente, é a mesma coisa na quinta. Então, uma quinta...

37:07

Mais quatro cozinhas nessa história do Rodízio. Então foi uma forma interessante aí de... Porque especialmente o PAA também foi fornecido aqui, né? O PAA nem chegou nessa época, estamos em 2022 aí, entendeu? Nós só recebemos o primeiro PAA no final de 2023. Faz um ano aí. Final de 2023? Final de 2023. Mas por que o edital não saiu lá em março até contratar?

37:38

E só em julho do ano passado foi quando a gente conseguiu um PAA Cozinhas, que eu acho que aí tem esses outros elementos aí. Mas, ó, para a nossa organização, eu queria trazer dois elementos importantes. Bom, temos um mundo de coisa, nós estamos aí com mais de 60, 70 territórios, nós temos que... Aí, as pessoas invisíveis, né? Que a gente, para nós, assim, vale...

38:07

É importante, além de ter Macaxeira, Ana, que estão mais na articulação, Jerimum, o Cerioli sempre nos deu uma ajuda e um suporte bem importante para esses processos formativos, para ajudar a sistematizar coisas e por aí vai. Dá uma pausinha aí.

4.1.3- Terceira entrevista, em 03/04/25.

Boa noite, pessoal. Vamos continuar agora o terceiro capítulo. Fala, Paulo. Estamos em 2023, né? Continuando, então... Vamos para uma síntese. Uma síntese. Lembrando que em 2022 vem as cozinhas, se estrutura a rede de cozinhas populares. Primeiras cozinhas, quer dizer, as cozinhas saem do armazém do campo e vão para...

00:29

As comunidades, principalmente em 2022, né? É, se ampliam, né? Porque o armazém continua, continua até hoje, inclusive. E aí, 2023 é um momento, a gente já tinha criado uma estrutura territorial, final de 2022, ainda vale destacar, que foi onde a gente potencializa.

00:55

Uma rede de hortas, a gente chamava rede de hortas agroecológicas populares solidárias. Era um nomezão. Mas rede de hortas populares agroecológicas, a ideia é sempre método popular no meio para ter um pouco de recorte de onde é que a coisa vem. Então as hortas é uma outra coisa que a gente tentou casar com várias cozinhas.

01:19

Porque tendo alguma coisa da horta, alguns temperos, algumas coisas, a gente consegue tirar de dentro da horta. As hortas existiam, foram assim, nos territórios, nas periferias. Nos territórios. Então é algo, inclusive, que ainda existe. Porque assim, tudo a gente organizava por brigada. Uma brigada tinha que ter pelo menos uma cozinha.

01:48

banco de alimentos em todas as comunidades, uma horta é uma atividade cultural, e uma rádio era o planejamento. Então nós temos duas rádios, pequenas rádios comunitárias, que ainda funcionam. É um elemento que eu nem tinha falado ainda, mas eu acho que para ter territorialização, a propaganda pelos meios de comunicação ajuda demais.

02:17

Então, em 2023, a gente avança em processos de formação. Então, a gente começa com um estágio de vivência de praticamente 10 dias no início de 2023. Então, 2023 tem um pouco essa pegada. Ele é muito produtivo, a gente dá um fôlego para a brigada.

02:41

e começa uma luta, que é um elemento nessa relação com as políticas públicas, porque aí a gente começa a lutar para estruturar as políticas, o que a gente construiu, com cozinha, com horta, transforma isso em política pública. Porque hoje a gente já vê alguns resultados, tem programas, esses três eixos só faltam os bancos populares de alimentos. Então, experiência no início de 2023,

03:11

O que é uma vivência? Vivência no momento em que a gente se juntou simpatizantes que queriam se somar dentro da brigada. Então a gente, foram em torno de 70 pessoas, a gente abriu. Ah, tem uma coisa que eu não falei de 2022 que mexeu com a nossa vida, que foi a eleição da Rosa. Então em 2022 a gente consegue eleger a Rosa como deputada.

03:37

estadual, sendo que 60% dos votos dela vem praticamente do nosso trabalho, da região metropolitana. Ela teve 24 mil votos em Recife, Paulista, Camaragibe e Jaboatão. Então isso também dá até alguns ciúmes. E quantos votos ela fez? 42. 24 ela fez aqui. Ou seja, praticamente 60%.

04:08

Bom, tudo isso, cada eleição que tem, tem um tempo. Em 2023 a gente toma um baque grande. O Mãos aqui. Primeiro porque muitos nossos foram para dentro do mandato da Rosa.

04:32

A segunda coisa foi que muitos foram para o governo federal, inclusive Lívia, que ajudou a construir os agentes populares de saúde lá. Então, assim, nós temos uma renca de pessoas, então isso dá um outro trabalho, porque nós temos que ter gente, ou seja, você tem que ir formando militantes para ir ocupando determinadas funções. Mas levando em conta que nenhum é igual,

05:00

alguns trabalhos ficam meio capengas às vezes, então precisa de uma força motivada para ir estruturando isso, então o processo de formação de militantes é obrigatório, e a vivência teve um pouco essa intencionalidade, para relatar pessoas em determinados lugares, o estágio de vivência. Ele deu certo, tanto que a gente decidiu fazer, para além de abrir, a gente resolveu fazer...

05:29

para as comunidades. Vocês fizeram um, então? Um por cada brigada territorial. São cinco brigadas? São cinco. Deu em torno de umas duzentas e poucas pessoas. E o roçado a gente foi estruturando também, que foi algo paralelo com várias estruturas para nós ter um pouquinho de... para ajudar nos processos de formação. Então eu acho que a luta por políticas públicas...

05:58

Só que aí tudo dá uma parada. Muita gente vai pro governo. E em 2023 a gente faz duas coisas legais. A gente começa um curso de cozinhas populares. Isso reúne umas 130 mulheres de uma montagem de cozinhas para além das que a gente tinha. Que aí foi com uma emenda do deputado federal Túlio Gadelha. E a gente...

06:28

precisando dar uma abastecida, a gente faz um curso de alimentação popular, que escolheu no final de 2023, ou início de 2024, agentes populares de alimentação. Então aí, em 2024, depois de muita reflexão, refletindo sobre os bancos, sobre o que deu certo e o que não deu, a gente dá o salto, eu acho que mais estruturante,

06:57

Não nosso trabalho. Porque aí também me mandaram fazer duas experiências. Uma em 22. Na Venezuela. Eu conheci um pouco o processo das comunas. Fiquei um mês lá. E depois passei mais 40 dias em Cuba. No início do ano passado. Para conhecer os processos de trabalho de base.

07:23

E aí somado a isso com a nossa experiência, que a gente já sabia de educação popular, nós transformamos, resolvemos transformar os bancos de alimentos, tudo em núcleos de base. Então um banco de alimentos, tipo o da Cheiro Verde, que você entrevistou na Z1, quantas famílias tem? Tem 100 famílias, então automaticamente tem em torno de 10 núcleos de base. E esse foi o nosso salto, nós chegamos a ter,

07:53

Cadastrados, acho que uns 370 núcleos de base. E esses núcleos, como é que são organizados? Tem uma organização do núcleo? Pelas brigadas territoriais, mas quem coordena o núcleo, ele tem dois coordenadores e quem coordena é a coordenadora do Conselho do Banco de Alimentação.

08:20

que está dentro da Brigada Territorial. Então... A Cheiro Verde está dentro da Brigada? A Cheiro Verde está dentro da Brigada do Centro, que é onde está Brasília Teimosa e na Coordenação Geral, na nossa do Mãos. Então esses núcleos foram um salto, e aí com esses núcleos a gente conseguiu aí, centramos fogo na Macaxeira, que era um produto mais barato.

08:50

E que conseguimos distribuir para todos. É começar a fazer muita formação com o curso de agentes populares de alimentos. Focaram nos alimentos. Focamos nos alimentos. Nas cozinhas, aliás. Não, nos bancos de alimentos. Até porque o PAA Milho Verde para os bancos de alimentos. Quando começou o PAA, a gente focou nos bancos de alimentos. Todo mundo recebeu .

09:16

Agora, no último período de 2024, é que estamos centrando mais nas cozinhas, porque também o PAA está fraco. É, o PAA está vindo mais para as cozinhas. Mas o salto político, o grande acúmulo, são os núcleos de base. Porque a gente chegou só no Recife e teve quase 700 coordenadores, que foram os que fizeram os cursos.

09:45

imagine os dois coordenadores para cada núcleo, é onde você consegue fazer a Revolução Brasileira. O problema é que falta perna e comida para manter um pouco essa lógica. O PAA seria um fator fundamental. Seria se tivesse sido intencional. Mas como não tem, ele é...

10:13

Importante. Hoje aqui em Recife, juntando a região metropolitana, quantas para as cozinhas que tem? Você falou que tem 17? Na região metropolitana? É que assim...

10:40

Vamos dizer que tenha 15 cozinhas aqui, então. Tem mais, mas tudo bem. Tudo bem. 15, 20. Quanta comida precisaria para manter essas cozinhas? Funcionando... Na verdade, se elas funcionam uma vez por semana, é uma coisa. Mas quantas toneladas precisaria de comida para essas cozinhas?

11:09

Flávio, aqui tem um cálculo que tem algumas nuances, que é isso que você disse, a quantidade de vezes que faz por semana é a quantidade de marmitas. Às vezes uma faz uma vez por semana e faz 300. Se a gente queria manter...

11:33

O ideal seria... Três vezes por semana, pelo menos. É, três vezes com duzentas marmitas daria uma sustentação boa para as... Aí tu bota aí. Três, seiscentas vezes quatro, dois mil e quatrocentos. Marmitas por mês. Em carne, vamos dizer que um quilo de carne dá para cinco marmitas, seis. Se é com as seis marmitas. Então precisaria de... Dá mais, dá menos, cinco.

12:03

Cinco pessoas. Uma galinha dá pra cinco marmitas. Um quilo. Um quilo, né? É, que aí dá 200 gramas, que não é 200 gramas, porque tem osso, vira 100. Então, você precisaria o quê? De quase 500 quilos, né? 500 quilos de... De proteína. É, 500 quilos só de proteína, você trabalha com 5, 6 mil. Por semana? Não, por mês, né? 2.400.

12:35

Terminei aqui. Então uma cozinha você gastaria em cerca de 10 mil.

4.1.4 - Quarta entrevista , em 04/04/25.

Então vamos seguir a entrevista com o Macaxeira, uma visão geral. Acho que o que está faltando é um pouco mais a conclusão do nosso período histórico, ou seja, onde é que a gente está. Enfim, o horizonte sempre é como a gente fortalece, como a gente cria formas organizativas dentro da periferia, tentando...

00:30

estar mais adequado possível à realidade, né? É uma coisa ainda que eu não tinha falado, mas esse ano, o ano passado(2024), a gente deu um salto que foi na estruturação e na lógica dos bancos de alimentos. Então teve... Já era uma grande rede, porque quando você se reúne em torno de 50 bancos com 4, 5 pessoas,

00:59

Qualquer atividade você coloca 250 pessoas. Mas nós estávamos precisando ir um pouco para além, para conseguir territorializar, ou seja, para conseguir amarrar essas lideranças comunitárias. Então nós mudamos um pouco a lógica de organização dos bancos. Vou pegar o caso de Cheiro Verde de Brasília Teimosa. Em Brasília Teimosa eu acho que tem cinco bancos, que é a Colônia Z1,

01:29

O Banco de Alimentos do Flau, Vila Teimosinho, Vila Moacir e Vila da Prata. Então, esses bancos, por exemplo, da Colônia Z1, ele tem cento e poucas famílias. Qual foi o salto do ano passado? A gente começou a nuclear essas famílias, então...

01:57

Não é, por exemplo, você chega pela Cheiro Verde, mas a Cheiro Verde não manda para um grupo do Banco de Alimentos. Ela tem uma cooperação cooperativa. Então, o que é um núcleo? Nós até criamos critérios. O núcleo varia entre 7 e 13 famílias e entre 30 e 40 pessoas. Ou seja, por que isso? Porque às vezes uma família...

02:25

Uma família tem muita gente e outra família ela é com um indivíduo só, por exemplo. Então isso, a gente criou um pouco esse seletivo. Sete seria para famílias com muita gente, que no

final das contas dá umas 30, 40 pessoas. E treze seria para, no caso de às vezes ter famílias menores. Aí como funciona?

02:50

Esses núcleos têm duas coordenadoras ou coordenadores. Vamos pegar o caso, na rua do Joaneiro. Tem 50 famílias lá que fazem parte do Mãos ou que recebem o alimento, são 10, 12. Isso vira um núcleo. E quem coordena essas famílias? Alguém da rua.

03:14

É um processo que a gente já vem matutando há algum tempo, que é o que pelo menos no discurso a gente sabe que tem que fazer. Tentamos uma primeira experiência lá em 2020, mas elas foram para o papel agora também com um pouquinho de influência, conhecendo um pouco a experiência da Venezuela e em especial a experiência cubana com CDRs.

03:42

Literalmente, os CDRs, eles permeiam, eles estão dentro das comunidades, dentro das ruas. No nosso caso, a ideia é a mesma. Qual é o problema disso? Para que essa lógica se mantenha, é necessário que as pessoas tenham, pelo menos no início, alimentos para distribuir.

04:12

senão a lógica não funciona. E é difícil, assim, chegar numa comunidade também sem nada, entendeu? Não é só por amor que o povo se mobiliza, tem que ter algo concreto. Mas uma teia de organização que a gente conseguiu fazer em torno, eu acho que uns 370, essa teia de organização ajudando...

04:37

ajudaria não, estava dando e está dando um salto organizacional dentro dos territórios. E aí com esse debate, alimento da agricultura familiar, dos assentamentos, do MST, então acho que esse seria o grande diferencial. E para dar uma liga um pouco maior, a gente criou um curso de agentes populares de alimentação, que foi feito em julho.

05:07

de julho do ano passado para cá, onde praticamente teve dois cursos simultâneos. Um que eram três etapas para as comunidades, explicando o que era um banco de alimentos, explicando como funcionava um núcleo, para que o núcleo fosse acionado. E uma segunda coisa, porque quem deu e quem fez o processo de formação foram...

05:36

Os camaradas que estão na Brigada Dom Helder. Então, eles também tiveram um processo de formação quando também estão explicando o que é um banco. Então, passamos assim, poderia dizer que tem uma formação dupla nesse processo. E é isso. Acho que algumas outras sugestões que não foram faladas para nós irmos fechando aqui.

06:05

A gente prima muito pelo que a gente chama do fazimento. Então essa história da solidariedade ativa, então é uma solidariedade que é feita, que é construída por mãos solidárias, mas não é um esquema de discurso, ele tem que ser, tem que fazer coisas. É melhor fazer comida numa cozinha e refletir em cima desse fazimento do que não fazer.

06:33

Cito um exemplo, é melhor fazer comida só com voluntários, sem envolver a comunidade no início, do que não fazer a comida. Porque pelo menos com isso vai dar para avaliar e falar, não, não é nossa intencionalidade. Se nós fizemos comida, se nós fizemos comida, tem que estar perto da comunidade.

07:00

Para conseguir avaliar, você tem que ter feito, em cima desse feito. E aí isso serve para tudo, é para os bancos de alimentos, são para as cozinhas, são para as hortas, são para espaços de cultura. Tem que, só se cria, vamos além, no mão solidária quem faz coisa. E aí em cima desse

fazimento, aí a gente vai avançando nos processos de reflexão. E por fim mesmo, que eu acho que vale a pena registrar.

07:30

Só pra ficar registrado pros anais. A partir de 2023, se decidiu nacionalizar o Mãos Solidárias. Então, em especial por parte do MST, então agora estamos aí em 20, 21 estados, já chegamos, tentando dar uma cara do que é esse Mãos Solidárias. Então, nesse momento, é essa grande articulação,

08:00

dos processos de solidariedade construídos pelo campo popular, impulsionados em especial pelo MST. Mas, abrangidos assim, um pouco essa cara do MST, do MBP, do Levante, de organizações feministas que se somam. Então é isso, estamos nesse momento da história aí. E finalmente mesmo.

08:29

Uma coisa também para deixar registrados, esse ano, que aí também começou o ano passado, o grande salto, que a gente pode dizer qualitativamente, foi com uma frente que a gente normalmente não atuava muito, não tinha grandes experiências, mas pegamos a oportunidade. No caso, nós normalmente atuávamos com alimentação, a alimentação se desdobrava em vários eixos, que era...

08:59

Cozinhas, bancos, hortas, cursos em cima da alimentação, saúde, que eram uma outra pegada com os próprios agentes da cultura. E no quesito da educação, precisamos de algumas experiências, como a própria rede de bibliotecas populares solidárias, mas nada ou alguns cursos do Enseja, ou seja, era...

09:29

tipo um supletivo que a gente estava fazendo com as companheiras das cozinhas para elas terem o diploma do primeiro grau, mas não na alfabetização. E como apareceu essa oportunidade e nós estávamos ou estamos territorializados, estamos agora com um grande processo nacional de alfabetização, são praticamente com 1.500 turmas.

09:58

em 11, 12 estados. São Paulo, Minas e Rio de Janeiro, que nós estamos puxando, mas todos os estados do Nordeste. Então a gente espera que com isso a gente consiga dar um salto. E esse salto é o quê? Com grupos de 10 militantes, brigadas, estruturados e com uma lógica de fazer.

10:24

Tendo um pouco essa retaguarda do MST, mas tentando construir algo novo com pessoas novas. Eu acho que esse é um diferencial. A gente está conseguindo pegar um pouco dessa galera que fica na franja do MST para jogar para tarefas concretas e tarefas reais. E por fim, Flaviano, te desejo toda a felicidade que dê uma boa escrita dessa tua tese.

10:54

Muito bem, Macaxeira.

4.2- Entrevista com Fabíola Amaro (Jerimum), em 28/11/2024, na ENFF

Então, vamos começar uma entrevista com a Jerimum. Bom, sou Jerimum Amaro. Sou do sertão de Pernambuco, Santa Maria da Boa Vista. Fui acampado. Perto de Joba. Ah, sou da mesma cidade de Joba. E não estou no MST desde 2014. Mas, claro...

00:27

É mais atuante quando eu fui para o Haiti, que foi em 2017. Passei lá dois anos. Aí voltei em 2019. E, enfim, fui para o Recife. Que aí se iniciou o... Quer dizer, já tinha iniciado o trabalho,

o Congresso do Povo, né? Sim. Em 2018 eu não estava, mas ficou vestígio. E como esse processo...

00:54

de avanço no trabalho urbano, nessa unidade campo-cidade, ficou gravada no Congresso do Povo e foi uma das que o Macaxeira me chamou para participar. Para aí iniciamos com o Cine Club, mas assim, sem muito sucesso, era um grupo de sete jovens do MST e Levante, e naquela época ainda tinha consulta(*Consulta Popular*), com alguns membros da consulta.

01:22

Então, mas não tinha muito sucesso nas comunidades, não. O povo não queria saber de ficar assistindo filme, não. Mas, assim, os debates fluíam. Mas a questão é de como é que você tem certeza do povo para... assistir um filme e falar sobre ele, né? Eu acho que o problema era muito... Mas quando rolava, fluía. E aí veio o processo da pandemia. E aí, exatamente... Aí eu acho que aí não quero levantar a bola do Paulo nesse sentido, né? Mas...

01:54

Ele sabia, assim. teve uma sacada, né? Ele sabia. E naquela época, o MST, qual foi a orientação? Ir pros lotes, produzir. Isso como é? Isolamento produtivo. Isolamento produtivo. E aí... Só que pra nós, que aí o armazém do campo, que supria um papel ali no centro do Recife, e a gente convivendo com o povo, porque de certa forma a gente convivia, a gente dialogava com o povo.

02:23

Até para manter os cuidados do ambiente. Então mantemos uma relação. E na pandemia, quando veio o lockdown, não tinha como fazer. Não existia ficar em casa. Nem naquela época a gente tinha muito. Então tomamos a decisão. E foi uma decisão que, claro, foi dialogada com o Estado. Mas nem todo mundo teve coragem. E Paulo falou.

02:51

Nós vamos fazer, mas a gente pode morrer. Então, quem está aqui tem que arcar com as consequências. Ninguém vai se sentir culpado porque o outro se sente, mas é um risco muito grande. E a orientação é essa. Se quiser ir, vai para casa, mas também se quiser ficar, vai ficar para a história. E aí não tem como não ir para casa. E ficamos, ficamos...

03:14

Aqui no trabalho com o Cine Club, onde vocês foram fazer esse trabalho? Fomos fazer exatamente os trabalhos onde as pessoas hoje fazem. O que são? Vila dos Milagres, Ibura, Ipicepe, que é um bairro também esses. Peixinhos, que foi Olinda, que foi onde se iniciou as doações.

03:43

de alimentos, sou o primeiro lugar. Então, fizemos a marmita e até hoje estamos aí com as cozinhas solidárias e tal. Mas eu sei que o recorte seu é esse processo... Da pandemia, né? Então é isso. Como começou? Como começou? Claro que foi com doações da classe média. O início foi doação mesmo. Doação, doação mesmo. Inclusive até supermercados, essas quitandas, essas quitandas que chamam. Também doavam muita coisa, era tipo fruta.

04:24

Legumes, era muita coisa nesse sentido. Agora sim, era muito mais estragado, né? Porque como não estava consumindo, e aí se foi uma semana a gente fazendo a marmita por conta própria, nosso mesmo, assim, sem doação, sem nada, isso foi uns três, quatro, cinco dias. Nós mesmos custeando essa alimentação e depois daí veio...

04:50

Aí começou uma campanha de doação. Pouquíssimo tempo foi com a alimentação que vocês cuidaram. Isso, exatamente. Já tive, como aumentou a demanda. Exatamente. E o cuidado também, né? De pedir as doações. Porque, assim, antes de pedir, você também não tem uma prestação de conta, né? Então, de início, não foi Pix. De início, foi comida. A gente pedia

alimentos. Alimentos. Depois foi que o povo, ah, cadê o Pix? Podemos contribuir. Então, foi mais iniciativa do povo pedir o Pix. Até hoje, também, é iniciativa do povo. Como a gente tem... 05:33

essa trajetória do povo confia, isso é mais tranquilo. Mas naquela época a gente teve muito cuidado. Não, vamos pedir comida. Não vamos pedir pix. Esses alimentos eram para as marmitas no armazém do campo. Exatamente. Daí foram chegando cestas básicas, que eram os cereais. Da onde? Doação. Doação de classe média.

06:02

A classe média se sensibilizava. Agora, assim, eu acho que eles não tinham muita noção de quem éramos nós, assim, nesse sentido. Eu acho que, com o decorrer do tempo, foram percebendo quem... Mas, assim, não tinha mais o que fazer, porque aí chegaram muitas ONGs da igreja, muitos voluntários também da igreja que se arriscou no mesmo patamar.

06:30

Que a gente, assim, para trabalhar no fluxo das marmitas. Era produzir e entregar. É, produzir, que era três vezes, né? Três vezes. Por dia. Sem parar. Sem parar. Sábado e domingo. Seis meses isso foi, viu? Seis meses. Sem parar. Sem parar, não estou te dizendo. Só como, né? É.

06:53

Não foi brincadeira. Claro que as cozinhas não se... E nesses seis meses, vamos dizer assim, nesse tempo aí, quando é que começa a entrar ou se entrou na alimentação dos acampamentos e assentamentos? Eu acho que foi depois de 15 dias. Ah, já começou depois de 15 dias?

07:13

Porque foi chegando as cestas e as cestas se transformaram em marmita. A gente desfazia as cestas para cozinhar. E daí foi sobrando e a gente, ah, vamos levar a comida para a periferia. In natura. In natura. Forme cestas. Isso. Eu conversei sim com o Paulo. Só que o Paulo estava viajando e caiu. Ele estava viajando e caiu. E caiu de novo. Exatamente. E aí eu lembro. Foram umas 150 cestas e peixinhos. E isso era uma relação. Ainda Consulta Popular, MTD e MST. E foi...

07:55

caos porque todo o mundo queria. O povo estava passando fome, velho. De fato. É fome porque ninguém tava dando mais diária. Nosso povo das periferias trabalha diariamente. Quase você não vê ninguém fichado com emprego fixo. Então se não tinha comércio, não tinha nada, não tinha gente na rua. E o governo nenhum tava dando. Nem estadual. Nem federal.

08:25

Mas assim, foi o pânico, porque havia muitas sirenes de ambulância, ali no armazém do campo. Foi bem assustador, mas o povo estava passando fome, não tinha o que fazer. Sim. E aí fomos, sei que foi um caos, assim, na distribuição. Na distribuição? Foi, porque aí... Chegava um pouco pra muito. Pra muito, era muita gente. Como é que você...

08:53

Deixa dar para um e para outro. Então você vai dar. E daí foi que foi surgindo o processo de organicidade dessas entregas. Aí, pensando, se a gente está levando um in natura para as comunidades, vamos pegar os produtos dos assentamentos da terra para levar para as comunidades também.

09:21

Os alimentos da reforma agrária. Exatamente, porque vem aqui a lógica da imunidade. O povo se alimenta muito mal. A ideia também era fortalecer a imunidade do povo com os nossos produtos saudáveis. Os produtos eram orgânicos. Os produtos eram orgânicos. Se não eram orgânicos, mas eram do nosso povo, da agricultura familiar. Você lembra que os alimentos...

09:50

Quais alimentos? Principalmente macaxeira, inhame. Que são alimentos, vamos dizer assim, da cultura popular. Da cultura popular de Pernambuco, do Nordeste. Quer dizer, Pernambuco,

porque no meu sertão ninguém gosta de inhame, não. Não? Não. Mas tudo na cidade? Ah, ali é o prato principal. E aí foi vindo de macaxeira, aí Milho Verde cenoura.

10:17

Aí Milho Verde também doações do CEASA também, que a gente não ia deixar de não pegar. E Milho Verde produtos também dos mercados e das pessoas inseridas. Você se lembra, por exemplo, dos assentamentos, era doação? Não, era doação. Não tinha nada de PAA? Aí não existia nada. Depois, com o tempo de arrecadação... Ah, mas aí era da caixa da arrecadação, não do governo.

10:44

que vocês pagaram. Isso de um, dois, três meses, o povo também, nascido do campo, eu também recado. Claro, não teve que ficar renda, né? Exatamente. Então, daí a gente foi, dos assentamentos que a gente ia receber, a gente pagava. Já pagava os assentamentos. Se tinha, era justo pagar.

11:06

Claro, né? Senão você descapitaliza. Solidariedade, meu filho, não é pro resto da vida, não. É, descapitaliza. Se o cara quer produzir lá, precisa gastar também. E quando doava, doava um pouquinho. Ah, não, porque eu tenho que vender, não sei o que. Então não, ah, ligado? Tem que ver. Ali nos assentamentos, vamos assim, a...

11:31

Você pode estimar a quantidade de alimentos que Milho Verde de caminhão, Milho Verde de kombi? A forma que a gente faz para a doação, a quantidade de toneladas exatas, eu não sei, mas a gente faz 500 cestas. Isso é por semana.

12:01

Por semana, uma vez por semana, a gente tinha uma comunidade para fazer essa doação. Então, eram 500 cestas uma vez por semana. Uma vez por semana. Nessa comunidade. Depois eu girei. Eu estou girando. E assim foi fazendo o trabalho. Aí também fomos... Aí foi o tempo dos agentes populares, que esses agentes populares, a gente fazia essa organicidade de distribuição de quem é que...

12:27

quem precisou mais, quem precisou menos, não sei o que, não sei o que. É que combinou as ações dos agentes populares de saúde, né? Os agentes populares de saúde vieram para, quer dizer, claro, para orientar o povo, né? Do isolamento, de como se lavar as mãos, mas também daí se deu.

12:51

a organicidade de alguns processos de acúmulo, principalmente dos bancos de alimentos, que aí a gente chamava de bancos de alimentos, que o armazém do campo era o banco mãe, que era de onde saíam todas as cestas da in natura, dos produtos da terra, e daí distribuíamos para as comunidades. Primeiro ele foi das marmitas, né? É, primeiro foi marmita. E também acumulou as duas, tipo assim, os dois?

13:20

as duas funções no mesmo espaço. Continuou fazendo marmita e virou banco de alimento. Eram causas. O armazém se tornou pequeno. Era muita comida. Que Milho Verde? Era muita comida. Muitas doações. A gente tem a lembrança daquelas fotos aéreas que tiraram. Exatamente. Escrevia palavras inteiras. E aquilo ali era... O trabalho ali era em dobro.

13:50

O vírus, era tanto trabalho que o vírus não tinha nem como achar vocês. É, exatamente. Estava muito preocupado para o vírus ficar aí.

14:20

O que é que a gente estava falando? A gente estava falando dos bancos de alimentos. Acho que podemos continuar uma conversa. Como é que vai a partir daí...

14:49

Começou com marmitas, aí os bancos de alimento, como é que as ações de solidariedade, elas vão se diversificar e especialmente como é que começam as cozinhas solidárias nas comunidades. Então nós reunimos as marmitas, agora temos os bancos de alimentos com distribuição das cestas, e vocês começaram assim...

15:16

As cozinhas solidárias, quando é que elas entram? Então, das marmitas, dos bancos, a gente não poderia fazer qualquer tipo de marmita, porque naquele momento era o momento da gente ajudar o povo, principalmente, a se fortalecer.

15:44

Contra o vírus. Então, no diálogo, a ideia era essa, não fazer qualquer tipo de comida. Então, teria que ser uma marmita nutritiva, saudável, que tivesse uma origem dos produtos. E daí vieram os agentes populares de saúde, que foram para orientar as nossas...

16:11

Dessas ações de alimentos, a gente diagnosticou que as comunidades não têm assistência tanto de comida, mas também de orientação, de como se prevenir, de como se isolar e de como minimamente chamar...

16:33

uma emergência para quem está passando mal, para quem está com falta de ar e não sei o quê. E daí, MST, Fiocruz, fizemos esse, pensamos nesse mini curso. Então, aí os agentes populares têm essa função de orientar, de se proteger do vírus.

16:57

Mas também tinha uma ideia jurídica, porque o povo não tinha documento, não tinha nada. Vários outros problemas vão aparecer. E daí também ajudou a organizar esses bancos de alimentos mais direcionados para quem queria esse alimento, porque até então era muito avulso. Então ajudei a organizar o...

17:25

Criou-se uma organização. Organização. Então, os agentes populares de saúde foram essenciais, porque a gente estava ali. E aí, quem estava dando esse curso era nós, militante mesmo do MST. Fizemos uma preparação ali mesmo, no armazém do campo. E daí fomos para as comunidades. Soltamos o link. E a Paulete. E a Paulete orientando tudo. Inclusive, as primeiras formações foram ela e a LECA do setor de saúde.

17:53

Tem uma nutricionista também, que era a nossa, a Regina, e tem uma outra companheira, que foi a Amanda também, que era uma enfermeira, que também foi voluntária para o espaço. Então daí a gente foi também vendo como fizemos e fomos nós. Fizeram umas três, quatro, mas no geral fomos nós. Sim, foi um trabalho nessa época que logo começou a ser.

18:19

Divulgado e multiplicado, tanto lá como pelo Brasil afora, que também a gente fez em São Paulo. E aí a situação dentro do armazém já estava muito esgotada, de cansaço mesmo, de produzir todos os dias. E aí essas marmitas não só iam para ali, para o povo em situação de rua, ali no armazém, mas iam...

18:45

pra Jaboação, ia pra Olinda, então tinha um fluxo pra essas marmitas chegar um pouco mais longe, assim, porque era duas mil marmitas por cada refeição. Três vezes, três vezes dois. Exatamente. Era marmita, meu amigo. Era fluxo. E aí o armazém...

19:09

Assim, era por dia, era 50, 80 pessoas. E aí o povo também não poderia, não estava, poderia estar ali, mas seria pontual para a distribuição ou emprestar do carro. Era uma solidariedade também, né? Funcionou pela solidariedade. Isso tudo foi através da solidariedade. Solidariedade

para produzir, para distribuir, para emprestar carro. Para tudo, ninguém nunca recebeu um vintén para...

19:38

Sim, pelo trabalho. E daí a gente pensou, vamos fazer cozinhas populares nas comunidades, só que aí não tinha estrutura de nada. Isso aí depois foi mesmo se consolidar, porque até então só era o armazém do campo e tinha também uma nas palafitas do Pina. Essa a gente, para além do armazém, a gente preparada.

20:06

conduzimos, conduzimos um ano e pouco, mas aí tocaram fogo nela, a especulação imobiliária. Essa do Palafita? Faça Pina. Pina? É, do Pina, que fica em Boa Viagem. E daí, infelizmente, as coisas, as ações do Mãos, vem através...

20:32

da necessidade do povo. E mais uma vez a gente estava ali, que foi aquela enchente que teve em 2022. Ah, aquela que deu uma mortandade. É, que foi daí gente abriu cinco cozinhas, porque aí as doações de solidariedade a gente conseguiu comprar, quer dizer, nos doaram as cinco cozinhas. Que aí foi, aí veio Vila dos Milagres e Ibura.

21:02

Deu a enchente. Aí morreu. Foi em 2022, isso aí? Foi. Foi durante uma pandemia? Foi durante uma pandemia. Ainda estava de máscara. Tudo? Inclusive eu morava em uma. As orientações nossa era que a gente tinha que conviver com o povo. Então muitos de nós moramos em bairros. Aí eu fui uma das que fui morar no Ibura.

21:28

É, Ibura. E essa foi atingida pela enchente? Foi, aí morreram cento e poucas pessoas. Ixi Maria. É... soterrada. Avalanche de morro abaixo? Sim. E daí, mais uma vez, a gente estava lá. Vocês já estavam lá, né? É, porque a gente tinha os trabalhos... Ibura, vamos ver se nós nomeamos elas aqui.

21:55

É com um r só, Ibura. Ibura? É. É que aí na comunidade Vila dos Milagres. Ibura, Vila dos Milagres. Vila dos Milagres. É. Aí veio Brasília Teimosa. Brasília Teimosa. Que aí é Boa Viagem. Boa Viagem? Isso aí, Boa Viagem. Uma comunidade.

22:23

O nome da comunidade é Boa Viagem? Não, calma lá. Isso aqui é ponto, aí você bota aqui, Brasília Teimosa na Boa Viagem. Não, mas o nome da... Boa Viagem é o bairro. Sim, mas a vila também se chama. A vila é a comunidade. Sim, sim.

22:43

Mas com o mesmo nome? É, é. Quando vocês dizem Boa Viagem, não é nenhum resort. É, não é nenhum resort, não. É só para nomear os bairros mesmo. Então essas cinco cozinhas foram assim? Foi automaticamente. Automaticamente. Choveu de madrugada no outro dia, primeiro a Vila dos Milagres no outro dia, Brasília Teimosa no mesmo dia.

23:12

É lá na Casa Amarela também. Casa Amarela? É, Casa Amarela. Onde é que Melão trabalha? É, é Casa Amarela. Eu acho que eu me lembrei, eu falei com ela também e ela me falou, né? É, exatamente. Da Casa Amarela. E aí Camaragibe também. Isso é outro município já, né? Isso é outro município. Isso tudo aqui é em Recife, né? É em Recife, né? Aqui nós estamos em Recife. Camaragibe.

23:41

Camaragibe. E Vale da Paz, que é metropolitana. Mas é uma vila, um bairro? Não, é município. É Paulista, Vila da Paz. Vila? Uhum.

24:10

E esses bairros todos a gente já tinham um trabalho, que é os bancos e os agentes populares de saúde, porque os agentes populares de saúde tinham eixos dos direitos, tem a alimentação.

24:35

Enfim, a gente tinha um trabalho permanente ali. E o curso era três etapas. Então, a gente tinha uma frequência nesses bairros, nessas comunidades. Por isso que a lógica foi essa. Vamos para os bairros onde as pessoas têm trabalho. E assim foi. Então, aqui, basicamente, o território,

25:04

vamos falar geograficamente falando, os locais onde especialmente as cozinhas foram iniciadas, montadas. Montadas. Em todos esses locais aqui, vilas e nesses municípios aqui também tinha cozinha.

25:29

Exatamente, e aí quem transferiu o processo foi para as pessoas mesmo da própria comunidade, como lideranças. São essas com quem eu também, com vocês que são os dirigentes, eu estou conversando assim, mais para capturar os... Porque eu sei, se eu vou perguntar pra ti que a reforma agrária foi lá, tu não vai dizer que ela não foi, né? Aconteceu uma territorialização da reforma agrária, né? Mas pra mim me interessa. Ouvir aqueles que nunca ouviram falar de reforma agrária, se para eles fez diferença ou não fez diferença. Acho que essa coisa, reforma agrária, com certeza eles não vão entender o termo. Mas se você perguntar qual foi a diferença do Mão Solidária, do MST com a pauta da alimentação em tal território, com certeza eles vão te responder.

26:30

Eu sei que é difícil, o termo é distante da realidade das pessoas lá, mas esses trabalhos mesmo de distribuição, de todo esse trabalho com alimentação, vocês conversaram... Da onde que Milho Verde a comida, que era a reforma da área. E por isso que o roçado sai daí. A ideia do roçado não foi só para dialogar com a sociedade, desmistificar o que o MST foi, mas também como a gente estava com as cozinhas, a gente estava aprimorando o cultivo das cozinhas. De entender que aquele produto que chega nas cozinhas têm uma origem. Sim.

27:12

E aí, por isso que foi, saiu, e aí o Roçado Solidário não foi, o início dele não foi lá no Chê Guevara, lá no lote do Macaxeira, não foi, isso foi no primeiro, que aí foi um direcionamento da direção do MST, dos companheiros, solidarizar-se com uma...

27:38

um determinado território para produzir macaxeira, para produzir os alimentos que são destinados a Recife. E foi daí que a gente, aí foi o primeiro, ainda me lembro até hoje, foi em Lula Livre, em Moreno. A gente plantou 1.700 pés.

28:00

de Macaxeira. E aí foram pessoas das comunidades e também pessoas da classe média que simpatizam com o MST. E aí o nosso intuito era realmente das comunidades entenderem que onde é que saem esses alimentos, onde é a origem desses alimentos e a importância de se alimentar, porque o povo não está acostumado com o alimento da terra, não. Até porque as condições financeiras não permitem, então tudo é processado. Então, para nós, esses últimos três, quatro meses de...

28:39

depois dos agentes e tal, foi primordial para a gente dialogar com a sociedade através dos alimentos, de onde vem esses alimentos. Primeiro começou essa iniciativa de produção, depois foi com os roçados. E teve mais? Teve em Goiânia, Lula Livre em Moreno. Ah, Lula Livre é um assentamento? É um acampamento. Ah, os roçados. Então,

29:09

Lula Livre. Lula Livre é Moreno. Moreno. Moreno. Município. O outro passado foi... Goiânia. É Goiânia. Agora o nome...

29:37

Não sei se é Marielle Franco. Também é acampamento? É. Que é acampamento. Acampamento. E aí a produção era muito mais do que em Lula Livre. É? É. Daí foi onde vieram as macaxeiras e o... E tinha... O roçado solidário do Che Guevara também? E aí eu não. O roçado foi depois de três e teve um outro. Foi...

30:07

Jaboatão, lote 56. Como? Jaboaão, no acampamento lote 56. Lote 56? É. Lote 56 em Jaboaão. Exatamente. E daí veio o roçado, o roçado solidário. Que também foi uma doação, né? Uma doação não, mas...

30:36

Na ideia, vamos colocar os nossos roçados à disposição dessa produção. Aí Paulo foi. Tá com o meu, tá lá, então vamos. Aí foi o assentamento, aqui é o assentamento. Que é em Moreno, que é Bonança, né? Mas... O assentamento não é Che Guevara? É, o Che que está em Moreno.

31:07

Que é Moreno também. Então, Moreno teve um acampamento e um assentamento. É, um acampamento e um assentamento. E teve mais outros assentamentos que teve roçado? Não. Esse foi o Moreno, a sede, e lá essa parte, mas bota só assentamento mesmo, que aí contempla. E aí também foram ações de plantio de árvores.

31:34

Ah, sim. Teve também as ações dos plantios de árvores. Essa sede do assentamento Tchê, a gente plantamos 300 árvores na margem do rio que passam por dentro do assentamento. Plantação de árvores. Aí tudo era muito místico, o povo ficou encantado. Agora sim, deu muito trabalho.

31:55

O povo não sabe mexer, assim, não tem noção de como pegar numa enxada. Não tem outro jeito também de acabar com o romantismo. Isso, e a gente trabalhou, assim, aí quando chega, né, nesse processo dos roçados, a gente trabalhou com o NB, até hoje a gente trabalha com o NB, explicamos, fazemos um resgate histórico do local.

32:19

Os conflitos, a mística, tudo isso dentro dos roçados de solidariedade para mim foi muito pedagógico. Essa relação entre campo e cidade foi muito pedagógica para dialogar com o nosso povo que estava ali nas cozinhas. O povo não sabia como era que a macaxeira saía, como era que...

32:43

Tipo, o povo não conhece. Nessa hora a gente percebe o quanto... Meu Deus do céu. Quanto a propaganda do agro pop aliena, né? E eu te juro que, assim, dos roçados que estavam fazendo lá no Tchê, eu fiquei sem paciência. Eu estava sem paciência. Porque assim, todo o tempo eram pessoas diferentes que chegavam lá e você tinha que explicar a mesma coisa. Começar tudo de novo. E aquele sol e o povo...

33:12

De minha gente, aqui são só duas, três horas que a gente está no sol. Você é desse jeito para ver. Aí foi o resgate mesmo da importância que tem que se dar aos alimentos, sabe? Sim, sim. O agricultor que está lá, o camponês que está lá trabalhando de dia a sol, produzindo e achando que o camponês não faz nada, é muito pelo contrário.

33:36

E aí o povo começou a levar as mudinhas para casa, vou plantar um coentro, lá na cozinha vou fazer não sei o que, uma horta suspensa. E aí foram os cursos também. Aí era muito mais agrofloresta, né? A gente foi falando, dialogando com a produção de alimentos, consorciado o plantio de árvores e fazendo esse leque da importância da preservação do meio ambiente, das nossas florestas, das nossas nossas... Então... E hoje, assim, o roçado...

34:17

se tornou um espaço onde os nossos sem-terrinha, os filhos das mulheres, das cozinhas, porque o nosso público... Nas cozinhas? O nosso público, no geral, do Mãos, MST...

34:37

São mulheres. Tenho certeza absoluta de que vai fazer a revolução um dia, talvez, nesse país. Não tem homem. O homem não se importa com sua comunidade. E quem bota para gerar renda de tudo, de organicidade, são as mulheres. E os homens estão onde?.

35:01

Não sei. Talvez uma pergunta boa. Essas mulheres, elas são mães solas? A maioria delas são, mas também são mulheres pastoras. Ah, é? O que está na cozinha? Estou na cozinha. Então o pastor está pregando.

35:26

Porque, assim, elas vão chamar uma a outra. Essa coisa de viver trancada dentro de casa, fazendo comida quando tem. Não é mais o perfil, né? As mulheres não querem mais isso. Não. É, estão adolescentes, né? O processo de depressão é muito alto a gente dialogando com nossas mulheres. Querem se movimentar. Como mulheres, isso é isso. É movimento.

35:51

Então, a cozinha dá, como é que eu posso dizer, dá a essas mulheres uma vida diferente, um ser útil, tem sentido. E também diante de uma situação de calamidade, de tamanha como foi.

36:19

O instinto também, por necessidade, né? E o instinto materno, né? Cuidado. Tem que dar um jeito, né? Exatamente. É nesse sentido, assim. Então, pra nós, pensamos... Então, assim...

36:46

Aí, na época, vem muitas críticas, né? Ah, será que não está sendo... Não estão se comportando como ONG, não sei o quê. Mas, para nós, está tudo bem. Para muitos, poderia ter esse aspecto. Mas, assim, para quem estava fazendo e quem faz hoje...

37:08

Não tem condições de você dizer que a gente está fazendo assistencialismo, porque a gente tem todos os eixos de organização do povo. É desde a formação, é desde o diálogo para falar sobre reforma agrária popular, é juventude, é mulheres, todos esses eixos de fazer movimento.

37:36

de consciência, de conseguir minimamente dialogar com o povo, chegar numa consciência de classe, a gente faz. Outra coisa que eu queria ver, mesmo com essa vivência e essa organização solidária, como é que surgiu o nome? Essa é uma primeira questão, como é que surgiu? E como é que você...

38:05

Vivenciou a experiência na sua avaliação, no seu conhecimento de ter trabalho, o que significou a solidariedade nesse trabalho aí? Então, primeiro, como é que vocês acharam?

38:29

Tiraram de onde essa ideia de Mãos solidárias? Então, eu até lembro, como Paulo tem uma companheira e uma filha, ele ia pontual e também tinha esse cuidado de não estar em contato com muita gente, mas ele estava lá todos os dias. E eu lembro que ele disse, Fábio...

38:57

Que nome a gente vai dar a isso? Que nome, que nome, que nome, não sei o quê. E aí eu disse, Paulo, não sei, ele disse, mas esse tanto de gente aqui, o tanto de gente, não sei o quê. Aí eu digo, aí ele, mãos, mãos. Eu digo, que mãos, Paulo? Ele disse, eu não sei, Jerimum, mas alguma coisa a gente tem que...

39:22

Mãos e alguma coisa. Ele estava em solidariedade, não sei. Mas o nome mesmo veio... Teve sugestões, nossa, claro, mas a nível nacional foi que decidimos... Mãos e solidariedade? É,

assim, de consultar. O Paulo tinha muito essa relação. A gente tem, né, com o João Pedro. Aí eu acho que você mesmo, assim, se concretizou. Eu acho que alguma...

39:49

uma opinião mais a nível nacional, e eu acho que foi o João Pedro, talvez o Paulo consiga te informar melhor. E foi analisando, tanto de gente no armazém, fazendo da marmita, não sei o quê. Muitas mãos. Aí ele fazia até assim, levantava as mãos, não sei o quê. Aí assim também foi o curso dos agentes populares de saúde também, nasceu de uma conversa assim, ah, que nome, gente. Aí também o...

40:17

A territorialização também da Brigada. Que nome a gente dá, né? Falamos de território, Milton Santos, não sei o quê. E aí veio a Brigada Territorial, Dom Helder Câmara e tal. Vocês assumiram o território na Brigada? Tipo, o nome da Brigada? Foi... Brigada Territorial. É? Brigada Territorial, Dom Helder Câmara. Eu vi alguns escritos.

40:45

O Cerioli, para não variar, ele sistematizou, né? Toda a experiência. E aí eu estava olhando e pelo menos na escrita não aparece a Brigada Territorial, Dom Helder Câmara. Brigada Dom Helder Câmara. Porque aí é o territorial.

41:08

Foi de início, porque a gente não tinha o nome. Ah, o batizado. O batizado, o nome. Por isso aí, território. É Brigada Territorial. Nem existia o Dom Helder ainda. Ah, era assim? Era Brigada Territorial Camaragibe, Brigada Territorial do Ibura, Brigada Territorial do Centro. Aí, daí, se tornou Brigada Dom Helder Câmara. Mas nós, assim...

41:37

Nós conversamos Brigada Territorial. Sim. E a experiência da solidariedade. Eu nunca achei que o povo fosse tão solidário assim. Porque todo o tempo a gente mostrava a bandeira do MST. A gente queria dialogar sobre isso. E muitas vezes...

42:02

Quem ia lá ficou com a cara feia, mas mesmo assim deixou o alimento lá. E eu acho que a solidariedade é igual a essa relação do internacionalismo. Porque como eu fui para o Haiti, essa coisa de solidariedade, eu tenho ela como um pilar mesmo para seguir adiante aonde a gente quer chegar.

42:32

Mas essa coisa especificamente da Covid-19, de fato, até hoje, eu não consigo expressar o que foi a solidariedade ali naquele momento. Foi uma explosão de coisas que eu destruí no passado.

43:01

Era possível acontecer. É possível acontecer. Um povo que nos odiava, mas que naquele momento virou e de como a sociedade ainda tem uma salvação, de como a gente ainda... O capital é incisivo nessa coisa do individualismo, A gente não é um povo individual, a gente é um povo solidário, né? De como o capital, o capitalismo distorce essas relações e no momento... Acentua o indivíduo, o individualismo, né? Ninguém queria saber quem é de classe A, de classe B, de... De onde veio o Pix. Exatamente, exatamente. É uma situação...

43:46

Nessas situações, como se diz, de extremo, né? De extremidade, de extremos. A solidariedade com uma... É muita coerência, assim, do trabalho que a gente estava fazendo também. Não sabia como você não se comoveria naquela situação. Só quem é mesmo, só não sei, mas... raiz bolsonarista.

44:12

E que Recife, por mais que tenha suas contradições, e como o povo foi muito solidário, especificamente Recife. E aí foi a classe média mesmo, nesse sentido. Claro que nosso povo, que doou, alimenta nosso povo, a gente sabe que nosso povo é povo mesmo. Mas, para mim...

44:36

O que me surpreendeu muito foi a classe média. E é para o armazém do campo ali. Levava? Levava e ficava para fazer a marmita. Dá pra trabalhar também. Exatamente. Desconhecidos. Gente desconhecida. É, ninguém tinha contado. É um povo muito chique, meu filho. É? É. Enquanto a gente estava lá triste, o povo bonito chegava lá, todo arrumadinho. A turma da boa viagem chegou. É, e não sabiam nem descascar uma macaxeira. É isso que também me dava uma raiva. Estragava uma macaxeira toda, não sabiam descascar. E cortava os dedos da gente e os que socorriam lá. Foi um aprendizado gastronômico.

45:14

É, de todas as formas, assim, esse processo de 2020 até aqui, até hoje, a gente está fazendo momentos, assim, de intervenção, de quem somos nós, até dou um descascado à macaxeira, pô. A gente ia dizer, minha mãe ensinou assim, que eu sou de Santa Maria da Boa Vista, então assim é melhor.

45:39

e todo dia era gente nova você tem que falar a mesma coisa uma oficina de como descascar uma macaxeira literalmente era uma oficina descascar uma macaxeira se chegava, dava boa tarde pra gente se dar conta que tem muita gente muita gente não, mas tem um grupo que não faz comida isso era o debate dentro lá até o Ramos

46:08

nação do armazém. Ó Inhamé. É o Inhamé. Ele disse, meu Deus do céu, como é que o povo come a macaxeira não sabe descascar. É a turma do Ibura que vai trabalhar lá. Exatamente. Então, todo o processo foi formativo, tanto pra nós, mas também pra o povo que passou lá. Então, descreva a solidariedade assim... Sei lá.

46:38

Descrever... É de verdade dizer que não acreditava que eu estava vivendo aquilo ali. Uma experiência comprovadamente superior. E eu ajudei a formar muitos de nós militantes. Claro. Era constante, era do dia à noite.

47:08

Formação da prática, né? Exatamente. E é uma troca também, uma troca de saberes, né? É, porque organizar a gente você tem que ter contato, né? Você tem que saber se comportar, você tem que... Então, o trabalho urbano, meu amigo, eu vou te dizer, tem que ter muita paciência.

47:30

Que é desde que o nosso povo faz trabalho de base, o povo já sabe plantar, já sabe. Agora você faz o trabalho de base dentro de uma comunidade. O povo não sabe se organizar de nenhuma forma, não sabe de onde é que os alimentos vem. A perspectiva de vida está lá embaixo. As mulheres de um alto nível de depressão, de um alto nível de...

47:59

Enfim, mas é um trabalho bonito. E nas cozinhas ou nos locais onde também se especificam as cozinhas, vocês decidiram com o tempo a organizar hortas, né? É, como hortas. Elas também foram durante uma pandemia?

48:23

Até hoje elas existem. Mas chegou inclusive na Vila dos Milagres, no Ibura. Na verdade foi em Olinda, Peixinhos. Depois a segunda foi Vila dos Milagres. Hortas Solidárias. Foi primeiro Peixinhos? É, Peixinhos, apesar de nossas brigas internacionais, continuam ainda?

48:50

Ah, a gente... Esse território aí... Tá conflagrado. Ah, tá com o MTD, né? Que hoje tá do lado da Consulta. Eu nunca estive na Consulta, né? Mas... Você não? Eu não. Mas aí a gente... Hoje a gente... Enfim, se você quer saber o recorte de 2021... Durante uma pandemia. Ibura.

49:17

Ibura, Vila dos Milagres. Vila dos Milagres. É. E também Camaragibe. Nessa mesma comunidade onde surgiu a... Esses três aqui estão em... Peixinhos está em Olinda, né? É, Olinda. Não, Vila dos... Esse aqui é o quê? Peixinhos. Peixinhos. Não, é essa? Ibura. Ibura é Vila dos Milagres, a comunidade.

49:46

Ah, e isso está em quê? No bairro do Ibura. E está em Recife? É em Recife. Vila dos Milagres está em Ibura ou é o contrário? Não, é Ibura. Vila dos Milagres não é Ibura. Ibura é o bairro. Ah, Ibura é o bairro. Igual o Peixinho também é um bairro. E aqui estamos em Recife. É em Recife. E a outra cozinha foi em? Em Camaragibe.

50:17

Camaragibe. E a outra em Paulista, em Vila da Paz. Camaragibe é onde? Bondade de Deus 2. Como? Bondade de Deus 2. Bondade de Deus.

50:40

Números muitos. É, e tem um que era chamado Sovaco da Cobra. Sovaco da Cobra. Acha? Haja criatividade, né, meu amigo? Pra botar Sovaco da Cobra. Paulista? É, Vale da Paz. Vale da Paz. Bom, Jerimum. Qual é o seu contato? É 81.

51:09

Vamos colocar aqui. 8, 1. Mas depois tem que pegar os dados finais disso, né? Sim, a gente vai... Sei que o recorte é esse, mas... Sim, depois a gente tem que... Espremer. É. . 8, 2, 13. 32, 76. 76. É.

51:39

Porque dessas cozinhas, aí a gente já tá em 11 cozinhas. Sim. Mas aí, claro, depois, até 2022, 2023, quer dizer, continuou, né? Mas aí... É isso. Mas naquela época... Você tem que ter o recorte. É. Eu também estou fazendo o TCC, tem que ter recortes na vida. Eu quero falar sobre o roçado, solidário. É? Você está fazendo o quê?

52:01

É... Geografia. Ah, é? Agora isso tem que estar voltado a... Como é licenciatura, né? Você tem que fazer... Sim, sim. Ah, você tem... Assunto... É, agora o complexo é que, tipo, o Roçado Solidário, a gente nunca sistematizou muita coisa. É? Mas enfim, a experiência...

4.3- Entrevista com Inhame (Severino R. Figueiredo/ Inhame) – Recife, 03/04/25.

Muito bem, então vamos conversar agora com o Cícero, né? Severino. É, Severino Ramos Figueiredo, que também atuou diretamente na organização de todas as campanhas aí do Mão Solidária durante a pandemia. Então fala, Severino Ramos. Não, então, acho que para entender o Mão Solidária a gente tem que...

00:28

Recuar um pouco no tempo ao período em que ele não era mãos solidárias e sim marmita solidária. A primeira ação que a gente começa, porque a história, eu acho que você já pegou de todo o mundo aí, mas é mais ou menos assim. Na semana em que sai a publicação das políticas de precaução com relação ao avanço da pandemia,

00:57

Então você tem o lockdown, o comércio fecha, a cidade fecha. Estamos em março de 2020, né? Março de 2020, exatamente. E aí o contingente de pessoas em situação de rua cresce a partir daí, porque o pessoal da Fiocruz ajuda muito nessa reflexão quando diz que o lockdown na vida do pobre...

01:25

Se torna uma tragédia, porque as periferias não são pensadas para o isolamento. É casa sem quintal, é cubículos, é uma casa de 5 metros quadrados, um 10 dentro, como é que você falou

que estava ali dentro? Não tem como. Então, essas pessoas fizeram o quê? Vieram para a rua para não morrer de fome. Então, muita gente que veio para a rua nesse período, não é porque estava em situação de rua, mas se tornou em situação de rua.

01:54

Indigência mesmo por conta da fome. Então, isso fez, e é determinante para a gente ver o papel do indivíduo Macaxeira nesse momento, porque Paulo, ele chega para nós no armazém, você está no armazém do campo, nesse período eu estou à frente do armazém, na coordenação do armazém, e aí ele disse, vamos ter que fazer alguma coisa, porque está por onde a gente anda.

02:23

A situação de fome está aumentando e tem gente procurando fazer ação. E com o lockdown, até mesmo as ONGs que participaram da distribuição de marmita, deixaram de fazer. Então o povo estava na rua, desassistido, e aquelas entidades que antes faziam alguma coisa, também não estavam fazendo porque tinham medo da pandemia.

02:45

Eles seguiram o bloqueio. É, elas seguiram o lockdown, porque eram pessoas de classe média alta, podiam fazer isso, se isolar e comprar por delivery. E o povo, para começo de conversa, nem entrega sabe que diabo é. Então, você tem um número de pessoas em situação de rua com fome crescendo e os atores dessa pseudo-solidariedade da classe média por meio de ONG e de grupo de pastoral que deixa de vir para a rua.

03:15

Então essa fome cresce. Aí é nesse momento em que entra uma conversa da gente, quer dizer, no começo eu, Paulo, mas mediado por Paulo, a justiça seja feita, ele foi o provocador desse momento. Aí fizemos uma conversa nós, os petroleiros e a arquidiocese.

03:42

E aí a gente... Chamaram esses três atores para conversar. Chamaram esses três atores, né? MST, Petroleiros e Arquidiocese. E Arquidiocese. Eu não sei se tinha outro grupo, não me lembro agora, mas sei que o fundamental era esses três grupos, né? E aí a gente começa a distribuir marmita na frente do armazém. Só que é isso que leva a consequência direta desse comentário que você fez antes de gravar, né?

04:10

A gente começa distribuindo de 50 a 100 marmitas por dia e, de repente, chegava um mundo de gente na porta do armazém com fome. E não acabava nunca, fila. E não acabava nunca, fila. Então, a gente toma a determinação de buscar uma campanha de solidariedade que envolva a igreja, os sindicatos e a base sem terra.

04:40

Você, nesse primeiro momento aí, a gente ainda está numa Marmita solidária. Então você tem alimentos que vêm. O armazém do campo sempre foi um ponto de aglutinação muito grande. E quando as pessoas souberam que no armazém estava sendo feita comida, tinha uma manifestação de solidariedade.

05:04

do transeunte mesmo, aquela pessoa que passou pela frente do armazém e disse, não, eu vou deixar um quilo de feijão, eu vou trazer um quilo de farinha, olha, eu não tenho muita coisa, eu tenho um fardo de água. Isso aí, na mesma proporção em que a gente se viu obrigado a aumentar a doação, veio também um mar de gente trazendo alimentos e veio uma campanha muito grande.

05:33

de uma presença, uma campanha não, uma presença muito grande de voluntários, de pessoas que diziam, olha, minha igreja, a gente faz doação em boa viagem, não está fazendo mais, eu posso vir para cá ajudar? Então, do dia para a noite, a gente teve que pensar uma escala de trabalho que envolvia o controle de estoque, que envolvia a compra de alguma coisa, caso fosse necessário, se comprava pouquíssimo.

06:01

Organização de equipes, de gente. Organização de escala de trabalho, da cozinha, limpeza, enfim. Enfim, nesses primeiros 40 dias aí, eu lembro que a gente, nesses 40 dias, eu mesmo fiquei 40 dias dentro do armazém, sem sair. Porque a orientação da Fiocruz não vai para casa. Não espalhe o vírus. Porque vocês podem levar o vírus, vocês estão em contato com pessoas em situação de rua. E esse povaréu vem tudo...

06:31

Com máscara, sem máscara. Sem nada. Milho Verde do jeito que Deus mandava. Uma fome. Uma fome. E nós é que tínhamos que tomar banho de álcool, botar jaleco, botar máscara. Os que ficaram mais na frente, botar luva. Porque a gente estava na linha de frente, tinha que acolher as pessoas. Aí é nesse momento, com essa onda crescente de distribuição de marmita, que vem...

06:58

Se somar a gente a Fiocruz. Aí entra um outro sujeito na história. E aí, com a Fiocruz, por meio de Paulete, que a gente fala o CNPJ, mas quem vem de fato, não é toda a Fiocruz, é Paulete, e vem por conta das provocações de Macaxeira, então a gente começa a desenhar um programa que é o seguinte.

07:27

Você já tinha uma relação com a Fiocruz? Não. A Paulette veio... A Paulette quem vai abrir esse canal. Ah, mas você já conhecia ou não? Não, já se conhecia. Todo mundo se conhece. A Paulette já era conhecida. Sim, já tinha uma relação com a gente. Conhecido pelo MST. Estamos falando em militantes que conhecemos, mas que participaram em campos distintos. E que agora estão motivados por esta situação se juntam.

07:56

E aí, quando se juntam, se toma um encaminhamento, se não me falha a memória nesse momento, de que a gente deveria dar uma olhada em como estava na periferia urbana. E não ficar apenas na frente do armazém como a gente estava. Porque a gente estava na frente do armazém, nos primeiros dias, depois começou a vir voluntária. E esses voluntários vieram com seus carros.

08:25

E aí, dizendo assim, se vocês quiserem, a gente se apresenta a levar para Boa Viagem, para aqui, para perto, para 13 de maio, que são os pontos que a gente se identificava como de maior aglutinação de população em situação de rua. Então, começou a surgir uma escalada de entrega de refeições com voluntários que desestruturaram seu trabalho.

08:53

Por conta da pandemia, agora vem se alinhar junto com as pessoas na criação de uma escala de preparação de alimentos e entrega de alimentos. Essas pessoas começaram a vir, gente que vem com relatos do tipo, eu estava deprimida em casa, e vim para cá e estou me curando, estou enxergando sentido para a minha vida, estava com medo. Quer dizer, essa coisa começa a desenhar um formato para que as pessoas possam crescer. E aí...

09:22

Como é que a gente cresce? Cresce a partir do momento em que, avaliando que na periferia urbana a fome grassava, aumentava cada dia mais, e que a gente estava vendo a população do centro, mas a gente tinha que chegar lá, e aí, para chegar lá, a gente não tinha perna. Porque nem que trouxesse todo um movimento sem terra para cá, não daria conta.

09:49

E aí descobri o interior. Então, como é que vai resolver isso? Então, nesse momento, você já tem aí petroleiros, você já tem sem terra, você já tem arquiocese, você tem um pedaço da Fiocruz, você tem algumas ONGs que tinham prática de distribuição de marmitas, universidades que se juntam. E aí, a partir desse ajuntamento de gente...

10:17

a gente toma a determinação de sair da etapa da pura distribuição de marmita para uma etapa de organização popular na periferia. Como é que vai começar essa organização? Bom, a gente não tinha como fazer chegar a marmita em todos os cantos do Recife. Então, a gente nucleou por meio de um diagnóstico feito nas periferias.

10:48

Se não me falha a memória, eram 12 pontos entre Recife, Olinda e Camaragibe. 12 pontos, você diz 12 locais. 12 locais, né? E nesse local foi feito um diagnóstico. E a gente foi vendo que nosso povo sem terra, quer dizer, agora já não é mais um povo sem terra, mas é a criação de uma expressão urbana que vai ser a mão solidária.

11:17

Agora a gente já está trabalhando na criação do Mão Solidária. A gente já não era mais aquele grupo da marmita, mas a gente agora continua com a marmita, mas para além da marmita, a gente vai fazer uma escuta na periferia e dessa escuta surgem os agentes populares de saúde das comunidades. É a primeira ação. A primeira ação.

11:46

O que esses agentes fazem? Eles são os sujeitos que vão mapear dentro dos bairros como zonas de maior necessidade. Muito para além do vírus. Não era nós quem ia chegar lá dizendo assim, não, essa família recebe, essa não recebe. Eles seriam os sujeitos do levantamento da...

12:12

do diagnóstico, dizer qual o número de famílias em situação real de necessidade dentro do bairro onde eu moro. A necessidade, ali estava a questão da comida. O foco era a fome. E aí, junto com isso, é como eu posso fazer para envolver essas famílias numa ação de distribuição de comida onde elas também são beneficiadas.

12:39

Eu acho que todas as pessoas plantam uma sementinha de organização em que o sujeito com fome passa a ser sujeito à distribuição do pão. E aí ele tem que pensar nele e nos outros. Porque não tem isso de, não, farinha pouca, meu pirão primeiro. Não tem como levar para mim. E essa questão, nessa questão da fome, da distribuição, eu vejo isso lá, é uma polêmica.

13:08

Já que estamos falando de polêmicas internas, é uma polêmica medonha, por exemplo, lá em São Paulo, com o padre Júlio Lancelotti. Como é que você, num trabalho social, no caso aqui da fome, da distribuição, no primeiro momento necessária, você não tem condições de ficar lá fazendo grandes discussões com o cara que está com fome, né? Mas como é que no seu trabalho você sai, você dá o passo seguinte, que é da organização?

13:35

Sai do assistencialismo, da assistência ao trabalho da organização. Porque senão, com a experiência que vocês estavam vendendo também, se vocês iam continuar fazendo marmitas, vocês iam fazer 5 mil marmitas e fazer 10 mil marmitas e a fila? Não, chegou o momento de fazer 3, 4 mil marmitas e não dava conta. E uma era de demanda? E embora em alguns fique, vez por outra, essa crise...

14:02

Eu não tenho essa crise, não. Eu tenho isso muito claro. Eu acho que na hora em que a gente traz as famílias da periferia para descarregar o caminhão de alimentos que chegou, botar no chão, depois distribuir para todas as cozinhas, depois botar em cima do carro para levar para todas as cozinhas e, por último, chegar na minha comunidade,

14:31

Cara, você deu um salto de consciência aí, que você pegou uma pessoa que não estava acostumada a essa cultura da organização do processo, da solidariedade, da partilha, e disse, não, nós vamos resolver a sua situação juntos. Agora, você vai ter que ajudar a resolver a

situação do seu vizinho, a coletiva. Então, isso fez com que fosse criando um corpo, mão solidária.

14:57

ele foi criando esse corpo, que é um corpo que vem da periferia urbana, e agora ele se torna, agora já não tem mais só marmita, a gente tem o banco de alimentos que funciona a partir daí. E aí o banco de alimentos funcionava como? O armazém era o banco-mãe. Uma Ceasa. É, o banco-mãe. Descarregava, recebia tudo ali. Tudo ali. E aí...

15:23

sem nenhum incentivo do PAA, não tinha crédito, estamos falando do tempo do governo Bolsonaro. E aqui também não tinha? Não tinha. Aqui do Estado? Não. Então o que é que o Movimento Sem Terra fez uma campanha na base, o caminhão lançou coletando. Lá nos assentamentos? É. Milho Verde de muitos, assim, na tua memória, de assentamento que Milho Verde? Basicamente Milho Verde de Caruaru.

15:51

Caruaru centralizava e trazia para cá. Mas Caruaru recolhia. Milho Verde da Mata Sul, Milho Verde daquele entorno ali. Não Milho Verde do Alto Sertão, não Milho Verde. Uma vez ou outra veio. Eu lembro que uma vez veio um caminhão de frutas. Veio melancia, melão, coisas assim. Mas, bem, nesse segundo momento agora, que quando a gente já tem...

16:16

Além das ações de higiene e precaução, como é que você se previne contra o vírus? Os agentes estavam ensinando ao povo como é que faz a higiene dos alimentos, como é que faz a higiene do corpo para não ter contaminação. Como é que usava uma máscara? Essas coisas que foram fundamentais naquele período ali. Aí você tem um grupo pensando isso, pensando nessa educação popular da saúde. Você tem um grupo.

16:45

dentro desse mesmo grupo. Agora, tudo isso são janelas que a Mão Solidária vai se abrindo. Um grupo que vai pensar essa coisa da saúde, um grupo que vai pensar o funcionamento da marmita, porque continua tendo marmita na frente do armazém. Um grupo que vai pensar no fortalecimento desse banco de alimentos que chega lá na comunidade. Você vai ter um grupo que vai se...

17:14

que vai trabalhar, por exemplo, com a coisa da manutenção de bicicletas, coisas dessa natureza, para tentar gerar alguma experiência de renda, sei lá, possibilidades futuras. Enfim, você tem um monte de ações que estão articuladas em torno do Mãos Solidárias, que se desenrolam na comunidade.

17:40

E com isso vem esse processo que eu diria E é bonito também nesse período uma outra coisa que as ONGs chamavam a atenção para nós que é de um protagonismo da periferia., que era sempre em períodos de seca, a gente tinha campanha na cidade para abastecer o sertão. Agora a gente está vendo uma campanha de lá para cá.

18:08

A gente está vendo os pobres do campo trazendo alimentação para a periferia. Isso também foi uma sacada fantástica. E eu acho que a expressão maior desse período é que a gente cria um germe que eu acho que a gente não soube aproveitar ainda o caldo político. Isso é da simpatia.

18:35

pelo símbolo do boné vermelho do MST. Cresceu? Cresceu muito. Apesar do uso do boné da mão solidária, da expressão da mão solidária, as pessoas viam a ação... Identificavam-se. Identificavam que era uma ação puxada pelo MST. Por mais que seja essa orientação, não venha com camisa do movimento, vamos vir com outras camisas. Cuidado, não use tanto o boné do MST.

19:03

Vamos deixar que as outras aplicações também. Mas era impossível não aparecer. E mãos solidárias mesmo, como mãos solidárias, como organização, quando é que nesse processo aí ela se define? Defina esse período. Eu não sei o recorte. Mas não teve um momento que vocês... Como é que vamos criar uma identidade com isso aí? Teve.

19:33

Teve, foi um debate... Porque não era MST, vamos dizer assim, não era MST só, não era Arquidiocese só, era uma outra organização para além de todos os que estavam. Isso, desde o começo já não era. Quando surgiu a Marmita Solidária, já não era só o MST. Sim. Já eram esses agentes todos. Agora é sempre...

20:00

esse tinha alguns recortes do apoio do MST trazendo alimentos in natura. Sim. E o fato também de estar ali no armazém do campo já era uma identidade... Já era também uma identidade ligada ao MST. Não tinha como esconder isso. Dava algumas crises no mundo urbano em determinado momento, porque a visibilidade que o movimento tomava era grande, mas não tinha o que fazer. Não tinha como esconder.

20:27

onde estava tudo acontecendo, era a casa do MST. Então, isso foi o que você impulsionou. E aí vai... Pronto. Quando veio a determinação de que a gente tinha que ir para a periferia urbana, organizada em famílias para que elas recebessem o alimento e fossem sujeitos da entrega de alimento nas periferias urbanas, ali já não era mais uma marmita solidária. Ali já era...

20:56

a definição de criar o Mão Solidária. Já fui criado ali. Nesse passo aí que foi da organização, a partir da periferia, já uma identidade de Mão Solidária já vai ser... Já foi criada ali. A crise era se a gente iria chamar de projeto... Campanha. Campanha. Quando eu fiz, inclusive, o projeto da pesquisa, era campanha. É. Inclusive, lá no meu projeto está.

21:26

Com as ações da campanha . Isso, isso. Mas houve até mesmo esse debate, né? Projeto, campanha, como é que vai ser? É movimento, vai criar um novo movimento. E aí a determinação, eu acho isso interessante também, porque o que pegou de fato não é qual é a natureza da ação, era a relevância da ação. Vamos fazer o que vai acontecer, o processo virá, depois vamos...

21:55

E aí foi dando esse caldo e isso foi surgindo um protagonismo diferente, principalmente no grupo de mulheres. Porque você percebe que a maioria das lideranças são mulheres. Absoluta. E não tem como não ser, porque no cotidiano a distribuição da comida é uma...

22:23

Atividade feminina. Elas têm essa sensibilidade, essa preocupação muito mais à flor da pele. Então, isso. E, volto a dizer, em pleno crescimento da pandemia, a gente consegue estruturar uma ação que já vai entrar por mais de 12 periferias.

22:47

Garanta uma ação de distribuição diária de três refeições na frente do armazém e você vai ter uma campanha de doação permanente que envolve o mundo urbano. Não pode tirar esse foco. Eu acho que o Mãos Solidárias e o período da pandemia em si, ele despertou essa necessidade.

23:13

de se envolver com o outro. Acho que é o Papa Francisco quem diz isso, né? Com a pandemia, ou nós saímos juntos ou sucumbimos juntos. Então, eu acho que aqui foi um laboratório para sairmos juntos. A gente não teve nenhuma baixa, ninguém, em nenhuma cozinha eu não soube de ninguém que morreu em função do vírus.

23:40

Nem na cozinha do armazém. A gente na cozinha do armazém. E chegou a pegar? Chegamos. Mas depois da vacina. Depois da vacina? Depois da vacina. Porque aí a guarda baixa. Mas no período do auge, nenhum de nós foi contaminado. Bom, isso é por quê? Por conta da precaução. Uma precaução...

24:04

E na preocupação, esse cuidado para comigo e para com o outro. Eu estou cuidando porque estou cuidando de mim e estou cuidando do outro. E essa reação em cadeia permanente. Entre essa coisa da projeção da mulher, essa visibilidade que o Movimento Sem Terra ganha por estar envolvido nessa ação de solidariedade também é muito grande. Sim. De certa forma...

24:33

pelo menos que eu ouço, que as pessoas... Alguns conheceram, que nem a Feijão. A Feijão, essa que eu entrevistei agora, ela conheceu diretamente agora. Conhecia pelo que a Globo conhecia antes, mas agora ela conheceu o movimento. Então, nessa ação, a presença do movimento também acabou, contribuiu para dar um respaldo moral.

25:03

É uma coisa séria, é uma coisa... O movimento não está fazendo de conta, né? O que está fazendo por fazer é uma coisa que dá firmeza e as pessoas se... Bom, se é o movimento que está ali, deve ser coisa boa, deve ser coisa séria. Então eu vou entrar também. É bem isso.

25:33

Isso é. E as cozinhas, então? As cozinhas vão para a periferia quando? Porque aqui nós estamos, aqui você está falando, foi feito, os agentes populares de saúde ajudaram a dar esse salto, vamos dizer assim, da necessidade de organização, né? Isso. De organização e sendo as pessoas lá da periferia como que...

26:02

Deveriam se envolver nesse processo. Não é a Mãos Solidárias, o movimento que vai enviar os seus militantes para fazer isso. Mas tem como militantes, mas ela tem que vir lá para cá. Mas ainda estamos nas marmitas, né? Não, ainda estamos nas marmitas. Marmitas do armazém e distribuição de... De alimentos. Banco de alimentos. É, do banco de alimentos. Organizando nas periferias banco de alimentos. Isso. O banco mãe e os bancos...

26:32

E os bancos nas comunidades. E continua vindo comida dos assentamentos? Continuava, continuava. Não tinha como levar à frente o banco de alimentos sem esse envolvimento direto da base sem terra. Porque veio também, tinha campanhas, por exemplo, das CEASA aqui, né?

26:57

Tinha doações também? Tinha, mas tinha também, tinha muita doação individual. Ah, é? É, tinha muito. Eu digo porque vivi muito isso na frente do armazém. As pessoas chegavam lá e chegavam. Às vezes a gente estava dormindo dentro do armazém, meia-noite, uma hora da manhã, chegava alguém batendo na porta do armazém, porque aquele era o único momento que se sentia seguro de sair de casa.

27:25

Eu sabia que não iria encontrar ninguém no mundo. E ali eu vim aqui. Vim entregar. E abri a mala do carro. Estava cheio de feijão, cheio de arroz, cheio de... Enfim. Com água. Isso era 24 horas por dia. Tanto que a gente tinha que ter alguém. De plantão. Fazendo esse revezamento. Porque a qualquer hora chegava. Era muito, muito forte. Foi feita também uma boa campanha nas redes, né? Foi.

27:55

Foi feito de divulgar e pedir contribuição, né? Sim, sim. Isso também aconteceu, né? Houve uma campanha permanente nas redes sociais. Nas redes, né? Mas também houve, acho que na hora em que teve esse envolvimento da arquidiocese e da universidade católica, esses assuntos ajudaram também a dar capilaridade, né? Sim.

28:23

Porque eles fizeram coletas na base deles e nós estávamos buscando. Mas eu volto a dizer, só esse produto, que isso aí é o grosso, que é o grosso do que é o feijão, o arroz, o fubá. Só que uma pessoa não vive disso. Então, Milho Verde muito do que é macaxeira, batata doce, abóbora, melancia.

28:52

Frutas, hortaliças, também. Principalmente folhosos. Isso, quando chegava, dava diferencial. E, em alguns momentos, também Milho Verde doação de proteína. Milho Verde doação de carne, determinado frigorífico teve suas vendas diminuídas e estava com um estoque que ia perder.

29:20

Para não perder, faça tudo. Padarias que faziam a mesma coisa. Então, tinha muita doação. Mas, assim, o que a gente tinha permanente era essa campanha que Milho Verde quinzenalmente do interior, carros cheios com doação. Quinzenalmente. Quinzenalmente. Dois assentamentos. Dois assentamentos, é. Ora Milho Verde pela base do MST, ora Milho Verde pela base da FETAP também.

29:49

Não era só nós, mas essa tinha eficácia da agricultura familiar. Isso não teria aguentado, não teria ido à frente. É, porque até hoje, o desafio é o alimento. Como é que você mantém uma dinâmica na cozinha? Se você não tem... e comprar alimentos, bom, aí não...

30:17

Aí já é uma dificuldade. Inclusive a gente fez essa crítica ao governo do Estado. Quando a gente passou pelo período da pandemia, ninguém questionou se a carne que Milho Verde tinha s.i.f. ou não tinha. Ninguém questionou a origem do alimento. O importante é que não tinha gente morrendo de fome. Agora seria o momento da gente ter uma resposta. E a resposta seria os governos facilitarem.

30:46

as certificações para que as pessoas pudessem entrar no mercado, de fato. E não há isso. A gente foi importante na hora de matar a fome, em todos os cantos, porque aos poucos o Mão Solidária foi tomando o corpo e foi indo para fora do Estado, deixou de ser uma coisa localizada em Pernambuco, passou a ser um envolvimento nacional, mas sempre assim.

31:15

Nós somos importantes desde que não disputamos o mercado. O mercado não é para nós. Não atrapalhe essa lógica do pseudo mercado. E os negócios. Então essa é a coisa. E assim, sem uma agricultura familiar, eu acho que a gente teria tido mais problemas. Claro. Imagina, né? Se não tive todas...

31:43

Mas foi quantificado essas toneladas de comida que vieram? Cara, foi. Eu não tenho essas cifras. Mas foi. Acho que o Macaxeira é quem tem mais. Porque quinzenalmente vindo com tantos tráfegos de comida, isso deu toneladas, né? Deu, deu. Deu muito. Eu não saberia quantificar. Na verdade, agora estou escapando da cabeça. Mas deve ter.

32:12

Mas eram caminhões cheios, não era meia carga, até porque não compensava trazer do interior três, quatro caixas de batata. Ou topava o caminhão ou não topava. Era assim que funcionava. Muito bem. E essa questão, no meu trabalho também, coloque na sua experiência também,

32:41

A própria organização do trabalho acabou se definindo por mãos solidárias. E durante esse tempo ali, inclusive, houve muito debate sobre essa questão da solidariedade. E como é que a sua concepção, a sua opinião, o seu...

33:09

a sua experiência dessa questão da solidariedade. Como isso contribuiu? Como você entende isso do ponto de vista do método de trabalho, da forma de organização popular? Como isso tem ajudado, contribuído? Eu acho que... Fale sobre a solidariedade.

33:39

Eu acho que a gente, junto com a solidariedade, a gente casa um outro conceito que vai influenciar diretamente na organização popular, que é uma dimensão de trabalho voluntário. Essas duas ações, acho que são quase que duas pernas do corpo humano. Uma manifestação de solidariedade...

34:07

se dá por meio da presença do trabalho voluntário de militantes e de formadores que vão para a periferia e vão surgir. É isso que eu digo quando falei lá atrás, que de repente as famílias que eram nucleadas, eram nucleadas estavam na periferia passando fome.

34:34

Eles estão envolvidos em uma ação de distribuição que envolve desde o caminhão descarregado, a partilha no chão. E a gente não está falando de uma caixa, a gente está falando de três, quatro caminhões parados em frente ao armazém que precisam ser descarregados. Cada caminhão cheio de produtos. Então aquilo tudo tem que descer para o chão, ser separado por...

35:04

por grupo, batata no lugar de batata, feijão no lugar de feijão, macaxeira no lugar de macaxeira, depois separado de novo por comunidade, cada uma pega um pouco aqui, um pouco aqui, e isso depois sobe em outros carros e vai, sabe, isso é uma ação que envolve a necessidade das pessoas entrarem numa organização processual.

35:34

que no começo não era tão simples. Fazer essas pessoas entenderem que elas tinham que ajudar a descarregar, separar, botar no caminhão e lá na comunidade ajudar novamente, era necessário fazer com elas uma reflexão de que ou era dessa maneira ou não teria outra maneira. Então, pela dor, pelo amor, você vai ter que entrar na lógica.

36:03

E isso foi fazendo surgir essa consciência. Não, eu tenho que me envolver, porque se eu não me envolvo, não vou ser contemplado. Então, a ação foi determinante, o agir, o atuar. Sem a atuação dos sujeitos, tanto militantes quanto dos sujeitos que estão na periferia, não teria a ação da solidariedade e não teria a ação do trabalho voluntário. Isso é determinante.

36:31

Essa questão do trabalho voluntário foi uma coisa assim. Sempre. Você tem talvez uma meia dúzia de militantes e aí o movimento trouxe e tinha que bancar. Mas fora isso, trabalho voluntário. Sempre foi trabalho voluntário. Trabalho e aí vem a dimensão da solidariedade. As pessoas Milho Verde da periferia, cada um se virava para vir ali. Inclusive para ajudar, para trabalhar.

36:59

Durante o tempo das marmitas, era sempre voluntário. Um ou outro era pago. Pouquíssimo. Porque para algumas funções você tinha que ter gente paga, mas pouquíssimo. O restante, o grosso, era trabalho voluntário. E é isso que eu digo, que é a própria expressão da solidariedade. Ninguém estava compartilhando restos. Estava compartilhando aquilo que era.

37:28

Tudo que tinha. Tudo que tinha. Eu lembro que a gente disse isso numa reunião com os cozinheiros e cozinheiras que estavam presentes no armazém. A gente fazendo uma avaliação do processo. E aí, na conversa com eles, a gente dizia isso. Vê bem. Tem um sentido diferente na ação de vocês. Se a gente fosse um restaurante, então seria só...

37:57

um número de horas que vocês estavam vendendo para esse restaurante, o restaurante estava pagando, então o restaurante se tornava dono dessa parte do tempo de vocês e determinou a ação de vocês e vocês tinham que produzir. O que a gente está vivendo aqui é diferente, vocês estão fazendo uma parte da vida de vocês em detrimento de ajudar a superação da situação de fome que está na rua.

38:26

Então, isso eleva o trabalho de vocês para uma categoria diferente. É trabalho tanto quanto o trabalho de quem recebe? É. Mas a consciência de que eu me coloco naquele trabalho me torna um sujeito de um grau de liberdade diferente. Ninguém está me prendendo aqui. Eu posso ir embora na hora que eu quiser. Chutar o pau da barraca e dizer, pô, você não manda em mim, eu vou embora. Não é você que vai me dizer que eu vou ter que pegar aquela panela.

38:56

Mas eu optei deliberadamente por estar ali. E até porque passou um ano, vamos dizer que aí já se passou um ano, já tinha surgido outros lugares onde começavam a fazer distribuição de comida. E nem por isso a mão solidária murchou. Ele trabalha. Seguiu e se fortalecendo. E se fortalecendo dentro dessa cadeia.

39:25

da cadeia do trabalho voluntário, da cadeia do envolvimento das pessoas da periferia na ação, que voltava-se para elas. E nessa compreensão de que aquilo ali era solidariedade. Ninguém fez no microfone todo o tempo dizendo o que vocês estão fazendo é solidariedade. Só acompanhado, é isso. A ação é essa, o produto é esse, e os contemplados somos nós. Ou nós entramos.

39:53

Não vai sair do produto. Ou não vai sair do produto. Bem isso, né? Quer dizer, acho que isso foi uma manifestação maior de solidariedade real, né? As pessoas estavam dando de si mesmo. Dando de seu tempo. Daquilo que... Da única coisa que tinha naquele momento. Que ninguém tinha mais nada. É. O pessoal estava, inclusive, em várias situações, né? Essa questão da...

40:22

do efeito emocional que deu para as pessoas, essa coisa de parar tudo, né? Isso dá um... E aí, você pode aguentar um ou dois dias, mas aí quando quer uma semana, duas semanas, um mês... Um ano. E aí, você fica bem... Isso é diferencial. Nessa...

40:51

Nessa atividade ali, ou nessas atividades, também as pessoas puderam dar de si, mas também superar essa situação, esse rompimento, esse fechamento imposto que a própria pandemia, claro, o governo disse de um jeito, poderia ter.

41:18

Podia, como a própria experiência de vocês mostrou, que tinha formas de viver na pandemia diferentes do que o lockdown. O bloqueio é necessário, mas nessa hora aí tem que dar condições. Até para que funcione o bloqueio. Quando se diz o lockdown, a periferia é justamente lá que vai morrer tudo. É bem isso. Vai contaminar sem vacina.

41:48

Sem comida, sem nada. Mas era essa a política mesmo, era pra... Como ele falava de imunidade de rebanhos. Vai morrer uma parte dos rebanhos e uma parte vai viver. Mas vai morrer justamente aquilo que queremos que morra mesmo. Que morra mesmo. Que bem disso era. Era, era. Muito bem, Inhame. Eu acho que da minha parte...

42:14

Está bem, em cerca de 40 minutos as minhas entrevistas. A sua já deu 42.

4.4- Entrevista com Ana Gusmão (Melão) – Casa Amarela Recife PE, 01/04/25.

Então, hoje vamos conversar com a Melão, que é educadora, trabalha aqui em Recife e que também acompanhou durante a pandemia, e muito antes também, mas durante a pandemia, esse processo das ações solidárias que o Mão Solidárias desenvolve.

00:29

Ana, você pode falar sobre esse processo de organização de mãos solidárias, as ações que foram desenvolvidas e como isso também, do ponto de vista de organização, foi feito? Quais foram os métodos, como fazer isso?

00:58

Se apresentando aí. Tá certo. Será que se eu falar daqui, pega bem aí? Claro. Tentar ser bem objetivo, porque senão tá pra transformar isso tudo em texto, coitado. Mas tem um programa que faz. Mas vamos lá. Então, eu sou Melão, educadora popular.

01:25

milite do MST, do Mãos Solidárias. Estou atualmente na coordenação estadual do MST, no setor de formação. Eita, Flávio, para só um pouquinho, que eu acho que é o Chico que quer apresentar. Ei! Olá, mãe. Oi quem está aqui para apresentar.

01:48

Pronto. Então, eu sou da cooperativa, estou atualmente na coordenação estadual do MST no setor de educação e no Mãos Solidárias, que é esse trabalho urbano que aqui no Recife se caracteriza muito pela militância do MST a partir da Brigada Dom Helder.

02:13

diferente da configuração em outros estados do Mãos Solidárias. Mas aqui no Recife, o Mãos está muito relacionado à militância do MST, uma militância urbana, mas fazendo essa relação com o Movimento Sem Terra. Obrigada, Dom Helder. Hoje nós somos uma regional Recife, dentro da...

02:40

da organicidade do movimento, nós somos uma instância. Então, só para caracterizar que aqui no Recife o Mãos Solidárias ganha um pouco, na sua constituição, esse formato bem próximo ao MST, mesmo considerando que o Mãos é uma articulação de outras organizações também. Então, em cada estado ele pode ser Levante, Movimento Brasil Popular, enfim.

03:06

E também o MST, o MST está mais na frente, de fato, na condução política, refletindo e pensando um pouco isso. Então, eu começo a participar do Mãos, o Mãos começa mais ou menos depois do carnaval, em março, a partir da pandemia, quando se anuncia a situação.

03:33

que a gente estava vivendo aqui e no mundo inteiro, essa questão do vírus, da Covid, e a gente, de alguma forma, através do armazém do campo, que está situado no centro da cidade, percebe a população de rua passando fome. Mas não só, nos bairros também, a situação de fome, entre outras, questão de saúde, nessa conjuntura do governo Bolsonaro, muito difícil,

04:03

uma conjuntura bem adversa para a classe trabalhadora, e naquele momento a gente começa a, o armazém do campo iniciando o seu processo, acho que já tinha um ano, talvez nem isso, começa a organizar a cozinha para produzir marmitas e fazer a doação para a população de rua. Aí a pergunta é, o armazém já estava..

04:31

no Recife, na cidade, é uma estratégia do MST. Tinham pessoas lá que não eram só do MST, a consulta popular também estava presente, o MTD também estava na presente ocasião, ou seja, vários movimentos do nosso campo estavam presentes e também foram convocados para participar desse grande mutirão de solidariedade.

05:00

que na época não estava racionalmente ainda organizado, mas que sentia uma realidade concreta do povo e começou, iniciou essa questão que não era só em Recife, também estava acontecendo em outros estados, em outras capitais do país inteiro, com outros nomes.

05:24

Aqui a gente logo traz o Mãos Solidárias, mas tinha o Periferia Viva, que juntava vários estados em torno dessa ação. E isso vai se configurar no trabalho. Mas eu queria dizer isso para dizer que a gente estava ali em prontidão, de alguma forma. Os movimentos sociais têm um pouco esse papel, o trabalho de base.

05:53

Essa situação que você, a partir de um processo de conscientização política, de vontade política, de mudança da sociedade, de outro modelo, que a gente não aceita o capitalismo e quer um outro projeto político, que é o socialismo, isso mobiliza, a partir dessa leitura política, mobilizam pessoas.

06:20

E o trabalho de base faz com que a gente esteja em prontidão para os momentos que a gente pode estar presente no sentido de acumular forças para essa caminhada. O que eu queria dizer é que as Mãos Solidárias não nascem do nada. Ele faz parte de um processo de acúmulo de força histórica que já estava em movimento.

06:47

Então nós estávamos todos para atender aquela demanda concreta, aquela necessidade concreta daquele povo. A gente, fazer marmita para poder dar às pessoas que passavam fome, porque a gente já estava em prontidão, em movimento, através principalmente da consulta popular e dos movimentos do nosso campo, que era o MTD aqui no Recife, estava se configurando.

07:14

Era o primeiro ano do MTD aqui, eu fazia parte da direção do MTD. Então, era um grupo pequeno, mas nós já estávamos nos territórios. Na consulta, a gente fazia parte da frente territorial, não sei se chamava assim, mas já tinha trabalho em Brasília Teimosa, já tinha trabalho em Peixinhos, em Olinda, já tinha trabalho na Várzea em Camaragibe, ou seja...

07:40

Esse trabalho já existe. O Congresso do Povo, a gente realizou ações em vista a mobilizar aquele grande Congresso Nacional. Já estávamos em movimento pela consulta, pelo MTD. E quando chega uma pandemia, é uma questão de visão e de...

08:02

ver o cavalo passar e montar, como diz a história na sela, o cavalo selado passou e você está em prontidão. Foi um pouco isso, assim, né? Muito intuitivamente, porque a gente não sabia, de fato, que seria o que é hoje o Mãos Solidárias. Mas, ao mesmo tempo, já Milho Verde se discutindo, como você diz, esse conceito de solidariedade. No MTD, a gente teve uma categoria que organizava um movimento. Nos próprios movimentos sociais populares do Recife, se você abre uma história...

08:38

do movimento da Casa Amarela, do movimento de Brasília Teimosa, essa categoria solidariedade está presente na luta. A solidariedade pela água, que uma partilha com o outro. É a solidariedade com a questão da creche, de levar conta das crianças, creches populares, comunitárias, escola. Ou seja, uma solidariedade ativa já se constituiu ao longo da história da classe trabalhadora.

09:06

Sendo que, nesse momento, ela também é utilizada e atualizada para uma solidariedade ativa, para ser um princípio que nos move nessa questão do Mãos Solidárias. O próprio nome também é muito fácil de assimilar. É um nome, o Mãos Solidárias, que ajuda a articular vários segmentos, da igreja ao movimento sindical. Então, não foi difícil.

09:35

articular várias organizações populares, sindicais, outros movimentos em torno do Mãos Solidárias, pelo nome, muito fácil de assimilar, e não é tão, não toma uma posição assim, que talvez se fosse o MST chamando, ou se fosse o movimento sindical, ou a própria igreja sozinha, já não seria esse conjunto de forças.

10:02

que se unem. Então, a pegada do nome também foi, eu acho, uma grande sacada em relação a essa questão do acúmulo inicial de articulação de muitos movimentos em torno do... Sobre o nome, vocês chegaram a fazer uma reunião, uma discussão, à medida que começou a ter a necessidade de fazer as ações.

10:30

É que articular mais gente. Que nome nós vamos dar para isso aí? Frente, frente... Eu acho que se pediu um nome. Ao socialismo. Se pediu um nome. A solidariedade já era como um método, né? Como um método não, como um princípio, como algo do entorno da própria atividade, da marmitta.

10:53

Então, não foi assim, vamos procurar um nome, mas ele vai sendo chamado. Vamos fazer um plebiscito. É, não foi um plebiscito organizado, mas ele vai ser convocado, chamado e articulado de modo que daqui a pouco é mãos solidárias e ele surge. Surge não como marca, assim, olha, agora nós somos. Ele vai entrando e vai ficando. Aí vai fazer-se a identidade.

11:19

visual, das mãos, e ele vai realmente agregando várias forças, várias mãos em torno da solidariedade. Era esse o intuito e, de fato, correspondia. E aqui estamos juntos? Juntou, tinha igreja, as universidades particulares, universidades públicas. E empresários também. Empresários.

11:42

Movimentos sociais, movimento sindical, realmente eram um leque de organizações. Gente que também não apareceu. Gente que contribuiu financeiramente, gente que dava voluntários isolados, pessoas que chegaram e que terminaram se engajando também, como militantes, hoje estão militantes do MST, enfim, do Mãos Solidárias, ainda hoje. Então assim vem, né? Eu venho da Consulta Popular desde 2007.

12:10

Então, já passei pela Marcha Mundial das Mulheres, aqui em Recife, do núcleo Soledad Barré, e depois fui dentro da consulta convocada para organizar o MTD. Aí passei um ano no MTD, com a questão da consulta popular. Acabei de consultar. Esse foi o episódio, o fato político, que aqui no Recife foi bem difícil. Aqui foi doloroso.

12:38

E, no caso, o MTD só ficou eu, no Mãos Solidárias. Todo o resto do MTD, da consulta, ficou na consulta. Depois que as pessoas organizaram o Movimento Brasil Popular, mas até então foram retirados completamente. E eles... E o MTD que saiu? O MTD ficou com eles. E em relação a Mãos Solidárias? Aí eu fiquei no Mãos Solidárias. Aí eu falei na direção nacional do MTD, numa determinada formação, que aqui no Recife eu não conseguiria ficar no MTD, porque a maioria das pessoas que ficaram no MTD é ficou na consulta. Eu era a única que...

13:23

entre outros companheiros que fizeram essa opção pelo sair da Consulta Popular. Então, para mim, o lugar das Mãos Solidárias era mais consistente em relação ao que eu, naquele momento, estava organizando e pensando como perspectiva política de organização. Então, o MTD ficou com a Consulta.

13:46

Hoje já tem um racha entre eles, etc. E terminou que a gente não conseguiu se organizar. Praticamente hoje aqui em Recife não existe mais o MTD. Mas as comunidades que eu não organizava MTD, elas continuavam. Por exemplo, a Brasília Teimosa era uma comunidade que a gente acompanhava como MTD, que passava a ser mãos solidárias. Então a gente carrega nosso povo para mãos solidárias.

14:12

faz essa explicação política desse momento. Foi bem difícil. O Flau também participou da marcha, tanto é que tinha fábrica de vassoura. Eu fui lá na fábrica. Na fábrica de vassoura foi uma iniciativa nossa. Cheiro Verde, exatamente. Cheiro Verde foi educadora do Flau há muito tempo. Quando a gente vai...

14:33

organiza a Marcha Mundial das Mulheres em Brasília Teimosa, a gente inicia pelas irmãs, que a gente conhece há muitos anos. Século passado. Século passado. Aí as irmãs, vamos organizar as mães do Flau. Cheiro Verde é mãe do Flau ainda hoje. As filhas dela participam das atividades do Flau. E a gente, começamos quase oito meses, só uma vez por mês tem um encontro das mães.

15:00

das famílias, e a gente ia lá, trazia um tema, naquela época nós éramos marcha das Mulheres, discutia a vida da mulher, fazia sempre uma formação por mês. Até que essas mulheres começam a dizer, não, a gente quer produzir alguma coisa. Então a gente vai e lança um planejamento, é aí que nasce a fábrica de vassoura. Que depois, nessa racha, a gente sai...

15:25

Também da Consulta, a gente sai da marcha para organizar o MTD. Saiu da marcha? Então, a fábrica de vassoura fica com a marcha. Fica com a marcha que é Cheiro Verde, mais à frente, que já era... A gente já estava entre outras mulheres. Mas aí foi uma saída... Foi uma saída tranquila para organizar o MTD. Foi uma direção do próprio consulta popular. Não foi conflito, nada. Não foi litigioso. Então, a gente vai para o MTD.

15:54

E esse movimento da fábrica de mulheres, lá em Peixinhos, também com a Senhorinha, não sei se você lembra, também ela vai para o MTD e o movimento de mulheres, hoje tem marmita lá, marmita afetiva, que chama, que vem um pouco organizacional das mulheres, ainda quando éramos marcha. Depois a gente passa para o MTD.

16:20

Aí tem os pontos populares de trabalho, a gente ainda traz essa discussão entre MTD e Marcha. Mas, de fato, quando entra essa racha da consulta e coincide com o Mãos Solidárias, as pessoas separam os grupos. Então, muita coisa vai e muita coisa fica também. O que ficou foi isso, a gente dá continuidade a esse trabalho nos territórios.

16:47

que a gente tinha essa ligação já anterior, do Congresso do Povo, da Marcha, do MTD, tudo isso vai se organizar e se configurar no lugar agora do Mãos Solidárias. E aí, quando foi mais ou menos em junho, a partir dessas atividades, só para concluir, de marmita...

17:08

Depois da cozinha. Banco de alimentos. Agentes populares de saúde que a gente começa a entrar no território com os agentes populares de saúde. É a primeira formação sistematizada, né? Começa a entrar nos territórios, etc. Mas já tinha entrado comida nos territórios antes? Já tinha entrado através do banco de alimentos. In Natura daí? In Natura. Só in Natura que Milho Verde...

17:33

Dos acampamentos e assentamentos. Era essa a forma que... Isso, a cozinha vem depois. As cozinhas já vêm em lugares que as pessoas já tinham iniciado o banco de alimentos e os agentes

populares de saúde. A primeira cozinha, ela nasce no armazém do campo fazendo marmita. Mas já foi uma referência. Os alimentos Milho Verde dos assentamentos e acampamentos, faziam marmita para os moradores de rua.

18:00

Moradores de rua, era o público? É, moradores de rua. Mas Milho Verde muitos voluntários para a cozinha. A cozinha era um espaço de acolher pessoas que entravam, que queriam ser solidárias também, que queriam fazer marmita. E primeiro, porque foi numa escala assim, assombrosa. Muito crescendo, crescendo. Chegavam a fazer 3 mil marmitas por dia. Muito, muito.

18:24

a gente chegou a fazer 3 mil. E com essa questão da pandemia, nasce o tema também da saúde, a necessidade concreta das informações. Estava na pandemia, né? Os agentes de saúde, e ele puxa a partir... A primeira formação foi de formadores, que nem a gente fez na jornada agora. A segunda, os formadores iriam para os bairros fazer...

18:47

Eles eram multiplicadores. Formar os agentes que iriam acompanhar as famílias. Esse é o caso da Cheiro Verde. Cheiro Verde disse que elas eram conhecidas como as meninas do Colorau. É, do Colorado. Já tive em vários bairros, Camaragibe, em outros, já vão muitas inscrições para esse curso inicial. E aí a gente já entra nos territórios. E aí vem essa coisa da cozinha. Os bancos de alimentos já foram iniciados.

19:16

Essa coisa dos bancos, da metodologia de chegar o caminhão e algumas comunidades ou movimentos que estavam dentro do Mão Solidária, que tinham suas comunidades, Milho Verde buscar, então descarregavam o caminhão. Lá onde descarregaram? Lá em frente ao armazém do campo, no mesmo lugar. Descarregaram, separaram os molhos, os montes e levaram para suas comunidades.

19:44

Mas veja que não tinha a metodologia que as pessoas têm hoje nos bancos. Cada um levava e distribuía. Como a gente não acompanhava. Nem todos os grupos que recebi eram grupos que estavam ligados ao nosso campo político. Então não tinha muito. O banco de alimentos ficou um pouco no descarregar, distribuindo igual e às cestas e levar para os...

20:13

Até então, a gente ainda, naquele momento inicial, ainda era MTD. Ainda não tinha tido racha. O pessoal da consulta ainda estava presente. Eles racham em junho, junho. O MBP fez três anos. Eu lembro, eu vou lhe dizer por quê. Porque essas iniciativas começaram, marmita, banco de alimentos, agentes populares, e há uma necessidade.

20:42

de organizar o pessoal em torno de uma discussão sobre a educação popular. Essa educação libertadora, a questão da organização popular. E a gente começa a fazer essa discussão, inclusive com a Eliane, com o Cerioli, na Periferia Viva, exatamente, em torno de junho, junho, julho de 2020. É, bem no início. Primeiro início, sim, era tudo.

21:10

Quando começou, na primeira semana de agosto, o curso de educação popular piloto foi aqui em Recife. A gente fez o primeiro aqui e depois a ideia era que fazia outro em outros lugares. Organizamos um caderno de educação popular, que o Cerioli a princípio lançou para a gente, a gente só fez ajustar algumas coisas. E foi a primeira etapa, o primeiro curso foi em Recife.

21:38

Nesse curso, início de agosto, o pessoal da consulta já não estava mais presente. Eles já não participaram mais com a gente. Você viu, era em torno de 60 pessoas que participaram do curso. Já eram os agentes de saúde, populares de saúde. Os agentes de saúde, os voluntários, que não

eram agentes de saúde, mas ajudaram na marmita no armazém do campo. Que nem sabia da existência da consulta. Que nem sabia de consulta, de racha, absolutamente nada. Eram esses movimentos que Milho Verde buscar o Mãos Solidárias. Fizemos uma inscrição e demos em cerca de 60 pessoas. Aí ficamos durante um mês. Era toda sexta-feira, se eu não me engano, ou quarta.

22:22

Uma vez por semana. Aí a gente faz uma tarde. A princípio pensamos no dia todo. E fez numa tarde. Isso já foi na segunda etapa. Presencial? Era presencial. Aí já com máscara, com essa coisa, mas a gente juntava o povo. Em agosto já tinha...

22:42

Essa questão de algumas orientações importantes. Ali em março, no março, a gente ainda estava meio que sem saber onde é que a gente ia. Foi muito importante a rede de médicos populares. Em todos os momentos, eles estavam presentes, nos ajudando a nos movimentar com a questão das máscaras, do isolamento. Fazia fila com a população de rua e tinha um distanciamento entre um e outro.

23:10

A gente escrevia no chão, botava o... Ou seja, tinha todo um procedimento que foi organizado pelo pessoal da saúde, que depois eles fizeram o curso Agentes Populares de Saúde. Então tinham essas pessoas. E eu me lembro que foi em julho, agosto, a gente começa o de Educação Popular. O curso de Educação Popular marca uma...

23:37

Problematização sobre a organicidade, ou seja, marca uma necessidade da gente aproveitar aquele momento e dar um salto na organicidade. Como é que a gente organiza esse povo assim? A organização, o que caracterizou o curso de educação popular. Já no final, a gente precisa concluir o curso com uma coordenação do Mãos Solidárias, por território.

24:06

Então, ele foi esse buscar também a organicidade nos territórios. Então, a gente já sai com a apresentação dos territórios e com Cheiro Verde, representando Brasília Teimosa. Feijão representou a Paulista na cozinha de lá. Ainda não era a cozinha, mas era banco de alimentos. Depois nasceu a cozinha. Mas era uma ONG que já existia lá.

24:34

Porque muitos trabalhos já existiam. O Flau já existia antes do Mãos. O Mãos agregou muita coisa que já existia, mas estavam localmente isolados. Naquele trabalho de organização popular. Ele juntou-se, né? Ele juntou-se. Agora, com o andar da carruagem, a gente também faz um trabalho de base de novas células.

25:01

Então, a gente tem organizações que já existiam, vamos dizer que é 80%, não fomos nós que criamos, elas já existiam de forma isolada, localizada, com uma discussão política interessante de esquerda, de mudança, de vontade, mas aquela coisa local, urbana, isolada.

25:21

O Mãos vem para poder juntar, é uma oportunidade de juntar isso tudo. E outras que a gente, por exemplo, você vai no Alto do Refúgio daqui a pouco. O Alto do Refúgio já foi um trabalho que a gente construiu, um trabalho de base a partir das Mãos. Não tinha ninguém, a gente entrou lá dentro para fazer a disputa e hoje a gente tem uma organização lá dentro, no bairro. Hoje é um trabalho de base permanente.

25:48

Já tem mulheres que assumem a cozinha, mas não era uma Flau, uma Cheiro Verde que vem de uma caminhada, uma Feijão de Paulista que vem de uma caminhada. Então, Mãos Solidárias oportunizou tanto quem já tinha história como para construir novos. E assim, que é importante também, eu só vou passar. Então, caracterizei o curso de educação popular.

26:17

A gente finaliza esse ano com um planejamento onde já ganhamos uma identidade de Brigada. Aí nasce uma identidade de Brigada. Brigada Dom Hélder. Da Brigada Dom Hélder. Eu acho que se não tivesse acontecido a questão da consulta, talvez, mas aí ninguém não precisa pensar sobre isso. Mas eu não sei se seria uma Brigada do MST, entendeu?

26:43

Mas como a gente teve esse fato político, a gente se organizou num grande coletivo chamado Brigada Dom Helder. Brigada Popular Solidária Dom Helder. A Lina Brigada Dom Helder também se juntou. A Brigada Dom Helder tem várias organizações. Várias tribos, vamos dizer assim. Várias tribos.

27:06

mas em torno do MST. É como se fosse o MST, é o trabalho urbano. Obrigado. Isso a gente ainda era uma coisa de muito se perguntar. Não estava pronto. Isso foi uma construção de muito resultado do que estava apostando politicamente em nosso campo e também decisões políticas que a gente vai coordenando isso. Então, esse primeiro planejamento no início de 2001 foi muito importante.

27:36

E a gente passou praticamente o ano de 2021 buscando essa organicidade, continuando, cozinha, aí nasce. 2021. 2021, nasce as cozinhas, a metodologia das cozinhas, e já começa a nascer aquela questão da rede, que não é uma cozinha isolada, mas é rede de cozinhas, rede de hortas, rede de banco de alimentos, ou seja...

27:59

A organicidade vai ganhando forma. Você tem uma cozinha num determinado território, mas ela não está isolada. Ela está ligada a uma política de uma rede de cozinhas populares. Você tem uma horta, muitas hortas já existiam, não foi fruto da gente. Outros fomos convidados a construir. Você vai à rede de hortas.

28:27

comunitárias, populares agroecológicas, agora a gente chama assim. Aí entra o tema da agroecologia, vai se somando nesse andar esses anos todos. A gente vai afinando as metodologias dessas linhas, a gente chama linhas de eixos de atuação. Aí entra saúde.

28:49

Entre na alimentação. Na alimentação entra na cozinha, banco de alimentos, horta e o roçado. Aí no eixo da educação agora está entrando uma jornada de alfabetização. Nenhum eixo da saúde entre os agentes populares de saúde. Então a gente se organiza por eixos e dentro dos eixos tem as atividades, as atuações.

29:12

Aí a gente vai organizando assim. Então, esses anos, essa busca na organicidade, né? Até que a gente ganhou esse ano uma ser uma Brigada do MST, Brigada Recife. Agora, esse ano? Esse ano. Agora, no início do ano, no encontro estadual do MST. E daí?

29:33

Aí se fortaleceu mais ainda o vínculo com a organização, que a própria organização também nos estranhava. Mas aí agora, como já é um salto na história, do ponto de vista do tempo, mas aí agora como brigada, como é MST daí? Nós aqui somos MST. Mas aí as tribos são só uma agora?

30:01

Mão Solidária está ligada ao MST. É uma brigada, Recife. Mas dentro da Mão Solidária você tem infinitas organizações. É uma coisa que a gente... Não é muito... Usual. É tão novo. Deixa eu mandar aqui o... Tá bom então, depois nós vamos continuar conversando. Pronto, a gente continua conversando.

4.5- Entrevista com Napoleão (Coentro), Olinda, 02/04/25.

Você faz a pergunta e eu me abro. Então, Coentro, você pode contar aqui como é que começou esse processo do Mãos Solidárias, especialmente nessa relação dos assentamentos, da produção de alimentos para aquilo que depois a gente conheceu como cozinhas, num passo bem posterior, mas bem antes.

00:29

Como é que começou essa relação da produção, da distribuição, a logística dos alimentos até chegar para quem estava passando fome naquele período da pandemia aqui em Recife? Bem, companheiro Flávio, a gente começa, eu costumo até falar, toda vez que eu vou me referir a isso,

00:54

Falar sobre isso, a gente começa com 50 quentinhas, né? Para o pessoal entender a dimensão que tomou. Mas 50 quentinhas, que são aquelas quentinhas de isopor de hambúrguer. Sim. Na época, a gente percebeu que aqui no centro do Recife, basicamente, como todo mundo falou na época, de lockdown, não tinha ninguém. E quem tinha era o povo que estava em situação de rua. Esse povo não tinha nem a quem pedir. O armazém parou naquele momento de auge, né?

01:22

das festas que tinha, tudo. Fechamos o armazém e a gente viu que o povo que estava pela rua, aqui na Rua do Imperador, Martins de Barra, hoje aqui no centro do Recife, ficaram sem ter a quem pedir ajuda, comida, o que for. E daí a gente pegou nossa companheirada que estava no armazém, fazia o armazém funcionar, da brigada, tudo.

01:47

E como a gente não sabia que doença era essa, a gente até disse, quem quiser voltar para os seus acampamentos e assentamentos, que voltem, mas quem puder ficar, a gente percebeu que tinha que estar aí a precisar de ajuda, e vamos fazer umas quentinhas para esse povo. E daí começa todo o processo, a cozinha-mãe, que é o armazém do campo onde a gente está aqui agora, essa é a cozinha-mãe, sempre foi desde o início, a gente preparou, na época foram 50 quentinhas só, que não deu nem para o cheiro, acabou rapidinho.

02:16

E aí a gente começou a ver que vamos pedir ajuda, vamos. E aí foi que começou a vir dois assentamentos, o help, a ajuda, e dois até acampamentos, do que o pessoal, do pouco que se plantava em alguns acampamentos. E você sabe, assim, lembra, de que assentamento e que município? Che Guevara, que é em Moreno.

02:44

Cheguei a região da Galileia, Vitória de Santo Antão também ajudou muito, entendeu? Caruaru, que é Normandia, né? Aí vamos lá para Santa Maria da Boa Vista, com assentamento Aquários, dentre outros que eu posso citar, eu não vou lembrar agora, Safra também. E a gente começou a pedir ajuda dentro dos assentamentos, tudo.

03:11

Tinha até a dificuldade de circulação de carro, porque para andar com carro na rua tinha que ter liberação no painel ali para chegar até aqui. Mas a gente, na logística de combustível, tudo isso, a gente começou a quem é que pode ajudar. Aí se adentra também na época a arquidiocese de Olinda e Recife.

03:41

que é a igreja católica aqui. Outro grupo que era um pessoal que já fazia doação de alimentos antes da pandemia, mas que de repente também pararam porque o medo de ficar doente. Mas a gente começou a pedir ajuda, que é o pessoal do Samaritanos. São vários carros, várias pessoas individuais que se juntaram e vieram também para ajudar aqui nós.

04:05

no que começou a chegar nos assentamentos. E o que Milho Verde dos assentamentos? Aí Milho Verde o produto in natura de macaxeira, Milho Verde inhame, hortaliça de tudo quanto é tipo, alface, jerimum, entendeu? Era o que Milho Verde dos assentamentos. No começo até a gente conseguiu que viesse também um pouco de feijão, mas mais os tubérculos, que era o que a gente mais tinha, macaxeira, inhame.

04:34

jerimum. E a gente começou a pedir também aqui ajuda a 300 pessoas pra ter esse produto, mas ter o feijão também, ter o arroz. Proteína. E a proteína que sempre foi a maior, com maior dificuldade até hoje. Continua. Continua ainda. Até hoje a proteína, pra você ter uma ideia, a gente tem as cozinhas hoje e eu posso falar que estão abastecidas com feijão, com arroz, com óleo. Mas a proteína é aquela coisa que vai chegando.

05:04

Devagarinho. Exatamente. Ou tem que comprar. Ou tem que comprar, ou a gente destravar o processo, no caso, dentro da Conab, hoje, tem muito produto de proteína, mas está travado na burocracia para sair. Mas voltando àquela época, a gente... Começou as campanhas de... Hã? Naquela época, vocês começaram a fazer campanhas para...

05:30

pedir ajuda, dizer gente, a gente começou com 50 e olha aqui, a gente mostrava mesmo, aqui a frente enchia de gente, enchia de gente aqui, a ponto da gente alugar disciplinador para organizar a fila, fila com 1.500, 2.000 pessoas aqui, e chegando nos assentamentos, ao mesmo tempo o povo se vendo solidário, chegando de máscara, luva, com medo, mas chegava aqui o povo, o pessoal da sociedade mesmo.

06:00

Cada um que de alguma forma, pessoa, como é que se diz física, mas que viu a gente começando a fazer, a própria imprensa. Voluntários. Voluntários, mas começou a chegar, foi chegando. A coisa foi tomando um tamanho que só para quem realmente pára para ver. Teve várias ações nossas, de produtos nossos, a gente encheu a ponte, Maurício, de Nassau aqui.

06:26

A ponte tem o quê? A ponte tem os 800 metros, que é essa ponte aqui em frente do armazém. E a gente botou 50 toneladas de alimento na ponte, né, que escrevemos, né, fotos aéreas, tudo, né. A gente foi até, teve pessoal da direita que vieram questionar por que a ponte é patrimônio, né. Histórico. É, mas não teve nada. Aí vieram dizer, não, mas...

06:53

A gente foi até chamar a atenção pela prefeitura, porque a gente ia ser chamado. Bem, resumindo, não teve nada. Não só na ponte, que a gente até disse na época. Cara, todo mundo achou a relação fodacha aqui. Mas claro, evidente que vocês fizeram tudo dentro da legalidade. Tudo tranquilo, mas teve quem quis, de alguma forma. Porque parece que quando você faz o bem, principalmente a gente, nós no movimento, sempre vai ter filho da mãe para...

07:20

E várias vezes que a gente começou durante a pandemia, quando a gente percebeu que tinha muita gente que estava saindo de suas comunidades, não só o povo da rua que estava aqui no centro, mas estava o povo como viu aqui, começou a vir dos bairros do Recife, o pessoal começou a sair do Ibura para vir para o centro, porque sabia que tinha comida aqui, que Milho Verde dos assentamentos, o pessoal começou a sair do Brasília Teimosa e Milho Verde para cá pegar comida, mães, e aí o pessoal que ficou desempregado.

07:49

começou a dizer, lá tem comida, vamos lá. E, cara, aí a gente começou a ver que, assim, a gente trouxe um mundo de gente para cá, porque estava tudo parado. E tinha um risco também do povo estar saindo de suas casas para vir para cá. Também tinha esse risco, porque a doença

ninguém sabia. A gente com as filas enormes aí, com álcool na mão, máscara, luva, todo aquele preparo. Mas uma multidão de gente. É, para tu dar conta disso, só Jesus na causa.

08:19

E a gente, quando chegavam os caminhões dos assentamentos, o que a gente fazia na logística? Vamos organizar. Então todo mundo se preparava para a gente fazer o descarrego dos carros, a separação dos alimentos. Tinha os voluntários aqui dentro que essa cozinha aqui ficou pequena. O armazém ficou pequeno para uma cozinha tão grande, com fogão industrial à torto, as freezers.

08:43

Aí a escala de quentinhas da 50... Aí de 50, hoje é mais de 3 milhões, aí foi subindo para mil, para duas mil, para três mil... Por dia? Por dia, por dia. Café da manhã, mil e quinhentas, almoço e jantar, mil e quinhentas, então assim, era comendo. E a comida estava vindo toda de doação? Toda doação, entendeu? Mais uma vez digo, dos nossos assentamentos, os tubérculos geral, hortaliças, e o que a gente tinha, e até...

09:12

Proteína em forma de frango, quando se tinha, sabia que tratava todo mundo também. Mas chegou a ajuda que, coincidentemente, hoje, hoje, no caso não é lá, né? Hoje esse produto chega às cozinhas através do PAA, que é o Programa de Aquisição Alimentar, que o governo federal compra das nossas cooperativas. Foi até, acho que, abriu o pote também para mostrar o trabalho que o movimento já Milho Verde fazendo.

09:40

É que nesse período da pandemia nós estamos no governo Bolsonaro. Exatamente. Não tinha P.A.A Pelo amor de Deus, ajude. E nem do governo estadual. Também não. Agora foi chegando gradativamente, porque a mídia local, até cito as grandes emissoras aqui, que viram... Porque sabe que até para aparecer coisa do MST em TV grande...

10:06

Tem aquela agonia toda, né? Eu me lembro que meu dirigente, Macaxeira, o Paulo, tinha situações que eu tinha que ir pra reunião, ele sempre falava, ele frisava isso, Napô, vai a paisana. A paisana é sem camisa, sem boné, coisa que eu abomino isso. Era quem fazia, era quem fazia chegar, mas a gente tinha que ir pra algumas situações de não falar do MST, só depois que quem tava na reunião que ajudava dizia...

10:34

Tu não é do MST, cara? É, não, aí vai vir acontecer, aí eu tive muitas ações dessas de participar de reuniões de pessoas que queriam ajudar e ajudavam, mas depois viram o Coentro, eu não sabia que ela tinha o MST a ver, mas gostei, entendeu? Então até isso também, eu, digamos assim, vivi esse momento também, até hoje eu venho com o Paulo. Então, Coentro, aí, aqui no armazém do campo, começa...

11:03

como se falou aí, 50 quentinhas, em pouco tempo vai a 3 mil. Exatamente, por dia. E aí, vamos dizer assim, a propaganda, enfim, a conversa vai se espalhando, né? E o povo das vilas longe até, né? Exatamente. Brasília Teimosa. 29 quilômetros daqui. Eu fui lá conhecer longe, então o pessoal Milho Verde aqui buscar a quentinha.

11:33

Aí chega um momento aí que vocês percebem também que isso aqui não tem condições de... De ficar tudo aqui. De ficar tudo aqui. Como é que vocês... Vamos dizer assim, como é que esse processo vai da cozinha-mãe, que é aqui, né? Isso. Vai procriando filhos e filhas. Aí a gente foi, né? Tinha a campanha do PIX, da Associação da Juventude Campanha do Nordeste Terra Livre.

12:02

que é a associação a qual a gente vinculou esse Pix para arrecadar fundos, para agora não só comprar proteína, fazer o alimento funcionar aqui, pagar combustível dos caminhões que Milho Verde de assentamento, fazer toda a logística funcionar, mas vamos abrir cozinhas nas comunidades. Que daí surgiu essa ideia. Isso mais ou menos no tempo, quando foi isso?

12:29

Do início, digamos assim, a 50 quentinhas, mais ou menos, nós estamos no início da pandemia, lá por março de... 2020, né? Março, abril de 2020. Aí, 2021, final de 2021 para 2022, a gente nesse pique de funcionando aqui, funcionando aqui. 2020, 2021, ficou tudo aqui. Ficou tudo aqui, entendeu? Até que a gente começou a abranger e vamos abrir uma cozinha.

12:56

Aí Milagres, a Frei Beda, que é o Flau. Nas Palafitas também, que ainda foi durante a pandemia que a gente tava lá com o povo, né? Dentro das Palafitas. Olinda, a gente começa a trabalhar na Vila Manchete também, né? Tá indo pra outro, assim, não é Recife, mas nos dois bairros.

13:23

que começaram, né, essa coisa das cozinhas saírem do centro e colocar em algumas comunidades. No final, 2021, passamos aqui um ano e meio, quase dois aqui dentro, nesse pique. Nesse pique de produção acelerada. Exatamente, de produção acelerada. Além das filas que tinham aqui, também Milho Verde vários companheiros, até o meu Celtinha, né, que é um carro que eu tenho, eu saía também.

13:53

A gente saía até Jaboatão dos Guararapes, nos carros, abastecido com alimentos, cheião mesmo, e eu ia para o lado de Olinda, até o Janga, que é Paulista. Passa Olinda, Paulista. A gente saía fazendo uma rota aí, Casa Amarela, Jaboatão, Paulista. Para distribuir? Para distribuir para quem estava em situação de rua.

14:15

Ah, quentinhas distribuíam. Exatamente, as quentinhas que eram feitas aqui, entendeu? Levavam para lá. Levavam para lá. A gente sempre tinha os carros que faziam esse esquema e eu cuidava dessa logística de arrumar voluntários com carro também e que topassem, porque ninguém queria estar muito na rua. Era tudo voluntário, o trabalho e a gasolina. Tudo voluntário, trabalho e gasolina. Quando não, o cara dizia, pô, eu tenho carro, eu não tenho gasolina. Entrava outro voluntário, doadores.

14:43

Que eu dizia, gente, tem um carro, mas não tem combustível. Tem como colocar? Tem. Bota lá. Bota lá. Então a gente saiu fazendo essa corrente do bem, digamos assim, que eu até brinco, eu até digo, até hoje ela funciona. Como a gente falou da questão das proteínas, que é a maior dificuldade nossa, mas vez ou outra uma cozinha pede e ajuda. Entendeu? Pô, aí eu tenho aquelas pessoas que a gente, os amigos que a gente tem.

15:11

que tem uma condição melhorzinha, que sempre ajudam, entendeu? Os petroleiros, por exemplo, a FUP e o sindicato dos petroleiros Pernambuco e Paraíba, que desde o início foi quem deu todo o gás de cozinha e foi um convênio que até hoje ele existe, entendeu? Através do Sindipetro. O Sindipetro ajudava com o gás todo.

15:38

Tudo. Até hoje ele funciona. O companheiro que faleceu, Luiz Lorenzon, grande companheiro nosso aqui. Petroleiro? Petroleiro ele. Estava liberado para fazer o seu trabalho sindical e durante o governo Bolsonaro ele teve que retomar o trabalho na plataforma de petróleo lá no Rio. Infelizmente, embarcou do Rio para a plataforma, no meio do caminho teve um infarto. Infarto? Foi.

16:06

Infelizmente. A cozinha da Vila Manchete chama-se Luiz Lorenzon, em homenagem a ele. Só para você também lembrar e citar, mas é isso. Na verdade, do ponto de vista do trabalho, era voluntário, a solidariedade funcionava também como...

16:32

o método de trabalho, o jeito de trabalho e de organização. Era solidariedade para juntar alimentos, solidariedade para distribuir, solidariedade para fazer. Para entregar, para distribuir, para cozinhar, entendeu? Foi um momento que eu vou dizer, a gente não queria passar pelo que passamos, mas aquele momento de cada mão solidária, cada um que deu a mão para se juntar aqui, e isso até hoje...

17:00

Tem o grupo que muitos ainda estão sempre ajudando uma cozinha a outra, fazendo funcionar, entendeu? Graças a Deus. Dessa campanha, dessa organização, ainda tem grupos que contribuem com as cozinhas? Exatamente, tem. Tem grupos que contribuem, que ajudam. Ajudam com o quê?

17:27

Ajudam com o trabalho, tanto no dia das entregas de marmita, para ajudar a cozinhar, organizar, né? E viver aquela coisa presente mesmo. O que era aqui todo santo dia, naquele número de voluntários, que eram logísticos até para coordenar, para a gente ter gente todo santo dia aqui, durante a pandemia toda, e também não alcançar todo mundo. Então, tu vem esse dia, tu vem aquele dia, tu vem aquele dia, a gente sempre fala que é assim.

17:56

Você se doe um dia só de sua vida, a gente sempre tem a gente doando. Seja trazendo comida, seja o trabalho presencial, botar a mão na massa mesmo, entendeu? Mas tinha que ter uma organização, porque assim como Milho Verde uma porção de gente aqui, de voluntária, aparecia...

18:19

Aí a gente tinha as triagens, né? Que a gente botava as mesinhas todinho ali. Eu trabalho com produção de eventos desde que eu me entendo com o dinheiro, desde dois, vinte anos. Então, uns trinta anos de produção, sempre trabalhei, também gostei muito de trabalhar com isso. E eu até brinco e digo, eu adoro resolver problemas. Então, o problema é chegar um mole de gente, não vamos sentar. Eu me lembro que Paulo também tem um vozeirão também, jeitão e tal, a gente...

18:46

Eu vi aquele, calma, vamos aqui, quem é voluntário pra cá? Entendeu? Aí você fazia uma triagem. Aí fazia uma triagem. Tu faz o que? Tu quer ajudar com o homem, exatamente. Tinha aquela triagem. Meio que diariamente. Diariamente. Porque aparecia gente nova. Todo dia aparecia gente nova. Nova, é? Exatamente. Todo santo dia. E até os que já estavam aqui, que convidavam outros, que aí era aquela, entendeu? Bola de Neve.

19:12

tinha que ter uma forma de organizar, né? Senão também vira um tumulto. Exatamente. E até, digo, num método que o MST tem, a gente tem um método organizacional que até hoje também, com mais que eu tenho, tem grande produção de evento, mas o MST me ensinou muito essa questão de vamos lá, como faz, como resolve. Entendeu? Um exemplo disso que eu tive foi um outro assunto, mas...

19:40

no Encontro Nacional da Cultura pela Reforma Agrária, que a gente fez na Universidade Federal de Pernambuco aqui, onde Jaime Amorim, me contrata assim, na pô, tu vai assumir a direção de produção geral do evento. Eu até disse a Jaime, então vamos contratar produtores para trabalhar comigo. Não, você vai coordenar nosso povo. Tá bom. Então, aí foi que eu tive a maior... Eu conto isso, eu dou uma oficina de várias coisas, eu também conto muito isso.

20:08

como o MST tem essa organicidade dentro do movimento para fazer funcionar. O que eu dizia para os companheiros, a coisa era realizada, parecia que a gente já trabalhava 10, 20 anos. Já tinha incorporado o método. E aqui funcionou dessa forma, como a gente atua nos nossos assentamentos, acampamentos, é isso. E aí, então, nós estávamos...

20:35

no tempo histórico, assim, no fio histórico, que saiu, vamos dizer assim, a cozinha mãe, né? De certa forma, parou, né? De ter... Teve um momento que parou aqui as quentinhas e foi pra lá. Parou? Parou aqui. Parou aqui e foi pra... Pra as comunidades, isso. E até cá, no caso eu falei da arquidiocese... Ei! Da arquidiocese, vamos parar aqui pra gente seguir? Tô indo!

21:05

Beleza!

Cozinha Solidária Vila dos Milagres – Bairro Ibura – 31/03/25

4.6- Entrevista com Juscileide Lins da Silva (Milho Verde) e Eron (Eronildo)

00:00

Então, você pode se apresentar, dizer o seu nome, e aí depois a gente vai fazer umas perguntas e a nossa conversa vai rolar. Isso. Então meu nome é Josileide, sou conhecida por Milho Verde e coordeno a Cozinha Popular Solidária de Vila dos Milagres, Ibura. Aqui é o bairro Ibura também? Ibura, isso. Então, estamos no bairro Ibura e Milho Verde.

00:30

Falando desse trabalho aqui, como é que começou esse trabalho? Quando, como? Aquilo que você se lembra em relação especialmente ao início desse trabalho aqui da cozinha. Então, iniciou a pandemia, né? Com a cozinha-mãe lá no armazém do campo, no centro da cidade do Recife.

00:59

Foi quando só faziam as marmitas com o pessoal de situação de rua. Fazia as comidas e entregava o pessoal de situação de rua que estava ali, com uma pegada de pandemia, o pessoal tudo vulnerável na rua, sem ter o que comer. Então, foi quando a gente colocou a vida, entregou a alma na mão de Deus e fumo para ir à rua. Fazer e entregar marmitas para esse povo.

01:26

Mas aqui vocês... Mas não demorou do tempo, quando chegou o lockdown, que a gente estava mais razoável, você poderia já sair de casa, a gente também viu que a necessidade não estava só ali, no pessoal de situação de rua, mas também aqui das nossas periferias, das nossas favelas.

01:51

Dentro das comunidades também havia pessoas que eram isoladas, sem emprego, sem renda e também passando fome. Foi quando a gente colocou o banco de alimentos dentro da comunidade, que Milho Verde dos assentamentos e dos acampamentos, que Milho Verde a macaxeira, o inhame, a batata, a melancia, o jerimum, a cenoura. E a gente pegava lá ...

02:14

no armazém do campo, onde tinha cozinha mãe, e a gente trazia para as comunidades, onde dividia o alimento e entregava a cada família para que eles pudessem fazer o seu próprio alimento em casa.

E como é que vocês entraram nesse... Nesse trabalho aqui, vocês estão lá no armazém do campo? A gente ia lá no armazém do campo, porque assim, a gente já começou, como a gente não tinha cozinha... Antes de ter a cozinha? Antes, a gente não tinha cozinha, a gente... Tinha o que aqui? Tinha só os bancos de alimentos. Ah, tinha banco de alimentos. Aí o que acontecia? Então a gente ia buscar esse alimento lá, mas também a comunidade tinha uma tarefa também de...

02:55

de tirar quatro, cinco, seis pessoas. E tinha um calendário que a gente levava para a cozinha do armazém, onde essas pessoas que eu sou, estou ajudando a fornecer marmitas e entregar marmitas também. Então, vocês também ajudaram a fazer marmitas lá no Armazém do Campo, antes de ter a cozinha aqui? Antes de ter a cozinha. E cada comunidade tem o seu dia específico de ir lá no armazém, dar sua contribuição. Ou cozinhando.

03:24

ou entregando ou lavando as panelas. Mas a gente está lá, levava o pessoal da comunidade para ajudar nessa tarefa de fazer o alimento e entregar para o pessoal em situação de rua. A gente foi um bom tempo com o nosso banco de alimentos, que ainda existe o banco de alimentos ainda. Aqui também tem ainda o banco de alimentos. E quando foi em maio...

03:52

de 2022. Maio de 2022. Isso. Foi quando houve fortes chuvas aqui na região metropolitana do Recife, onde vários morros eles desceram e onde várias famílias ali foram soterradas, né? Aqui mesmo, nessa comunidade que você está, nós temos 17 pessoas soterradas. Aqui do lado, sim. Aqui que veio a óbito, né?

04:17

E chegou a ser encontrado? Não. Encontradas foram. Todas mortas. Todas mortas. Deslizou o morro? O morro desceram com as casas. Com tudo. Então foi o momento que a gente... Se viu o desespero, então a gente viu a necessidade de, imediatamente, a gente montar uma cozinha, que era também para dar uma assistência ao pessoal da comunidade que estava desabrigado e também dar uma assistência ao corpo de bombeiro que estava ali resgatando aquele povo, né? E a gente montou uma cozinha onde a gente fazia por dia 3.200 marmitas.

04:55

Aqui. Aqui, nesse espaço que a gente está agora, não. A gente tem um espaço aqui, que era o espaço da igreja presbiteriana, que foi liberado pelo pastor Reinan, para a gente ficar lá, se organizar e montar essa cozinha. A gente ficou com essa cozinha aqui, com o pastor Reinan, que ele se deu para nós, a gente ficou numa meta de uns 4, 5 meses.

05:19

Em 2022? Em 2022, a gente fazendo marmitas e entregar, porque a gente só não faz marmita para o pessoal aqui, da comunidade que nós estamos hoje. A gente faz para as comunidades vizinhas. Ah, para mais comunidades. Para mais comunidades. 3.200 marmitas a gente faz. A gente faz para o Sapo Nu, para o Ibura de Baixo, 27, o R3. Por dia? Por dia, a gente faz por dia. A gente conseguiu...

05:48

se organizar. A gente tinha uma equipe que cozinhava que fazia o café da noite, a gente tinha uma equipe que fazia o café da noite e tinha outra equipe que fazia o café da manhã. A gente tinha um grupo de WhatsApp de pessoas voluntárias, que eram pessoas que se disponibilizavam, que isso eram pessoas de movimentos sociais, pessoas de comunidade também, que se apresentavam também a estar nesse engajamento, né? E também a gente, o Mão Solidária também, aí a gente se organizava, tinha gente que tinha carro, aí essas pessoas que tinham carro levavam para mais longe, porque tinha algumas vezes que marmita para chegar até...

06:29

A outra pessoa lá do outro lado tinha que ter barco para poder ir. Então o carro chegava até certos pontos, aí lá o barco pegava. Aí tinha a comunidade que tinha que levar mesmo a marmita na mão, com água na cintura, para poder alimentar aquelas pessoas que estavam ali ilhadas. E a gente foi assim há uns 4, 5 meses. Quando foi mais assim, a situação foi se organizando, né? Foi mais se organizando um pouco.

06:58

Foi quando as escolas começaram a botar as aulas e tinha que se organizar e sair desse espaço, porque esse era um espaço também que é utilizado como sala de aula. Onde vocês estavam, na cozinha? Onde estávamos, sim. Aí a gente, um companheiro chamado Jonas, tinha uma casa aqui na Rua do Posto.

07:18

porque ele doou a casa por mais ou menos uns dois meses para a gente ficar fazendo marmitas lá, né? Só que essa casa era um espaço onde a família do Jonas fazia canjica, pamonha, no mês junino. Então eles pediram a casa. Não tinha como a gente ficar fazendo marmitas e eles também fazendo as comidas juninas dele. Então foi onde que bateu mais o desespero, né? Era onde as pessoas chegavam, choravam.

07:44

E diziam que não queria que a cozinha fosse embora dali. Porque era da cozinha que ele levava o alimento pra sua casa, né? Muita gente passando fome aqui? Muita gente passando fome. Tem gente aqui que vive vida de miséria. É. Tem gente aqui que você chegou aqui, você vê que tá bonitinho aqui. Você passa no mel a seus pés de lama. Mas se você entrar aqui mais um pouco, você vai ver que as pessoas moram dentro do lixo. É. Moro dentro do lixo. E muitos tiveram que voltar pra sua casa. Porque...

08:12

Não há condições de pagar um aluguel. Porque numa comunidade dessa que a gente está aqui agora, não tem um aluguel mais barato do que 500 reais. E o que a prefeitura dá é 300 reais? A prefeitura dá 300 reais de auxílio. De ajuda moradia. Isso. Dá 300 reais.

08:32

Mas aqui é 450 e 500 reais o aluguel. Então, você vem ou você paga o aluguel. A maioria das pessoas aqui são mães solo. Mães sozinhas? Muitas mães solo. E é mãe que não só tem um, dois, três filhos, não. É oito, é nove, é dez, é onze. É muita criança.

E a situação de trabalho: essas pessoas não têm? Não tem, não tem. Precário? Precário, né? Mora dentro de uma favela.

09:00

Periférico. Mãe só, não tem com quem deixar as crianças. São pessoas rejeitadas na sociedade, que a gente não tem um espaço no meio do trabalho, não tem esse espaço de ter essa oportunidade. Porque mora dentro de uma favela, não tem estudo, porque o governo não dá a possibilidade dessas pessoas se alfabetizarem e poder ter uma escolha e um momento de vida melhor.

09:26

Eu queria, retomando ali, como é que vocês, ali já na pandemia, como é que teve a relação com o Movimento Sem Terra? Porque o Armazém do Campo, a gente sabe que ele é um espaço que é dirigido pelo Movimento. Isso foi isso, o MST foi.

09:48

O MST foi uma valia muito grande. Mas tinha gente trabalhando aqui do movimento antes? Sim, sim. Quem entrou foi o movimento. Quem entrou na comunidade foi o MST junto com a Mão Solidária. Foi o MST. Já estava aqui antes da pandemia? Estava, sim. Porque todo o processo foi no período da pandemia. Foi tudo onde começou. Foi tudo dentro da pandemia. Como é que vocês se acharam, vocês e o MST?

10:17

A gente se achou dentro do MST quando a gente viu a questão das marmitas, quando a gente viu, porque teve o curso também, teve os cursos de agentes populares de saúde, que era o povo cuidando do povo. O MST, junto com a Mão Solidária, entrou nas comunidades para trabalhar com as pessoas ensinando como se proteger, como um cuidar do outro.

10:42

Porque não tinha ninguém que entrasse nas comunidades para nos orientar. O MST também doava alimentos de acampamentos, assentamentos trazidos para nós das áreas de periferia. Você se lembra daquele tipo de... Sim, sim. Batata, macaxeira, galinha caipira. Era isso. Porque quem sustentou mais... Quem sustentou na pandemia...

11:12

O pessoal das periferias e pessoas moradoras de rua foi MST, com doações. E também a Ação em Cidadania, com as doações de cestas básicas. Também foi muito presente. Ação em Cidadania com doação de colchão, com doação de bujão de gás, com doação de cesta básica. A Ação em Cidadania foi muito presente.

11:40

Você estava falando antes do trabalho de todas essas pessoas que se envolveram nesse trabalho. Era trabalho voluntário. Tudo voluntário. Até hoje ainda é tudo voluntário. Hoje quem move a cozinha, quem gira a cozinha, no fazimento das marmitas, são as próprias pessoas que moram na comunidade.

12:08

A cozinha, então, você tá contando aí? Começou na igreja? Começou na igreja, né? Aí foi pra casa e depois da casa que daí deu um... Aí foi o processo. Aí o pessoal, essa cozinha não pode ir embora. Essa cozinha não pode ir embora. Essa cozinha tem que ficar aqui. Porque é daqui que a gente tira a comida dos nossos filhos pra levar pra casa. E eu fiquei desesperada, sabe? Eu disse, meu Deus, o que é que eu faço agora?

12:38

E não tinha espaço, a gente não tinha outro espaço. Eu disse, não, vou montar aqui em casa, a cozinha. Aí eu montei nesse terraço aqui. Era a freezer aqui e o fogão aqui. E eu coloquei uma lona preta para proteger do vento e fazer a marmita e entregá-la. Aqui nesse espaço? Nesse espaço aqui, nesse terraço aqui. Montei aqui. E depois aí eu fiquei olhando assim para dentro de casa, né?

13:06

Aí eu olhei pra todo dia, olhando assim. Ali ali na cozinha era um espaço dele colocar o carro. Uma garagem? Só que ele... Só que ele... Até hoje estou dormindo na chuva. Foi despejado? Só que ele trabalhou com eólica. E ele passou dois, três meses pra poder vir em casa.

13:29

Aí eu disse, a cozinha vai ser aqui mesmo. Enquanto ele está fora? Aí ele tava fora, não disse nada. Aí com doações do Mão Solidária, que essa cozinha lá foi construída, a maior parte dela foi do Mão Solidária. E também teve algumas doações de outros parceiros, de outros amigos. Mas na parte de infraestrutura, dos materiais? Isso, de materiais, de tudo. Panela? Não, isso aí veio de outra doação, né? Pra montar, já foi outro processo, né?

13:58

Tinha que fazer reforma também? Era porque a gente já tinha, né? Porque essa cozinha, essa cozinha, antes de nós ter essa cozinha aqui, tinha a cozinha do armazém, que foi a primeira que fez. Aí também teve uma cozinha da Palafita.

14:18

Em Brasília Teimosa. Na Brasília Teimosa ali, teve a cozinha da Palafita, teve a cozinha da Palafita. Aí na chuva pegadona foi que organizaram a cozinha no imediato e botaram aqui. E essa cozinha está aqui. A cozinha veio para aqui. A gente ficou aqui no espaço da Igreja Presbiteriana, ficou lá. Aí foi quando eu disse que vai ser aqui e meus parceiros junto com Mão Solidária.

14:45

Construíram esse espaço. Quando já estava quase pronto, foi que eu avisei a ele, né? Disse para ele que a gente... Aí quando ele chegou, eu disse a ele, ele ficou bravo (marido Eron). Ele disse que ia botar o carro na sala e outra hora dizia que ia botar o carro no quarto. E foi um processo

mais trabalho de conciliação e demonstração para ele que está precisando da nossa ajuda. E o que eu consegui, que o meu coração falou...

15:14

foi que fez essa cozinha aí, para que pudesse ajudar essas pessoas que estavam lá vulneráveis. Então, a cozinha aqui se estabilizou mesmo a partir do final de 2022? Isso, foi. No mesmo mês foi que a gente veio para cá. A gente tem cozinha na comunidade, vai fazer dois anos agora, dia 22 de maio.

15:40

De 2025, faz três anos. E a gente tem uma cozinha que é atuante. Desde esse período, ela funciona diariamente. Diariamente continua funcionando? Continua. Hoje funciona? Hoje não. Ela funciona três vezes por semana. Ela era para funcionar hoje. É segunda, quarta e sexta. Mas a gente está sem mantimento.

16:04

Porque a gente está esperando, a gente está sem proteína, a gente está sem nada, a gente está esperando, aí vem o PAA, né? Esse PAA, que é o Programa de Aquisição Alimentar, que a gente está esperando para vir, para a gente poder botar. A gente estava também com esses 2,40, né? Que o governo estava dando, mas crisou com esse processo aí que aconteceu de marmitas fantasmas, né?

16:29

Já apareceu isso aqui? Isso é só um processo de... Foi só um... Foi só um procurado, né? Porque assim, meu nome Joseleide tava aqui, Joseleide tava aqui, mas meu CPF tava aqui. Então não tinha como ser meu CPF, então meu CPF já batia com o nome que estava embaixo que ia dar errado.

16:50

Foi só essa questão, porque a questão da organicidade, né? Porque o povo que mora na periferia não tem essas coisas de coordenação motora. E também, assim, bota aqui seu número, né? A gente dá para as pessoas botarem, porque é um processo muito difícil, muitas vezes, e humilhante que eles fazem, né? Porque eu acho que deveria ter outra forma dele fazer sem precisar estar pedindo documentos, né? Poderia ter vídeos, poderia ter visitado, poderia ter... Eu não acho errado ter, sabe?

17:17

Porque tudo tem que ter uma fiscalização pra ver como é que as coisas se caminham. Mas eu acho que poderia ser uma coisa mais maleável. E que poderia vir visitar de outra forma. Se tá pedindo documentos, essas coisas. Porque só vem você der um CPF. Pra poder pegar Pra pegar uma marmita, tem que você botar seu CPF normalizador.uma marmita, né? Isso também se torna muito melhor. Isso é, né? Que teve esse negócio do CPF, tá? Agora. Mas antes, na primeira listada em que deram, pediram até o CNIS. CadÚnico, aliás.

17:47

Isso aí é muita informação para uma situação. De emergência, né? Isso. Outra coisa que eu queria conversar pela experiência de vocês, que é processo todo de trabalho, de organização, ele tem muito a palavra solidariedade. Isso. Como é que vocês veêm?

18:15

na sua experiência aí, viver, o que você entende, como é que a solidariedade é uma experiência nesse trabalho aí? Eu acho que ser solidário não é questão de experiência, é fazer as coisas com o coração, sabe? É deixar que o espírito solidário lhe envolva, sabe? Que você faça isso com amor.

18:44

Que você esteja sempre acolhido. Porque nem todas as vezes que uma pessoa chega nesse espaço é porque quer uma marmita, mas também quer uma palavra amiga, quer um momento de ouvi-la, de poder dizer assim, eu estou contigo, tu não está só. Conte comigo aí que a gente

está nessa junto. É tudo uma coisa que envolve. Ser solidário é muita coisa junto. É muito conteúdo, é muita paixão.

19:14

tudo assim ali, absorvendo você. Tem vezes que você fica cansada por algumas coisas que acontecem. Aí você diz, eu vou parar, mas lá dentro de você diz assim, não, não vou parar porque não sou eu que vem. Tem várias pessoas que estão precisando dessa mão amiga, de estar ali junto, de estar fazendo a comida, de estar ouvindo. E assim, nesse trabalho, especialmente aqui na comunidade,

19:41

Relacionado diretamente com a cozinha aqui, quantas pessoas vocês estão envolvidas aí no trabalho mesmo? Hoje a gente, hoje, não foi tão fácil, né? Mas hoje a gente já está mais que organizando um pouco. Porque hoje a gente trabalha com núcleo de família. Tem núcleos? Tem, a gente tem o núcleo da família. Cada uma rua aqui, ou um beijo que tem, tem um núcleo de família. Por exemplo, tem eu e Maria.

20:08

Aí são dez pessoas neste núcleo, se formam dez pessoas. Aí esses dez, aí tiram duas. Se eu tiro duas, eu tiro Maria e Heron. Então Maria e Heron vão coordenar o restante. Aí tudo que vier, porque tem um PAA que é para a cozinha, só para a cozinha. Tem outro PA que é para doar nas comunidades. Então o PAA que é para doar na comunidade, aí a responsabilidade eu dou para Maria e Heron, o que vem no montão.

20:37

dividir em partes iguais para os 10 núcleos que se tem e eles vão dividir para o seu povo. Aí cada um traz sua mochila e eles têm uma tarefa de dar para o povo que eles coordenam. Aí aqui tem as pessoas que vão para a CEASA, tem as pessoas que vêm cozinhar, tem as pessoas que vêm ajudar a montar as marmitas, tem as pessoas que vêm ajudar a limpar o espaço depois de tudo.

21:04

Sabe, a gente tem essa organicidade assim, já está mais assim. E quantos núcleos temos aqui? Temos 15 núcleos de família. 15 núcleos. E Sobrano é? Porque não é só aqui. A gente já atingiu oito comunidades. Porque o Ibura aqui, o Ibura é imenso. Aqui dentro do Ibura, temos 24 comunidades aqui dentro. Ah, o Ibura é...

21:28

Dentro do Ibura tem várias comunidades. Milagres é uma. Tem o 27, tem o R3, tem o R2, tem o R5, tem o R11, tem o Ibura de baixo, tem os Montes Verdes, Três Carneiro. Isso tudo dentro. Para você ter ideia, no Ibura, a população total do Ibura chega na faixa de 150 mil pessoas. 150? Mil pessoas. Nossa.

21:56

É imenso. É imenso. É melhor para ser considerada uma cidade. É, né? É muito maior do que muitos municípios. Aqui o Ibura só perde para a grande Casa Amarela. É. Então vocês atingem 15 núcleos. Quantas famílias? Em torno de 10 famílias? Em cada núcleo em torno de 10 famílias. 10 a mais. 10 a mais? 10 famílias. E cada núcleo vai se somando. A gente fica numa situação ruim. Mas o núcleo é formado por 10.

22:28

São de dez e de cada dez a gente tira dois para coordenar. Hoje a gente já tem, a gente já fez vários cursos com elas, porque a maioria são mulheres e mães solas. A maioria? A maior parte são mulheres. E a gente já teve o curso de agente popular de saúde, a gente já teve o curso de boas práticas de alimentos, a gente teve o curso de manipulação de alimentos, a gente tem o curso do AgPOP SUS, que é agente popular de saúde.

22:58

Estamos no terceiro eixo. O terceiro eixo será sábado. E agora mesmo a gente conseguiu formar dez turmas de alfabetização aqui dentro da comunidade. Vocês estão voltando de um curso aí, né? A gente foi nesse... Pronto, a gente chegou agora desse curso aqui. E foram as coordenadoras, né? As coordenadoras de território.

23:25

Aqui vai ter dez grupos de alfabetização? Já formei dez turmas de alfabetização. Dez turmas? Dez turmas de alfabetização. Então, nós temos dez educadores da própria comunidade que vão dar aula a esses educandos. Ah, os educadores que vão dar aula são daqui mesmo também? São daqui mesmo. São pessoas da própria comunidade. A gente teve a função de uma semana e já está aí para a gente ver a data daqui entre maio.

23:53

Pra ser a formação dos educadores. Desses dez? Desses dez, dessas dez turmas. E aí vai começar? Vai ser na Normandia, que vai ser uma formação pra eles, pra eles poderem aplicar o método bem direitinho. E aí vai começar as aulas, aí depois? Depois começaram as aulas. São seis meses. Seis meses? Seis meses, pra gente acabar com o analfabetismo aí. Tem muita gente analfabeta, então? A maior parte do nosso Brasil é.

24:21

Pessoas analfabetas. O Nordeste é um... O Nordeste é forte? É forte no analfabetismo. E outro aspecto dessa população toda, de mães, solos, e são também... A cor é negra? São tudo mulher, mas negra. A maioria são mulheres negras, mulheres solos. Pessoas sem oportunidade de emprego, pessoas que a sociedade não permite. São pessoas vulneráveis.

24:49

que são invisíveis para eles. São pessoas invisíveis. O pessoal pobre e negro, que mora nas periferias, não vê visível, só serve nele em si. É porque são pessoas que não têm consciência, que não têm uma mente tão aberta. Então, por ter necessidade, se vende por qualquer valor que venha, não sabe qual é a importância do seu voto.

25:19

É isso. E outra questão que eu queria ouvir de vocês, que tem relação também com esse trabalho do Mãos Solidárias, que é a questão, já foi conversado um pouco, sobre a reforma agrária. Vocês sabiam, já tinham ouvido falar de reforma agrária? Eu já. E o que que...

25:48

vocês tinham ouvido ou como é que vocês também entendem se é importante a importante da reforma agrária no Brasil eu entendo, é muito importante porque as pessoas crizam(criticam) muito, as pessoas não, a mídia crisa(critica) muito no MST é porque é vândalo, não é

26:16

O MST é um movimento social que luta por dignidade, sabe? Ele luta pelo bem, ele luta pelo seu bem-estar, ele luta por uma alimentação saudável, ele luta para que seu filho possa ter direito a uma universidade. Porque nós moramos em nenhum país rico. Mas onde é que um filho do pobre dentro de uma favela tem direito de entrar em uma universidade aqui no Brasil para fazer medicina? Se não tiver dinheiro, né?

26:43

Só se tiver dinheiro. Muito dinheiro. É muito dinheiro. Meu sobrinho tá na Venezuela fazendo medicina, ó. É? Ah, ele tá nessas turmas agora? Tá nessa turma, foi pra Venezuela, tá fazendo medicina na Venezuela. E ele é daqui do Ibura? Ele é daqui do Ibura, meu sobrinho. Olha só. Tá lá. Através de quem? Do Mão Solidária junto com o Conselho Social.

27:05

Aqui na Universidade de Pernambuco... A gente já tem... A gente tem... O meu sobrinho foi agora. Está com cinco, seis meses, eu acho. E é nessa fase que ele está. Mas nós temos o Luan. Nós já temos uma equipe que está voltando, que se forma agora. Inclusive, o filho do Jaime

também está se formando. Você está se formando, né? Sabe? Então, o movimento para mim, o MST, é um movimento muito importante. Sabe?

27:31

e que está dando a oportunidade a nós, mulheres negras, periféricas, sabe? A fazer formação, a poder se libertar, tirar as correntes que nos prendem, sabe? Poder caminhar sozinho, deixar de ser um neném que está aprendendo a dar os primeiros passos, sabe? Que suas mães possam proteger e chegar além do horizonte. Aqui, quando que tinha essa questão da doação,

27:58

dos alimentos que Milho Verde para cá, especialmente essa questão de ser alimentos que Milho Verde do movimento Sem Terra. Isso é importante porque a gente tinha que... Mas como é que o pessoal tinha alguma evidência? Ah, porque assim, quem é da comunidade das periferias, está acostumado a receber. O que você trouxe, ele não quer saber de onde vem.

28:24

Ele não quer saber de onde vem, ele quer receber, quer levar para sua casa e quer se alimentar. Mas a gente tem que trabalhar e para que ele entenda e absorva de onde vem aquele alimento para a mesa dele. Como foi produzido aquele alimento. Por isso que hoje temos o Roçado Solidário. O Roçado Solidário também veio da pandemia. Quando a gente construiu um Roçado Solidário que foi...

28:52

Pelos meios das periferias, do pessoal da cidade. Aqui vocês têm? Ou você tem horta aqui? Não, a gente começou, mas não deu certo. Pelo espaço que precisaria de água. E aqui a gente não tinha água. A gente só tinha uma vez água. Hoje já melhorou mais. A gente já tem duas vezes água aqui. De três em três dias nós temos água. De três em três dias? De três em três dias que temos água. Chega às oito da manhã.

29:20

Vai duas embora, três anos. Isso não é o dia e parou. E terminou. Isso, e tem vezes que nem chega. Tem que nem chegar, tem que usar bomba para subir água, vai caixa. E tem vezes que eles nem ligam. Essa água que vem de três em três dias, ela vem por lá. Tá com pesar. Sim, mas ela vem, não vem em caminhão, daí vem pela... Não, ela vem por cano médio, por cano na encanação. Mas só que daí vem e para.

29:46

É, para e só três dias depois. E aqui é um absurdo para ter água. Se você tivesse feito isso amanhã, você veria como é o desespero aqui por água. Por água. Os canos estourados também. Águas correndo na rua. Cano estourado, fossas estouradas, misturados com os canos. Tratamento zero, saneamento zero. São pessoas invisíveis.

30:16

O lugar que está regularizado ou ainda está ocupado? Não, aqui está regularizado. Todo mundo tem documento. Tem documento. Tem. Todas as casas aqui têm documento. Só que não tem infraestrutura de... Não tem infraestrutura, não tem saneamento. O que a gente ainda tem coleta do lixo ainda está passando agora. A carinha com o carro de mão, né? Sai colhendo. Aí o cara sai pegando e juntando. Ó carinho de mão.

30:45

É, do carrinho de mão. Aí ele coloca, por exemplo, tem um ponto ali de colocar o lixo, de armazenar, ele coloca lá o lixo, aí o caminhão vem, coloca no caminhão e ele leva tudo. É isso, mas saneamento básico não tem. Então, de alguma forma, vamos dizer assim, Voltando ao assunto, a reforma agrária chegou aqui? Chegou aqui. Chegou aqui no Ibura? Chegou no Ibura não, chegou em vários lugares. Porque hoje a gente, quando a gente tem nossas formações, muitos se compartilham com o MST. E mesmo que não saibam nem muito a história, né? Aí quer o boné, aí a gente vai para uma... Ah, eu quero um boné, eu quero um boné do MST. Eu sou do MST. Eu sou de uma solidariedade. Sim.

31:30

São duas coisas que se envolvem e deram certo, deram as mãos. Foi a criação do Banco Solidário para chegar à alimentação na casa daqueles menos favorecidos e dos nossos agricultores do campo também, que estão lá no campo, usando sua mão de força para plantar macaxeira, inhame e batata.

31:59

E o poder também faz com que eles estejam produzindo para aqueles da cidade que não têm espaço para produzir. Sim. Que não tem espaço para produzir. E tem fome. E tem fome. O que é forte. Aí, reforçando o que o Guilherme falou, voltando lá atrás no roçado, aí criamos o quê? Criamos a situação... Os amigos nossos aqui da comunidade, que não queriam nem saber de onde Milho Verde,

32:29

a plantação, não sabia como cultivar nem nada, nós fizemos ele entender que tem todo o processo para chegar aquele alimento na pele. Aí o que acontece, nós começamos a levar esse pessoal da periferia, que envolve no roçado. Chegava lá e tinha uma pessoa para instruir, mexendo com o maquinário lá.

32:51

Alguma coisa que a gente tinha para mexer na terra. Foi o processo, né? O manual, saber como plantar. Lá a gente pode mudar. Ensinava eles a plantar as mudas. E isso aí foi todo um processo envolvendo eles, para eles entenderem como era que chegava esse alimento. Porque nem tudo é só uma cozinha, mas tudo além da cozinha também. Tem uma plantação, né? Também as formações também. Vocês estão aqui...

33:17

Lá em Moreno. Ah, lá no Che Guevara. Isso. Porque você tem que saber o processo, né? Você não tinha experiência de cultivar vocês iguais? Não, não. Porque assim, você sabe como plantar um alface. Nós sabemos, né? Nós sabemos. Agora você tem que desenvolver os outros. Assim, a gente sabe plantar uma macaxeira. Mas o processo...

33:41

Como é que você vai fazer com a terra para poder plantar a macaxeira? É só enfiar um pau lá e deixar e depois vim cá e arrancar? Não é? Aí você tem que saber, porque você tem tudo fácil. Você tem uma macaxeira que eu chego e tomo. Aí você não vai estar no fogo. Essa macaxeira é uma delícia. Você sabe qual foi o processo da macaxeira? Então se a macaxeira... Até que ela chegou aqui na sua panela. É, quando chegou na sua panela. Aí alimenta-se toda a sua família. Ah, joga fora o restante. Por exemplo.

34:10

Sim. Mas se você vai lá, se você vê o processo do trator, o processo de fazer o matumbo, o processo de botar a mandioca ao cabo, aí eu não vou desperdiçar essa mandioca que sobrou, não. Nem a casca, né? Nem uma casca. Eu vou guardar, porque sei que o processo é grande. É pegado. Tudo você tem que... Pra você sentir, você tem que viver.

34:31

Isso é importante, envolver as pessoas também, para estar ali, para saber. Vai descarregar o caminhão, vai chegar ao caminhão da Ação Cidadania de Cesta Básica, as comunidades que vão descarregar. Aí quando chega na comunidade, lá a gente descarregou o caminhão. Minha filha, não foi fácil não, viu? É pegado. Se uma pessoa não quer mole, olha o que Milho Verde faz para nós.

34:59

Não é fácil não, ninguém quer estar na pele dela não, porque eu fui lá e vi como é o processo. A gente foi essa semana, a semana passada, esse mês ainda, que hoje é o último dia do mês, a gente contou duas atividades. A gente contou uma atividade em Natal- RN, a gente foi para o lançamento.

35:22

de uns cursinhos que tiveram lá em Natal. Ah, vocês foram pra lá, né? Isso. Aí a gente levou uma pessoa da comunidade para ir participar desse lançamento. Então, eles acenderam. A gente levou pra uma padaria, aí, comendo à vontade. Na volta, a gente parou num restaurante, aí. Todo mundo ficou à vontade. Aí, quando chega numa comunidade, eles passam um pra outro. Isso foi muito bom.

35:49

Você perdeu, mulher. Você não sabe o que perdeu. Aí o homem vai... Mas menino foi muito bom, viu? Então, aí isso vai despertar um ao outro curiosidade de se juntar cada vez mais. E cada vez mais as pessoas... A gente vai nos fortalecer e eles vão mais abrindo a mente, entendeu? Quebrando essas correntes e segue. A gente também já tem alguns homens que chegam para ajudar na coleta de CEASA. Tem um homem que vai...

36:17

Aí tem uma equipe de mulher que higieniza as coisas que a gente traz da CEASA. Então, eu não sou só. A cozinha não só funciona se eu tiver. Porque é bem claro, a cozinha não é da Milho Verde, a cozinha é da comunidade. Então, para a cozinha andar, tem que ter pernas, tem que ter mão. Então, todos têm que se envolver. Eu faço minhas formações, meus cursos, vou para fora do Estado. Sim.

36:43

A cozinha é igual que gira. Se tiver com datas comemorativas, como o Dia das Manhã, acontece, aí... A cozinha continua? Continua. Continua, faz café da manhã, serve todo mundo aí, depois limpa, vira todo mundo e segue. E aí, esse trabalho funciona com os núcleos agora? Com os núcleos agora. Porque não é uma cozinha que só ela... Se eu passar um mês fora, então ela não vai funcionar. Não é a cozinha da Milho Verde? Não é a cozinha da Milho Verde, é a cozinha da comunidade.

37:12

a comunidade se envolve. E pra isso é um processo que a gente passa. Não é fácil pra gente começar a criar e ter essa organicidade, entendeu? Não foi fácil. Hoje eu não... Teve dificuldades. Hoje eu tive muita dificuldade, porque como mora nas comunidades, já vai chegar, então vai ter comida. Eu, pra mim, organizei o povo deu um trabalho. Porque eu estava lá no armazém de campo, esperando o transporte.

37:37

pra poder trazer pra cá. Não tinha uma Kombi. Não tinha a Kombi ainda, a gente não tinha a Kombi, a Kombi também. A Kombi é até um pouco de mês já, dois anos. O que a gente tá com ela? Sim. Fazer dois anos. É fazer dois anos, a cozinha já vai fazer três. Então, era um processo. Eu tinha o amor de ir buscar pra trazer. Muitas vezes eu fiquei esperando ter uma carona pra poder trazer. Aí muitas vezes eu disse, gente, vamos nos ajudar no transporte, dá um real, dois reais.

38:05

Há alguns dias, mas eles tinham a mente. Por quê? Porque eu trazia, aí eu dava aqueles que contribuíram e o resto que sobrava eu dava para quem não contribuiu. Então eles realizaram na mente. Se eu dou, eu ganhei. Se eu não dou, eu não ganhei. Então vamos trabalhar diferente para poder ter uma engrenagem para poder todo mundo chegar junto. E esse processo, porque eu estava fazendo isso, mas eu não estava conseguindo o respaldo, né? Porque de todo jeito eu estava dando a eles.

38:34

Então eu não estava estimulando nada. Não estava organizando nada. Não estava organizando nada. Desse jeito que eu estava fazendo. Como é que deram esse passo para organizar aqui? Aí foi o que eu fiz. Aí eu aprecio, aí eles davam tantinho, aí eu ainda pegava o meu dinheiro que

ele me dava para fazer a feira de casa. Eu completei com o menino aqui, que ele cobrava cem reais.

38:55

Pra ir buscar. E eu vou buscar. Aí eu fiz a fila aqui, você fez, gente. Fazia a fila e dava. Chamava o nome todo. O resto do que sobrava, eu botava no carro e levava pra comunidade mais longe aqui, mais pra cima um pouquinho. E o resto do que não deu, não deu? Aí eu não dava. Aí, tocou. Agora, Milho Verde, quando você for, pode dizer que eu vou ajudar, viu? Posso contar comigo hoje.

39:23

Se você tiver para baixar alguma coisa, vai. Outros, vão. O que tiver, qualquer atividade para a CEASA, a gente sai daqui de 5 horas da manhã para a CEASA. Aí a gente vai com 5, 6 pessoas. A gente vai com o chapéu dos agentes. A gente vai com os agentes populares, com o colete, tudo direitinho. Antes a gente ainda faz uma fala. Quando a gente chegava, aquela fala todinha para nos apresentar.

39:52

pra poder lhes dar alguma coisa. Hoje não. Hoje ele já pega aqui. Ah, já tem. Já criei o vínculo, já sei que é uma coisa de verdade. Porque ele diz assim que muitas vezes deixa a desejar. Porque tem gente que vai lá dizendo que é pra ONG ou pra alguma entidade.

40:08

Mas eles vêm vendendo, fazendo coisas pra vender, pra comercializar, sabe? Há algumas vezes que fecha um pouco. Aproveite. Se aproveita e fecha um pouco as portas pra isso. Mas ele vê. Hoje ele já sabe que realmente... Eu peço pra entrar no Instagram. Eu digo, entra aí no Instagram do Mão Solidária que vocês vão ver lá nossas cozinhas. Convido. Sinta-se à vontade para conhecer a Cozinha dos Milagres, que é a mais próxima de vocês aqui. Mas veja lá no Instagram. Sim.

40:35

Então, na CEASA a gente não tem dificuldade. Tem vezes que a gente não tem nem espaço para colocar coisa na Kombi. Isso é de melão, melancia, jerimum, tomate, cebola, pimentão, coentro, alface, chuchu, berinjela. Hoje já vem a comida dos assentamentos só pelo PAA. Só pelo PAA. Então, assim, hoje teria o PAA.

41:04

e a CEASA, as duas fontes de abastecimento. Isso. Porque essa Kombi não só abastece essa cozinha, amanhã a gente tem reunião da rede de cozinha, já está marcada amanhã, às sete horas da noite para a gente reorganizar a agenda de coleta. Uma agenda de coleta.

41:31

Vocês coletaram na CEASA? Na CEASA. Mercados, não? Não. Porque aqui na comunidade os mercados são pequeninhos, né? Sim, mas não... Não. Em Recife, não? Não. A gente aqui não, né? Sim. Aí a gente vai ter... A gente vai pra CEASA. Amanhã a gente vai ter reuniões pra gente organizar. Porque a gente tem um cronograma de dados. Sim.

42:01

Por exemplo, amanhã é um. Então amanhã é o dia da comunidade dos Milagres. Mas os Milagres estão indo, a cozinha dos Milagres está indo, mas não só está indo escondida. Está indo para coleção para o Milagres e para mais duas cozinhas. Cada semana que vai se abastecer três cozinhas. Se abastece a cozinha que está indo fazer a coleta e abastece mais outras duas cozinhas. Até abastecendo todas as cozinhas.

42:28

E assim sucessivamente. Quantas cozinhas têm hoje funcionando como vocês acham? 17. Eu acho que organicamente funciona mesmo. Não, mas a letra acho que é 17. 17? Isso. Se eu não tiver é porque não tenho uma soma certa. 17 a mais? Não. As cozinhas têm 30. Total tem pouca, né? É. Sim. Agora mesmo funcionando mesmo.

42:58

A de vocês aqui, então, continua, continua. Não, aqui foi a terceira. A primeira foi do armazém, a segunda foi da Palafitas e a terceira foi essa. É isso. Muito bem. Então aqui, na experiência...

Cozinha Popular Solidária Frei Beda – Brasília Teimosa- 01/04/25

4.7- Entrevista com Carolina Patrícia dos Santos (Cheiro Verde)

da história aqui de vocês, desde a organização aqui da cozinha. Então, bom dia, nós estamos aqui na cozinha Solidária Frei Beda, que fica na Vila Brasília Teimosa, aqui na Boa Viagem.

00:26

Não, Brasília Teimosa. Brasília Teimosa não é em Boa Viagem, né? A Boa Viagem não aceita a Brasília Teimosa e nem a Brasília Teimosa aceita a Boa Viagem, tá certo. Então, vamos conversar com a Cheiro Verdeina, Cheiro Verde, que está aqui. Cheiro Verde, você podia nos contar como é que foi a sua...

00:52

O seu trabalho, a sua experiência. Como é que começou esse trabalho aqui durante a pandemia que foi em 2020, 2021, 2022? Como é que a cozinha entrou nessa história da pandemia aqui? Como é que tudo isso começou? Meu nome é Cheiro Verde. Eu sou coordenadora da Fábrica de Vassouras Ecológicas de Brasília Teimosa, desde 2018.

01:22

um movimento que é liderado no coletivo de mulheres, onde a gente criou essa casa para mulheres que sofriam violência doméstica e a gente gera renda para que essas mulheres tenham dinheiro a partir do momento que elas tentam sair da violência. E a gente sempre teve o...

01:46

nas nossas reuniões com o MST, com vários sindicatos, com várias coisas. Na pandemia, a gente foi procurado, nós fomos procurados, porque naquele momento a gente precisaria fazer máscaras para as pessoas passando fome na rua, já que lá no armazém, no centro do Recife. A partir de tudo fechou, o pessoal de rua ficou sem comida, sem alimentação.

02:16

Então, Macaxeira ou Inhame, na época, viram e as pessoas iam lá bater comida e eles se organizaram para fazer marmitas dentro do armazém do campo. Onde eles produziam, no início, eles produziram 50 marmitas. Inhame, Macaxeira e os meninos da Brigada lá do centro. Do armazém. Do armazém do Campo.

02:42

Só que daí eles viram que a dimensão era muito maior, a fome era muito maior do que a quantidade de alimentos que eles estavam fornecendo. Então, daí eles tentaram, começaram a colar em vários sindicatos, em vários grupos que pudessem doar, porque lá tinha cozinha, mas não tinha os alimentos.

03:11

A questão dos alimentos sempre foi um desafio. E daí, também, eles viram que os assentados tinham produção lá no campo, mas não tinham nem para quem vender, iam se perder. Então, a partir daí, eles começaram a mobilização com igrejas sindicatos, onde a igreja Arquidiocese de Olinda e Recife...

03:39

se juntou com vários sindicatos para entregar marmitas e fazer marmitas. Então, a partir daí, foi surgindo as mãos solidárias. E eram várias mãos e vários movimentos. E, naquele momento, iam para o armazém para construir as quentinhas. E essas quentinhas, além de doar para o pessoal de rua.

04:04

e Milho Verde para algumas comunidades também para entregar o pessoal que estava em vulnerabilidade social. E alguns movimentos, como o nosso, se ajudaram com o pessoal para

isso. De imediato, a gente começou a construir as máscaras, só que daí a gente viu que era muita...

04:28

Muita comida, ia precisar de muita gente. Então, cada semana, um grupo, um movimento, ia para o armazém. Daqui? Daqui. Para lá, para o armazém, para poder ajudar na construção das quentinhas. Cortar verduras, preparar na preparação. Então, tinha um dia que era a igreja que estava lá todo dia fazendo a alimentação. No outro dia, era o armazém do campo, que estava na construção.

04:56

E era outro sindicato. Então, por isso, Mão Solidária. Porque foram várias pessoas de vários movimentos. Empresários, que a gente esqueceu, né? Então, eles começaram a atuar. E o Macaxeira fez um movimento, um pix. E naquela época, cada marmita saía em torno de 5 a 7 reais, eu acho.

05:24

E daí, com as doações, a gente só ia com a mão para se doar. Só que daí a gente viu que não era só o alimento que a gente necessitava. Muita gente estava morrendo. Daí veio os agentes de saúde, onde eu sou na primeira turma, sou na segunda turma formada com a Paulete. Então, enquanto todo mundo se fechou,

05:52

a gente foi para a rua. Então, cada comunidade, agora a gente vai para a parte das comunidades, cada comunidade foi criar um banco de alimentos, com as doações que viriam dos assentados. Então, para que a gente soubesse e a gente ia doar, a gente fez um curso de agente popular para a gente ensinar como era que eles usavam a máscara.

06:21

como era aquele 5 oitavo, porque, por exemplo, aqui em Brasília, temos a barracos da Palafita. Então, são famílias, várias famílias, no mesmo espaço. E não tem quarto, é um quadrado de madeira no mar, onde todo mundo está agrupado. Então, a nossa preocupação, primeiramente, era com esse povo. Então, a gente primeiro foi trabalhar aqui na Vila Moacir, quando a gente ia nos barracos

06:49

Eu, os meus agentes populares, num momento. Não, amor, é uma reunião. É. E nesse momento, a gente tinha que adentrar os barracos pra gente ensinar as pessoas como se prevenirem e se cuidar. Então, a partir do momento, a gente fez um só aqui, no outro, e a gente já tava em campo. Botando em prática já. Isso.

07:16

Aí a gente era chamada as meninas do colorau, porque a gente usava o colorau na mão para que eles vissem como era um vírus que estava naquele local. Ficou bem conhecida essa... É, na mão vermelhinha. Essa técnica aí. Isso. Então a gente também começou a levar material de higiene para o pessoal, sabão, para que eles pudessem lavar sua mão, se contaminassem.

07:44

E daí veio a construção das máscaras. E nesse momento, quando a gente entrava nas casas, a gente entregava as máscaras e ensinava como ele era. Que o grupo mesmo aqui produzia. Muitas máscaras. Mais de 5 mil máscaras. A gente produziu só no bairro de Brasília. Só no bairro de Brasília. Isso. E mesmo assim, além dos agentes populares de saúde, a gente é amplo. Aí veio os educadores com comunicação.

08:13

Veio os educadores sociais. Então, a gente foi formando pessoas. As demandas foram chegando e a gente foi agrupando mais pessoas onde cada um ia para o seu território repassar aquilo que tinha visto naqueles cursos.

E a cozinha, Cheiro Verde? Como é que daí? Em 2022, teve um desastre.

08:42

Aqui no Ibura, onde, em uma chuva muito forte, em Monte Verde, caiu uma barreira e matou. Só da mesma família, 12 pessoas. 12? Da mesma família. Fora as mais pessoais da comunidade. Então, nossa companheira Milho Verde, que mora do lado da barreira. Entrevistei ela ontem. Pronto. Aí a Milho Verde, saiu da sua casa, abriu as portas da sua casa para formar a cozinha.

09:10

para alimentar o povo. Só que aí a gente viu que ela sozinha não ia dar conta. Então, todos nós nos agrupamos e fomos para o Ibura. E lá a gente fez uma campanha, né, o Macaxeira. Fazia uma campanha que a gente recebia lá no armazém do campo. A gente recebia roupa.

09:32

É água, essas coisas, separava, foi entregar quem estava necessitado. Aí Milho Verde com a outra equipe das meninas, construíam mais de duas mil marmitas por dia para poder sofrer a comunidade. Café da manhã... Fazia? Não, meu amor, quinta-feira, que eu estou conversando com o pessoal, viu, meu filho? Tudo bom. Quinta-feira. Obrigado.

09:56

Faziam essa preparação lá na Ibura, na casa dela. Na casa da Milho Verde mesmo. Aí de lá, levavam pra distribuição, almoço, janta. Isso foi, como dizer assim, o pós, o logo, o pós enchente. É, no final da Covid, tava terminando a comida e a gente. E daí, quando Macaxeira, bota no grupo.

10:24

um PIX para ajudar o pessoal da enchente, graças a Deus, ele ganha um dinheiro que não dá só para formar cozinha de lá de Ibura, dá para formar mais cozinhas. Então, com esse dinheiro, ele pegou, formou a de lá, a nossa é a segunda, a nossa é a terceira, e foi...

10:49

formadas, na época, as cinco cozinhas. Então, a cozinha aqui mesmo começou a funcionar em 2022, depois de todo esse flagelo da enchente, aí também veio a solidariedade e a ajuda. Sem contar que, em plena pandemia, aqui era um banco de alimentos. Aqui em Brasília Teimosa, a gente tinha cinco bancos. Antes da cozinha, toda a comunidade...

11:17

que estava lá no armazém, eles tinham uns bancos de alimentos, onde a gente recebia feira, a gente recebia material do pessoal dos acampados, e aí a gente repassava esse material todo para aquelas pessoas que, em plena pandemia, a gente fez o cadastro. O banco de alimentos, na verdade, não é só alimentos, né? Não. E a partir do banco de alimentos que a gente traz, as pessoas do banco,

11:47

para dentro da cozinha. Entendeu? Porque daí eles entendem que a cozinha, certo? É um mecanismo para que a gente volte para a comunidade com alimentos já produzidos. Porque muitos não têm o que cozinhar. Pronto. Essas três pessoas que pedem são moradores de rua. Não tem. Nem ontem, nem hoje, nem amanhã. Só na quinta-feira. Ou...

12:14

Assim, quando ele vende uma reciclagem ou faz uma unha por aí, ele consegue. Se ele não vender para usar droga, aí ele come. Mas geralmente a maioria só come aqui nas quintas. Nas quintas? Aqui a cozinha funciona? Nas quintas, feira, tarde. Almoço? Não, janta. Janta? E quantos marmitas vocês estão fazendo aqui? De 100 a 150. E a comida que vocês estão conseguindo desde?

12:42

Aqui, tipo, desde 2020. Doação. Doação. Primeiro do PAA, agora a gente está recebendo o PAA. No momento menino, a gente recebia do Mão Solidária, né? E no Mão Solidária, a gente tem o Ação da Cidadania, que doava cesta básica. Em algumas igrejas, algumas pessoas doaram colchão para aquelas pessoas que estavam precisando.

13:10

A gente recebeu, na época, muita feira de vários empresários, né? De vários do Shopping Remarque, né? A gente recebeu para o Banco de Alimento, principalmente para as meninas da fábrica[Fábrica de Vassouras], porque não interessa as mulheres mesmas idosas.

13:33

Não pararam até hoje, desde a pandemia de produzir. E hoje na cozinha são elas que estão encabeçando a cozinha. Parou uma produção de máscara e foram pras panelas. E o incrível que pareça, todas elas aqui são capacitadas em vários cursos. Elas fizeram a alimentação durante isso tudo.

14:00

Hoje eu tenho algumas, então, do AgentePopSus, fazendo o curso que chegaram depois. Hoje eu tenho algumas idosas e algumas que vão entrar agora no Sim Eu Posso. Minha filha, eu tenho duas filhas que são educadoras populares, agentes populares. Da educação? Da educação. Vão entrar agora na alfabetização? Não. Uma foi embora, mora fora, e a outra agora vai...

14:28

De menor, então, ela não pode assumir esse caso. Mas ela passou por todos os processos. Minha família toda passou por um processo. Hoje, meu marido é um dos cozinheiros que tem na cozinha. Ah, também? Toda a família? Toda a família. Então, hoje, a gente entende que a cozinha no nosso bairro, ela veio para fortalecer mais a união. Entende? Então, a gente não só tem morador de rua.

14:54

a gente atende pessoas na comunidade social. Então, hoje a gente tem o varal solidário, a gente recebe as roupas de doação, no dia eles vêm receber a marmita, a gente bota aqui, ó, tá vendo esses colos, aí eles vão escolher a roupa que eles estão precisando, o calçado que eles estão necessitando. Cada um escolhe o que eles necessitam, ninguém, eu não sei. Ninguém vai comprar e vender? Não.

15:22

Muita roupa nova, roupa de , não interessa, é deles. Se a gente retém alguma coisa de higiene pessoal, a gente não bota aqui, a gente entrega da mão. Pra não ter bagunça, mas toda doação... Aqui na cozinha a gente faz Natal, São João, Dia das Mães, pra que eles se sintam valorizados. Entende? Agora a gente vai tentar fazer a festa da Páscoa.

15:49

Nem que seja um chocolatinho para cada uma, mas a gente doa. Então, o número de marmitas hoje é em torno de... De 2.000 a 2.500, 2.800 por mês. A gente doava até o mês passado. Hoje, como a gente só ia na semana, é em torno de 900. Por mês? Deixa eu ver. 50, 600. 600? 600.

16:17

600 marmitas por mês. Por mês. Uma vez por semana, né? Uma vez por semana. Aí aqui a gente tem um grupo de doadores que as irmãs têm, onde a gente recebe algumas doações em valores e é o que a gente usa para comprar proteína.

16:38

Não supre o mês todo, mas vai se virando na quinta linha. Temos ainda o material arroz e feijão que a gente recebeu da Ação da Cidadania em dezembro. Então, a gente... Estocou. Estamos ainda com estoque bom. Então, a única coisa que a gente vai comprar é verdura, porque quando o pé veio agora no mês passado, veio mais macaxeira, cebola, mas acabou.

17:07

E aqui a gente é o banco mãe. Aqui? É. Aí a gente recebe todo o material e distribui para cinco cozinhas, por igual. Hoje não tem mais distribuição de cesta, é só? Não. Só cozinhas? Só as cozinhas. Então aqui você distribui para cinco cozinhas? É. E quais que são as cinco cozinhas aqui? Aqui é Nação Oxalá, Ampak,

17:36

Mãe Arte, Flau e Frei Beda. Cinco cozinhas que se abastecem daqui. É. Os alimentos que vêm do PAA. Quando a gente tem uma doação no PAA, a gente repassa para essas cozinhas. Agora, quando é uma Ação da Cidadania, essas coisas maiores...

17:59

Vai para o Armazém do Campo e lá distribui para as 39 cozinhas. Quantas? 39. 39? Ah, mas daí pega a região metropolitana. Toda região metropolitana, em Petrolina também. 39? 39. Então, na verdade, são 39 já no estado de Pernambuco. Isso. Que não é só na região metropolitana. Não. Em Pernambuco hoje, não é? É.

18:28

Eu queria também, esse movimento de todo esse trabalho aí que deu até origem ao Mãos Solidárias, com esse nome, eu também gostaria de ouvir como é que você, a questão da solidariedade.

18:56

Como é que vocês experimentaram? O que você, na sua experiência, sentiu, sente da solidariedade como uma forma de organização e também um jeito de trabalho? Enfim, o que você pensa sobre solidariedade e mãos solidárias?

19:25

Hoje eu não sei viver sem o social. Hoje mesmo, isso é minha terapia. Ou aqui, ou quando eu levo uma mulher para o roçado, eu esqueci de falar. Nesse outro tempo também a gente formou o roçado solidário, onde todas as cozinhas iam para o roçado plantar e colher os alimentos. E a gente passou por todo esse processo daqui. Estou na cozinha, não tinha que ter o roçado.

19:53

A gente vai de duas ou três ou quatro pessoas para o roçado. Quando a gente planta e colhe, depois esse alimento a gente plantou ou volta para a comunidade. O roçado é lá no... Lá em Moreno. Lá no Moreno, Che Guevara. Isso. Então, assim, para mim, eu que já venho de movimento, é... É um orgulho.

20:20

porque eu tirei muitas mulheres que vivem em depressão. A partir do momento que eu tiro ela na sua casa e levo ela para um roçado, uma mulher que nunca saiu da sua zona de conforto e vai para um local estranho, cuidar da terra, pegar na terra uma coisa nova, que é o pano, indo para o rural.

20:46

E onde ela chega e diz, se não fosse isso, hoje eu estava em cima de uma cama. Então, para mim, a solidariedade, no meu ver, é uma salvação para essas mulheres, no meu ver. Entende? Nesses cinco anos que a gente está na batalha, perdi muitas doenças. E hoje...

21:13

Eu vejo que elas gostam de estar nesse movimento. Então, hoje, para você ter uma ideia, a gente tem um grupo onde a gente se organiza no dia da cozinha. Somos 12. Então, cada dia da cozinha vem quatro pessoas. Cozinha hoje. Semana que vem, elas quatro ficam em casa e já vem outras quatro. Na outra semana,

21:43

as outras partes. Mas acontece de duas semanas, as mesmas meninas que estão aqui, estão na outra semana. Sim. Porque elas não ganham nada, o trabalho é todo voluntário. Todo trabalho é voluntário. Todo voluntário. Ninguém ganha nada, nada, nada. Mas eu acho que o respeito e a prioridade que eu dou a elas, eu consigo ter isso. Porque qualquer coisa que eu recebo,

22:13

Eu priorizo em estar aqui na cozinha, em estar no dia a dia comigo. Então, se eu receber uma caixa de chocolate, vai um chocolate para cada filha de cada uma. E a gente entende também, eu acho que esse é o diferencial meu, não sei das outras coisas. E a gente tem que aprender que para a mulher sair da casa, ela tem que ter um espaço para deixar suas crianças.

22:41

Um espaço? Onde deixar a sua criança. Ah, sim. Então, por exemplo, enquanto ela está cozinhando, a criança está aqui brincando. Sim. Então, ela está vendo o seu filho e está trabalhando. Sim. Quando a gente vai para o roçado... Leva junto. Vai todas as crianças. E lá tem a ciranda das crianças. Sim. Onde a gente já... As meninas vão fazer o esforço.

23:07

Então, hoje, elas são capacitadas, independentemente da idade, independente se é analfabeta ou não, porque já era um grupo só de mulheres. Hoje, os nossos companheiros estão adentrando, os nossos, né? E as pessoas também, e algumas das pessoas que vêm receber hoje, elas vêm, às vezes, nos ajudam.

23:34

Então, é você... E antes dele receber a marmita, a gente entrega a marmita para entregar a comida. A gente tem uma reunião com ele, a gente explica porquê da bandeira, porquê, quem é o MST, quem é de onde é que vem o alimento para chegar até aqui. Vocês trabalham essa questão da relação.

23:58

Dos alimentos, da origem dos alimentos. Dos assentamentos. Às vezes as meninas fazem video de dois, três minutos. Relacionam com o MST? Com o MST. Eles usam com... Com a reforma agrária popular. Quando tem movimento, quando tem alguma coisa que dá para levar alguns, eu jogo na rede e levo. Entende? Para que eles sejam... Não é porque ele está morando na rua, ele é um bicho. Claro.

24:27

Entende? Então, acho que é isso. Às vezes, muitos chegam aqui, só é um abraço, só é conversar. Então, a gente para, a gente senta, a gente abraça. Autoestima, né? Infelizmente, alguns estão cheirosos, outros falam, mas a gente tem que estar na vida, tem que dançar o samba do jeito que o pagão está tocando. Então, hoje elas entendem isso. Hoje, quando elas estão na rua, todo mundo é tia.

24:56

O tia, vai ter hoje. O tia, vai ter hoje. É uma relação de confiança que eles têm. Hoje eu tenho morador de rua, ele é aposentado, mora na rua. E uma vez no mês ele doa 100 reais pro gás. Veja o contraste, como é. E é morador de rua. E é morador de rua. Mas por quê? Devido às drogas, devido às coisas.

25:21

A família o expulsou pra rua. E a casa dele é ali. Ali tem casa e tudo? Tem casa, mas não mora. A família, quando ele colocou ele para fora, não quer ele dentro da casa. E ele ainda é usuário. É. Alcoolatra para hoje, então a cola não é nada. Uma vez no mês ele, em amor, para ajudar na cozinha. Porque eles entendem isso. E a gente diz. Quando não tem proteína, não vamos ter eles hoje. A gente está sem proteína.

25:51

Se a gente conseguir dar aquilo para amanhã, beleza. A gente tem um grupo dele da sopa, tem um grupo no celular de sopa, tem um grupo que ele pergunta. Hoje ele não pergunta mais, só eu para mandar mensagem, porque senão era muita coisa. Mas ele vai ter hoje, tinha. Quando ele vê esse portão apertado, ele já pensa que vai ter alguma coisa. Então, só alguma coisa vai ter alguma coisa. Pois é, sobre o cardápio, sobre a comida, assim, qual que é normalmente o cardápio? Geralmente, hoje a gente está na Macaxeira.

26:21

Macaxeira. É, que é o tubérculo né? Sim. Geralmente, quando a gente recebe uma cesta básica, vem batata doce, vem macaxeira, às vezes vem inhame, cará, vem jerimum. Quando a gente vai voltar agora, antigamente a gente ia para a Serra. Sim. Aí tinha parado. Hoje a gente vai fazer

uma reunião para voltar. Então, com os alimentos da Serra, a gente faz sopa. Ah, sim. Aí a gente compra os ossos.

26:50

Nem todo mundo tem um coração de doar, né? Então, a gente pede e doa, a gente vai e faz a sopa, a sopa canja, a sopa de osso. Quando a gente estava doando almoço, era arroz, feijão, macarrão, farofa. Hoje a gente não doa mais almoço.

27:14

Ou salsicha, quando o dinheiro dá pra galinha. Infelizmente, o nosso carro-chefe é ovo ou salsicha. Proteína. Mais em conta. Rende mais pra muita gente. Comentou muito o preço da carne, né? Aí é. Aí fica. Eu acho que carne é muita, muita, muita. Aí quando a gente é cabeça de peixe, a gente vai sopa de cabeça de peixe. Sim.

27:42

Só que a gente prioriza que a comida seja bem feita. Quantas pessoas se envolvem aqui, assim, nesse processo? Doze. Doze? Só para cozinhar. Mas tem mais de nove aqui. Porque a ONG também recebe um pessoal da Pena Alternativa. Qual a ONG? O Flau. A Flau. Porque lá é a central, aqui é o anexo. Então, na quinta-feira, quando os meninos estão lá...

28:10

Eles vêm para cá ajudar, você vir, ajudar as coisas quando tem descascado, descarrega o caminhão quando chega. E homens e mulheres, Cheiro Verde? Homens e crianças. Aqui tem mais um grupo menos outro grupo, como tu acha? Tem mais. Não, digo, tem mais mulheres menos homens, mais homens menos... Tem mais mulheres. Aqui no nosso grupo, 90% são mulheres.

28:38

Quantas? 90%. É o que me enfrenta aqui. Acordar de madrugada, viajar. E olha se eu não levar, viu? Se eu viajar e não levar lá, eles ficam com ninguém. Olha, eu estou viajando e não levou a gente para Caruaru. Minha gente, era um curso só para mim, não dá para levar você. Hoje a gente me libera e elas também fazem o curso. Entende?

29:04

Então, para elas é mágico, eu acho, esse momento que elas ficarem na cozinha.

Cozinha Solidária Vale da Paz – Comunidade Vale da Paz – Paulista – PE

4.8- Entrevista com Feijão de Luciene Barros Barbosa (Feijão) - 02/04/25.

00:00

Então, vamos conversar agora com a Feijão de Barros Barbosa, que é da comunidade Vale da Paz e da cozinha Vale da Paz, que fica no município de Paulista, Pernambuco. Então, Feijão, eu gostaria que você falasse de como foi a sua experiência, como é a sua experiência, como é que você entrou nessa...

00:30

no Mãos Solidárias, ou como vocês se encontraram no Mãos Solidárias, inclusive, poder falar também em que tempo foi isso, quando foi, né? Porque cada cozinha começou também numa situação diferente. E dessa experiência, como é que é essa experiência, esse trabalho nas cozinhas solidárias. Então, vamos começar uma conversa e depois, se precisar perguntar, a gente vai fazer.

00:57

OK. Tá bom? Certo. Então tá. Falando aí. Tá gravado. Pronto. Sim, vamos. Pra iniciar, a gente está dentro dessa comunidade desde 2010. Foi quando toda a comunidade entrou e o pessoal que Milho Verde organizando, eles...

01:22

Depois de um ano da gente estar lá só tomando conta de um pedacinho, você vai ficar aqui, enfim. Aí o que aconteceu? Eles fizeram, a fazer a divisão de 10 por 20 para cada um, mas era

a pessoa que estava, era mais três pessoas que eram os que, como se fossem os líderes que estão nesse espaço lá em Paulista. Aí o que aconteceu? Ela disse assim, não, a gente não vai fazer desorganizado, nem vai fazer...

01:51

De papelão, nem de plástico. Ele vai fazer normal. Não é para construir agora. Quando for, eu digo. A gente ficou um ano embolando lá. Depois, quando já o pessoal chegou a se cansar, chegando mais gente e querendo um espaço, enfim. Ela começou a fazer as divisões. Quando a gente chegou lá, só existia a primeira rua, que é a 64, que é a rua.

02:19

que encontra no Google quando coloca pra achar o local, né? Era a única rua que estava localizada lá no local. O restante era tudo normal, mato, né? Sim. A gente não desmatou pra ocupar lá. Sim, o que aconteceu? Depois de um ano que a gente tava lá em Bona, ela fez essa divisão, quando eu falei, 10 por 20, e foi fazendo as ruas, as quadras, e deixando tudo assim como...

02:49

para quando chegar o poder público de fazer saneamento, asfalto e tudo, já está tudo com essa divisão. Aí a gente, eu, fiquei lá para poder pegar um espaço para mim, depois eu chamei minha irmã, aí a minha irmã, aí a gente tem, minha irmã tem um projeto social, que ela fazia esse trabalho no Sesc com as crianças, trabalhavam.

03:17

com o judô, com as crianças, para tirar as crianças da vulnerabilidade. E, desde a faculdade, então, quando ela viu que a gente estava lá nesse espaço, ela disse, pronto, a gente vai trazer para aqui. Então, o que aconteceu? A gente começou com o Instituto Reciclando Vida, lá dentro, depois de muita dança, e...

03:37

Eu fui demitida, fiz da minha indenização, subi minha casa, embora não soubesse como era para subir. Aí hoje ela está rachada, não tenho como morar lá dentro. Aí ela, com a indenização dela, que foi demitida do Sesc, depois de 18 anos, depois da pandemia, aí ela perdeu o emprego dela. Mas como ela é concursada, trabalha em Arco Verde, então ela escolheu com a participação dela no espaço que ela ganhou. Eu ganhei 10 por 20, ela ganhou...

04:04

um pouquinho a mais, né? Dois espaços no sol. Então ela disse, pronto, aqui vai ser o Instituto Reciclando Vida e a gente vai começar a trabalhar aqui dentro com essas famílias e com as crianças daqui, com o judô. Aí abafado. Nessa andada de 2010 até 2020, aí veio a pandemia. Certo. Aí perdemos nossa mãe de 2019, mas foi de coração que ela era cirurgiada, enfim.

04:33

Já estava no segundo infarto. Aí quando 2010 chegou, aí ninguém podia ficar com ninguém, né? Eu tinha ido pra minha casa. Em 2020. Em 2019, minha mãe faleceu. Em 2020, acontecia uma pandemia. Eu fiquei um ano com a minha irmã, morando com ela, porque ela ficou desolada. E assim, eu já estava separada. Aí o que aconteceu? Eu peguei e fiquei na minha casa só, que fica lá na Alameda. Aí ou o que acontece?

04:58

Aí eu disse, meu Deus, o que é que eu faço? Tentei ler dois livros, não terminei. Aí, um é falando da globalização, 2021, e o outro era um livro espírita, e no terceiro eu achei na internet o curso Agente de Saúde Mão Solidária. Aí eu não pedi para que eu venho, né? Fiquei em casa, aí cliquei, aí a menina entrou em contato comigo, porque eu peguei para encher.

05:27

Como fazer o curso. Não, mas vai falar. Pronto, aí se candidata, aí como lá a organização já existia, né? O Mãos Solidárias, lá no Martim de Barros, que é o local onde ele está lá. Aí o que

aconteceu? Que lá ele já trabalhou assim, fazendo marmitas, né? Sim. Que era para as pessoas de rua.

05:54

Aí quando a gente... Quando a gente entrou aqui, uma menina entrou em contato, aí eu comecei a frequentar lá. Vamos esperar um pouco. Melhor. Se não vai... Aconteceu. Aí eu disse assim... Aí ela... E aí, você tem interesse? É Beatriz que falou comigo.

06:18

Aí você tem interesse, tem interesse. Aí eu disse, o que é que eu preciso fazer para eu participar? Ela disse assim, você tem que escolher uma comunidade para poder fazer uma equipe de 15 pessoas para a gente aí dar o curso. Aí eu disse, eu tenho que escolher, eu já tenho uma comunidade. Aí eu disse a ela, eu posso fazer isso na comunidade que eu estou lá? Aí ela disse assim, pode melhor ainda. Aí...

06:45

O que aconteceu? Eles chegaram a ir para lá antes, né? Aí eles disseram assim, pronto, faça a equipe. Eu fiz uma equipe de 15 pessoas. Só que, na verdade, quando as pessoas começaram a receber o curso, aí umas... Desistiram. Desistiram e saíram. Aí ficaram só 8 pessoas. Mas essas 8 deram continuidade. A gente fez o curso, eu apresentei na comunidade.

07:12

Aí a gente fez um trabalho que estava na pandemia, como lavar as mãos, como usar máscara que as pessoas não queriam usar. Graças a Deus, lá na comunidade não houve nenhum caso de Covid. Houve parentes fora, mas lá na comunidade a gente ficou normal, mas com esses cuidados. Tipo, quando os meninos vão para lá, vem para cá treinando, vem para cá para a biblioteca, uma biblioteca comunitária.

07:41

Até então era só isso, né? Eles não queriam usar uma máscara. Eles disseram, olha, pra vir pra cá tem que usar máscara, tem que lavar a mão. Aí tinha o colorau, né? Aquele todo o preparo todinho, como lavar direito, enfim. Aí a gente que foi informado pelo agente de saúde, o que aconteceu? A gente ficou fazendo isso. E outra coisa, fez um levantamento dentro da comunidade.

08:07

a necessidade de cada um, como era que havia as condições dele de sobrevivência, né? Muitos desempregados, muitos dependem do Bolsa Família, e assim, muita criança, mãe solo com muita criança, aí tem uma mãe lá que tem sete filhos, né? Aí a gente pegou, fez uma relação de cadastro de pessoas.

08:32

Fez um cadastro, um levantamento. De 93, a gente não podia contemplar todos, então a gente contemplava as mães que os filhos frequentavam lá do judô. Aí o que aconteceu? A gente fez esse grupo com 93 famílias. Aí, comecei a frequentar, indo para o roçado, indo para ajudar lá na cozinha da cidade, porque depois eles conseguiram a fazer no armazém do campo.

09:01

Aí, pronto, aí, pronto, quem ajuda lá faz uma relação que também vai ter um dia lá. A gente tinha um dia na semana que a gente ia no Armazém do campo fazer o alimento e distribuir, né? Ajudar a distribuir. Pronto, aí depois, acho que em 2022 teve a eleição, né? Em 2022. Acho que foi em 2022. Aí, assim, eles começaram a fazer outros planejamentos.

09:30

outras coisas para poder vingar, para até ver como é que eu ia ficar numa situação de não ficar só lá no armazém. Com isso, fez um planejamento para que fosse para as comunidades, onde as pessoas já estavam lá naquele ritmo de ir lá ajudar, ser voluntário e receber alimento quando chegasse demais, enfim. Sim, pronto, o que aconteceu? Aí, com isso, a gente vai lá, eu pelejando

que a cozinha chegasse para lá também, né? Porque o meu instinto era esse, porque a gente via a necessidade de ir lá na comunidade, né?

10:14

Depois de muito planejamento que eles fizeram, muita reunião, a gente participou de cursos de comunicação, de rádio, de outros cursos de saúde, outros cursos de saúde que foi sobre... Acho que foi sobre a dengue. Vários cursos, né? Que acho que nem vou me lembrar de todos. Mas o que eu pude participar, eu participei. E depois eu comecei trazendo as pessoas pra que eles participassem. Pra até então eles entenderam a minha fala. Quando eu disse assim. Ó, gente, eu preciso de vocês. Que vocês participem. Eu consegui levar. Pessoas para o roçado. Lá de Moreno. Tipo, ia na sexta, voltava no domingo. Aí assim.

10:59

Não, eu tenho um filho. Não tem problema. Pode levar o filho, né? Porque tinha quem ficou com as crianças na ciranda, né? Sim, pronto. Aí, tive umas que foram, que conheciam umas, gostaram. Outras não, né? Porque as pessoas não têm atividade com tudo, né? Na verdade. Sim, pronto. Levei... Tem uns que conhecem, outros que não conhecem. Agora, o problema lá da comunidade é assim. Lá são muito evangélicos, né? Ah, é? E é assim...

11:26

Eu também sou, mas eu não sou aquela Evangélica Caxias, né? E lá, os membros que dizem ser pastores, eles são do tipo que proíbem nas falas dele as pessoas participarem desse movimento. Tipo assim. E eles falam isso na celebração? É, é como se eles fossem contra. Não, é assim, como as pessoas dizem, não, que o pastor disse não. Ele quer que se ocupe.

11:52

É assim, porque a gente sabe que toda a igreja, eu não estou falando de igreja, eu só estou comentando. Sim. Porque assim, pois é, aí o que acontece? Eles fazem isso, do mesmo jeito que a gente, o Mãos Solidárias, faz a divisão de tarefa, ele lá faz divisão de tarefa, porque não vai ter custo, né? As próprias irmãs limpam a igreja, varrem a igreja, enfim, e eles ficam como eu digo sempre.

12:19

A gente é usada como massa de manobra para poder quando as coisas acontecem. Aí o pessoal, falando de direito, de direito, para mim a situação é a mesma coisa, porque quem tem direito, quem tem dinheiro, quer se desfazer dos outros, do mesmo jeito. Eu não vejo mudança nenhuma. Isso é a minha opinião. Se está na igreja ou não, né? Entendeu? Aí ou o que acontece? Eu estou falando isso porque é assim, o pastor abrir a boca e dizer que o judô não é coisa que a criança participe. Como assim?

12:48

O que é que tem a ver igreja? Nada disso tem na Bíblia, nada disso fala, mas eles têm essa fala com o povo. Por quê? Porque o povo não sabe das coisas. São leigos, muitos analfabetos. Sim, o que foi que aconteceu? No ano passado, que eu já devo ter pulado um monte de coisa, mas no ano passado, por conta dessa deficiência, porque enquanto eu não estava trabalhando, passei seis anos dentro da comunidade direta, de segunda a sexta. Que igreja que era sua?

13:16

Eu sou da Presbiteriana das Graças, mas lá dentro da comunidade tem muitas igrejas evangélicas. Aí ou o que acontece? Eu passei seis anos lá dentro da comunidade, assim, na biblioteca, tentando que as crianças fossem alfabetizadas, com brincadeiras.

13:36

Fazia atividades educativas com ela. Eu brincava com as tampas, juntava as tampas e vamos somar aí. A gente foi entrevistada pela Globo quando o Mãos Solidárias foi lá inaugurar uma biblioteca quando eles fizeram doação e tudo, mas a gente já tinha uma biblioteca, mas eles fizeram uma nova apresentação e a Rede Globo teve lá e...

14:05

Gostou do trabalho da gente e entrevistou a gente. Aí, no final do ano que a gente fez a festa, como foi uma coisa que foi divulgada... Pela Globo. Pela Globo. Então, a gente teve muita doação, né? A gente tinha apenas 15 crianças. A gente contemplou 150. Aí foi uma, assim, uma... Foi... A gente, meu Deus, como é que a gente conseguiu tudo isso? Mas conseguiu, né? Aí eu entendi mais...

14:31

Foi uma batalha para poder fazer anotação. Pessoas até que nem frequentavam lá, botou o nome da relação para elas. Então deixa, deixa, deixa. Pronto, a gente fez uma festa belíssima lá da comunidade. Minha irmã, aí minha irmã sonhou que o papai Noel teria que vir de uma carruagem.

14:52

Passou de manhã, quando a gente dormiu lá, porque a gente ficou organizando o espaço para ornamentar, tudo, viu? Aí quando ela olhou, a gente acordou, ela olhou assim, o homem passou com a carroça. Aí ela, moço, vem cá, vem cá. Aí ele, ficou tudo assustado. Não, olhe, não, veja só. É que a gente está aqui nesse projeto, Instituto Reciclando Vida, a gente está querendo que o Papai Noel chegue de carroça. E o senhor passou agora? Deu uma ideia.

15:18

Então, eu disse, eu posso trazer sua carne, mas é meu... Meu sonho. Era assim, ele disse assim, mas é o meu equipamento de trabalho. Ele disse, não moço, olha, a gente vai lhe dar uma cesta básica, que não sei o que, que a gente tem uma grande cesta básica, que ia dar para as mães. Aí ele disse, então tá certo, eu trago no outro dia. Aí ele trouxe, ela fez o cavalo, fez a carroça. Aí o Papai Noel. Chegou. Quem vai de Papai Noel? A roupa que trouxeram era pequena. Aí eu disse, e agora, e agora?

15:48

Aí não dava no meu irmão. Aí um pessoal da igreja católica que veio, assim, a gente vai levar o lanche. Aí eles trouxeram o lanche. Trouxeram o cachorro quente, trouxeram o bolo, trouxeram um monte de coisa. O lanche foi por conta deles. Aí o filho da senhora, ele era bem magrinho. Aí a gente diz, olha quem vai ser o papai noel. A roupa só dá nele. Aí vai, não.

16:16

Eu sou tímida. Você não vai fazer nada. Você só vai vestir a roupa e vai andar com a carroça lá na entrada da comunidade e voltar chamar o povo. Pronto. Aí aconteceu e fez. E saiu do jeito que minha irmã planejou na cabeça e pronto. Pronto. Aí até hoje eu estou lá, nessa comunidade. É bom contar essa história, mas agora volta lá para...

16:45

Pronto, aí quando eu fiz o curso da cozinha, do agente... Como é que vocês vieram para a cozinha? Como é que chegou a cozinha? A cozinha, como eu disse, eles fizeram uns planejamentos... Os cursos de agente, daí... A gente terminou o curso de agente, foi o que foi em 2021, na pandemia. Aí o que é que acontece? Depois disso, comecei a frequentar o Mão Solidária, que eu não era.

17:11

Eu não era do Mãos Solidárias. Eu comecei a frequentar, indo para as coisas que aconteciam, para a cozinha, tudo. E eles estão fazendo planejamento para que fosse ampliado... Fosse para as comunidades. As cozinhas eram para a comunidade. Sim, o que aconteceu? Quando ele começou a fazer a relação, eu não estava presente. Ele disse, olha, não esqueça de mim, não. Eu quero também uma cozinha, enfim. Aí a cozinha começou, acho que de 2021 para 2022. A cozinha lá no Vale da Paz. Lá no Vale da Paz.

17:40

a gente recebeu o fogão, o que tudo, e começou. A gente tinha três dias, que era terça e quinta, era almoço, e a sexta-feira era jantar. A infraestrutura da cozinha, foi o Mãos solidárias que...

Eles deram só os equipamentos, o espaço a gente já tinha. Ah, você já tinha? A gente já tinha. Que é isso que eu disse a você, que a gente construiu com as nossas indenizações.

18:06

Então vocês já tinham um espaço, então vieram os equipamentos. Aí vieram só os equipamentos, pronto. E em seguida, a doação de alimentos que eles começaram a organizar também. Além de organizar para ter cozinha nas comunidades, tem como ir o alimento, né? Porque depois de muito tempo, aí veio o PAA, que é o que... Como as doações parou, né?

18:35

que começou outro contexto, saiu daquela crise que estava, aí começou, aí eles botaram o PAA para poder dar continuidade, para manter os alimentos que chegam, que são os cereais, que é a cesta básica. E muitos alimentos vieram dos outros roçados, de outros locais, tipo...

19:03

a macaxeira, veio de outros assentamentos para abastecer as cozinhas, porque no início foram 10 cozinhas, aí depois foi aumentando e agora parece que são 39. Nessa faixa. Por que eu falei? 39. Nessa faixa, porque não é só mais na região metropolitana. Aumentou, né? Pronto. É isso. Aí pronto, aí com isso...

19:31

A gente ficou, mas mesmo assim, no início, não deu para dar continuidade de três dias de alimento na comunidade. Foi três dias, você fez o quê? A gente fazia terça e quinta, era almoço, e a sexta-feira era jantar. Aí, como parte dos alimentos chegarem, as doações, que vivia até então de doações, aí deixa só, então, tirei o jantar e fica dois dias de almoço, terça e quinta.

20:00

E hoje nós só temos a quinta, a terça-feira, que eu até falei, se tinha falado ontem, teria ido lá para a cozinha, que eu estaria aí, e as mães, que são voluntárias lá, que ajudam. E quantas marmitas vocês prepararam e hoje prepararam? Quando foi terça, quinta e sexta? Quando começou era...

20:29

100, 150 nessa faixa, né? Mas como depois foi trazendo, a gente tá... Ontem mesmo foi 100 marmitas. 100 marmitas. E tá nessa coisa, né? Esse é o número aí. Esse é o número em torno de 100 hoje. Isso. E vocês distribuem ali pra comunidade. Pra comunidade, assim.

20:51

se reúne na cozinha. Aí, no caso, a gente fez uma divisão de tarefa com a gente também, porque assim... Se especifica. A gente, cada um foi se ocupar com alguma coisa, né? Então, a minha irmã, ela ficou lá responsável pela cozinha e ela organiza as mães que vão pra lá ser voluntárias e preparam o almoço, fazem o almoço e elas mesmas ajudam a distribuir. E elas também levam o alimento.

21:21

pra casa delas, entendeu? Então a gente faz esse somatório. Há um grupo, então, de mães voluntárias. Não são as mesmas? Não, não são as mesmas não, porque... Numa terça é um grupo, na outra terça é outro. Quantos grupos vocês têm? A gente tinha, na terça e na quinta, seis mães a cada dia. Aí dava o quê? Trinta mães por mês, né? Vocês têm... Não, é por... É por semana? Por semana.

21:50

Porque no caso eram só dois dias, agora que só está um, aí pronto, aí chega mais cinco mães, quatro, cinco mães com a minha irmã, entendeu? Não tem mais, porque muitos foram trabalhar, muitos arrumam alguma coisa para ganhar. Ali também são muitas mães solos? Tem, tem muitas mães solos com filhos, umas com pouco, outras com muito, enfim. Então há uma organização...

22:19

Você trabalha na cozinha, né? Faça trabalho. Então, essa organização que vocês têm do trabalho na cozinha também, é uma organização que tem, abrangemos assim, algumas falam de núcleos, né? Núcleo de família, vocês também têm organização dos... Quando vocês fizeram o levantamento, vocês organizaram esses 93, do ponto de vista assim...

22:48

Por rua, por... Indo de porta em porta. E aí formaram núcleos? Não, a gente só tem a relação entre elas. Ah, tem a relação. Só tem a relação entre elas, que tipo assim, quando chegar, porque assim, não tem um banco de alimento e tem um alimento que vem só para a cozinha. Então, quando é por banco de alimentos, a gente vê a necessidade que está na relação e a gente faz doação para eles. Você se comunica por...

23:16

A gente faz um grupo, a gente faz um grupo e a gente chama. É um grupo de cozinheiras. Não, a gente bota assim, cozinha Vale da Paz. Então a gente bota o nome relacionado às pessoas, quando a gente quer se comunicar, a gente passa lá o recado e elas vão lá para a cozinha para poder receber. Então tem duas, hoje tem duas formas de alimentação.

23:44

O do banco e tem o da cozinha. O banco é mais... Para entrega, né? Sim, mas ele não é semanal, ele é mais diferenciado. Não, é assim, está em 15, 15 dias, né? Agora. Mas estava meio que parado, né? E agora está voltando o ritmo, tentando organizar vindo em 15, 15 dias. É o PAA, né? Que estava trancado. Isso, o PAA. Agora que está destrancando. Hoje eu te ajudei, né?

24:12

ali no armazém. Que chegou macaxeira, né? Macaxeira, melão e inhame. Então a gente distribuiu para as cozinhas agora. Então, basicamente hoje a alimentação que você utiliza é via PAA.

24:42

proteína, essas coisas? Então, a proteína eles estão resolvendo, né? Porque eu não sei como explicar como é a parte do PAA bem, não. Porque eu sei que tem uma parte que é pela Conab, que é os cereais, e tem outra parte que é os vegetais. Aí que houve até uma reunião, mas eu não pude ir porque eu estava na homenagem a Caruaru das mulheres que são líderes das comunidades.

25:11

Eu não sou líder da comunidade, mas sou da cozinha, entendeu? Eu sou a liderança da cozinha que tem lá no Vale da Paz. Então, hoje, o número de famílias, pessoas que vocês servem, que vocês acompanham é esse... Esse número. 93 famílias que a gente acompanha. E a fome lá, Feijão? Como é que é a situação de fome lá ...

25:40

no Vale da Paz. É aquela situação que a gente sabe que tem, que existe, e a gente ajuda como pode pela cozinha, né? Mas, tipo assim, existe muita gente que passa fome? Existe, viu? Só que assim, o pessoal se vira nos 30, né? Pra poder ir, geralmente, quem tem filho, né?

26:08

Aí o propósito da cozinha foi exatamente isso, porque era muita gente desempregada. Muita gente desempregada. Depende de vulnerabilidade, né? Porque a gente sabe que todo canto tem o problema das drogas, né? Que os meninos acham tudo muito fácil e vai para esse mundo. E o desemprego. Desemprego? Muito. Pessoal, se quiser trabalhar, trabalhe em que ali?

26:34

Se quiser, não. O que está mais de frente é... Tem uns que até trabalham no formal e outros que no informal. É o que aparece. Ou limpar o mato, ou procurar reciclagem para vender. Lá a gente fez um trabalho social com as crianças do judô. Já que a gente também trabalha com reciclagem, a gente pede assim.

27:02

Os meninos trouxeram, porque assim, como a gente não tem CNPJ, então tudo fica difícil para resolver. Aí ou o que acontece? A gente dizia assim aos meninos, olha, vocês vão ver, toda vez que vocês vêm é trazer a reciclagem. Só que assim, a gente não pedia para os meninos ir para a rua, porque teve uma mãe que, não, meu filho não vai, não mãe, a gente não está pedindo isso não.

27:28

Mesmo precisando, mas vem reclamação, achando que não, mãe, não é isso. O que você tem em casa, isso aqui, se quebra, é reciclagem. Uma cadeira plástica é reciclável. Vinagre, margarina, tudo isso, garrafa pet, um garrafão de água, tudo isso é reciclagem. Quebrou na sua casa, não tem utilidade, então isso é reciclagem. Podia levar pra lá. Aí a gente, ela dizia, pesava pros meninos. Pronto, você já tem tanto, você tá até... Porque a gente...

27:57

Reproduzir aquilo pra melhorar no espaço, né? Sim. Porque os tatames, minha irmã teve que ficar com paninho, porque todo mundo, quem sabe, sabe que o tatame é caro, né? O judô continua. O judô continua. Só que agora, no momento, a gente tá sem professor dentro da comunidade, porque ninguém quer ir. Ah, é? E minha irmã tá sem sensei que colocou lá dentro. Aí a gente tá numa academia próxima, Maranguape 2, que...

28:27

O irmão do professor que foi da faculdade dela, ele tem uma academia e ele pediu que ela levasse o judô pra lá, até então, porque ele não tinha judô, e pra chamar, né? Aí pronto, tá lá na academia Maranguape II, aí tem os meninos que estão lá, já tem meninas que são medalhistas, as duas irmãs, Júlia e Maria Vitória, elas são bicampeãs, medalhistas de judô, mas tipo assim.

28:56

O município não reconhece isso, nem as escolas, entendeu? Então, a gente continua lutando, fica pedindo doação, quando elas perderam a viagem de Minas Gerais, porque é a passagem, né? Aí não tive como ir. A anterior, minha irmã se esforçou, até bota a coisa no cartão dela, que não pode, enfim, e fica depois com a dívida, que depois a mãe não tem como pagar. Ela diz, não, vai pagar. Não vai, porque não tem condições. Mas ela diz, não, eu faço, porque eu quero ver essas crianças. Tudo bem, mas é isso, é o preço. É o preço da dívida. Mas voltando, de novo, ali com as cozinhas. E essa, assim...

29:42

relação tanto com o Mãos Solidárias como com o Movimento Sem Terra. Sabe que o Mãos Solidárias, o Mãos Solidárias tem uma relação direta. Você conhecia o Movimento Sem Terra antes?

30:08

Antes de 2020, não. Só de nome. Só aquelas falas que o pessoal fala muito, sem saber. Mas quando a gente começa a participar e fazer parte, a gente vê que não é nada daquilo que o pessoal fala. Mas eu conheci mesmo o Mão Solidária de 2020, quando entrei nesse curso de agente e saúde. E essa questão da reforma agrária?

30:36

Tinha ouvido falar o que era reforma agrária? Como se diz assim, por que é preciso fazer reforma agrária? É importante ou não é importante? Agora que eu entendo é importante, mas as pessoas não entendem não. Não? Não. São muito legais. Os alimentos que chegam lá, por exemplo, que chegaram lá durante principalmente os primeiros tempos da cozinha, que você falou que era... Havia essa...

31:05

identificação ou conversa de onde vêm os alimentos? Sim, a gente dizia, veja, porque eu faço parte do Mão Solidária, porque eu sou um agente de saúde, e por conta disso eu consigo a cozinha para aqui, para a comunidade, então esses alimentos, eles sabem de onde vêm. Vêm da

reforma agrária. Da reforma agrária, dos assentamentos, agora do PAA, eles sabem. E você observa, assim, respostas?

31:35

Não, na hora que a gente fala não, sabe? Só se fala depois, mas na hora eles... Quem está com fome não quer ficar discutindo... Tipo assim, é. Porque de certa forma os alimentos, de certa forma não, alimentos esses que são da reforma agrária, dos assentamentos, dos acampamentos, né? Indo para as cozinhas é uma forma de reforma agrária ir para lá também.

32:04

É uma forma de... Aquilo que é feito nos assentamentos como fruto da reforma agrária, produzir alimentos, esses alimentos são distribuídos para as cozinhas e através deles a reforma agrária vai ajudar a combater a fome, vai ajudar a... Você concorda com isso? O que você acha disso...

32:34

Eu concordo, porque assim, quando a gente está envolvida, a gente vê que é por uma boa causa, né? Que realmente, até mesmo as pessoas que são contra, eles se alimentam do que o MST leva, o que consegue para poder suprir as comunidades, as cozinhas, mas mesmo assim falam, porque não entendem. Mesmo lá na comunidade, tem quem fala contra a própria cozinha.

33:03

Não da própria cozinha. Fala do MST. Ah, fala do MST. Entendeu? É, não é da cozinha. O pessoal lá avalia que a cozinha é boa? O que a avaliação pessoal faz? É bom, porque assim, porque eles, eu na verdade, eu não, às vezes eu questionei pra elas dizer assim, o que é que elas estão achando da...

33:26

Daquele movimento lá, da cozinha, de ter a cozinha, de ter o alimento. Aí eu tenho alguns depoimentos deles falando, né? Que ajudou muito, enfim. Mas só que eu não sei dizer, as falas todas agora não. Mas ultimamente nós vamos voltar a perguntar de novo. Pra poder saber o que é que eles estão achando agora. Sim, claro. Mas tem o depoimento de uma irmã lá, que a gente pediu pra elas fazerem. O que é que elas acharam.

33:52

a chave da cozinha estar lá na comunidade. Porque assim, quando comecei, eu que apresentei à comunidade lá, por slide, lá apresentando ao pessoal do Mão Solidária, tudinho, e até então eles sabem por que foi que eu levei para lá e a necessidade, que ainda existe, né? Que ainda existe uma necessidade de melhoria lá na comunidade. Sim.

34:20

Aí eu digo a elas, sempre elas. Olha, minha gente, a gente tem isso aqui, porque eu levei lá para eles conhecerem que a gente existe, que a gente está aqui, que a gente precisa de ajuda. A prefeitura não... nada. Sabe da existência da gente, mas estão dando uma de João sem braço, ou assim, desviando o assunto, né? É tanto que, assim, eu fiz uma relação de mães, de pessoas lá, para poder levar para a secretaria de...

34:48

Saúde. Porque a gente não tem posto de saúde dentro da comunidade, não tem creche, não tem escola. É um espaço já bem grande lá, a comunidade do Vale da Paz. Mas eles ainda não tiveram interesse em investir, né? Porque tem que o poder público querer, querer, para poder adentrar numa comunidade, né? Eles não tiveram interesse, porque a gente está lá desde 2010, até hoje, a gente está...

35:18

Entre aspas, tentando confiar no prefeito que entrou agora, porque ele estava lá dentro da comunidade, ele conhece, ele sabe. Só que até então, o que está entrando é porque uma pessoa que o ajudou lá, ganhou uma secretaria de obras, então está mandando um trecho para poder melhorar o acesso. Pronto, até agora só isso, mas a documentação nada, e os equipamentos sociais, nada.

35:45

E nem mesmo considero as crianças que são bem cuidadas lá de judô. É isso. Outra questão que ouvi de você é que todo esse trabalho que começou, inclusive o nome da organização, Mão Solidária, sempre teve essa bandeira, esse eixo.

36:12

importante da solidariedade. Eu queria ouvir a sua opinião, como é que você entende por solidariedade, como é que você também está no seu trabalho, tanto nas cozinhas como em outros lugares, como é que você considera?

36:40

Essa questão da solidariedade, tanto para a organização como também um valor, qual a importância disso para o seu trabalho.

37:01

Para o nosso trabalho, a solidariedade foi muito boa, principalmente na pandemia, porque as pessoas desoladas não sabiam o que fazer para dar de comer às crianças. Então, é uma solidariedade ampla, porque não acolheu só a nossa comunidade, acolheu várias comunidades, várias pessoas, vários ângulos de situações. E, para mim, foi muito importante, porque...

37:29

Como é que as pessoas iriam sobreviver se não tivessem existido essa solidariedade do Mão Solidária lá e para as outras comunidades? E a situação iria ficar pior do que já estava. Para mim foi muito importante eu estar, eu estar e eu ter participado desse movimento. E vocês lá trabalham nessas questões com esse grupo de família?

37:56

Algum, como se diz assim, algum momento de encontro com essas famílias, com essas pessoas, além de só... Só o alimento, né? É, de só, vamos assim, se encontrar como tem que fazer comida. A gente tem esses momentos, só que assim, depois da eleição o pessoal se retira um pouquinho. Aí a gente ficou sem entender por quê, porque eles, é assim, o pouco que a gente escuta aí é como se fosse assim...

38:26

Eles descobriram que porque eles ajudaram a... Porque a gente, como fez o planejamento, aí cada comunidade teria que trazer um número de pessoas que votaram para poder dar continuidade nas cozinhas. Então, o propósito da eleição que ocorreu...

38:50

Foi para que as cozinhas tivessem essa continuidade e que pudessem ser implantadas nas comunidades, como aconteceu. Só que aí as pessoas, como eu digo, elas não entendem e nem procuram entender. Eles acham que a gente ganhou dinheiro da política e que... Aí se atrasou um pouco, mas é só questão de tempo. E muitos lá...

39:20

Eles não votaram em Paulista. Eles lá, porque assim, eles são como migrantes. Sai, tá numa comunidade, acontece alguma coisa, então eles ficam pulando de... Até se aquietar no canto, né? Não mudou o título, né? Não mudaram. Então, moram lá, mas votam no Recife. Entendeu? Então aí cada um tem o seu entendimento, enfim, é isso.

39:49

Muito bem. Então Paulista é uma que tá aqui na região metropolitana, que tá fora, né? É uma das que tá na região metropolitana, além de Recife, né? Recife é que tem mais, né? É, Recife tem mais. Tem Casa Amarela, Camaragibe, tem Pina, tem ali no Recife também, no próprio Recife. Aqui em Olinda não tem?

40:17

Olinda tem. Tem no V8, agora. Abra a cozinha do V8. E tem Rio Doce, mas ainda não está fechado. Rio Doce. E tem na Manchete, que é Olinda também. Que está em Ouro Preto. Que é Vila, né? É, Vila Manchete. Eu acho que fui na... Não, não fui naquela. Eu fui...

Cozinha Turma do Flau – 01 de abril/2025

4.9- Entrevista com Enedino e Irmã Denise (Cebola e Alho)

da Brasília e as famílias de Palafitas, como aquela que era Brasília Teimosa, aqui no Pina, no bairro vizinho, e também próxima a ponte que leva as pessoas daqui para o centro da cidade. Teve um incêndio criminoso há pouco tempo para a construção de um prédio. Lá funcionava também uma cozinha solidária. A gente atuou aí também e atuamos também nos

00:00

roçados solidários.

00:00

O pessoal participou, construiu aqui também.

00:29

Constituíam um grupo de famílias e surgiam os pontos populares de trabalho. Daí surgiu a fábrica de vassouras ecológica. A fábrica de vassouras já existia. No período da pandemia, aí pararam de fabricar as vassouras para fabricar as primeiras máscaras, porque não tinha mais máscara na farmácia, sem lugar nenhum para vender. Elas começaram a fabricar as primeiras máscaras de BNP.

00:58

Aí depois foram surgindo outros tecidos. E mais oportunidades de doações de máscaras. As primeiras máscaras, as mulheres da fábrica de vassouras, fabricadas o PMT. E aqui na estrutura, nesse espaço aqui, durante a pandemia,

01:27

Funcionou? Cozinha? Cozinha solidária? A gente interrompia a rua aqui com microfone. Fazia todo o homem com as mãos, com a máscara na rua. Entregamos muitas, que tinha muitas cestas de barco e redor. A gente interrompia a rua toda, com o microfone, com o castelão de jovens. Nem um dia a gente fechou. Uma atividade com as crianças não. Uma hora que a família não funcionava para a entrega de alimento.

01:56

porque primeiro surgiram os bancos de alimentos. Aqui funcionou um banco de alimentos, né? É, banco de alimentos. Aí a gente fazia tudo o que a gente conseguia de relação, a gente entregava para as famílias, e depois a gente viu que não só as famílias do Flau, mas várias outras famílias aqui da comunidade que estavam passando por necessidade, e elas passaram a receber esses alimentos.

02:25

que a gente recebia tanto dos roçados de solidariedade, dos assentamentos e de outros colaboradores, a gente fazia esse trabalho com as famílias. Mas a cozinha solidária aqui no período da pandemia, não. Era banco de alimentos. Ainda custia alimento. Essas cozinhas solidárias surgiram depois.

02:51

É, eram só as quentinhas, primeiro eram as quentinhas. Não, no trabalho do Mão Solidárias, primeiro começou com as cozinhas, com as quentinhas. E nas vilas também, eles chegavam com as quentinhas.

03:13

O MST chegava nas vilas com as quentinhas, na hora do almoço. As quentinhas eram feitas no armazém do campo. Mas chegava aqui. Faziam lá e distribuía. Desculpe, eu estou precisando de sair, porque a renda tem que ir para o presídio e a renda tem que ir para o almoço.

03:41

Então, aqui funcionou um banco de alimentos, com esse objetivo de distribuir. Vocês recebiam de quem os alimentos? A gente recebia, tanto dos assentamentos, como de pessoas que conheceram lá, pessoas que passaram a conhecer a partir daquela situação de pandemia.

04:11

Na medida em que nós começamos a participar também dos roçados Solidários, nós também passamos a receber também esses alimentos que vivem os roçados Solidários. Vocês foram com os roçados Solidários, então? Fomos. Luana e eu, nós assumimos esse papel. Luana foi, acho que duas ou três vezes, se atolou lá, lá, veio a lama.

04:38

Não era só a questão de plantar hortaliças, legumes e tudo mais, dentro daquele período de pandemia, tinha essa necessidade, a gente tinha essa necessidade.

05:08

de não só entregar o alimento que Milho Verde dos assentamentos para as pessoas, para as famílias da cidade. A gente percebeu a necessidade também de levar as famílias da cidade para conhecer de onde vêm e de onde Milho Verde aqueles alimentos. Foi quando surgiram os roçados solidários. Inicialmente nós começamos no assentamento de Guevara.

05:35

Sim. E durante o ano, eu acho que de 2022, nós assumimos aquele ano todo a cozinha lá no assentamento. Porque cada final de semana a gente ia. Ah, quando que ia a turma pra lá, vocês iam pra cozinha? É, a gente tinha um grupo aqui e foi formando também em outras comunidades.

06:04

E também várias pessoas das universidades se juntaram também a nós. Então a gente saía normalmente no sábado por volta de 6h, 7h da manhã lá no Armazém do Campo. A gente ia para o assentamento, tanto o Che Guevara como o Lula Livre. Mas foi mais do Che Guevara porque lá no Lula Livre já tinha uma estrutura, né? E o Che ainda não tinha entrado.

06:31

Quando a gente chegava lá, tinha que montar a cozinha, era um barracão com uma lona preta. Aí era um banheiro também, era um quadrado de lona preta e tudo. E a gente tinha que se adaptar a essa realidade. E assim, pessoas da cidade, elas começaram a ter uma ideia do que era preparar a terra, porque realmente foi pegando a terra sem...

07:00

Uma terra que durante muitos anos foi plantada, a cana de açúcar. Inclusive, algumas pessoas que durante o ano trabalharam na cana de açúcar. Eles traziam para a gente aquelas experiências, contavam para a gente aquelas experiências de exploração. Quando eles viviam lá, sob o domínio do dono das terras, da cana de açúcar.

07:23

E que muitas vezes, ao redor da sua própria casa, eles não têm o direito de plantar um pé de feijão para ele nem macaxeira. E eles sofriam muito com isso e ficavam dependendo do dono das terras. Então, a gente sempre trouxe, durante cada encontro, cada final de semana que a gente fez lá, a experiência de alguém que viveu naquelas terras.

07:52

para falar para as pessoas que estavam ali presentes, porque várias pessoas de classe média não têm nem ideia do que aquelas pessoas tinham vivido, o que elas tinham passado para permanecer ali. Sim.

Além dos roçados, aqui tinha hortas também, hortas aqui na cidade, hortas solidárias. Aqui em Brasília Teimosa, nós não vivemos hortas comunitárias.

08:21

Aqui no Flau, nós temos um outro espaço que fica no loteamento Nova Aldeia, Guabiraba. Então, toda semana, a gente ia para plantar lá nesse espaço. Porque, assim, nós, inclusive, nós

já tivemos a proposta de hortas verticais aqui em Brasília Teimosa. Porém, nós temos um problema que não dá para consumir o que a gente planta aqui.

08:51

porque a gente tem uma situação, por exemplo, aqui em Brasília Teimosa. Nós temos uma situação, por exemplo, de ratos. Ratos? Isso é um elemento básico que nunca tem. Nós tentamos durante um período uma horta, nós tentamos uma horta em duas escolas municipais. Sim. Duas hortas. Mas assim, mais como aprendizado para que as crianças e algumas famílias também tivessem

09:21

É assim, essa experiência de plantar e de colher e de conhecer um alimento sem agrotóxicos. Mas a horta maior nossa aqui do Flau é em outro espaço. O loteamento da aldeia. Aí é uma horta, como se diz, no chão. É uma cimenteira, né? E nessa outra questão, nessa...

09:48

nessas ações, tanto essas da distribuição dos alimentos, dos alimentos, do banco dos alimentos, como dos roçados, como é que vocês entendiam, como é que vocês também relacionavam isso tudo com reforma agrária? Esses assuntos aí, a questão da reforma agrária.

10:18

Era um assunto que conectava com o alimento? Principalmente com o alimento, principalmente com a história da Brasília Teimosa, que é uma história de ocupação. Então a gente utiliza também do momento político que a Brasília Teimosa viveu para tentar também chegar na consciência das famílias em relação a isso. E tratar também da questão do alimento saudável que vem do campo. Porque se realmente, como o MST diz, o campo não planta a cidade não janta.

10:47

trabalhar nessa ilusão mesmo, de trazer mesmo o sentido da luta, o sentido da alimentação saudável, mas ainda o projeto de Brasil, que foi o que a Breta colocou agora, porque é o projeto do todo, que é o Brasil que fez a colonização da exploração, a mentirosa abolição, e não deu terra para os imigrantes italianos, e enfim, não fez reforma agrária.

11:17

A gente, durante algumas, acho que quase todo mês, a gente tinha encontro de formação dentro do assentamento. Às vezes a gente passava dois, três, quatro dias, às vezes até uma semana, nos assentamentos, um encontro de informação onde se era trabalhado muito essa questão da reforma agrária. Essa centralização de muita terra na mão de poucos e que planta o que tem interesse.

11:47

explora cada vez mais quem não tem quase nada. Uma grande quantidade de pessoas que não têm terra e que precisam plantar para sobreviver e também para levar para a cidade para vender esses produtos, também para sofrer outros produtos que eles e elas não conseguem plantar.

12:17

Não só aqui, né? Mas essa questão aqui, eu acho que no estado de Pernambuco é muito forte, né? A monocultura da cana, né? Como que isso foi um... Historicamente, isso foi uma razão usada pra concentração da terra, né? Que aqui só dava pra produzir cana, né? E pra explorar também. É claro, as pessoas, né? O jeito de produzir foi aquele...

12:47

Histórico, né? Até na política de barra com a aristocracia mesmo das famílias que eram donos de engenho, né? Sim. Os donos de engenho também são os deputados, os governadores e os senadores. Os senhores de engenho. Só mudaram de... Eles aumentaram o poder, né? E mudou de nome, né? É.

13:11

O próprio assentamento de Che Guevara é um desses assentamentos que durante muitos anos foi plantado sempre em Cana de Açúcar. Tem um dos moradores lá e ele disse que uma vez a mãe dele estava com uma panela de feijão um pouco.

13:40

Ele até dizia assim, eram poucos caroços de feijão que estavam na comenda. E o dono, e o Nathalie, e o dono das terras não, que ele sempre manda alguém, né? Aí, ele disse que lá, o capitão lá, chegou e metralhou a panela, ele foi feijão pra todo lado e tudo.

14:38

Ele disse que naquele dia, ele disse que ficou muito assustado com aquela situação e achava que ninguém ia sobreviver, mas diz que resistiram e permaneceram lá. E depois de muitos anos, essa mesma pessoa que metralhou a panela, foi a pessoa que foi lá, que teve que ir lá, dar a posse da terra para as pessoas, né? E permaneceram.

15:07

Desapropriar a terra. E esse livro, como ele fala em desapropriar a terra, a gente mora entre o rio e o mar, né? E lá a Brasília Teimosa deixa a Boa Viagem e o centro do Recife deixa a gente num pedaço mais interessante e caro do Recife. Agora é.

15:31

Aí agora a luta da gente, inclusive a gente tem utilizado esse livro como ferramenta, é contra a especulação imobiliária. Porque lá onde mesmo funcionava uma cozinha solidária era um conjunto de palafitas e tocaram fogo para a construção do prédio. E aqui eles chegam de um outro jeito. E lá no palafita onde que botaram fogo lá?

15:52

O prédio... A gente diz que botaram, a gente não tem prova, mas é provavelmente botaram, porque já fazia muitos anos que estava lá e nunca teve nenhum incêndio. E construíram, estão construindo o prédio? O prédio era ao lado, já estava sendo construído esse prédio e no espaço onde era a cozinha, hoje, no Zipion, quase foi ontem que eu passei, é uma praça e já estou montando até um parquinho. É uma estratégia de apropriar o povo.

Cozinha Alto do Refúgio – Casa Amarela – 01/04/25

4.10- Entrevista com Nena e Henrique (Arroz e Batata).

00:00

Então, boa tarde. Vamos agora falar com a dona Nena, que é da Cozinha Solidária do Alto Refúgio. Vamos conversar também com o Arroz e Batata, que é da Cozinha Solidária do Alto Capitão. Estamos aqui no grande território da Casa Amarela. Então, nós sabemos que...

00:28

A Mão Solidária chegou aqui, conforme vocês já falaram, especialmente a partir de 2023. Então, eu queria ouvir de vocês como é que foi essa experiência, especialmente com os alimentos, com a questão da reforma agrária. Isso teve... Como é que vocês conheceram tanto o MST?

00:57 Arroz e Batata

E como essa alimentação chegou aqui para vocês e qual é a importância desse tipo de atividade para combater a fome?

O MST chegou na minha vida no momento da campanha de Rosa. De lá, recebi o convite para fazer parte do MST. Aí eu fui para uma vivência, uma vivência de 15 dias.

01:25

E lá teve o convite para fazer parte do movimento. Então, tive a vivência, depois da vivência, fui encaminhado para fazer parte da Brigada da Casa Amarela. Na Casa Amarela, lá foi feito um convite para mim, para vir para o Alto do Capitão, fazer parte de lá da cozinha. E nisso a gente deu início à cozinha, fazendo a preparação da janta e organizando o povo.

01:52

A importância de ter no alimento saudável é que as pessoas façam com que a gente esteja fazendo com o alimento saudável e sem veneno. Nena, você aqui é uma cozinheira há muitos anos. Há muitos anos. E eu participei de um curso de cozinha na Fiocruz. Olha só! Tenho um certificado do curso. Chefe?

02:21

Chefe de cozinha? Aprendi a lidar com alimentos, cuidar para não servir uma comida suja, não servir uma comida mal feita, aproveitar a comida quando você tem pouca. E aproveitar várias coisas que a gente no momento também bota fora. E assim, eu conheci através de Arroz e Batata e de Melão.

02:48

Quando me convidaram para participar da janta na primeira casa, que foi aqui embaixo, na janta quando eles iniciaram a cozinha. Aqui no Alto do Refúgio. No dia da janta você foi convidada? Não, eu fui convidado antes de participar, porque tinha pouca gente.

03:15

Foi convidando alguém, outras pessoas, vizinhos, um cara inconsciente. Aí foi assim que conheci a cozinha comunitária do Alto do Refúgio. E foi muito bom, porque aqui tem muita gente que precisa de comida. Muita gente? Muita gente. Passa fome? Passa. Muita gente passa fome, necessidade mesmo, cuidado. Muitos trabalhadores? Muitos empregos. Vamos dizer assim, 90%..

03:42

da cozinha são mulheres desempregadas. Desempregadas? Desempregadas. Eu até perguntei antes, por exemplo, às mulheres, esse grupo vem às duas horas, mas não significa que elas estavam trabalhando de emprego? Não. Estão em casa, cuidando de casa, das crianças que levam para a escola, aí quando levam as crianças para a escola, vem para aqui, quando é na hora de buscar.

04:10

Ela vai buscar e volta para aqui de novo até a janta ficar pronta. Aí é assim. É uma realidade muito comum nas empresas. Então a fome também. Tem sim, com certeza a fome ainda tem. Uma vez chegou uma família que não tinha comida nem para tomar café da manhã. Chegou para a janta da noite. Uma família. Uma família.

04:37

E a mulher estava chorando, disse que estava com muita fome. Isso. Teve um caso que a mulher, uma família, comeu galinha estragada. Só tinha aquilo. Só tinha aquilo desde casa. E foi necessário. Por isso que hoje em dia as pessoas dizem que não tem mais fome no Brasil. Tem fome sim. Muita fome. Muita fome. Exatamente as comunidades da periferia que têm fome mesmo. Onde está ali o pessoal cuidado mesmo. É.

05:05

Ela é muito invisível e é muito, como se diz, não só invisível, mas ela é invisibilizada. Ela é invisível, mas às vezes ela é mantida invisível. Verdade. Se não for a gente, a mão solidária para estar ali, ninguém mais vai estar. O governo esquece totalmente, esse povo da periferia. Esquece totalmente.

05:31

A vinda da Mãe Solidária para a comunidade foi uma coisa muito boa, muito boa mesmo. Não só para dar comida, sim, para fazer uma formação política, querendo ou não, é muito importante. Porque a gente está ali para poder organizar o povo, para poder cobrar do governo. Porque querer ou não, é o governo que tem que dar essa assistência. É, a fome é importante saber por que tem fome. É verdade.

05:59

Eu acho que esse trabalho de formação que é feito, também tem esse sentido, né, de nós. Inicialmente, sim, tem que dar de comer, né? É verdade. Senão, você não consegue nem querer conversar qualquer coisa. Mas também, dando de comer, tem que se perguntar aí por que existe a fome. É verdade. Porque, senão, a gente fica... E outro aspecto, então, que eu queria... Eu acho que eu falei para vocês, a questão da solidariedade.

06:28

O que vocês entendem sobre essa solidariedade? O que é solidariedade para vocês? Como é que isso, no trabalho, que importância tem? Para mim, é nunca soltar a mão de ninguém. Sempre está ali, junto. Ninguém solta a mão de ninguém. Juntos até o fim. Se você tiver um lavando os pratos, todo mundo vai esperar acabar os pratos para a gente ir para casa junto. Junto a gente faz tudo.

06:57

A gente não cozinha só. A gente cozinha junto com eles. Isso, pra mim, é solidariedade. É, assim... É, assim... Ao invés de conversar com os colegas, elas desabafam com algum problema. E aí você abraça, dá um conselho...

07:25

Já deixa a pessoa mais... Já alimenta. É. E... Conversa pra saber o que... O que é que ela deve fazer com aquele problema que ela tem ali. E onde é que ela pode procurar ajuda. Fora a fome ainda tem esse problema, né? Sim, isso. Não? Sim. Aí é bom porque... É uma equipe unida. Unida.

07:55

Um ajuda o outro. Uma ajuda a outra. Porque é tanto na alimentação como no conselho. Uma na outra, na parte mais... É. Mais assim, mais sensível. Mais assim, mais humano. Entendeu? Assim, tem gente que tem mais poder aquisitivo, que mesmo tá aqui pra ajudar. Pra dar a mão.

08:24

Aqui vocês têm apoio em cozinhas de outros grupos? Que no início, quando começou, juntou um empresário, um monte de gente, né? Não, parceria não. A gente não tem ajuda de nada. Você já chegou depois dessa onda? A gente chegou depois que a gente conheceu a cozinha. Quando a gente vai para um encontro...

08:52

no Armazém do Campo, o colega disse assim, gente, tem que ter cozinha. Sim. Mesmo que tenha PAA ou não tenha, mas tem que ter cozinha, tem que dar comida ao povo. Então a gente vai buscar isso. A cozinha não pode parar. A gente vai pegar a doação do CEASA. É. A gente vai lá com o colete, uma solidária, diz que a gente é da cozinha solidária, a gente consegue alimento.

09:19

o alimento que vem com as cozinhas de vocês também vem da doação da CEASA que a gente veste um avental com o nome do projeto aí vai de banco em banco na CEASA com a sacola aí eles botam a doação direta aí a gente pega um carro e traz

09:45

Vocês têm aí uma união de cozinhas para fazer isso? Temos, sim. Não é cada cozinha que vai lá e faz isso? Não, não. A gente vai fazer um rodízio da cozinha. Que a gente tem em torno, acho que 1 em 2 em 2 cozinhas. Aí a gente faz um rodízio. Aquela cozinha vai no sábado.

10:04

Uma cozinha vai na sexta, outra vai no sábado. E a cozinha que para no sábado, pega alimento para ela e para outras cozinhas que estão na escala naquele dia. Aí a cozinha faz outra cozinha no sábado, faz aquela cozinha, para a cozinha dela e para todas as cozinhas que estão subindo naquele dia. Sempre assim. Por isso que o nome da mão é Mão Solidária, porque ninguém solta a mão de ninguém ali. Não tem nada individual, é tudo coletivo. O mesmo trabalho é todo voluntário. É tudo voluntário.

10:33

A gente tem que voltar. Muito bem. Então, eu acho que é isso, né? Esse trabalho, a organização, do jeito que as pessoas já conversaram antes, existe uma organização, abrangente assim, de toda a brigada. E depois tem a organização territorial. E tem uma organização na cozinha. Na cozinha. Tudo organizado. Pra poder fluir as coisas.

11:02

Se você não perder. Muito obrigado pela contribuição. Depois eu vou pedir para vocês. Ver se eu ainda tenho.

5) Plataforma Brasil

Este projeto de pesquisa foi submetido à Comissão de Ética e Pesquisa (CEP), conforme Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE), nº 88422925.0.0000.5406 , e aprovado , conforme parecer nº 8.022.122, de 02 de dezembro de 2025.

APÊNDICE C - MAPA DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Mapa 1 – Mapa do Estado de Pernambuco



Fonte: IBGE

APÊNDICE D – LINHA DO TEMPO DAS AÇÕES REALIZADAS EM RECIFE

Linha do tempo das atividades realizadas através da Campanha Mãos Solidárias na Região Metropolitana de Recife (RMR) para o combate à fome e ao covid-19.

Data/Período Aproximado	Atividades Realizadas em Recife e RMR
Março/ 2020	Início da Campanha com a produção e distribuição de Marmitas Solidárias (refeições prontas) diariamente para pessoas em situação de rua e comunidades, partindo do Armazém do Campo (Recife). Organização da Cozinha Popular Solidária no Armazém do Campo
Março/Abril de 2020	Distribuição de kits de higiene pessoal e, para mulheres, absorventes, junto às marmitas solidárias. Campanha de comunicação nas redes sociais para doação de alimentos, produtos de higiene, Pix solidário. Chamada nas redes para o trabalho voluntário na cozinha
Maio de 2020	Lançamento e Ampliação das frentes de atuação com a distribuição de alimentos saudáveis oriundos de assentamentos do MST (cestas básicas). Logística Solidária: organização da logística para distribuição das marmitas solidárias em diversos locais de Recife e Região Metropolitana. Dia 01 de maio – Primeira doação de alimentos in natura (14 ton.) produzidos nos assentamentos e acampamentos do MST, bairro Peixinhos, em Olinda.
Maio de 2020	Início do projeto " Máscaras Solidárias ", envolvendo mais de 250 costureiras na produção e distribuição de máscaras de tecido (mais de 50 mil máscaras confeccionadas ao longo do tempo).
Maio de 2020	Criação da Brigada Popular de Saúde em vinte bairros da RMR, com o objetivo de realizar oficinas de orientação sobre higiene (lavagem das mãos/máscaras), pré-diagnóstico de sintomas de COVID-19 e encaminhamento.
Maio/Junho de 2020	Início da Assessoria Popular Solidária para ajudar pessoas (incluindo as em situação de rua e sem documentos) a acessar o auxílio emergencial .

Junho de 2020	Ampliação da Campanha Agentes Populares de Saúde (AgPS) com a meta de capacitar lideranças nas comunidades (formação inicial de cerca de 500 agentes em bairros como Peixinhos, Brasília Teimosa, Ibura e Várzea). Diagnóstico sobre os principais problemas sociais nos territórios.
Dezembro de 2020	Internacionalização da campanha de doações para beneficiar comunidades em Pernambuco.
Ao longo de 2021	Criação e estruturação dos Bancos Populares de Alimentos para distribuição de comida em territórios vulneráveis, incluindo a RMR. Banco-mãe (Armazém do Campo) e bancos-filhas (vilas da periferia). Brigada Popular Solidária Dom Hélder Câmara (BPDHC): inserção de militantes MST nos bairros para o trabalho de base com os Agentes Populares Saúde; Organização de 5 Brigadas Territoriais para acompanhar os trabalhos nos territórios.
Ao longo de 2021	01 maio – Doação de 54 ton de alimentos na Ponte Maurício de Nassau/Recife Atuação nos Roçados solidários nos Assentamentos e Acampamentos MST. Atuação em hortas comunitárias em comunidades da RMR (Recife e Olinda) para garantir alimentos saudáveis. Curso de Educação Popular para formação dos Agentes Populares (Como Fazer o Trabalho de Base nos territórios).
Dezembro de 2021	Realização da ação "Natal Sem Fome" (pelo segundo ano seguido), com distribuição de toneladas de alimentos (como 30 toneladas de frutas e vegetais) para cerca de 40 comunidades da RMR.
Março de 2022	Lançamento de nova fase e curso de formação aprofundada de Agentes Populares de Saúde (AgPS) em parceria com a Fiocruz-PE, para consolidar a atuação dos agentes multiplicadores na RMR.
Março de 2022	Fortalecimento da geração de renda com o trabalho de 2 grupos de costura sustentável na RMR, produzindo sacolas e coletes para os Agentes Populares de Saúde na perspectiva da economia solidária.

Abril de 2022	Incêndio criminoso destrói a Cozinha da Vila Palafitas- a primeira Cozinha depois da do Armazém do Campo.
Mai de 2022	Enchente no Bairro Ibura: 150 mortos soterrados. Ampla campanha de solidariedade com engajamento de artistas e personalidades; doação de materiais para montagem de 13 cozinhas nos bairros onde já estava acontecendo o trabalho de base com a BPDHC. Criação e expansão das Cozinhas Populares Solidárias (totalizando 4 unidades e depois 14 em Pernambuco, incluindo a RMR). As Cozinhas Populares Solidárias Vila dos Milagres, Frei Beda e Vale da Paz são organizadas com doações recolhidas na campanha da enchente no bairro de Ibura. Ao longo de dois anos, a campanha distribuiu mais de 1,6 milhão de marmitas em Pernambuco (Recife e RMR sendo o ponto focal).

Fonte: Elaboração do autor a partir das entrevistas durante a pesquisa de campo.